

www.libtool.com.cn

www.libtool.com.cn

80077



www.libtool.com.cn





www.libtool.com.cn

www.libtool.com.cn





www.libtool.com.cn



A INGLATERRA DE HOJE

(CARTAS DE UM VIAJANTE)

OBRAS COMPLETAS

I. Historia nacional:

- Historia da civilisação iberica, 3.^a ed. (1886). 1 vol.
Historia de Portugal, 4.^a ed. (1888). 2 vol.
O Brazil e as colonias portuguezas, 3.^a ed. (1888). 1 vol.
Portugal contemporaneo, 2.^a ed. (1883). 2 vol.
Portugal nos mares, (1889), 1 vol.
Camões, os Lusiadas e a Renascença em Portugal, (1891). 1 vol.
Navegaciones y descubrimientos de los portugueses, (*ed. do Ateneo de Madrid*, 1892). 1 vol.
Os Filhos de D. João I (1891). 1 vol.
Vida de Nun'Alvares Pereira, (Historia do estabelecimento da dynastia de Aviz), 1 vol., illustrado (no prelo).

II. Historia geral:

- Elementos de anthropologia, 3.^a ed. (1885). 1 vol.
As raças humanas e a civilisação primitiva, 2.^a ed. (1893). 2 vol.
Systema dos mythos religiosos, (1882). 1 vol.
Quadro das instituições primitivas, 2.^a ed. (1893). 1 vol.
O regime das riquezas, (1883). 1 vol.
Historia da republica romana, (1885). 2 vol.
O Hellenismo e a civilisação christã, (1878). 1 vol.
Taboas de chronologia e geographia historica, (1884). 1 vol.

III. Varia:

- A circulação fiduciaria. *Memoria premiada com a medalha de ouro no concurso de 1878 pela Academia Real das Sciencias de Lisboa*, (1883).
A reorganisação do banco de Portugal, *opusculo*, (1877).
O artigo «Banco», no *Diccionario Universal Portuguez*, (1877). 1 vol.
Politica e economia nacional, (1885). 1 vol.
Projecto de lei de fomento rural, *apresentado á camara dos deputados na sessão de 1887*. 1 vol.
Elogio historico de Anselmo J. Braamcamp, *ed. part.* (1886), 1 vol.
Theophilo Braga e o Cancioneiro, *opusculo*, (1869).
O Socialismo, (1872-3). 2 vol.
As eleições, *opusculo*, (1878).
Carteira de um jornalista: I. *Portugal em Africa*, (1891). 1 vol.

www.libtool.com.cn

OLIVEIRA MARTINS

A INGLATERRA DE HOJE

(CARTAS DE UM VIAJANTE)



LISBOA

Livraria de **ANTONIO MARIA PEREIRA** — Editor

50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

1893

pmd

www.libtool.com.cn

DA625
O4

Typographia da Academia Real das Sciencias

ADVERTENCIA

A excursão que provocou estas cartas data dos mezes de maio a julho do anno passado, quando sahi de Portugal, por motivos exclusivamente pessoais, apesar do que ao tempo disseram as gazetas da minha abençoada patria. Só quando se não sabe a que phantasias de invenção leva a furia da coscuvelhice; só quem ignora como ás vezes, mas não n'este caso, a intriga explora os mexericos do noticiario: só esses, e só então, se comette o erro de dar explicações a quem não tem direito a exigil-as.

A simples verdade é que fui a Inglaterra espai-recer, e que aproveitei o passeio para mandar ao *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, as minhas cartas de viagem queahi foram apparecendo publicadas no ultimo trimestre de 1892.

Relendo-as, no seu conjuncto, revendo-as, e completando-as com estudos anteriores, pareceu-me que mereceriam porventura serem colligidas em volume, por darem, a meu vêr, uma impressão synthetica do estado actual do uma das tres, ou quatro, grandes nações do mundo. Por isso o livro se chama *A Inglaterra de hoje*.

Este proprio titulo, porém, me obrigava a não dilatar a publicação, pois, com a velocidade vertiginosa a que o mundo marcha no nosso tempo, a Inglaterra de 1892 pôde muito bem não ser já a de 1893. Quem sabe as voltas que nos esperam! Bastam dois mezes de guerra, para transtornarem por completo esta construcção, instavel a todos os respeitos, da Europa em que existimos. Todos os vivos assistimos ao tombo que levou o mundo em 1871.

E d'então para cá, apesar da instituição da republica em França, e do cesarismo na Allemanha, as causas de instabilidade, n'esta nova phase do equilibrio europeu, não teem feito senão crescer. Por um lado, a reacção do idealismo annuncia a bancarota completa das pretenções racionalistas que levaram a Europa a um estado sem precedentes, não direi de desmoralisação, porque houve já tempos muitissimo peiores, mas de achatamento e vul-

garidade. Esta reacção, actuando sobre todos os pensamentos, é a principal causa do desnorteamento das idéas politicas. Por outro lado, a guerra declarada das classes, n'uma sociedade afogada em riqueza, e correspondentemente em cubiça, como a Europa está hoje, fórma o solo ardente sobre que os costumes e as intrigas, as ambições e as vaidades, as instituições e os homens, se agitam vagamente, dançando como tyteres ao som da orchestra invisivel do Capricho. Em tempos como os nossos, a vida real parece phantasmagorica; e comprehende-se que a visão do Nihilismo endoideça tanta gente.

Se ha tanta outra enlouquecida pela vertigem crassa do Realismo! Em verdade, não se sabe quem perdeu mais completamente o juizo: se os nihilistas, se os sybaritas panamisantes d'estas democracias patuscas que apeiaram Deus do altar, e do throno os principes, para porem sobre o altar uma burra, em vez do Bezerro, transferindo as côrtes para os bastidores dos theatros e mais logares semelhantes.

Ora, quem quizer farejar a Europa, o sitio onde deve ir é a Inglaterra, por dois motivos. Em primeiro logar porque, ao lado do Continente, a Inglaterra fórma um mundo áparte, e que, n'um sentido, se oppõe ao europeu, pois que o domina economi-

camente. Dominando-o, affeioou-o até certo ponto a si. As idéas que hoje vogam como novidades: o naturalismo, o utilitarismo, o *japonezismo*, isto é, a mistura incongruente de realismo e phantasia na arte: tudo isso é constitucionalmente velho na Inglaterra.

Em segundo lugar, porque um dos methodos de observação synthetica superior é o contraste: o que se chama caricatura nas artes do desenho. O paradoxo é frequentemente o meio de a gente melhor comprehender um assumpto complicado. Ora a civilisação europea percebe-se admiravelmente atravez da atmosphaera que creou Hogarth, Thackeray e Carlisle. Na impressão singular que os inglezes produzem sempre, e em toda a parte, sobre os continentaes, está para estes, quando saibam vêr, um meio superior de se estudarem a si proprios.

E, além d'isso, o feitio paradoxal e o aspecto excentrico das cousas inglezas, provindo, como proveem, da falta de compasso entre as varias faces da civilisação, teem no momento actual um alcance e um valor inestimaveis. O fundo ingenuo e natural que ainda ha n'esses homens consente-lhes uma espontaneidade, de que os continentaes são já agora incapazes. E essa ingenuidade e essa extravagancia, quem sabe? talvez sejam salvadoras e provem

melhor do que os fructos das nossas cabeças des-soradas por vinte e cinco seculos de architecturas *a ratione*.

Não pode a gente deixar de sorrir dos *revivals* da alma mystica, affirmados pela propagação do spiritismo e do buddhismo do Thibet; custa a tomar a serio a piedade, quando se affirma em instituições como a *Salvation army*; mas a verdade é que tudo isto, pelo menos, é vivido; e quando se passa para cá do Canal, se o grotesco se perde, com effeito, é para ceder o logar a uma enjoativa mistura de banalidade e cabotinagem.

Pelo que me diz pessoalmente respeito, confesso que aprendi muito mais n'esta excursão agradável, do que na viagem bem penosa que acabava de fazer antes por outras regiões, onde infelizmente se encontram acazalados o ridiculo com a banalidade, produzindo um espectáculo que nem diverte, nem instrue.

Lisboa, fevereiro 1893.

O. M.

www.libtool.com.cn

www.libtool.com.cn

A INGLATERRA DE HOJE

(CARTAS DE UM VIAJANTE)

www.libtool.com.cn

•

•



A INGLATERRA DE HOJE

(CARTAS D'UM VIAJANTE)

I

ERA madrugada quando o *Magdalena*,
aproando ás *Needles*, entrava no canal
da ilha de Wight, e, deixando-a á di-
reita, virava para o lado opposto, su-
bindo a ria de Southampton.

Era madrugada, e fundeámos, esperando a maré
para entrar na doca. Ao longe, em frente, arren-
dava-se no horizonte um pequeno ramilhete de mas-
tros, vergas e cordagens, mal distincto na neblina
da manhã. A agua era um espelho de aço. De am-
bos os lados, as margens se desenrolavam chatas e
vestidas por um arvoredado espesso. Da direita ficava
o magnifico hospital naval, e ao longo da margem,
aqui e além, engastadas em verdura, appareciam
casas, mirando-se no mar, onde as canôas de vapor
e alguns *yachts* de altas velas traçavam rasgões

rectilineamente rapidos, como os do diamante em um crystal.

Já o sol ia fóra, annunciando um dia *glorious*, como os inglezes dizem, quando o vapor, mages-tosa e lentamente, continuou a sua marcha. Atracá-mos ao caes, empurrados por um *tug*, e saltámos em terra no telheiro da alfandega, ao longo do qual, do lado opposto, se prolongava o comboio prompto a levar-nos a Londres. Revistáram-se as malas, no meio de uma soffrivel confusão, que depõe assás contra o que se chama o genio pratico dos inglezes; entrámos nas carruagens, e o comboio partiu rodando. Em breves minutos tinhamos galgado o massiço da cidade; agora atravessando de nivel uma rua, logo passando em tunnel debaixo de outra, depois em viaducto ao nivel dos telhados das casas: n'uma confusão de signaes e n'um emmara-nhamento de fios, com o negrume e a agitação proprios da proximidade das estações, principalmente em Inglaterra.

O dia, porém, subia glorioso. O céu era feito de turquezas; o ar, saturado de exhalações marinhas, vivificante; e já a estrada caminhava entre sebes vivas, e para um e outro lado se desenrolava docemente a paisagem em um mar verde vegetal.

Estavamos no campo? Não. De Southampton até Londres a estrada parece uma rua, quasi. Passa-se ao lado de villas e aldeias, Bishopstoke, Winches-ter, Alresford, Alton, Bentley, Farnham, Ash, Wey-bridge, Esher, muitas mais, maiores ou menores, emergindo do meio das arvores, como formiguei-ros, ou colmeias, em massiços de casaria averme-lhada com os tectos de lousa, ponteagudos, em es-camas, onde o sol se reflecte metallicamente.

Metallico é tambem o tom do verde que a luz plena torna excessivamente cru. Metallico e mono-

tono, sempre o mesmo, sem as gradações chromaticas da paisagem meridional. Não ha chão sem relva, sobre a relva ha inevitavelmente bois pesados, carneiros, vaccas de uberos hypertrophiados. É o paraíso da carne. Começa-se a perceber o temperamento britannico.

Para vencer o tédio inseparavel das travessias no mar, munira-me de uma pequena bibliotheca ingleza. Queria ter noções exactas e *information* segura, com que acompanhasse as impressões fugitivas da passagem.

Um dos livros que lêra era o *Rural exodus*, de Anderson Graham; e agora que via desenrolar-se perante mim o campo inglez, acudiam-me á memoria as observações conhecidas, os factos registados, as notas colligidas, ácerca dos dois pontos capitães da Inglaterra rural, que são a emigração para as cidades e a transformação das lavouras.

Todos os lavradores, forçados pela escassez dos braços, procuram explorações que lh'os economisem. O gado, os carneiros, os cavallos, reclamam uma quantidade menor de trabalho humano, do que o lavar, semear e colher. O phenomeno capital das ultimas revoluções agronomicas é, portanto, o incremento enorme dos pastos. A Inglaterra está hoje repetindo o que succedeu na Italia depois da conquista de Carthago, cujos dominios, a Sardenha, a Sicília, a Africa e a Hespanha, passaram a ser os celleiros romanos. *Grosso modo*, são por anno 100,000 acres¹ que se transformam, de lavratorios, em pastagens. Cada anno a população pecuaria augmenta mais de um milhão de cabeças. Os salarios ruraes, portanto, não augmentarão: pelo con-

¹ Um acre tem 40^m2,46 ou 0^{hect},4046.

trário, é mais facil que diminuem; e assim, uma das causas da despovoação dos campos encontra-se aggravada pelas proprias condições da exploração agricola.

As ondulações largas da paisagem desdobram-se em tapetes de relva opipara, em campos de beterrabas e luzerna, prados naturaes e prados artificiaes, immensa mesa sempre posta para os animaes comerem. Adivinha-se por baixo um torrão humido; entrevê-se de passagem o canal trasbordando agua barrenta. O ar, apezar de azul, sente-se que está impregnado de agua. Alongando a vista á roda pelo horizonte, vêem-se flocos de nuvens, uma congestão do ar, a cortina de sombra descendo sobre a terra. Lá chove miudinho, agua peneirada por um crivo, rega creadora para a herva sempreviva. O campo é uma manufactura pingue de forragens, o vestibulo de uma queijeira, ou de um matadouro.

Em todo o Reino-Unido, Inglaterra-Galles, Escossia e Irlanda, a area cultivada é hoje de 48 milhões de acres, e ha vinte annos era de 45 milhões. Os pastos, naturaes e artificiaes, entravam por 27 milhões, ou 60 0/0, e as culturas cerealiferas por 11 milhões, ou cerca de 25 0/0. Hoje os pastos são 33 milhões, ou 70 0/0, e os cereaes 9 milhões, ou menos de 20. Em Inglaterra-Galles, sobre 28 milhões de acres cultivados, 18 estão em pastagens, 7 em cereaes e 3 em legumes e hortaliças. Na Escossia, os pastos são 3 milhões de acres sobre o total de 5 de cultura. Na Irlanda, são 12 sobre o total de 15. É ou não é a Gran-Bretanha uma grande manufactura de vianda, e o paraíso da carne?

Os calculos formulados pelo gerente do *Earl* de Carlisle, Mr. R. E. Turnbull, em um *paper* que tive occasião de vêr em Londres, dão, em 1890, sobre uma produção agricola total de 186 milhões

de libras, quasi 68 0/0, ou 125 milhões, para os animais e seus despojos. Cereaes por um lado, legumes pelo outro, entram egualmente por 30 milhões. Como rendimento liquido, a percentagem afferente ao gado é ainda superior: attinge 70.

Esses tapetes de herva, densamente povoados pelos ruminantes alimenticios, apresentam-se-nos, na sua passagem rapida perante as vidraças da caruagem, crivados de flôres amarellas e brancas, topázios e perolas, engastados em um mar de esmeralda, onde as gottas de agua suspensas, prendendo a luz, parecem diamantes. Tanta pedraria, tão crua-mente rutilante, fatiga a vista. As sebes vivas delimitam rectangularmente a extensão que perdeu todo o character de campo, irregular e espontaneo, para tomar o de uma fabrica *sui generis*. As arvores, espalhadas em massiços, ou em renques, na uniformidade da sua côr, na regularidade grave das suas fórmas opulentas, parecem tambem artificiaes aos olhos costumados á paizagem tão viva, tão cheia de contrastes, do Meio-Dia. Dir-se-hia que a natureza reservou aqui todos os seus caprichos para a alma: por isso lhe deu um scenario tão monotono, essa sphinge contradictoria e enygmatica!

Aos prados seguem-se os *parks*, aos *parks* os prados. A estrada vae caminhando, assim, entre campos, palácios, jardins e villas, suburbios ininterrompidos da metropole, *urbs* para a qual *se sobe* sempre. *Go up to London*, é a expressão ingleza consagrada. Por entre os massiços de arvoredos, que se repetem em planos successivos, até fechar o horizonte, cõa-se uma luz diffusa. Os castanheiros com os seus pennachos em flôr, as tilias opulentas, os olmeiros, os sycomoros, os cyprestes esguios e negros: todas essas arvores imponentemente graves, aquí ou além entremeiadas com o

platano esbelto, ou com o carvalho nervoso, mas sem as cortinas rendadas, aereamente balouçantes, dos choupos que bordam os nossos ribeiros e onde o rouxinol faz os seus ninhos; sem a tonalidade e a polychromia da vegetação continental: pareciam-me tambem, como as vaccas pesadonas, estar ali para um fim pratico, ignorantes da alegria descuidada dos nossos compatriotas vegetaes.

Uma nevoa azulada encinzeirava, prenhe de luz, as aberturas das ramagens empastadas em verde; e assim como o verde á distancia ennegrece, assim essa nevoa se vae tornando cada vez mais densa, envolvendo tudo, lá para além, nos confins esbati-dos da paisagem palpitante de vida. Eu sentia vagamente uma allucinação de carne, e comprehendia como os inglezes são um povo de athletas.

II

Entretanto o comboio corria por entre um mar de prados e *parks*, de palacios encastoados na verdura com jardins que desciam em taboleiros enrelvados até ás margens da estrada, crivados de massiços de rhododendrons da altura de tres homens, arbustos floridos com plumas vermelhas, ou violetas, desentranhando-se da massa quente e forte da folhagem verde-negra. Havia *cottages* elegantes, castellos pretenciosamente carregados de ameias e torres, campanarios e agulhas: uns fingindo solares antigos, outros parecendo bonitos de cartão. Sentia-se palpitir o dinheiro n'esta paisagem, onde a humidade creadora fazia brotar a carne do seio da terra. As azaleas mais humildes cerravam-se em bosques ao lado dos rhododendrons, crivando tambem de

amethystas, ou de sanguineas, o engaste de esmalte verde. Tudo me dava uma impressão como que africana. Não estava por ventura a caminho de Carthago? O luxo quasi barbaro das cousas humanas, a violencia das côres da paisagem metallica, a impressão de força, o sentimento de brutalidade aheia a toda a delicadeza e sensibilidade esthetica: eis ahi o que eu adivinhava, provavelmente pelas idéas com que vinha, e porque estas cousas e estas côres, creadas na sombra e na nevoa dos longos invernos e dos céos de estanho, não supportam a plena luz de um sol claro.

O comboio, correndo, parecia-me ir aspirado pelo fóco de attracção da capital, Londres, de que toda esta Inglaterra é um suburbio. Essa aspiração devoradora exercida pelas capitaes, era o phenomeno que me preocupava, e de que o scenario circumdante me dava a prova, corroborada pelas observações estudadas antes.

Only boys, girls and old folk are left: só nos deixam as creanças e os velhos! é o grito universal dos lavradores. A gente valida foge toda. Calculam que hoje não ha em toda a Inglaterra mais de oitocentos mil trabalhadores ruraes. A população da Inglaterra-Galles subiu nos ultimos trinta annos, de 20 para 29 milhões de habitantes. Em 1861 eram 20; em 1871 eram 22,7; em 1881 eram 25,9; e em 1891 eram 29. Pois bem: n'estes numeros os ruraes eram 7,7 em 1861 e são 8,2 milhões em 1891. A proporção dos habitantes ruraes que era no principio d'este periodo de 35 p. c., baixou no fim a 28. O ultimo censo mostra que de 1995 districtos extra-metropolitanos, 945, metade, apresentam diminuição absoluta de população. São as *farm lands*.

Se os salarios são baixos, como no Wiltshire, o

camponez emigra; se são altos, como no Northumberland, também emigra. Se as granjas são pequenas, como em Sleaford, parte; se são grandes, como em regra no Norfolk, parte da mesma fôrma. Quando os caminhos de ferro começaram a penetrar nos districtos ruraes, as esperanças do povo eram magnificas. Pensava-se que os mercados estacionarios das pequenas villas acordariam para uma vida e prosperidade novas. Todavia os caminhos de ferro concorreram também para o entumecimento das cidades, para a despovoação dos campos, para a concentração da riqueza e para a commercialisação da vida. A agricultura continuou a arruinar-se progressivamente.

E parallelamente a propriedade continuou a concentrar-se. Em 1891, a area total das propriedades ruraes no Reino-Unido é de 75 milhões de acres: d'estes, 52 milhões estão em granjas de mais de 1.000 acres; 15 em granjas de mais de 100; 5 em granjas de mais de 1; e apenas 188 mil acres em granjas de menos de 1 acre. E cumpre advertir que *um* proprietario pode possuir numerosas granjas. Em 1890 as heranças prediaes de valor superior a meio milhão sterlingo foram 11, no total de 8 milhões; e as superiores a um milhão foram 4, no total de 6 milhões. A reacção contra o englobamento da propriedade não parece que deva dar resultados. *Latifundia perdidere Italiam*, disse Plinio; e o que succedeu na Italia antiga está-se repetindo na moderna Inglaterra. As experiencias philanthropicas patrioticas de Mr. Chaplin, no Lincolnshire, não parece poderem vencer a corrente. Lord Salisbury disse-o no seu discurso de Exeter, em fevereiro d'este anno: «Eu não creio que a pequena propriedade e cultura sejam o meio mais economico de arar a terra.» É verdade que

acrescentou também: «A pequena propriedade constitue a barreira mais efficaz contra a revolução.» Não ha, como no continente fronteiro, em França principalmente, uma pequena burguezia de proprietarios e commerciantes que funcçione como equador social. Ha riqueza exuberante, e que tende a enriquecer cada vez mais os ricos, pondo-os frente a frente com plebes proletarias. É perigoso.

A freguezia de Doddington era um aggregado de pequenas propriedades, como tantas, em muitos condados inglezes: no Lincolnshire, no Wiltshire, no Cheshire, em Norfolk, etc. A tragedia do pequeno *freeholder* representou-se ahi, do mesmo modo que em todos os cantos da Inglaterra: uma tragedia de privações e trabalhos medonhos, de pobreza lancinante, de endividação e execuções, fallencias e mortes. Outra freguezia, a de Ford, que pertencia quasi toda ao marquez de Waterford, era, sob o dominio da marquezia fallecida, um dos pontos mais benevolentemente regidos. Desde muitas gerações havia o costume de dar aos aldeões o *allotment* de um *acre*, de meio *acre*, de um quarto, com cada *cottage*. Pois a grande maioria d'essa gente emigrou para Newcastle, preferindo trabalhar nos caminhos de ferro e nos caes, ou serem carregadores nos armazens, ou moços nas tabernas. De 1881 para 91, em 10 annos, Newcastle subiu de 145 para 186,000 habitantes: 28 por cento. Este exodo da população rural é uma das causas da ruina da agricultura.

Os proprietarios encontram séria difficuldade para arrendar as terras. O anno passado, pelo outomno, podiam andar-se quinze milhas no Norfolk sem encontrar uma propriedade arrendada. A prova da crise está no preço extremamente baixo da terra, no numero excessivo de casas ruraes fechadas, por-

que seus donos já não teem meios de as habitar á velha moda; está nas extensões de superfície que deixam de ser cultivadas. Para fugirem á situação que teem na Irlanda, *boycotted* pelas populações, baixam voluntariamente as rendas, em muitos casos até metade. Em varios districtos, nomeadamente no Lincolnshire e no Essex, abandonam-se de todo as terras. O procurador do *Earl* de Carlisle, de quem já fallei, calcula em 186 milhões o producto bruto annual da lavoura em Inglaterra-Galles, o que dá £ 3.17.6 para cada acre. Calculando o capital de exploração, gados, sementes, alfaias, adubos, etc., em £ 7 por acre, 335 milhões ao todo, o juro de 5 % são 7 shillings; calculando a renda em 14 shillings, ficam 13 de lucro liquido para o rendeiro, isto é, um juro superior a 10 %. Por seu lado, o proprietario, recebendo 14 shillings, não tira mais de 2,66 % depois de pagos os impostos, reparações, etc. Sommando a renda do senhorio e o lucro do rendeiro, a terra dará 3,12 %. São estes, porém, os calculos de um proprietario, deve advertir-se.

Dois exemplos instructivos que ouvi allegar, consistem nas terras do collegio de Oriel (Oxford) estudadas em uma interessante memoria apresentada á sociedade real de estatística; e nas terras do hospital de Guy. As primeiras, em 1877, mediam 6:068 acres e rendiam £ 10,472: em 1890 medem 6,142 acres e rendem £ 7,689. As segundas baixaram de £ 41,840, em 1885, a £ 27,550 em 1891.

A importação estrangeira collabora com o exodo rural para a crise da agricultura. Ouvi toda a gente queixar-se d'isso, e applaudir o proteccionismo rural francez. Ha vinte e cinco annos, o trigo valia 50 shillings o *quarter*; hoje custa a valer 31. Os

lacticínios baixaram 20% nos preços de ha vinte annos. Veem ovos dos confins do mundo. O emprego do gelo, para a conservação das substancias corruptesciveis, ampliou a esphera de acção do commercio. Queijo, manteiga, margarina, ovos, de que em 1870 se importavam 11 milhões sterlinos, entram hoje por 22: o dobro; e mais se se attender á baixa do valor. Em 1891 entraram de fóra 166 milhões sterlinos de *farm produces*.

Ora, a verdade é que a Inglaterra, cidade e fabrica, escriptorio e officina, significa muito mais do que a Inglaterra granja: e por isso esta ruina da lavoura, em beneficio das populações fabris e urbanas, é um lucro na economia nacional. Os paizes em que a agricultura é a occupação e o rendimento predominante, estão em outro caso.

Mr. James Macdonald, do *Farming World*, cujo livro, *The book of the Farm*, appareceu o anno passado em nova edição, formula a conta de um jornaleiro de arado, *ploughman*, no Essex, d'este modo:

52 semanas a 14 shillings.....	£	36.8.0
Extra, pelo corte do feno.....	£	1.10.0
Idem, nas ceifas.....	£	3.10.0
Cottage.....	£	5.0.0
Lenha, etc.....	£	1.2.0
	£	47.10.0

Esta é a fêria dos melhores. Os trabalhadores ordinarios ganham 1 shilling menos por semana. Nas visinhanças de Londres, a fêria sobe 2 ou 3 shillings; mas por outro lado, nos condados excentricos, baixa a 10, 11 e 12 shillings. Mr. Kebbel, o conhecido jornalista tory, no seu livro *English Country life*, tambem publicado em 1891, diz que, em termos geraes, o rendimento annual de um jor-

naleiro inglez commum, incluindo salarios e accessorios, regula entre £ 50 no Northumberland, e um pouco mais de £ 30 no Wiltshire e outros condados do sul. A media é £ 40; mas é só a baixa excepcional de poucos condados que a produz. Nos condados de leste, nos interiores, nos do norte e de sueste, é mais commum vêr o total elevar-se a 43 e 44 £, do que baixar a 37 ou 38. Pastores, carreiros, e abegões são pagos por maior preço: á razão de 50 £ por anno. As enormes differenças que se observam de condado para condado, põem de sobreaviso a respeito da exactidão geral das estatisticas. Ha que desconfiar das médias. Ha que aguardar maior somma de informações locais. Dizem-me que ha *cottages* apraziveis no Gloucestershire, de rendeiros que não tiram mais de 12 shillings por semana, e com isso teem de sustentar e vestir uma familia inteira. Como se arranjam para não morrer de fome, é um mysterio. O Norfolk e o Suffolk são, ao que parece, no momento actual, os condados mais afflictivos, quanto á sorte dos jornalheiros.

O Hampshire e o Surrey, que eu ia atravessando na minha jornada para Londres, apresentavam-me com frequencia, á beira da estrada, pequeninas *cottages* cobertas de colmo, ou de louza, baixas, com janellinhas apertadas, deixando vêr pela porta aberta um interior pobre. Mas tudo era tão nitido, tanto em ordem! Os vidros, transparentes e limpos como agua. Não ha um caco, nem uma persiana partida, nem uma poça, nem estrumes espalhados, e animaes domesticos refocilando-se em chiqueiros. Dizem-me que a immundicie meridional seria mortifera n'estes climas. No jardim ha flôres, e as trepadeiras crescem pelos muros da casa, embocetando-a em um ninho de verdura. No terreiro, á porta, vejo

um velho, sentado ao sol: ao lado a filha lê—parece-me que lhe lê—o que? Talvez um dos incontáveis artigos, em que se commenta a ruina dos campos e a alegria apagada da velha Inglaterra, *merry England*...

São frequentes as lições e os discursos que se proferem, os artigos que se escrevem, sobre a decadencia da agricultura. O thema é identicamente constante, as idéas de reforma variam pouco. Principiam sempre pela baixa dos salarios, insinuando que os trabalhadores são reduzidos á fome, para que o rendeiro possa trotar no seu *gig*, e o proprietario rodar na sua carruagem. Este proemio rhetorico põe o leitor, ou o ouvinte, de bom humor. Depois veem as alterações produzidas pelo tempo, o exagero das rendas, as modificações dos *allotments*. Em seguida advoga-se a creação dos conselhos parochiaes que seriam possuidores da terra, arrendando-a aos trabalhos em termos absolutamente razoaveis. Antes, prégava-se o *scheme* da nacionalisação, segundo as idéas de Henry George, que cederam, porém, o passo á idéa nova dos conselhos parochiaes, e do collectivismo rural. O indispensavel seria varrer a lethargia geral, unirem-se os trabalhadores e fortalecerem-se pela associação. Só as *grèves* são meio efficaz: a acção do parlamento é nulla e irrisoria.

Esta propaganda lavra activamente nos campos e inclina-os para o radicalismo. As unicas excepções são os districtos que escaparam aos effeitos da depressão agricola, ou aquelles que teem como representantes os membros de alguma familia, especialmente popular. Em geral, tanto proprietarios como rendeiros, estão convencidos de que o estado actual dos districtos ruraes é devido quasi exclusivamente á politica do livre cambio, e que a unica

taboa de salvação consiste no restabelecimento de direitos protectores. Mas o trabalhador do campo, o jornaleiro, não pensa do mesmo modo. Não soffreu da concorrência estrangeira por um modo palpavel e directo, como aquelles que o empregam. Os salarios, ou subiram, ou ficaram estacionarios, enquanto o poder comprador da moeda augmentava, ou por outra, os preços dos generos desciam. Os objectos de consumo embarateceram em geral. Por tudo isso, o jornaleiro fecha os ouvidos aos que o querem persuadir das excellencias do *fair trade*, ou protecçionismo. *Hodge*, é este o appellativo do jornaleiro, olha com maior favor as doutrinas que lhe promettem melhora de bem-estar rapida, directa e gratuita. É o que lhe garantem com o collectivismo conselho.

Os conselhos ou juntas de parochia, *parish councils*, como instrumento de socialisação rural, são proclamados por um modo que *por enquanto* os corripheus do liberalismo, Gladstone, Morley, Harcourt, acaso consideram excessivo. Escrevem-se entretanto palavras d'estas: «Se se tem de usar do credito publico para a compra da terra, a compra deve fazer-se por corporações publicas e para beneficio publico. O jornaleiro trabalha 72 horas por semana, das 6 ás 6 diariamente, mediante nove ou dez shillings: é tempo que um tal estado de cousas termine, para que os districtos ruraes tenham tantos, ou mais attractivos, do que as cidades para os filhos do trabalho.» Mas se, feitas as contas, ainda quando todo o rendimento liquido da terra fosse para o trabalhador: ainda assim o salario não poderia competir com os salarios fabris e urbanos? Mas se, para valorisar a terra, é indispensavel encarecer os preços ás subsistencias, cohibindo as importações? E se isso iria ferir no bolso ás legiões

de operarios e carregadores que formigam nas fabricas, nos caes e nas docas?

Talvez que Hodge, curvado na sua cadeira, á porta da sua *cottage*, fizesse, com a experiencia dos annos, observações d'estas ás cousas que a filha, loura, de olhos garços, lhe ia lendo na *Magazine*. O mal dos campos está na mudança dos tempos. O velho vira apparecer o caminho de ferro, o telegrapho, os *steamers*: todas essas machinas multiplicadoras da força e do tempo, que fazem viver e ganhar, e gozar, em um anno, tanto, como d'antes em uma vida inteira. E a pobre terra á qual, curvado, Hodge estava pedindo a paz da cova: a pobre terra, apesar dos machinismos novos e dos adubos sabios, retardataria, ficava para traz, como um cavallo velho e cansado. Se a gente emigra dos campos, é porque, de todos os meios de fazer fortuna, a agricultura é o mais lento. Se toda a gente foge para Londres, o coração hypertrophiado da Inglaterra, é porque está ahi o polypo de milhões de antenas que por todos os cantos do globo vão sugar a riqueza do mundo: Londres, *the great wen of England*, o fleimão, o abcesso, o cancro...

Chegava o comboio á estação de Waterloo.

III

Desde que passámos a Clampham *junction*, ou entroncamento, onde se ligam todas as linhas ferreas da margem esquerda de Londres, a estrada vae seguindo em viaductos, para galgar o Tamisa, sobranceira ao lençol colossal de casaria, que se estende a perder de vista. É uma babel de tijolo. É

um formigueiro infinito. As casas, pequenas, negras, amontoam-se em ruas irregulares, dando ao mesmo tempo uma impressão grandiosa e mesquinha: grandiosa pelas proporções do conjuncto, mesquinha pelo character dos elementos. Londres é uma cidade que se estende por juxtaposição, um polypo gigantesco de casaria. Aperta-se o coração á gente, ao sentir que se entra no ventre do grande monstro do mundo.

Esse *home* quasi sagrado dos bretões, quando a principio se observa, como me succedeu, á luz clara de um dia glorioso de junho, infunde medo. A impressão é forte, mas não posso chamar-lhe agradável. O sol desapiedadamente põe a nú a miseria d'estes bairros pobres, com as suas casas denegridas pelo fumo, ensebadas pelos nevoeiros viscosos, com pateos, beccos, destroços, lixo, e um mar immenso de pequeninas chaminés erguendo-se dos telhados de ardósia, como dedos minusculos de pigmêos, apontando caricaturalmente para o céu. O conjuncto é grotesco. Grandeza não tem, embora tenha immensidade, o mar de casas sobre que o comboio vae rodando até chegar á cova escura, que se chama *Waterloo station*.

Ahi nos vasaram sobre uma rua ingreme; e para esgotar esta primeira impressão, enfiámos a pé pelas travessas que vão dar ao Tamisa, passando-o na ponte do caminho de ferro, *Charing cross* (os inglezes, para brevidade, substituem esta palavra pelo signal +) *bridge*. D'ahi, descendo as escadas sobre o caes, ou *embankment*, da margem esquerda, fomos ao longo do rio em demanda do nosso hotel, o *Savoy*, fronteiro á agulha de Cleopatra.

Das varandas do *Savoy*, Londres tinha outro aspecto.

O Tamisa faz alli um cotovello apertado, con-

vexo sobre a margem esquerda, onde me achava. Olhando para juzante, via, a pequena distancia, a ponte de Waterloo, de pedra, coberta de carros e de gente, n'um perpassar incessante. Olhando para montante, via, ao pé de mim, a ponte de ferro de *Charing cross*, ou *Charing +*, á ingleza, resfolegando fumo dos comboios que passam em muitas vias, constantemente, com um ruído de trovão distante, despedindo relampagos pelas rotulas que fecham o taboleiro. Depois, para o mesmo lado e para além da ponte de Westminster, cravavam-se no céu, já opalino do entardecer, as agulhas e corucheus dourados dos tectos do palacio e da torre do Parlamento.

— Não lhe parece que isto dá uma impressão de Oriente? perguntava-me o meu companheiro.

Justamente estava eu n'esse instante fitando a margem fronteira, onde, para além do rio, côr de greda, com as suas barcaças de carga e os seus vapores longos apinhados de passageiros, se erguiam duas torres esguias, como minaretes arabes: eram apenas torres de fabricas de chumbo de caça.

Mas ao pé, cá d'este lado, debruçadas sobre o rio, sorriam com *humour* as duas sphinges que la-deiam a agulha de Cleopatra, encastoadas n'uma base de bronze. Effectivamente o scenario tinha o quer que fôsse de oriental. Não sei se da India, como queria o meu companheiro; não sei se do Egypto, como as sphinges me segredavam; mas, talvez, por virtude das idéas com que vinha, de Assur, ou Babylonia, nos tempos colossaes de Sargon, ou de Assurbanipal. Essa noite sonhei que estava em Ninive: talvez porque, antes de me deitar, como a lua tinha um clarão esplendido, o Tamisa parecia um tapete de escamas de aço reluzente, e a ponte com a sua palpitação constante de relampagos, n'um

trovão seguido, e os fogos da cidade illuminada, e os corucheus de ouro de Westminster, recortando o lençol argentino do céu, me enchiam a idéa com as visões dos quadros em que Turner pintou, em clarões também, a ruína da cidade do Euphrates, incendiada.

Eu dava as costas á grande Babylonia de hoje, e, por cima dos hombros, chegava-me aos ouvidos o sussurro gigantesco dos milhões de seres humanos que além se agitam na faina pesadissima de viver uma vida por nós mesmos feita de torturas e trabalhos, quando a natureza, meiga e simples, nolla proporciona facil e socegada.

Onvia o palpar gigantesco, o trovão surdo do movimento n'essas vinte mil ruas que tem Londres, e medem tres mil milhas, e dão accesso a novecentas mil casas, e correm por ellas rios de gente em mais de dez mil *cabs*, fóra um milhar de *trams-ways*, fóra dois milhares de omnibus, fóra as estradas ferreas de accesso, e o *underground* que vae a toda a parte debaixo das ruas. Só cocheiros e conductores, ha um exercito de trinta mil homens. Só na *City*, amendoa d'este immenso fructo chamado Londres, creado com a substancia do mundo inteiro: só na *City*, entram por dia, todos os dias, salvo os domingos, noventa mil vehiculos e mais de um milhão de pessoas. E em um raio de seis ou sete milhas, a partir de *Charing Cross*, ha dentro do perimetro de Londres mais de quatrocentos kilometros de vias ferreas em movimento.

Londres tem o dobro de Pariz, o triplo de Berlim, quasi o quadruplo de Vienna e de Nova York, o quintuplo de S. Petersburgo, mais do decuplo de Madrid, e quinze vezes Copenhague e Roma. Tem mais catholicos do que Roma, mais judeus do que toda a Palestina, mais escossezes do que Aberdeen,

mais welshs do que Cardiff, mais irlandezes do que Belfast.

Quando principiou, a *City* humilde, capital do reino de Essex, no seculo VI, tinha apenas uma área de 650 acres. É ainda a área de hoje, com os seus quarenta milhares de habitantes, dividida em 26 bairros ou *wards*, cada um dos quaes elege vitaliciamente um *alderman*, como no tempo remoto em que esses magistrados iam com a vara de álamo, *alder*, na mão, ao *mallum*, ou parlamento do tempo. Os *aldermen* elegem d'entre si, annualmente, o *lord mayor*. Os inglezes levam até á caricatura o culto da tradição e o respeito pelo tempo. Esta gente intrepida é todavia infantilmente medrosa, diante de tudo o que não comprehende. De todos os europeus, são talvez os menos dotados da curiosidade inventiva, sendo ao mesmo tempo os mais audazes executores. Boas machinas, reguladores mediocres.

Em volta do nucleo da *City*, Londres cresceu. Chama-se a *metropole*, ou condado de Londres, governado por um conselho municipal electivo, uma área de 75.461 acres, que todavia não é ainda Londres inteira; porque, independentemente do *London county council*, funccionam corporações diversas, cada uma das quaes abrange a sua área. A área postal, a área eleitoral, a área fiscal, etc., não coincidem. Os conselhos das escolas, dos asylos, dos cemiterios, etc., dezoito conselhos autonomos, funccionam independentemente. A área policial, sobre a qual se exerce a acção do exercito, ainda assim pequeno, de quinze mil guardas, mede 451.559 acres, em um circulo de quinze milhas de raio, tendo por centro *Charing Cross*. É a *greater London*, na qual os *parks* e florestas occupam uma área de treze mil acres. Só a matta de Epping tem cinco mil, a de Wimbledon mil e quinhentos, Hyde Park

trezentos e sessenta, Regent's Park quasi quinhentos.

Esta cidade immensa, mais povoada que muitas nações, entre theatros e salas de espectáculo de toda a ordem, tem quinhentos, com capacidade para trezentos mil espectadores. Tudo aqui é enorme, o que não quer dizer que seja grandioso, no sentido de magnifico. *Albert Hall* parece um amphitheatro antigo, salvo o tecto. Calculam em 38 milhões sterlingos o valor da propriedade no *inner London*, Londres interior, ou condado de Londres. Todos os numeros que accusa o *Metropolitan year book*, reportorio municipal para este anno, são correspondentemente monstruosos.

Dão os inglezes um consumo consideravel á leitura, abarrotando a cabeça de factos e numeros, por digerir, do mesmo modo que abarrotam o estomago com *joints* meio crús e bebidas capitosas. Como teem o estomago tão rijo como a cabeça, digerem, porém, tudo, mais ou menos engulhadamente. Além livros, leem mais de trinta jornaes diarios de grandissimo formato, e de quinhentas a seiscentas publicações periodicas, *reviews*, *magazines*, etc. Por outro lado, fóra o que comem em casa, comem e bebem em quatorze mil vendas, que tantas são as *licenças* para *public houses*, *beer houses*, *refreshment rooms*, *wine shops*, etc.

Esta grande colmêa de gente voraz engurgita por anno dois milhões de *quarters* de trigo; oitocentos mil bois; quatro milhões de carneiros, vitellas e porcos; nove milhões de aves; cento e cincoenta mil toneladas de peixe; duzentos milhões de *quarters* de cerveja, trinta de vinho, vinte de aguardente, que é o lume com que internamente se aquecem, queimando doze milhões de toneladas de carvão para se aquecerem contra o frio do ar, para se

servirem, para se agitarem, transformando o lume em vapor, no seio de um ambiente hostil.

IV

Quando, pela manhã, sahi para vêr o scenario exterior da cidade, seguindo, ao longo do *embankment*, achei-me debaixo da ponte de *Charing Cross*, entre columnões massiços, atarracados, côr de sangue de boi, tendo por cima da cabeça um tecto de chapas de ferro da mesma côr, e por cima do tecto os comboios rodando rapidamente sobre carris de aço polido. Julguei-me em alguma especie nova de Egypto, Babylonia, ou o quer que fosse, extranhamente, monstruosamente *antigo*. E ao desembocar na avenida de Northumberland, subindo-a, dei de frente com as columnadas e terraços da *National gallery*, que formam o fundo, no alto de *Trafalgar square*. Aquellas columnas, aquelles porticos, aquellas pilastras, pesadas e massiças, negras como carvão besuntado de sebo, com as fontes em frente, jorrando agua, e em baixo a columna de Nelson, onde o heroe se apoia a um monte de cordoalha: tudo isso negro, a contrastar com o céu excepcionalmente azul, produzia em mim uma impressão singular de grotesco tragico, tanto mais que no socco da columna, os quatro bellissimos leões de Landseer, deitados como sphinges, me falavam da grandeza épica d'este povo que, verdadeiramente, nos tempos actuaes, é como o romano foi nos antigos, o forte dominador de homens: *Tu regere imperio popules, romane, memento!*

Sem duvida, a impressão do *classico*, em Londres, já pelo negro da pedra, que parece gangrenada, já pela falta de elegancia e leveza das con-

strucções, é grotesca, sem todavia ser ridícula. É brutal e incongruente; obscuramente grande, sem ser grandiosa. Não estamos em Athenas, não. Não é um povo de artistas, não. Mas também, em Roma, os monumentos tinham um ar pesadamente colossal, que devia produzir impressões analogas ás minhas, no espirito dos gregos que visitavam a cidade imperial do Tibre.

Analogas, digo, e não eguaes, porque entre Roma e Londres a differença é enorme. Só o instincto *imperial* do povo se parece: o céo é outro, outro o genio da gente. Apesar da sua inferioridade esthetica, nunca a um romano occorreria a idéa de espetar um pára-raios na cabeça do duque de York, que de sobre a sua columna olha para o *park* St. James; nem de expôr, nú e do tamanho de um rhinoceronte, o Duque de Wellington, em attitude de Alcides de feira, brandindo uma faca de cozinha, á entrada de Hyde-Park.

Decididamente, Londres, vista por fóra, pesa-me sobre o coração. É *oriental*, como quer o meu companheiro, se por esta palavra significamos as cousas monumentalmente esmagadoras.

Estamos aqui no coração do monstro. Olhando para baixo, dos terraços da *National gallery*, enfia-se a rua de Whitehall, que leva em linha recta a Westminster e ao Tamisa, com o palacio historico, onde Wolsey ostentava o seu luxo quasi real; onde Henrique VIII, em um baile de mascaras, perdeu o coração por Anna Bolena, e Carlos I perdeu a cabeça em um patibulo, nos tempos tragicos da historia ingleza. Agora, os *horse guards* fazem sentinella, aprumados, trazendo á cabeça as barretinas monumentaes do principio do seculo. As secretarias dos Estrangeiros e da India, o almirantado, o thesouro, alinham-se á direita da larga ave-

nida, e cada um d'estes nomes, evocando idéas de um poder enorme, impõe respeito.

À direita de tudo isto, para o poente, fica o *park* S.^t James, limitado, longitudinalmente, pelo *Mall*. Para cima, segue a rua dos clubs, *Pall Mall*, com palacios negros, arcadas que parecem antros, columnas que parecem postes de carvão, e janellas com esplendidas vidraças, como espelhos, através das quaes se adivinham as poltronas incomparaveis e os tapetes mais macios ainda do que a relva dos *parks*: todo o luxo solido e *confortavel*, nada scenico, dos interiores inglezes. É verão: as janellas são açafates de flôres.

Lá ao fundo fica Saint-James, o palacio de Henrique VIII, com a sua porta de puro estylo Tudor; e esse genero de construcção, massiça e esguia, é a que quadra ao clima e á paisagem. Não fere pelo absurdo, como o *classico*. Cá no principio de *Pall Mall* fica-nos a praça de Waterloo, com o seu monumento da Crimea: granadeiros de barretinas como os de Whitehall; mas felizmente aqui são de bronze. Não soffrem, os felizes! Para cima, subindo, vae *Regent Street*, que logo se desenvolve em uma bella curva, a que os londrinos teimam em chamar *quadrant*; e no arrancar d'esse quadrado-curvo, que leva *Regent Street* para o norte, começa, em angulo recto, *Piccadilly* para oeste. São as duas grandes ruas da Londres mundana.

E para a esquerda do terraço da galeria, onde estamos, parte, desde a encruzilhada de *Charing Cross*, em frente do *Mall*, o *Strand*, longa arteria parallelá ao rio, ligando a Londres mundana com a Londres da *City*, n'uma extensão de quatro milhas, que tanta é a distancia de *Charing Cross* a *Mansion house*, coração da *City* e residencia do *lord mayor*.

A frente da praça de Trafalgar, para leste de Whitehall, cortada ao meio pela avenida de Northumberland, é o bairro dos hotéis da novíssima Londres. São casas enormes de seis andares, á parisiense, reproduzindo pesadamente o genero de architectura urbana continental. Estão ahi o Metropol, o Victoria, o Grand Hotel; e no *Strand*, um pouco adiante, o Charing Cross Hotel, na propria estação do caminho de ferro.

N'esta inspecção que fizemos, reconhecemos tres typos architectonicos differentes; o Tudor, o dasico, e o continental-phalansteriano dos quarteirões massiços de Pariz. Ha outros generos de casas mais, a accrescentar ainda. Ha, primeiro, o estylo da rainha Anna, semelhante ao jesuitico peninsular, e de que a fachada e a torre de Whitehall são um exemplo; e ha o typo corrente da casaria antiga, sem estylo, nem preocupações artisticas. É um muro de tijolo liso com tres aberturas rectangulares em cada um dos tres andares: o terreo e dois superiores.

Quatro quintas partes de Londres, incluindo os bairros miseraveis, são assim: ruas inteiras, ruas enormes, de pequenos alveolos, sem a minima idéa de apparatus scenico, formando os *homes* de John Bull. Cada casa tem um morador só: fechada a porta, é um baluarte inviolavel por lei. A porta reluz com os fechos amarellos brunidos todos os dias; os vidros das janellas não teem um grão de poeira, nem uma mancha de agua. Por fóra ha flôres quasi sempre nos parapeitos; por dentro ha sempre cortinas, mais ou menos ricas, mais ou menos conchegadas. Tem tudo um ar de limpeza e conforto abastado. Ás vezes, em frente da casa, rasga-se um fosso defendido por uma grade que limita a rua; outras vezes é um pequeno jardim; outras vezes, apenas olhos-de-boi, de vidro grosso, como nos navios, para

illuminar o subterraneo, onde estão as cozinhas, a adega e os despejos. Ao rez-do-chão ficam as salas de visitas e de jantar; nos dois pavimentos altos, os quartos.

Hoje ha casas luxuosissimas em que predomina a ostentação dinheirosa, affirmando-se em obras de melhor ou peor gosto, mas em geral sem caracter. Até ao meiado do seculo, porém, as construcções domesticas, externamente simplissimas, e os horrorosos monumentos greco-romanos, pode dizer-se que formavam Londres. Até os palacios de fidalgos, por exemplo, o de lord Salisbury, ou o do duque de Wellington, á entrada de *Hyde Park*, são predios de apparencia relativamente modesta e simples. O primeiro parece uma casa burgueza. Londres era a capital de um grande povo *protestante*, rigido, trabalhadar, cupido, e desdenhoso das exterioridades da vida. Por todos estes motivos não era um povo artista: d'ahi o caracter grotesco dos monumentos londrinos d'esta epocha. Revelam uma grande somma de sentimentos nobremente fortes; mas revelam-no por uma fórma entre pueril e extravagante. A epopeia das guerras napoleonicas está escripta em pedra por toda a parte, mas com garratujas de a gente pôr as mãos nas cabeça.

De 1850 para cá, o enriquecimento espantoso da Inglaterra e a sua fortuna excepcional, affectaram o caracter antigo e modificaram o aspecto da cidade. Tambem os inglezes quizeram ser artistas e embellezar, modernisar, a sua capital, copiando Pariz, apesar do desdem que affectam pelo Continente. Sentiam-se exquisitos e inferiores, e, com o bolso a rebentar de libras, deitaram-se a reconstruir Londres. Vieram as grandes, espaçosas avenidas; vieram os palácios á moda da Renascença franceza, ou italiana; vieram os massiços de casaria em anda-

res e compartimentos, á franceza, substituir o velho *home* inglês; vieram as construcções de tijolo vermelho e terra-cota á moda allemã do Hanover e da Prussia; veio finalmente a restauração do estylo nacional Tudor, que predomina nos palacios e nas casas communs, e no qual, mais ou menos, se inspiram as duas maiores construcções novissimas de Londres: Westminster, e os tribunaes do Templo.

Sem duvida alguma, é preferivel ás horrorosas columnadas e tympanos romanos. Casa-se melhor com a paisagem; dá uma impressão mais conforme com o clima: mas, verdade, verdade, tem os contras de todas as reconstrucções eruditas. Tem um ar de *bric-à-brac*. Vê-se o esforço de gente rica, imaginando que com dinheiro se obtem tudo, e que, á custa de milhões, querem tambem ser artistas. Bem lhes basta o que são.

Porque os monumentos verdadeiros da Londres de hoje, quanto a mim, hão de vêr-se nas construcções espontaneamente nascidas das necessidades e do character dominante d'essa civilisação carthagineza. São os palacios de crystal das exhibições populares; são as pontes massigas e utilitarias; são as *gares* medonhas, onde o povo se apinha na vertigem do movimento, e as paredes, os tectos, o chão, os muros, os bancos, as vedações, absolutamente tudo, está coalhado de annuncios em letras colossaes, de côres estridulas, para á força chamar a attenção.

O annuncio, o phrenesi do cartaz, foi das cousas que mais me impressionaram. Perseguem-nos por toda a parte. Nas estações são um delirio. Pintam com elles os omnibus. Forram com elles as carruagens. Penduram-nos ao alto nas empenas das casas em grandes letras douradas, suspensas, que o vento balouça. São as harpas eolias inglezas!

E annuncia-se tudo, absolutamente tudo. O vestuário, o calçado, a mobília, o luxo, a pobreza, os remedios mais extravagantes, os utensilios mais singulares, de nomes arrevezados, extrahidos das linguas mortas ou exóticas, com attestados de doutores e sabios. Chega a ser carnavalesco. Não me recordei onde, vi n'uma passagem, pendurados do tecto, mais de um cento de cartazes successivos annunciando com uma teimosia irritante certa substancia que lavava e não era sabão.

E como estes *trucs* pegam, e como se gastam rios de dinheiro nos reclamos, é triste o pensar que a metropole colossal de um grande povo, obedeça por tal fórma ao charlatanismo; ou que seja necessario usar de meios charlatanescos para despertar a attenção. A excentricidade ingleza mostra-se nas proporções estupidas do annuncio; mas o reclamo é uma enfermidade de todas as grandes cidades.

Será que as agglomerações de gente imbecilisam os homens? Será que a civilisação, como tantos querem, não passa de uma doença? Ou será que Londres, na phrase ingleza, é com effeito o *wen*, ou abcesso britannico?

V

Só agora, porém, reparo que tenho feito uma cidade deserta, de Londres que é a terra mais populosa do mundo.

O condado de Londres, pelo censo de 1891, tem 4.211.056 habitantes; e a Londres policial, ou *greater London*, mais 1.422.276. Somma: 5.633.332, quasi seis milhões de creaturas; quasi tanto como a população da Belgica, mais do que a da Hollanda ou de Portugal, e cerca do triplo da Dina-

marca. É a cidade mais populosa do mundo; e o *county of London* a terra onde a gente está mais comprimida. A' densidade londrina de 59 habitantes por acre, só excede Liverpool, esse formigueiro, negro, onde em cada acre ha 118 creaturas: exactamente o dobro. Ha trinta annos, o condado de Londres tinha 2.803.847 habitantes, e a zona exterior 418.873. Somma: 3.222.720. Em trinta annos, subiu 80%. No interior da cidade, o accrescimento foi de 50; mas, resfolegando para fóra, a população da zona exterior cresceu duas vezes e meia. Não ha cidade no mundo que, em numeros tão subidos, apresente uma ascensão comparavel. Não admira, pois, como sorve e aspira a população dos campos. Londres representa um setimo da população inteira da Inglaterra-Galles.

Não ha tambem, entre as grandes capitães, nenhuma em que o augmento proprio da população, pelo saldo entre os nascimentos e os obitos, seja maior. ¹ Sem falar em S. Petersburgo, onde a mortalidade excede muito a natalidade; desde Madrid que tem o saldo de 0,1 por mil, ha uma escala, no alto da qual se acha Londres com um saldo de 13,7 por mil. O genio familiar da gente, a grande proporção de miseraveis, e tambem as condições hy-

¹ Proporção por milhar :

	Nascimentos	Obitos	Saldo
S. Petersburgo.....	37,8	51,4	— 14,6
Madrid	37,5	37,4	+ 0,1
Roma.....	27,2	26,8	0,4
Pariz	30,5	28,6	1,9
Nova York	34,6	26,2	8,4
Berlim.....	37,5	27,6	9,9
Vienna.....	39,2	29	10,2
Londres.....	35,2	21,5	13,7

gíenicas da cidade, explicam o phenomeno, cuja causa principal está, porém, na grande propagação dos desgraçados. A miseria é prolifica, e o inglez mais do que nenhum europeu sensual e animal. O *Metropolitan year book*, d'onde vou tirando estas informações numericas, classifica um terço da população londrina (do *county*) como miseravel. ¹ São um milhão e trezentos mil desgraçados. Chama-se a Londres o grande *wen*, o abcesso monstro, d'esta montanha colossal de gente. A miseria é o residuo da grande manufactura de milhões que ostenta insolentemente os caudaes da opulencia nas exhibições do *West End*. Lado a lado, a oeste e a leste, estão duas Londres inimigas e afastadas: a dos pobres, e a dos ricos.

Dizia-me o *detective* com quem peregrinei pelos bairros miseraveis, nas viellas repugnantes de Whitechapel, que esta gente de leste nasce e morre, sem saber se quer da existencia do que fica para além do *Strand*. O *West End* para elles é uma terra ignota. Ai! do dia em que a descobrirem. As scenas do *Trafalgar square* foram um prenuncio tenebroso. Uma vez, a multidão de selvagens avidos correu pelo *Strand*, e a Londres mundana empalideceu de susto quando viu o acampamento de hordas mais temiveis do que as de Attila, acampando nos degraus da praça, ao lado dos leões magnificos de Londseer que parecia rugirem.

Sobre este lôdo de mais de um milhão de miseraveis, assentam os alicerces solidos da população

¹ Semi-criminosos, mais ou menos vagabundos.....	37,545
Muito pobres, sempre necessitados.....	316,838
Pobres, trabalhando irregularmente.....	935,050
	1.292,433

operaria: dois milhões de homens (2.167.126), que alimentam oitocentos mil (749.611) burguezes ricos; erguendo-se para o céu, como agulhas ou côrucheus dourados d'esta immensa cathedral de carne, as flôres opulentas da civilisação, magnolias ou orchideas, flôres opiparas, regadas com o trabalho do mundo inteiro, desabrochando em toilettes e carruagens, nas avenidas umbrosas de Hyde park, á tarde.

Todo este povo se revolve n'uma agitação concentrada e intensamente grave, quer trabalhe, quer se divirta. Quem passa do continente, vindo de Pariz para cá, observa que a intensidade da pressão da vida subiu consideravelmente. O vapor comprimido espirra pelas juntas, o movimento da machina é mais apressado, os golpes do embolo mais largos, a vida mais forte, a riqueza mais solida, o character mais firme, mas tambem mais contrafeito. A machina humana produz aqui mais trabalho util, mas tambem com uma usura superior. As suas cinzas e desperdícios são o milhão de desgraçados que os condensadores resfolegam constantemente no mar immenso e negro da miseria, da bebedeira e do crime. E os seus fracassos são os accidentes e perdas, que todos os dias occorrem. Nas ruas ha dez desastres por dia, trezentos mortos por anno. E no meio d'esta babel, perdem-se todos os annos dezeseite mil pessoas, quasi tudo creanças,¹ sumindo-se de todo na voragem uns milhares de creaturas, como se somem no oceano os que a onda, n'um bracejar, atira pela amurada fóra. E sobre o fermentar tumultuoso da grande caldeira da gente, paira a legião dos policias, mudos e automaticos,

¹ 12.878 creanças, 3.961 adultos.

coodernando a propria desordem, levantado os que cahem, guardando os desprevenidos, arrastando os bebados, prendendo os desenfreados: ¹ os policiaes, com o seu trajo negro, capacete de couro, herculeos e espessos, avaros de palavras, rapidos e firmes na accção.

O inglez submisso (não ha gente que o seja mais) respeita quasi religiosamente o policia; obedece-lhe sem repontar. Por isso, tambem, a policia de Londres é superiormente boa. A submissão, e uma imbecilidade singular, propria das grandes agglomerações de gente, nas capitaes, tornam-se aqui mais sensiveis, no meio d'estes seres membrudos e desengonçados que, agitando-se, por vezes quasi epilepticamente, vão, cada qual atraz da sua chimera, e todos collectivamente, impellidos pela chimera colossal do *make money*. É decerto isso que os imbecilisa.

A' grande illusão da riqueza, miragem permanente da vida das cidades, creada pela ostentação do luxo, não pode o inglez juntar, porque o não tem, o instincto da arte, e este desapego com que nós, *continentaes* (nome aqui proferido sempre com certo desdem) temperamos a violencia da vida que se diz civilisada. Por isso, como sombra de tanta grandeza, nunca em parte alguma vi brutalidade mais bruta, nem estupidez mais estúpida.

¹ Prisões annuaes por embriaguez simples :

Homens.....	5.748
Mulheres.....	3.366

por embriaguez e desordem :

Homens.....	13.471
Mulheres.....	8.722

Lembra-me, ha annos, quando em Pariz se desengonçavam a rir, applicando a tudo, constantemente, o dito *On dirait du veau*. Era imbecilmente simiesco. Agora, já na viagem, a bordo, tinha começado a ouvir o estribilho que em Londres nos persegue como os mosquitos nas praias, cantado, asobiado, grunhido, gritado, chilreado, em todos os tons, por todos os sexos — ha varios, não ha só dois — por todas as edades: cega-rega insupportavel que pretende ser uma cantiga:

Ta ra ra boom de ay !

Que quer dizer? Não importa. É um som indistincto: cada qual mette n'elle o que melhor lhe parece. Assim começaram as linguas, nos periodos primitivos: pelas interjeições.

A vida das grandes cidades tem mais de um ponto de contacto com a vida selvagem. O homem, n'esta ebullição tumultuosa, regressa ao estado nativo, de um crepusculo intellectual, em que apenas apontam intuições, vagas como fogos fatuos.

Ta ra ra boom de ay !

era o estribilho patusco de uma canção, em que certa actriz cantava no theatro varias scenas picarescas da vida alegre, terminando cada copla por uma volta de dança lubrica, acompanhada pela cega-rega do *Ta ra ra boom*.

Esta semsaboria pegou. Era a delicia dos londrinos, quando travei relações com elles. Os velhos *quakers*, o puritanismo classico, a austeridade que este povo envergou, reagindo, depois da *kermesse* do seculo XVIII, velam as faces de vergonha. A Inglaterra, que tantos annos viveu na *pose* do pu-

dor, deitou tambem o *frac* ás urtigas. Mas fal-o mal e desengraçadamente.

VI

É que o temperamento violento e sanguineo impõe ao mesmo tempo, aos inglezes, a rigidez na virtude, e no vicio o desbragamento.

Muitas vezes, observando as physionomias, e indagando os caracteres expressos nas feições, cheguei a resultados que me satisfizeram. Tinha o sentimento de haver acertado; e as caras que me passavam deante da vista, inexpressiveis como sphinges, iam formando, letra a letra, as palavras com que construia o meu pensamento. É sempre um espectáculo suggestivo a observação dos typos de uma raça.

O que sobretudo me attrahia, eram as creanças. Não as ha mais bellas em parte alguma. E são como enxames de abelhas, ou de borboletas, quer nas ruas opulentas, quer nas viellas miseraveis, ricas e pobres, limpas e sujas. Perante a belleza da infancia, a egualdade é soberana em Inglaterra. Os pequeninos parecem botões de flôr. Rochunchudos, com uma carne de leite e rosas que lembra Rubens, sente-se palpar a força pujante da raça. Dir-se-hia que a natureza, mãe dos contrastes, fez d'estes pimpolhos da gente mais ossuda e angulosa que existe, creaturas que parecem cherubins descidos do céu. Entre duas bochechas como rosas, a bocca, ainda breve, parece uma cereja. Ri a vermelhidão dos labios; ri o azul dos olhos largamente rasgados. A face inteira canta, a face inteira vive, quando ri,

ou quando chora, coberta com os braços levantados e as mãos cruzadas n'uma attitude de desespero encantadora.

Depois, os cabellos soltos fluctuando, crespos, louros, como linho córado ao sol, com reflexos de ouro, nas cabecinhas leves de alveloas, sobre um corpo já espigado, flexível como um vime, correndo, saltando, chilrando á maneira de passaros, lembram o sabido verso de Victor Hugo. É com effeito, também teem azas estas rapariguinhas, de que Dickens fez o retrato na Dora do *David Copperfield*: azas com que batem para o ether da candura virginal; azas que as levam em vôos por esse mundo fóra, plantando por toda a parte o *home* do saxonio, dando-lhe encanto, amor e paz, nas horas agrestes da lucta cruel da vida.

Basta, porém, de creanças. Vamos á gente.

John Bull, o typo caricatural do *Punch*, não se pode dizer que já hoje seja o *representante* dos londrinos. John Bull ficou provinciano. Desabrochando, o botão de flôr produz agora uma creatura diversa. A creança de leite e rosa, que dava uma cara de *bull-dog* sobre um corpo espesso de marchante, com o ventre proeminente, as botas de canhão, n'uma attitude insolentemente pesada, dá, agora que meio seculo de força universal e riqueza incomparavel actuaram sobre a raça, um typo mais vivo, mais agil, mais adelgaçado. Mais *sympathico*? não sei. Ha menos bonhomia. O olhar fixo e brilhante, como o dos felinos, está denunciando o character feroz da vida moderna, alheia ao repouso e á estabilidade dos antigos tempos, em que John Bull socegado lavrava como *farmer* o seu campo, descuidadamente. Hoje tem de viver por força no torvelino da cidade, tem de se industrialisar, deitando-se, na grande floresta dos homens, á caça da lebre que se chama li-

bra, sob pena de ficar para o lado, como um farrapo, no montão da miseria humana. A intensidade da vida reage sobre a anatomia do corpo. John Bull *americanisou-se*.

Mas não perdeu por isso as linhas fundamentaes da physionomia: o pescoço curto, o queixo grande de forte mastigador, o olho vivo com espessos supercílios denunciando os *animal spirits* do seu temperamento colerico, o perfil acarneirado com um grande beijo superior, signal constante da intelligencia pesada que se lhe vê sempre no ar parado da cara e na facilidade admirativa. Pode dizer-se que o inglez tem o espanto chronico. *Oh!* pronunciado assim: *A... u...* lentamente, somnambulamente, é uma interjeição constante. Teem um cattarro de nascença. Nasceram constipados, dizia-me F., com a humidade e os nevoeiros. Com effeito, dão a impressão de gente sem a noção clara do que vêem, caminhando n'uma cerração com violencia decidida.

Outra expressão corroborante d'isto, é a quantidade de *yess* que mastigam e engolem, no decurso da conversa, inspirando o som. Sorvem-no lentamente: *y... e... sss...*; ou tragam-no n'um pulo: *'es!* Mas este proprio abuso da interjeição, signal de um espirito rudimentar, dá á conversa e ao trato um tom de intimidade communicativa que não é apenas formal. Por isso mesmo que vive mais perto da natureza, o inglez tem mais lealdade, melhor humor, mais alegria espontanea: muito mais d'estas qualidades que o parafusar da intelligencia apaga nos homens; muito mais d'essas qualidades a que n'um sentido podemos chamar barbaras, e que lhe dão a consistencia, a tenacidade, a firmeza, e a força do character. Pena é que tudo isto, porém, seja até certo ponto o resultado do acanhamento comprehen-

sivo, racional e esthetico ao mesmo tempo, de um povo que não nasceu philosopho, nem artista.

Porque na bocca das mulheres, a quem pedimos principalmente outras qualidades, um *y... e... sss...*, longamente sorvido com carinho, e sublinhado pela inclinação das palpebras sobre os olhos mysticamente avelludados; um *'es!* crepitando em beijos vermelhos de romã, como beijo que o ar lhes dá; um *oh... h*, de admiração candida, ou de indignação sentida: todas essas interjeições, que na bocca dos homens nos fazem sorrir, nas das mulheres dão á conversa o tal tom de intimidade communicativa, d'onde, com o instincto dos sexos, vem o *flirt*. (A indeterminação, a nevoa, é a mesma. O *flirt* é tambem o amor constipado.)

É que o clima, em vez de excitar, deprime. Nos homens, a vida impõe o excesso de exercicio physico, e a glutoneria correspondente, com a bebida abundante. A hypertrophia da machina animal paralysa o desenvolvimento da intellectual. O ideal da vida torna-se vegetar agradavelmente; e, n'um clima ingrato, põe-se, por um esforço illusorio da imaginação, o paraizo no *home*, conchegado e bem defendido contra as intemperies. A verdade, porém, é que este ideal do *home* é para o inglez uma illusão inconsciente, como teremos occasião de notar. De facto, o instincto intimo da raça é nomada; e cada vez mais, as facilidades das viagens accentuam este traço de caracter.

Nas mulheres, porém, taes condições de vida juntando-se á sentimentalidade ingenita da raça, produzem uma combinação admiravel para lhes dar esse principado de que justamente gosam em Inglaterra, mais do que em parte alguma do mundo. É que, tambem, primam por tantos lados! E de pois, contrastam singularmente com os automatos

angulosos e hirtos, cabides perfeitos de fato magnifico, caminhando a grandes passadas, com as calças arregaçadas segundo a moda, amortalhados n'um sobretudo-sacco, de rosa ao peito, bengala de castão para baixo, e o braço adiantado em angulo recto. São os *swells* de *Regent Street*, ou de *Picadilly*; que vão á tarde exhibir-se. São quasi grotescos. A fealdade é aqui mais feia do que no continente; e o japonézismo, que dá hoje leis, impõe a extravagancia do córte. Por isso ninguem leva a palma aos inglezes, que são os alfaiates de todo o janotismo europeu. Para as mulheres, Pariz tem ainda o sceptro.

Todavia, o exterior rebarbativo do saxonio, rebarbativo por fóra e por dentro, contrasta singularmente com as suas qualidades pessoaes. A angulosidade do primeiro trato não é para mim outra cousa mais do que a *shiness* de uma gente que na corpulencia, ás vezes excessiva, conserva a pequena alma de uma creança. É um povo de *envergonhados*, por ser um povo de orgulhosos, em que uma forte vida interior (forte não quer dizer subtil, nem profunda) embaraça o desenvolvimento dos dotes de *sociedade*. Desde, porém, que o gelo do primeiro contacto se parte, o inglez apparece com as qualidades solidas e consistentes dos espontaneos. Não tem *esprit*, mas tem alegria; não sabe architectar cumprimentos, nem cerzir madrigaes, mas tem uma franqueza de trato sobriamente affavel. Os lados bons apparecem retemperados pela educação; os inferiores comprimem-nos com naturalidade. As relações são mais firmes, mais naturaes, mais sérias. O homem que se chama *fino*, em parte alguma o é como aqui; nem mais completamente do que entre o povo que á palavra *gentleman* ligou inseparavelmente as idéas de boas maneiras e de dignidade pessoal. No conti-

nente, o *homme du monde* pode ser um refinado patife, tido e havido como tal.

VII

Muitas vezes fui, como toda a gente, a *Hyde Park*, de tarde aos dias de semana, depois da missa aos domingos. De tarde, vae-se de carruagem ou a cavallo; depois da missa, vae-se a pé. Não fica bem passear de carruagem ao domingo no *Park*. Amon-toa-se a gente no *corner*, em volta do tapete de relva que veste o comoro onde Wellington, gigantesco e nú, empunha o seu facão, n'uma attitude de Alcides de feira.

O *Park* é um simulacro de campo. Estende-se tambem a vista n'um banho de verde fofo. São as mesmas arvores, nobremente copadas, destacando a sua folhagem espessa e escura nos horizontes de relva, com o mesmo encinzeiramento de ar azulado entremeiando os massiços da vegetação arborea. São os mesmos ramilhetes de rhododendrons e azaleas, com o seu colorido metalicamente roxo ou rubro, engastando-se nos tapetes esmeraldinos. São ainda os carneiros, pastando em rebanho. Vacas não vi, mas é facil que haja. São finalmente os grupos de creanças jogando sobre a relva, ou de rapazes exercitando-se no *cricket*, ou no *foot ball* — *on the green*.

Deixemos, porém, isso: outra vez fallaremos do *sport*. Agora vamos ao *Park* para observar os cavallos e as mulheres, os dois productos mais finamente caprichosos, mais superiormente requintados da civilisação ingleza.

Eu não sou o que se chama um homem-de-cavallo: por isso, de certo, não pasmo de admiração

perante esses animaes esguios, com um desenvolvimento forçado dos membros posteriores que faz lembrar o kanguru, com umas pernas delgadas que parecem andas, com uns peitos enormes para permitir a respiração ampla nas corridas de fundo. Não sou homem-de-cavallo: não me extasio deante dos typos dos *thorough-bred*, machinas produzidas por uma arte longamente exercitada com a selecção, o *training* e a hereditariedade. Não me extasio, antes pelo contrario me custa a conter o riso, sem duvida irreverente, quando vejo sobre uma d'essas gruas, de longo pescoço avançado, um velho *gentleman* ventripotente, de cara rapada e chapéo caído sobre a nuca, trotando por hygiene — receita-se muito o *riding* contra a obesidade — ou sobre outra grua escarranchada uma cegonha negra, toda ossos, com o perfil agudo como uma navalha de barba, suissas pendentes, ao peito uma grande flôr, e no topete um chapéo irreprehensivelmente lustroso. Ai, de quem não manda brunir o seu chapéo cada vez que sae!

— Somos o povo mais bem vestido da Europa; dizia-me grave, compenetradamente, certo cavalleiro com quem me achei mais de uma vez em *Hyde Park*.

Mas quando o cavallo, cujo pello reluz tanto como os chapéos dos homens, galopa elasticamente sobre a pista de *Rotten-row*, levando em cima de si uma virgem loura, de olhos garços, vestida de negro, anjo transformado em centauro, sylphide com musculos de aço, que passa, deixando-nos em duvida sobre a exactidão da realidade humana, eu, sem ser *de cavallo*, não posso deixar de sentir dentro de mim alguma cousa parecida com o entusiasmo.

Em boa verdade, a *miss* loura, de olhos côr de pervinca, profundamente doces, com o busto del-

gado a desabrochar na elegancia spiral da fôrma esbelta; com a pelle avelludada de uma orchidea, a seducção no sorriso angelico, a virgindade a saltar na vermelhidão subita da face, e a modestia escripta (tantas vezes, ai! em lingua arrevesada) no descer das palpebras franjadas de pestanas longas: a *miss*, loura imagem da innocencia, Eva incapaz de cair, cujas palavras soam como notas *crystallinas*, e cujo olhar tem canduras ineffaveis: em boa verdade, dá vontade de a gente cair de joelhos diante d'ella, não como diante das mulheres, mas sim com a adoração devida aos cherubins.

São, com effeito, ellas e os *thorough-breds*, os productos artificiaes superiores do requinte inglez. São o que a raça tem de melhor. São ellas que deram esses typos idealmente encantadores de Shakespeare: Virginia, Imogenia, Desdemona, Ophelia, Julieta; ou de Dickens: Esther, Agnes. São a mais bella e mais perfeita flôr feminina, emquanto a mulher é apenas a poesia da mocidade etherisada. Para isto, ninguem leva a palma á *miss* loura. Ha louras no continente: as allemãs; mas são espessas e desenxabidas. Para virgens, as inglezas. D'ahi tambem a acceitação que teem as madonas *pre-ra-phaelitas* de Millais e dos pintores de hoje.

Mas, ainda assim, e apesar do orgulho que os inglezes têm das suas *misses*, esse culto é excedido pela veneração prestada unanimemente á verdadeira matrona, ingleza *accomplished*, cujo fim na vida é satisfazer a todas as conveniencias e ritos sociaes, dando a seu marido a plenitude de uma satisfação pretenciosamente encatharroada, e de uma felicidade perfeita a ponto de se morrer de tédio.

Porque a efflorescencia das *misses* dura apenas um instante. A belleza era a *do diabo*: estava na frescura da pelle, na ingenuidade do olhar, no bri-

lho dourado dos cabellos. Sob a pelle avelludada enrijam-se ossos duros. As faces pouco a pouco tomam uma expressão cortante, como a d'aquellas senhoras, já mães, que passam na sua caleche tirada por uma parelha esplendida de trotadores scandinavos. O viço murchou, e, como a belleza não era geometrica, principiam a desenhar-se physiognomias que não promettem. O ar corta-lhes a pelle, as faces engelham, com veios e marcas marmoreas; os narizes, ou se afilam como navalhas, ou se abatam côr de tomate. Lembram umas vezes o bife cru; outras vezes, sob os cabellos ruivos, mais ou menos pintados, folhas de cepa tisanadas pelo sol do outomno. As boccas afeiam-se, os dentes investem, avançando salientes, carnivoramente. A pé, attingem por vezes o limite da fealdade grotesca, suspensas nas pernas como em andas, com pescocõs esgalgados de gansos. É de a gente gritar por soccorro, reconhecendo a propriedade com que o Garrett dividia a humanidade em tres sexos: o masculino, o feminino, e o das velhas inglezas.

Faz chorar as pedras lembrarmo-nos que n'isto se tornaram as louras *misses* de olhos doces, côr de pervinca! É verdade que tambem as ha que parecem bonecas de Nuremberg, com olhos de vidro e miolo de serradura. E a transformação do anjo nos seres para que não acho nome, tambem por fórma alguma é infallivel. Ha bonissimas mulheres, fructos mais ou menos maduros, que resistem, sabe Deus á custa de quantos recursos de toilette; mas a regra, desgraçadamente, é deploravel.

Fôra de *Hyde Park*, a pé, nas ruas, vêem-se mulheres ainda, e em que enxames! É por ahi que se afere a falta de senso esthetico da população. As senhoras elegantes vestem-se, como em toda a parte,

por modistas parizienses. Mas a ingleza-ingleza, cujo paladar reclama carne coberta de sal, nadando em molhos que arranham as guelas: essa reclama tambem, para a vista, as côres garridas. Abusam excessivamente do amarello côr de ouro fulvo, e do vermelho que espanta os touros. É verdade que o clima, sem sol nem luz, esbate a crueza das côres, e torna inimpressionaveis as meias tintas. Talvez provenha d'isto a falta de sensibilidade nervosa da vista e do olfacto. Talvez d'essa falta provenha a facilidade com que são fleugmaticas.

Fleugmaticamente, as mulheres caem aos molhos na devassidão. E o vicio, como a fealdade, pareceu-me, e é, aqui mais funebre. Respira-se um ar morno de concupiscencia. A' chamma crua do gaz, ou ao clarão sepulchral da luz electrica, nas voltas irregulares das ruas a oeste de *Trafalgar square*, em torno de *Hay-market*, sob as arcadas de *Pall Mall*, no começo de *Picadilly*, para cima, na encruzilhada, ao longo de *Regent Street*, e para o lado opposto, na embocadura do *Strand*: Nelson do alto da sua columna, mais os seus quatro leões assyrios, presidem a um mercado da mesma especie, e maior ainda, do que o dos velhos templos baby-lonicos.

E' então que Londres tem um aspecto verdadeiramente oriental: quando a orgia, sob a égide da policia, larga o vôo desenfreado, e os grupos de bacchantes vão correndo nos passeios das ruas, atirando ao ar os seus risos, de braço dado a embriaguez com a luxuria, por entre os clarões spectraes da luz electrica, ou sob a illuminação dura do gaz, abafada pelas trevas do ar pezado. A onda que vae rolando, engrossa com rios femininos que desembocam. Aqui é o salão vastissimo do restaurante *St. James*, que se fecha; além é a *Alhambra*, onde

O espectáculo acabou; em frente, o *Empire*, que por ponto á exhibição lasciva dos bailados deslumbrantes. O mercado da carne augmenta, e com egual voracidade o inglez engurgita o *joint* e o amor. A onda rola, as ruas vasam-se. Como espectros, ou almas penadas, as retardatarias vão arrastando o seu andar estonteado, offerecendo o seu sorriso lugubre. E, todavia, contraste immundamente horrivel, tambem aqui apparece Imogenia, ou Virginia, com os seus cabellos louros como trigo maduro, e os olhos côr de pervinca, avelludadamente dôces...

É a usura, o desperdicio, *wear and tear*, de uma sociedade naturalista por impulso do temperamento violento, moralisada por um esforço da vontade mystica. Entregue a si, se podesse esquecer o respeito constitucional por Deus e pela lei, o inglez era (e tem-no sido, sempre que pôde) um touro sem canga, um cavallo sem freio. Não tem a moralidade ingênita, natural, facil, como os povos em quem predominam os instinctos racionaes. N'elle, o predominante são os *animal spirits*, contidos e enfreados por uma disciplina que voluntariamente impõe a si proprio, sem todavia ter consciencia completa do acto. É o instincto da conservação que lhe dicta a moral e a piedade religiosa. D'esta sua inferioridade vem a sua força; porque a sociedade tem, no respeito e na gravidade, o cimento de uma cohesão mais solida; ao passo que o individuo tem uma energia propulsiva maior, do que outro qualquer europeu.

E esta mesma observação, isto é, a co-existencia do naturalismo e de uma religiosidade instinctiva, explica o culto que rendem ás suas duas melhores obras de arte: os cavallos e as mulheres. O cavallo é o primeiro instrumento do *sport*, onde o naturalismo principalmente se affirma pelos costu-

mes. A mulher é *Hestia*, ou *Vesta*, a deusa do lar domestico, senhora ou rainha do *home*, d'onde reina, disciplinando a vida, submettendo o luctador ao regimen, muitas vezes mal soffrido, da moral, ou do *cant*.

VIII

Um dia, saindo eu de Londres, em excursão a Richmond, arrabalde a sudoeste, obra de quinze kilometros do coração da cidade, que é *Charing-Cross*, tinha embarcado na estação da ponte de Londres, e vinha com os ouvidos cheios do borborinho extraordinario da *City*, onde por vezes as ruas se veem litteralmente atulhadas de gente e de carros de todas as especies. Occorriam-me as idéas geraes ácerca da actividade e do espirito pratico dos inglezes, e embalado pelo rodar monotono do comboio, ia digerindo a minha admiração indolente, quando, por acaso, fixo a vista em um *aviso*, que em frente de mim tomava a carruagem de lado a lado: «Os passageiros são advertidos de que este compartimento é feito para conter dez lugares, cinco por cada banda.»

Acordei.

É este o espirito pratico? É isto actividade util? Dezoito palavras, quando bastam duas? No continente escreve-se: «dez lugares», e toda a gente entende que são os do compartimento, e que tem de ser metade por cada lado, e que o aviso é destinado aos passageiros. Lembrei-me então do titulo de uma comedia de Shakespeare: *Much ado about nothing*, que se traduz por esta fórma: «Muita bulha para nada.» Toda esta gente, com effeito, se agita immenso, não direi para nada, que seria ab-

surdo; mas para pouco, pois é pequeno, relativamente, o rendimento util da actividade, a que falta a direcção eminente de um instincto racional, ou synthetico. A maxima do *time is money* é um erro completo, porque ninguem desperdiça mais o tempo por falta de methodo.

Gastam-no inutilmente, não na ociosidade, pois se agitam sem cessar; mas gastam-no sem saberem utilisal-o intelligentemente. Em primeiro logar, o dia util não tem mais de oito horas: das nove ás cinco. Depois, as verdadeiras viagens em caminho de ferro, em *underground*, em omnibus, em *cabs*, levam horas. Depois, o comer: só o *lunch* toma uma hora, pelo menos. Em somma total, o negociante da *City*, que leva de facto uma vida de cão, não trabalha reproductivamente mais de quatro ou cinco horas. O resto vae-se em viagens e corridas, porque se vive a leguas de distancia; vae-se na *toilette* e nos banhos; vae-se em comer, que é um dos serviços mais violentos; e a noite leva-se a digerir, pesadamente, com o copo de *whisky and soda* ao lado, o olhar apagado, o cerebro embrutecido, *plastron* irreprehensivel, *smoking*, ou casaca, de rosa repolluda na lapella. Francamente, um tal modo de comprehender a vida é singular.

Eu sentia-me feliz por não ter nascido inglez.

Consumir os cincoenta annos de vida, que nos são dados, a agitar-me como um escravo, ganhando dinheiro com que encher de mais o estomago, para cabacear bem as *soirées*, paramentado de gala—parece-me absurdo (confesso-o timidamente) absurdo e pouco pratico.

E com isto, tinhamos chegado a Richmond.

Descemos a almoçar no *Star and Garter*. Que admiravel panorama! O dia estava excepcionalmente bello, o ar claramente azul, e dos terraços magnifi-

cos do palacio, as ondas espessas do arvoredado enro-lavam-se, descendo até ao Tamisa com uma nobreza grandiosa que me fazia feliz. É verdade que o almoço era excellente, e o appetite egual.

De todos os sitios classicos dos arredores de Londres, Richmond, o passeio favorito dos londrinos, parece-me o mais naturalmente bello, justificando assim o nome que antigamente tinha: *Sheen*. O nome de agora vem de ter sido adoptado para residencia, no principio do seculo XVI, pelo fundador da dynastia dos Tudors, Henrique VII, que era duque de Richmond. E pareceu-me talvez bello tambem porque, desde muitos dias, era a primeira vez que me via livre de agitação contundente da capital carthagineza.

Um domingo que fui a Hampton Court, mais adiante, além de Kingston, tambem sobre o Tamisa, o caso mudou completamente de figura. Achei-me com uma caravana que ia ver o palacio: um comboio cheio de gente. Iam gravemente, como quem vae cumprir um dever. Não se ouvia uma voz mais solta, nem um riso. Via-se que iam em familias. Era domingo, e o dia do Senhor não se fez para folias. Só pude perceber alguma *flirtation* contida, entre os moços da caravana. A gente idosa parava, como cegonhas, de pé no ar, que se não sabe se dormem, scismam, ou observam, diante dos muros de tijolo, coroados de torres e ameias: muros de um tom negro avermelhado, em que a hera, trepando, destaca as suas rendas verdes de folhagem brunida.

No arco da entrada cartazes impressos em grossas letras recommendavam aos visitantes que andassem com ordem e socego: *orderly and quietly*. Esta recommendação, para além do canal, seria ridicula, ou pleonastica. Entrámos pelo terreiro do

relogio, *clock court*; e esta fachada, com a que tem o nome do constructor do palacio, o cardeal Wolsey, são as do sul e de oeste, ainda em estylo Tudor. A impressão já recebida em Londres repetiu-se aqui: é a architectura nacional; é a que diz com a côr do ar, e com o conjuncto da paizagem.

A dyssemetria dos corpos de construcção, as reentrancias repetidas, as torres colladas aos muros, fendidos por janellas enormes, e a côr do tijolo mordido pelo tempo: tudo isso se encastôa bem n'uma natureza ao mesmo tempo opipara e hostil. Sente-se a propriedade da defeza segura contra um clima ensopado em agua, destinado á vegetação. A morada do homem tem o quer que é de vegetal tambem: parece feita de troncos de arvores; parece um bosque, na irregularidade das linhas com que se contorna no ar.

Dentro d'esses muros a vida bate a compasso com a natureza quasi tragica d'estes céos. Dentro d'esse palacio, que, para se salvar uma vez a si, o ministro teve de dar ao rei, curtiu Henrique VIII a sua orgia, e Cromwell a sua furia de ambição. Hampton Court evoca-me ao espirito a horrorosa tragedia ingleza, amassada com amor e sangue, n'um festim de barbaros. E quando olhava para a caravana dos meus companheiros mudos, de cabeça erguida como grous, via-lhes nas caras obtusamente paradas fuzilar uns olhos felinos, moverem-se os queixos espessos murmurando sons gutturaes, e comprehendia a possibilidade de um regresso aos tempos antigos, ou pelo caminho de uma pobreza, inverosimil de resto, ou pelo caminho paralelo do desenfreiamento na riqueza.

Foi dos sitios em que mais aprendi a conhecer a Inglaterra, Hampton Court. E foi por isso mesmo que não vi, pode dizer-se, a galeria de pinturas que

o palacio encerra, e a que foi destinado desde que, no tempo de Jorge II, deixou de ser habitação real. Vi, porém, o quarto de dormir da rainha Anna, semelhante ao de Luiz XIV em Versailles, e a todos os quartos de cama regios, d'esse tempo em que os monarchas eram *soes*, apparatusamente theatraes nas scenas dos seus respectivos reinos. É monotono.

E sob esta impressão descia eu, e commigo a caravana, sobre o terraço da Fonte que dá contra os jardins.

Que mudança, abençoado Deus! Que singular semsaboria! Cá estamos com os classicismos francezes, superficies lisas, linhas batidas, tympanos, cornijas, arcadas, symetria, regularidade, elementos de uma architectura que, ainda quando perfeita, e esta está longe de o ser, só se compadece com o ar secco e limpido, com o chão escaldado e vermelho, com o terreno accidentado que levanta nos seus hombros herculeos, como um remate ideal, a linha de uma columnada sobre que assenta o triangulo do frontão, destacando-se triumphalmente no fundo luminoso do céu côr de saphira.

A minha Inglaterra tragica de ha pouco apparecia-me caricata. E então a caravana dos visitantes provocava em mim gargalhadas que engulia, quando, immoveis como cegonhas, olhavam com pasmo imbecil, grunhindo respeitosaente:— *Beautiful... magnificent...*

Dando costas á fachada, alonguei-me pelos jardins, construidos tambem á moda franceza de Le Notre, porque, d'este lado, Hampton Court é um arremedo de Versailles. São os mesmos arruamentos com pilastras e estatuas, o mesmo arranjo geometrico, os mesmos lagos quadrangulares ou circulares, piscinas bordadas por balaustradas, contra as quaes cavalheiros e damas, vestidos de seda e em-

poados, trocavam madrigaes galantes. O jardim é um salão ao ar livre, onde se passeia, ou se conversa em sociedade. Mas isto, que é tão francez, tanto d'essa gente inventora da vida amavel, como ha de quadrar ao inglez mysantropo, á força de ser subjectivo, em um clima ensopado em agua? Como ha de haver sociedade ao ar livre, se o ar livre é tão insociavel, como o genio d'estes insulares?

Assim como a architectura *tudor*, em que o palacio é a ampliação da choupana, ou o aggregado de muitas choupanas, formando massiço: assim o jardim adequado ao genio e ao clima da Inglaterra é a imitação do bosque, onde o homem se encontra a sós com a natureza. E se os palacios *tudor* são bellos, no seu genero, os *parks* inglezes chegam por vezes a ser maravilhosos. Ha um instincto e um gosto particular para a architectura das arvores, das relvas e das flôres, com os lagos quasi naturaes, serpenteando por meio de collinas levemente onduladas, com as veredas destacando-se tortuosamente para o seio dos massiços mysteriosos de verdura, onde os pares se perdem *flirtando*, ou os casmurreos se entregam ao ruminar da sua mysantropia *spleenatica*.

Isto sim: isto vae á Inglaterra, que mostra o seu juizo na decisão com que acabou de vez com o classicismo architectonico, só adequado aos paizes luminosos, e com os jardins francezes, só proprios da gente sociavel. Para estes homens fortes e mysticos, inacessiveis ao idealismo, a casa é um reducto, o jardim é um bosque, a cidade é uma aggregação de casas. Como falta o sol creador, falta á alma o nexo unificador de todos os aspectos das cousas, para introduzir ordem e harmonia no seu systema, creando-as por assim dizer de novo, como invenções do pensamento. É por não terem sol, que os

inglezes não podem ser, nem philosophos, nem artistas: falta-lhes a scintilla do espirito synthetico.

IX

Outra das minhas excursões foi a Sydenham, ao palacio de crystal, em uma segunda feira, *bank holiday*, dia santo do commercio, um dos cinco ou seis que Sir John Lubbock fez votar pelo parlamento em beneficio dos caixeiros que se querem divertir. Fui n'um enxurro de rapazes a Sydenham. Era uma sociedade grosseiramente alegre, de caras ainda semi-pau, na transição de crianças para homens. Brincavam na carruagem, empurrando-se, esmurrando-se; gritavam e riam, escancarando a bocca; via-se que não tinham especie alguma da delicadeza instinctiva, tão frequente ás vezes nas plebes continentaes. Pareciam-me brutinhos soltos.

Quando esta onda humana se despejou no grande monstro de ferro e vidro, já lá dentro o enxurro de gente atroava os ares com o seu estrepito, balouçando-se em vagas espessas pelas naves e galerias do ventre medonho do cetaceo.

Ora eis aqui um monumento genuino do nosso tempo, e o espectaculo exacto da democracia coeva. Pode desagradar, desagrada de certo, ao paladar requintado; mas incontestavelmente é grande, e n'um sentido grandiosa, esta assembléa de centenas de milhar de gente. Um inglezão abrutado dizia-me com os olhos humidos de prazer:

— *One might live and die here, sir!* Póde viver-se e morrer-se aqui. Esta phrase é, quanto a mim, épica.

Sydenham, com effeito, é o templo popular de Londres. Ahi vivem e gozam. Ahi lhes proporcio-

nam de graça, na communhão franca de todas as classes, aquillo que passa por ser o alicerce da civilisação. Vê-se ahi o mundo em *fac-similes*. Todas as obras primas da estatuaría de todos os tempos estão alinhadas ao longo das galerias. Todas as architecturas estão reproduzidas. Ha templos egypcios, fachadas gregas, construcções byzantinas. Ha Pompeia, ha representações do estylo italiano, do gothico, do tudor ou elisabethiano; ha uma Alhambra com o seu pateo dos leões; ha não sei que outros monumentos, e tudo do tamanho natural, dentro da couraça gigantesca de vidro que se levanta, como um céu artezado de ferro, a cincoenta metros de altura.

Depois ha jardins com arvores verdadeiras dos tropicos; ha lagos; ha collecções de raças humanas e bichos empalhados; ha galerias onde se veem mascarradas por cópia as obras primas da pintura; ha exposições de todas as coisas imaginaveis, n'uma confusão estonteadora de bandeiras garridas, de flores, de folhagens, de cartazes de todas as côres e annuncios suspensos — Capharnaum medonho, dando-nos a idéa da enorme confusão obscura do espirito popular contemporaneo. *One might live and die here!*

E no centro d'esse palacio, cujo perimetro mede duas milhas, cujo recinto poderia conter uma villa, cuja altura resguardaria as torres mais altas, ergue-se a cupula gigantesca, dupla da de S. Paulo que é a segunda do mundo; e sob a cupula, ao centro, o órgão monstro, e o amphitheatro onde quatro mil musicos da *orchestra de Haendel*, entoam a pulmões largos o *God save the Queen*, no meio do susurro quasi cosmico que o palacio de todos os lados expelle de si, pelas centenas de milhares de mãos, de pés, de boccas, da população enxameante.

Não me será dado provavelmente vêr espectáculo mais colossal como expressão democrática, nem até creio que exista. Sae-se estonteado. E ao sair-se, a natureza parece mais bella. Dir-se-hia que emergimos de um pezadello. Os jardins são, como sempre, magnificôos; os tapetes de relva convidativos; e se não fôsse o grande fogo de vistas, armado em frente, para a noite, o panorama seria delicioso, sem todavia ser novo. O campo é sempre o mesmo, com a mesma côr, as mesmas arvores, e a monotonia constante. Do fogo de vistas, estou eu livre.

Não me livro, porém, antes pelo contrario, do espectáculo da kermesse que vae pelo *green*, em frente dos terraços do palacio, á plena luz do sol. Dos flancos do cetaceo escamoso de vidro escorrem bandos alegres que, soltamente, sobre a relva, comem, bebem, amam com ternura. Para um lado dançam *jigs* n'um batuque semi-selvagem, ao som do *banjoo*, que é uma guitarra com uma roda de pandeiro em vez de caixa acustica, instrumento roufenho tomado aos negros da America. Para outro lado entornam-se garrafas de bebida e devora-se: o chão fica alaistrado de papeis enebados. Para outro lado, estendidos na relva ao longo, corpo contra corpo, e abraçados, rapazes e raparigas, aos pares, mordem-se com beijos, rindo. Nunca observei d'isto, de dia, em Portugal, á luz do sol. O que será de noite, quando o fogo de vistas estalar?

E detraz de mim levanta-se até ás nuvens o monstro immenso e pardo de vidro e ferro, em escamas sobre que o sol, já descendo para o poente, dardeja raios incendiantes. A crusta do cetaceo treme com a algazarra que lhe vae lá dentro; e á pôpa e á prôa, nas duas extremidades da cathedral nova dos *cockneys*, levantam-se para o céu as duas torres chi-

nezas do palacio com as suas campainhas de côres, faiscando no ar.

Deveras, tive a visão de uma futura Europa chinesa, quando as democracias estiverem todas civilisadas pela bitola d'esta; e ao partir não pude deixar de rogar uma praga a Paxton, o inventor da *machina*, tanto mais que lhe puzeram um busto medonho, quadruplo do tamanho natural, sobre um pedestal egypcio, no meio das relvas onde os pares se rebolavam aos beijos.

É desculpavel, portanto, que voltasse de máo humor a Londres, vestir-me, para o jantar em *Hurlingham club*, a que fôra convidado.

Ceguei depois de uma hora de carruagem pela longa avenida que prolonga a rua de Piccadilly. Nada contrastava mais, do que a minha manhã e a minha *soirée*. N'um pulo passava de uma *kermesse* popular para uma *party* de gente fina.

Hurlingham é um *sporting club* onde se joga o polo, no meio de um *park* semelhante a todos os *parks*. Á noitinha já, quando chegámos para o jantar, a sombra das arvores, indistinctas quasi, projectava-se n'uma nevoa acinzentada, e os campos envolviam-se em tons singularmente amarellados. O crepusculo n'esta latitude e durante a *season*, em junho, supprime quasi por completo a noite escura. Mal o dia acabou de se apagar de todo a um lado, que a alvorada já começa a aclarar do outro. Os effeitos de luz, n'um ar sempre mais ou menos humidamente espesso, lembram Rembrandt.

Em um salão, sobria, mas elegantemente mobiliado, seriamos umas cincoenta pessoas, em duas mesas. Comia-se o que se come, e como se come, entre civilisados, regado tudo com *Champagne*, á moda ingleza. A amabilidade era muita, a distincção grande, portanto a communicabilidade entre vi-

zinhos completa. Seríamos em numero egual, homens e senhoras. Um velho militar projectava uma partida de *yatch* nas costas da Peninsula, e perguntava-me cousas sobre Vigo, sobre o Porto, sobre a Figueira e sobre Lisboa. De passagem celebravam-se os *whitebait*s, prato obrigado de todas as *parties* suburbanas. As senhoras fallavam da *season*, das modas, de Ellen Terry no *Henrique VIII*, dos *cancans* de occasião; os homens discutiam a probabilidade da victoria de Gladstone e dos *tories*, nas eleições que iam ter logar em breve. Era, não podia deixar de ser, como em toda a parte. A vida civilisada reduz tudo a um typo constante.

Passámos depois ao salão do café, depois ao da musica, onde tocavam essa noite umas *czardas* húngaras. O que vira não modificava as minhas idéas anteriores. A ingleza, bem construida, tem uma *rude unfeeling health* que lhe vem da intimidade com o cavallo, e dos longos passeios a pé no campo. Mas, salvas seductoras excepções, o que lhe succede á pelle, ao nariz e aos dentes, é a consequencia da sua missão no *home*. Casa-se um anjo esbelto e louro, e ao cabo de dez annos, e depois de dez filhos, está uma matrona espessa, muito senhora do seu nariz, — o que não é dizer pouco. Sem duvida, uma tal regra tem excepções; e as mundanas, quando querem fugir ás consequencias, sabem o modo de evitar os perigos, prolongando a belleza á custa de sacrificios. Os medicos tiveram sempre em Inglaterra uma acção decisiva para estes casos; e agora os cirurgiões gynecocratas supprimem os ovarios com uma impunidade inteiramente satisfactoria.

Apesar da naturalidade e da distincção das maneiras, o inglez medianamente fino tem o quer que é de desengonçado e contrafeito, que, a meu ver, provém do character artificial da sua civilisação. Se

se raspa, vê-se o barbaro: em primeiro lugar pelos limites da sua comprehensão das cousas; em segundo lugar, pela preocupação constante do effeito que faz. *The Show*, a apparencia, é, n'esta gente inventora do *cant*, um instincto adquirido que se revela ainda na affectação, aliás ingenua, da excentricidade. Ainda quando se propõe a investir com os usos, ainda n'isso, o inglez demonstra como obedece a uma *pose* inconsciente. A mania perdularia e o luxo de gastar dinheiro, filiando-se n'este facto, enraizam-se tambem no orgulho subjectivo e no character inevitavel de uma civilisação mercantil, em que o *sovereign* é deus, e a pobreza uma deshonra. A grande preocupação, em ambos os sexos, é não ser vulgar. Teem o instincto *parvenu*.

Quando á noite recolhi ao *Savoy*, ceiaava-se no salão, profusamente illuminado a luz electrica, entre palmeiras espadanando fitas para os tectos de estuques polidos, contra as paredes e pilastras vestidas até meia altura por *lambris* de nogueira esculpida, e d'ahi para cima por guadamecins incrustados a ouro. Nas pequenas mesas de quatro pessoas, por entre as quaes os creados gravemente perpassavam, havia dois pares: os homens em *toilette* de noite, as senhoras decotadas, com brilhantes. Bebia-se Champagne. Não quero saber se tudo eram senhoras, mas o facto é que tinha um ar sério e composto. Via-se que estavam representando, o que é inteiramente diverso de divertir-se. Entretanto, como em gostos não ha disputas, cada qual diverte-se como pode, ou como lhe agrada.

Entre a *kermesse* de Sydenham e a ceia do *Savoy* ficou, portanto, inscripto o meu dia. Londres faz quanto pode para se tornar uma terra alegre.

X

O dia amanhecera escuro e chuvoso. O horizonte, da janella do meu quarto, não media duzentos metros. Entrevia já, como se fosse longe, envolvida em uma nevoa parda, a rotula da ponte de Charing Cross, onde os comboios passavam rodando como um trovão surdo. . . Repassava na memoria as conversas da vespera em Hurlingham-club, e ia formando o meu juizo sobre o character singular dos inglezes. Duas meninas, que aliás não pertenciam á classe das bellezas, tinham sido as minhas companheiras á mesa. Convém dizer, de passagem, que na sua preocupação de classificar tudo e tudo hierarchisar, os inglezes crearam a quasi instituição das *professional beauties*. Quando uma senhora conquista a reputação de belleza official e consagrada, passa a occupar um logar certo na sociedade. Tem uma *profissão*. Fica mal, quasi, não a reconhecer; porque um dos traços contradictorios do character d'este povo, tão pessoal e subjectivo, é a profunda submissão a tudo o que se acha estabelecido. São conservadores no sangue. A docilidade formal corresponde á personalidade psychologica. A *professional beauty*, consagrada pela opinião, é tão indiscutivel, como a rainha, ou a religião: duas cousas sobre que o inglez não consente graças.

É que, ao lado da sua fé, e da realza em que põe o orgulho social, o inglez tem, e com motivo, uma vaidade intima da formosura das suas mulheres. Foi um dos poucos lados por onde percebi que o senso esthetico penetra no espirito da raça. A mulher, que tem aqui um verdadeiro culto, como genio

do *home* e encanto do lar, é considerada também como a mais bella obra de arte da natureza. E, no seu orgulho ingenuo, os inglezes, assim como não admittem terra superior á sua ilha, nem cousas melhores do que as cousas d'elles, também crêem que o *typo* absoluto da belleza feminina nasceu aqui.

— Vae vêr as mulheres mais formosas do mundo! dizia-me, impando, um *gentleman*, ao levar-me um domingo, depois da missa, ao *corner* de *Hyde Park*.

E, circumstancia singular em que o inglez, nebulosamente, confunde os seus sentimentos: a monarchia é para elles feminina. Os seus dois grandes reis são mulheres: a rainha Isabel, cujos dias foram de ouro, *golden days of good queen Bess*; e a rainha Victoria, cujos dias são, com effeito, os do maximo poder, da maxima riqueza, da maxima força da Inglaterra. E, todavia, nenhuma d'ellas foi *professional beauty*...

Não era esta especie da belleza *professional* que me passava agora pela idéa; era a alegria franca, a simplicidade ingenua, o *merriment* candido, com que as mulheres, desde que se quebrou o gelo do primeiro encontro, fallam e conversam comnosco em um tom de franqueza e abandono, evitando ao mesmo tempo os equívocos de mau gosto e a affectação delambida. Ha uma naturalidade completa que se gradua, é claro, pelos annos, pela condição, pelo estado: desde a timidez propria das edades que por aqui terminam nos limites da infancia, até á experiencia que se encontra com a velhice. Mas a conversa tem isto de bom: que não fatiga, por não ser essa especie de duello em que as mulheres, sentindo-se ouvidas, pretendem sempre á agudeza, e consideram a sala em que pontificam como um palco de *theatro*...

O tempo escuro que fazia explicava-me a preoc-

cupação dos inglezes pelo *home*, a sua sciencia do *comfort* domestico, e d'ahi o character intimo e psychologico do seu genio. Como hão de ser pantheistas, como hão de ser idealistas, se a natureza lhes é tão semsabormente adversa! Dentro de nevoeiros que cegam, sem poderem vêr um palmo diante do nariz, como hão de ter a comprehensão communicativa do ar e da paizagem! Ensimesmam-se, pois; contraem-se, recolhem-se, como o caracol á concha. Uma casa conchegada, uma boa mesa que, na meia luz da sala, resplandece illuminada como um altar de jaspe, em volta a familia, os filhos, botões em flôr, a mãe serena e grave, detraz os creados apumados, comida forte e solida, bons vinhos, muitas flôres — não é isto a felicidade? Convencem-se facilmente de que é.

Mas como essa ventura é feita de artificios e n'elles fazem consistir a civilisação, o espirito não pára. Depois da familia e da casa, veem necessidades novas: uma carruagem bem precavida contra o frio, um lugar commodo na egreja, ao domingo; depois as vaidades: uma cadeira no parlamento, e um lugar seguro no céu. E com isto uma infinidade de cousas indispensaveis: as banheiras complicadas, as retretes sabias, as cozinhas que são laboratorios, os vestuarios arrevesados; os lavatorios vergando ao peso de escovas, navalhas, thesouras, espelhos, esponjas, perfumes, crêmes; os armarios carregados de botas de infinitas especies, para cada um dos momentos da existencia; as bengalas varias para cada genero de passeio; os saccos, as malas, os estojos, os *waterproofs*, as mantas, os rôlos, os binoculos: tudo quanto é indispensavel ás viagens incessantes em que o inglez, imaginando obedecer ao seu ideal sedentario, vae impellido pelo instincto nomada irresistivel.

Tudo isto torna a vida horivelmente complicada; tudo isto absorve completamente o tempo; e esta complicação e esta absorção, juntas ao dinheiro que custa a vida assim artificialisada, fazem com que o genio do povo se esterilise na necessidade indispensavel de ganhar muito dinheiro para poder gastar muito dinheiro, a imaginar que frue dos inauferiveis gosos da ventura.

Lembrando-me da nossa vida sobria, simples e farta de meridionaes, não posso deixar de lamentar esta singular illusão, nevoeiro em que labora o espirito dos meus hospedes, mais espesso ainda do que o nevoeiro de hoje sobre o valle do Tamisa.

Depois, não é só a escravidão ás exterioridades utensiliares da vida; não é só a mania da commo-didade luxuosa levada até á tyrannia: não é só isto. É um outro vicio mais, radicado na tradição e nos instinctos violentos da raça: é a glutoneria, excitada pelos requintes da cozinha sabia. O meridional é guloso, mas o inglez é glutão na gulodice. Certamente, o clima reclama alimentos quentes e fortes. São os tradicionaes, como os fui vêr e provar na taberna classica do Simpson, o verdadeiro, no *Strand*. Serviram-me uma fatia de carne, nadando em *fat*, uma porção pantagruelica, talhada alli ao pé de uma montanha sangrenta que rolava por seu pé, entre as mesas. É excellente, com um copo de cerveja espumante, mas fica-se comido para tres dias. O *gentleman*, porém, toma isto, um *joint* ou cousa equivalente, e uma sopa antes, e além d'isso peixe, e fructas por cima e *jams*, e wisky com soda, ou vinho do Rheno, e café, e queijo... É o *lunch*. Primeiro, ás nove horas, teve o seu almoço na cama: chá e leite, biscoutos, pão com manteiga, etc. Depois do *lunch*, ás cinco horas, antes do passeio, toma-se chá e biscoutos. Depois ás oito

horas janta-se opiparamente. Depois ás dez horas toma-se outra vez chá. E, no intervallo, bebe-se *whisky and soda, american drinks, clarets*, e biscoitos, e... não rebentam!

E eis ahí está o ideal a que aspiram dois milhões de creaturas, n'esta Babylonia de Londres! Ganhar dinheiro bastante, para, com a mira no conforto domestico, gastar a vida inteira comendo, e cuidando nas futilidades infinitas de uma civilisação de *apparato, for the show*. Não admira, portanto, que tudo isto apresente um tecido de incongruências. Porque, afinal, o amor do *home* é a maxima das *illusions*. A inquietação organica do inglez faz com que o socego domestico só lhe sirva para comer e dormir. A primeira prova d'esta affirmativa que pode parecer paradoxal, está nos *clubs*, onde vivem mais do que em casa.

Abro o annuario londrino e encontro o registro de um cento de *clubs*, com a população de mais de cem mil socios, pagando joias de uma a quarenta libras e quotas desde dez shillings até quinze libras. Estes *clubs* incluem todas as classes: ha-os litterarios, scientificos e artisticos; ha-os militares e navaes; ha-os politicos; ha-os universitarios; ha-os *sporting*; ha-os commerciaes e bancarios; ha-os finalmente sem caracter particular de classe.

E que fazem os inglezes nos clubs? Vingam-se do aborrecimento domestico, digerindo e dormitando um outro aborrecimento, sorvendo *whisky and soda*, refastelados em poltronas, irreprehensivelmente vestidos, calçados e penteados, fumando *cigarretes* e chamando conversação a uma troca de monosyllabos, bocejados de hora a hora com tedio invencivel. Estão cançados do dia, do banho, da toilette, da comida, occupações *gentis*, por meio das quaes trataram, a correr, de um negocio.

Só os desperta alguma anedocta, recurso da gente inacessível á conversa propriamente dita. É um caso de *sport*, de *comida*, de cavallo, ou de mulheres, contado muitas vezes com *humour*, que é a graça amarga propria de gente tão psychologicamente desequilibrada, como é physicamente desengonçada. Só de todo acordam da sua somnolencia usual, quando se discute o projecto de uma *party*: uma excursão, ou uma viagem. Então, na esperança de satisfazer o instincto profundo do movimento, homens e mulheres erguem as orelhas: como os cavallos de raça, sobressaltam-se, vivem. O nomada apparece. E logo se desencastellam as malas, se enrolam o estojos, se enfardam as mantas: e eil-os que vão, alegres e satisfeitos na expansão intima do instincto, ou percorrer os *seats* do campo onde se inverte, ou largar para o *continente* que fingem inconscientemente detestar, ou metter-se a bordo dos vapores para o Egypto, para o Cabo, para a India, para a Australia, em viagens de *sport*, ou de simples distracção.

E com todas estas incongruencias contradictorias, os inglezes, sem terem o que se chama amabilidade de maneiras, são profundamente captivantes, obsequiosos, sinceros, e abertos no trato. É que a incongruencia, origem da affectação e da *pose systematica* dos costumes, não é um artificio raciocinado: é apenas uma consequencia das condições da vida em que se encontram.

Perguntar-se-ha, porém: mas como é que tanta incongruencia dá resultados tão estupendos? tanta contradicção produz um exito tão colossal?

Por tres motivos. Primeiro, porque operam como um elemento, exportando annualmente duzentos mil homens fortes, dispostos á conquista da terra. Segundo, porque teem na sua metropole, por dadia da na-

tureza, o monopolio do carvão e do ferro. Terceiro, porque, sendo a gente mais disciplinada e submissa, religiosa e moralmente, formaram uma idéa material da civilisação e d'ahi deram ao dinheiro o papel indispensavelmente soberano.

Por tudo isto, com o feitio affirmativo do seu genio, inacessivel á contemplação e á duvida, á especulação e á arte, teem justamente um orgulho de vencedores e um desdem intimo por tudo quanto não é inglez.

As palavras *continental*, se em casa fallam de europeus, ou *native*, se fóra se referem aos indigenas: a palavra *foreigner* em geral, como os gregos, quando diziam *barbaros*: estas tres palavras, por melhor vontade que haja, são sempre deprimentes na sua bocca.

Os proprios inglezes, residindo no continente, descem de valor. Chamam-lhes *continental Englishmen*. E quanto ao valor do *foreigner*, contou-me J., portuguez que reside ha muitos annos em Inglaterra, uma anedocta expressiva.

Um pequeno, seu filho, nascido em Inglaterra e que portanto se julgava, sem saber, tanto como os outros pequenos com quem estava brincando, vem chorando queixar-se ao pae:

— Que te fizeram, rapaz?

— Chamaram-me *foreigner*!

XI

Agora posso felizmente dar largas ao meu sincero desejo de admirar, porque, entrando em S. Paulo e em Westminster, que são dois pantheons, tenho de me curvar perante a grandeza d'este povo fadado, como o romano, para o imperio. *Tu regere*

imperio, populos, romane, memento! Tambem os romanos produziam no espirito dos gregos impressões semelhantes ás que a estranheza do caracter inglez produz em nós *continentaes*; tambem os gregos tinham de curvar-se perante o genio governativo ou imperial dos romanos, como nós hoje temos de reconhecer as qualidades politicas eminentes d'este povo, que na sua historia repete a romana, quasi ponto por ponto.

A sua heptarchia é como o periodo lendario dos reis de Roma; depòis vem a historia da sua constituição, tambem por um lado vinculada sempre á tradição, por outro procedendo gradualmente e assimilando a si os povos visinhos, até constituir a unidade politica da porção de territorio geographicamente marcado á nação. Depois vem a expansão e a conquista, pela instituição das colonias. Vem o duello com Napoleão, que lembra as guerras de Annibal; e a conquista da India, semelhante á da Africa dos carthaginezes. Depois vem o Imperio, e é ver com que orgulho os inglezes de hoje usam das palavras: *empire, imperial*.

Não me proponho, certamente, a fazer agora uma prelecção sobre o parallelismo da historia romana e da ingleza: vem isto apenas para dizer o que senti, quando entrei em S. Paulo e em Westminster. É como em Roma, a mesma sanctificação da politica, a mesma socialisação do culto. As igrejas são pantheons. Por isso mesmo se vê que não é um povo accessivel aos sentimentos metaphysicos, assim como o romano o não era; mas n'este proprio limite está o segredo da sua força. Na Antiguidade, as religiões, por isso que o espirito metaphysico não saíra ainda das noções elementares, os cultos faziam parte da constituição; e a Igreja era uma repartição do Estado, a devoção um aspecto do pa-

triotismo. Modernamente, o caso é diverso, desde que a instituição do catholicismo creou para as almas uma patria celeste, e que o reino de Deus se retirou d'este mundo. O divorcio da religião e da politica é um facto europeu, desde o apparecimento do christianismo catholico. A revolução religiosa do Protestantismo, no XVI seculo, nacionalisando as egrejas protestantes, modificou este estado de coisas no gremio da raça germanica; mas, apesar d'isso, em parte alguma do continente, nem entre catholicos, nem entre protestantes, se observa este regresso ao modo de ser antigo, como em Inglaterra, por isso mesmo que nenhum povo é como o inglez tão pouco susceptivel de visões metaphysicas, ou de enthusiasmo propriamente piedoso.

S. Paulo, erguido na collina que está no centro da *City*, sobranceira ao Tamisa, já era um lugar sagrado no tempo dos romanos. O zimborio e as columnadas que o sustentam são o modelo d'essa Londres classica do seculo XVIII, que varias vezes tem provocado o nosso desgosto. A nobreza das linhas, a grandeza da fabrica, negro como tudo está, sob um céu tambem negro e baixo, em vez de levantarem o espirito, offendem-no. Lembra-se a gente de que este arremedo de S. Pedro de Roma foi construido á custa do imposto lançado sobre o carvão de pedra das minas — e de hulha parecem, com effeito, fachadas, tympanos, columnas, frisos, zimborio, perystillos, e a propria estatua da rainha Anna, que está em frente da entrada, tendo submissas aos pés a Inglaterra, a França, a Irlanda e a America. O imperio dos bretões já no seculo XVIII era formidavel, ainda antes do momento épico de Waterloo, que foi como Zama.

E quando se entra na immensa nave, vê-se a historia conquistadora do povo inglez escripta em es-

tatuas e monumentos, perfilados ao longo dos muros e nas capellas abertas nas suas faces altíssimas. Estão alli os generaes que combateram as guerras do continente e do ultramar, presididos por Wellington, o *iron duke*, vencedor de Napoleão. Estão os Napiers heroicos, Ponsomby e Picton, Heathfield e Moore, Abercromby e Brock, e, em uma capella áparte, o monumento dos heroes de Balacklava, na guerra da Criméa. Os marinheiros teem Nelson á sua frente, com Howe, com Duncan, com Rodney e Collingwood, com S. Vincent, que é como chamam ao *nosso* Napier, vencedor da batalha do Cabo de S. Vicente, em 1833. Depois os bispos: Jackson e Blomfield, da sé de Londres, Middleton, que foi o primeiro metropolitano protestante das Indias. E apesar das lettras, das sciencias e das artes terem o seu templo em Westminster, Hallam o historiador medieval, Johnson o lexicographo, Jones o orientalista, Donne o poeta, Turner, Reynolds os pintores, Cooper o cirurgião: todos esses e varios outros, teem aqui o seu logar consagrado, como penates de um povo, no recinto do templo erguido para a oração.

Em Westminster, o logar eminente pertence aos estadistas. Na praça que está em frente da abbadia, levantaram uma estatua a Beaconsfield. No socco puzeram-lhe esta inscripção, eloquente na sua ingenuidade grandiosa: *Ever remembered for devotion to his Queen and the honour of his country.* «Sempre lembrado pela dedicação á sua rainha e á honra da sua terra.» São verdadeiramente sollemnes estas palavras simples em que, porém, se respira o genio imperial inglez. A honra da terra está symbolisada na corôa do rei.

Dentro da sômbria nave gothica estão Chattam e Pitt, Canning, Fox, Peel, Palmerston, Blair,

Baine, Cavendish, Castlereagh, Cobden, Warren Hasting, Buxton, Russell: todos, e outra vez Disraeli: a pleiade inteira dos estadistas que levantaram o monumento incomparavel do imperio inglez. Veem-se de pé, em attitudes de acção, fallando, escrevendo, ordenando, cercados pelos attributos symbolicos proprios para acordar no espirito do povo a lembrança dos seus actos e a gratidão pelos seus serviços. Ao lado dos que governaram presta-se culto aos que ensinaram ou encantaram o povo inglez. Newton dá o braço a Darwin, Herschell a Stephenson, o constructor dos caminhos de ferro. Haendel, o musico, está ao lado de Garrik, o actor. Macaulay, Mackintosh, Grote, Thirlwall, os historiadores, emparelham com Goldsmith, Thackeray, Dickens; e Shakespeare preside á pleiade dos poetas sublimes que na lingua fizeram o que a natureza fez na pelle, nos cabellos e nos olhos das virgens inglezas: o encanto do lyrismo subjectivo. É Thompson, é Dryden e Southey, é Coleridge, é Campbell, é Addison, é Burns, é Sheridan: são todos, e são innumerados.

O povo que d'esta fórma, entre os modernos, restaurou o culto antigo dos grandes homens, e não por imitação classica, mas por um instincto espontaneo e vivo, revelador do seu genio imperial: esse povo não podia esquecer o culto a um genero de heroes que só aqui tambem floresce. São os philanthropos. A santidade dos povos metaphysicos, ou propriamente religiosos, do continente, chama-se com razão, aqui, philanthropia. S. Paulo tem o monumento de Howard; Westminster, o de Wilberforce, o pregador da abolição da escravatura colonial. Nos dois templos, portanto, é facil evocar todas as phases da historia do povo inglez, e todas as faces do seu character colectivo. Tanto mais que em Wes-

Westminster as capellas estão cheias com os tumulos aristocraticos da Inglaterra medieval, narrando a tragedia obscura e forte da constituição intima d'esse povo, destinado a formar o maior imperio que o mundo jámais viu.

Assim, em Westminster, o passado se liga ao presente, e de permeio está S. Paulo, para nos dizer a chronica intermedia das navegações e das conquistas, das guerras e das viagens. Que importa, pois, que as estatuas sejam mediocres e por vezes grotescas? A impressão épica é tão forte que subalterna o senso artistico. Tambem os gregos se riam das estatuas romanas e dos templos collossaes da cidade do Tibre.

S. Paulo é, com effeito, *de carvão*; mas Westminster não é. Aquella architectura não faz mal o negro. As janellas rasgadas entre as pilastras esguias que vão terminar-se no alto, perfurando o céu de chumbo; os rendados da pedra nas frestas e rosas, os baldaquins e nichos com as suas estatuetas esfoliadas, as heras, as madresilvas e trepadeiras enroscando-se nos pilares: todo o viço vetusto do gothico, entre massiços de relva fresca e verde, casa-se com o clima e evoca impressões harmonicas, fazendo repassar na vida os annaes de um povo, que agora attinge a plenitude culminante da sua grandeza. Ou eu estava pouco aberto ás impressões artisticas, ou o espectaculo da epopéa ingleza me enchia de assombro: a verdade é que me não offendeu demasiado o caricato de muitas das figuras dos heroes. Importa, porém, dizer-se que ultimamente ha progresso evidente no gosto.

As artes ornamentaes ganharam immenso com o ensino prestado pelas escolas do *South Kensington Museum*. E tambem por este lado a inspecção dos monumentos é instructiva: as datas vão ensinando

a educação do espirito esthetico, ou antes, technico-artistico.

S. Paulo, d'aqui por algum tempo, deve ganhar com as innovações que interiormente lhe estão fazendo, enchendo as superficies lisas dos tectos, e das paredes, com mosaicos e pinturas polychromaticas simili-bysantinas, fundos de ouro onde se destacam hieraticamente as figuras piedosas dos santos. Ao mesmo tempo põem-lhe vidraças de côres nas janellas; mas essa ornamentação, tão formosamente propria nas egrejas ogivae, disparata nos templos classicos.

XII

E as vidraças coloridas disparatam tanto mais, quanto a revolução por que está passando o anglicanismo o vae approximando do feitio catholico adequado a uma imitação romana, como é S. Paulo. Vi lá um altar absolutamente catholico: frontal, cruz, banquetas de castiças com vélas accesas. Chama-se a este movimento sectario o *ritualismo*; e restaurado o rito, S. Paulo, recamado de mosaicos e douraduras, será magnifico.

Será *inglez*? Isso é diverso. Porque, sem querer entrar na psychologia do protestantismo, o facto é que ao genio mysticamente subjectivo d'estes povos é antipathica a idéa pomposa e pantheista que se faz da religião no Meio-dia, onde a natureza é communicativa. Verdade é que o protestantismo inglez, pela maneira como se formou, explorando o rei a tendencia religiosa do seu povo, a beneficio dos caprichos de um temperamento exuberante: verdade é, que a igreja anglicana ficou sempre com um caracter diverso do protestantismo allemão.

Em primeiro lugar ficou riquissima, com todos os bens antigos da egreja catholica, com dotações oparas e um estado-maior consideravel. Ainda hoje a egreja anglicana, apesar de soffrer tambem do vicio organico da sociedade ingleza, uma grande pobreza como base, nas parochias, e uma opulencia magestatica como vertice nos bispados: ainda hoje, os rendimentos de terras, vencimentos, prebendas e benesses sommam mais de sete milhões de libras¹, dos quaes menos de cinco formam a dotação das quatorze mil parochias espalhadas pela Inglaterra e Galles. Dois milhões e meio são a renda dos arcebispos, bispos, collegiadas, etc. Não ha nada mais avesso ao espirito mystico do protestantismo, do que a instituição de uma egreja aristocratisada, como a ingleza official. Por isso, de um lado, ao passo que as tendencias ritualistas progridem, em parte alguma se vê uma tão grande confusão de ritos, cultos e seitas. A commoção da Reforma abalou e derrocou a auctoridade ecclesiastica do catholicismo, pulverisando as communhões religiosas.

Os registos accusam na Inglaterra e Galles 34:467 casas de oração, e d'estas a egreja official não occupa mais de 14:077. Os registos mencionam vinte e seis communhões protestantes, e sete que o não são. Entre estas, a que conta mais templos é a dos *Latter days saints*, os «santos da ultima hora», com 222, não fallando, é claro, nos catholicos romanos, que teem 570. Os catholicos apostolicos teem 32, e os judeus 53; os gregos 3, os velhos-catholicos italianos uma, e os allemães outra. São ao todo 882 as egrejas não protestantes. Das 19:508 protestantes não anglicanas, as mais numerosas são as me-

¹ 7.251:690.

thodistas, cujas nove seitas entram por 11:944 templos. Depois veem os independentes com 3:244; depois as seis seitas dos baptistas com 2:789; depois os unitarios com 229; depois os presbyterianos escossezes com 160; depois os moravios, os sandemanianos, os lutheranos, os reformados, allemães e hollandezes, os protestantes francezes, a sociedade dos amigos, a *new church*, outras ainda, e a final 539 templos onde se reúnem as congregações isoladas.

Somma total, estas seitas refractarias á auctoridade da *established church* representam a reacção espontanea do espirito independente de religiosidade mystica: reacção que se denuncia no seio da propria religião official. A observação da vida rural é para este caso mais suggestiva ainda do que a das cidades.

Em regra, ha em toda a freguezia dois padres: um anglicano, outro dissidente. Chocam-se. Vivem em espheras diversas e exercem influencia por diferentes maneiras. Usualmente, o anglicano é *gentleman* de nascença, muitas vezes aparentado com o *squire* da localidade, e esteve em Cambridge, ou Oxford; por tudo isto tem as preferencias da *sociedade*. O outro é, em regra, plebeu, embora quanto a coragem, franqueza, benevolencia e caracter em geral seja, tambem por via de regra, um *gentleman*. É *gentleman* em Inglaterra todo aquelle que, no moral e no formal da vida, se conforma com o typo de dignidade estabelecida; mas é *gentleman-gentlemanisante* aquelle que, tendo isso, tem a mais a riqueza, e a mais ainda, o nascimento illustre. Não se pode ser *gentleman* sem qualidades de costumes; mas é-se muito mais *gentleman* com dinheiro abundante, e muito mais ainda com ascendencia fidalga. O pobre pode muito bem, todavia, ser *gentleman*;

Mas esta palavra tem um significado socialmente concreto na pessoa de um proprietario que vive das suas rendas abundantemente.

O padre anglicano depende inteiramente da *gentry* da localidade. Tem n'esse circulo as suas idéas e inclinações. Da universidade trouxe a paixão pelos *athletics*: o *cricket* e o *football* teem n'elle um sectorio. Já o padre caçador, corredor de raposas e lebres, não é tão commum como foi; mas é sempre homem entendido n'essa especie de *sport*. É *tory*, como pessoa que se preza. O dissidente é totalmente diverso. Em vez de jantar com o *squire*, vae ao chá do rendeiro. Em vez de conviver com a *sociedade*, frequenta os pequenos, os pobres, *ungenteel people*. A congregação, como todo, *vale* muito menos do que os senhores da igreja parochial, *parish*. Naturalmente, é quasi sempre um radical aspero e aggressivo, que sobretudo espera o *disestablishment* da igreja official. Desadora as leis de caça porque não é *sporteman*, e vive n'uma hostilidade chronica ao prior anglicano que é o seu pesadelo.

Geralmente, os *clergymen* são menos escrupulosos no cumprimento dos seus deveres pastoraes, do que os *ministros* dissidentes que, ou hão de ter uma congregação, ou morrer de fome. Entretanto, concordam todos em que a indiferença em assumptos religiosos cresce por toda a parte, de modo que o *disestablishment*, essa grande *curée* pela qual tantos esperam, quando vier, não virá de certo em beneficio dos ministros dissidentes.

Estas informações, que eu recebia da bocca de pessoa fidedigna, teem de ser rectificadas para uso dos povos latinos. Porque isso a que o meu informador chamava indiferença religiosa, chamariamos nós catolicismo excessivo. É vêr um domingo em Londres. Os inglezes que procuram sempre o «fa-

cto», o «algarismo», fazendo estatística de tudo, acharam que a frequência ás egrejas de toda a especie excedera 7.000.000 de fieis sobre uma população de 29.000.000. Deduzam-se as creanças e os velhos, e diga quem quer que seja, se ha paiz catholico onde se observe uma tal proporção.

É que, de facto, não ha homem mais constitucionalmente religioso, qualquer que seja a seita, do que o inglez. A raiz mais profunda do seu caracter moral é o respeito. O inglez venera por instincto; e n'isto consiste o proprio nervo da sua força collectiva. Venera tudo com insistencia, e por isso tambem, quando o idolo se parte, destroe com energia. Em parte alguma do mundo o dito de que a religião é um freio, tem uma verdade mais incortestavel.

Não ha homem mais submisso, nem mais sujeito ao espanto admirativo e medroso d'onde as religiões sahiram. Esta raça, physicamente energica e denodada como nenhuma, é moralmente infantil. O *wonder*, o *awe*, o espanto e o terror perante interrogações insondaveis para o inglez, tornam-no subserviente, e estabelecem a base da disciplina mental. Não se procure em outra raiz o respeito á tradição, nem o culto pelas instituições, nem a admiração pelos grandes homens: todos os traços sociaes que, se diminuem o quilate individual do genio, por isso mesmo argamassam com solidez edificio da grandeza do povo. Os proprios inglezes já penetrados pela civilisação racionalista do continente, principalmente pelo germanismo, confessam que a cobardia intellectual é a unica especie de cobardia possivel no inglez; mas essa tem-na de um modo excessivo.

Um orador popular dizia outr'ora: «Posso atacar tudo o que me vem á cabeça, menos a rainha

e o christianismo: se fallasse contra elles, o publico apedrejava-me». Hoje as cousas mudaram muito. Difficilmente se admite porém ainda que um credu-
lo possa ser um *gentleman*, bom inglez e ho-
mem honrado. D'aqui vem um costume que, sem
ser propriamente vicio, friza pela hypocrisia: o
cant, o ritual das conveniencias ininfringiveis. D'aqui
procede tambem, como antithese, ainda dentro das
regras, o *humour*, a amarga ironia caustica de um
Swift, ou de um Thackeray; e fóra de todas as re-
gras, nasce tambem d'aqui o protesto desbragado
e satanico de um Byron.

Á mais leve jura, a ingleza baixa os olhos e córa
murmurando: *Shoking!* Uma senhora dizia-me que
nem das gallinhas, á mesa, se falla em *legs*, em
pernas; e que na America, onde o inglez requinta,
chegam a vestir saias ás pernas das mesas. Mas o
equivoco tem passaporte, e por vezes raia as fron-
teiras. É que a moral é feita de *cant*, de conven-
ção; assim como a religião é feita de pharisaismo.
Facilmente escorregam ambas na hypocrisia. Des-
cascado, o inglez só reconhece a violencia do tem-
peramento carnal, e o terror vago do desconhecido.
Por isso, á medida que a irreligiosidade cresce e
os costumes se «naturalisam», cresce a onda da
superstição spiritista em que pode ser que se afo-
gue este povo, como succedeu tambem ao romano.

XIII

O *Vicar of Bray, english comic opera*, que eu vi
uma noite no *Savoy theatre*, fez-me a impressão de
que os velhos dias do puritanismo inglez estavam
com effeito transactos. Essa *performance*, cujo va-

lor artistico é mais que mediocre, vale, por ser genuinamente ingleza, apesar de obedecer aos moldes da opera-buffa franceza. Vale, por ter já umas centenas de representações. Apesar do calor que fazia, o theatro estava apinhado. Está em scena o clero; troçam-se, cantando, os costumes ecclesiasticos. É uma parochia rural, do genero d'aquellas a que me referi na carta anterior. O cura enviuvou: é um homem espadaúdo, no vigor da idade. Tem em volta de si um collegio de raparigas e um seminario de padres. Pertence tudo á *low church*. Mas ha na freguezia uma viuva rica, e o prior, ambicionando casar-se com ella, para se *afidalgar*, resolve mudar para a *high church*. Está o casamento a ponto de fazer-se, quando se descobre que, nas regras do ritualismo, os padres só podem casar uma vez. Então o cura, com aprazimento da velha, volta á *low church*; e o casamento faz-se, casando todos os rapazes padres com todas as raparigas da escola.

Isto, contado assim, é uma semsaboria, e não discuto se a peça seria com effeito muito agradável para paladares continentaes. Menciono-a apenas como symptoma de revolução dos costumes. O theatro inteiro ria em gargalhadas estrepitosas a cada uma das scenas equivocas, ou abertamente patuscas, sublinhando os ditos por vezes mais que indiscretos. E tudo isso se passa á porta da igreja, entre padres gravemente vestidos de preto, com longas sobrecasacas sem bandas, de gravata branca, quando estão na igreja *baixa*, de gola apertada aos pescocós, como os catholicos, se estão na *alta*. Parece-me que em nenhum paiz continental a policia permitiria uma semelhante farça ecclesiastica. E todavia os continentaes são menos religiosos do que os inglezes.

Contradição? Não. É que o inglez, desde que principia a perder o respeito, desboca-se, como um cavallo quando parte. Esta nossa indiferença critica e tolerante, capaz de respeitar ainda aquillo em que não crê, por obediencia á idéa metaphysica de ordem, e por consideração para com o proximo, em vão se procuraria no inglez inteiriço e absoluto, que, ou ha de venerar com submissão, ou destruir com violencia.

Ultimamente, em Pariz, a policia mandou fechar um restaurante disposto como convento, e onde o serviço era feito por mulheres faceis vestidas de freiras. Em Pariz tambem, apesar da má reputação d'essa terra, não se consentiria que n'um palco dançassem *jigs* e *can-cans* desenfreados clerigos e pupillas, n'uma alacridade mais que livre. Em Londres, porém, esta operetta estava em scena, em um theatro elegante, havia dez mezes, com enchen-tes successivas, e fazia delirar o publico. E em Pariz, essa moderna Corintho, os espectaculos pican-tes são sobretudo para os estrangeiros que veem divertir-se; ao passo que em Londres tal especie não existe, e as platéas são exclusivamente britan-nicas.

Nem outras plateias conceberiam como *clergymen* tão patuscos e meninas tão desinvoltas, acabassem esta folia pandega em dois actos por um casamento universal, abençoado pelo proprio cura da operetta. Seria então que a platéa estoiraria de riso. Aqui, não. D'isso não se ri; e desde que tudo termina conforme as regras do *cant*, as senhoras e meninas da sociedade, e os homens mais compostos, podem assistir ás scenas mais desbragadas e ouvir os equi-vocos mais apimentados. Quanto a mim, a explicação d'este paradoxo em que fiquei scismando, é a seguinte: O naturalismo, com effeito, róe a cons-

ciencia religiosa; os dias do puritanismo foram-se; mas isto não quer dizer que a gente se tornasse irreligiosa, porque para tanto é necessario um temperamento mental, que o inglez não tem. A religião nova, retemperando-se na superstição, é o spiritismo, que cresce parallelamente com o naturalismo organico dos costumes. Londres é, com effeito, como o meu amigo dizia, uma cidade oriental: Babilonia, ou Ninive.

Por outro lado, se a egreja está em crise, não o está ainda a familia, que é a verdadeira base d'este edificio social; e por isso o *cant* não permittiria que a peça terminasse por essas uniões irregulares, communs no continente. Homem e mulher só no casamento podem unir-se. É isto o que o *cant* manda: mas não quer dizer que seja o que o facto impõe. Tudo está em salvar as apparencias, guardando as conveniencias. A moral ingleza apoia-se sobre um systema de equivocos, por vezes quasi inatingiveis para nós. E esses equivocos proveem do genero de espirito que teem, ennevoados como o céu. São uma gente completamente *constipada*, para me servir da expressão do meu amigo. Tudo é rouco: a voz e os pensamentos.

Uma prova d'isso é o não existir comedia propriamente dita, porque não ha possibilidade de graça e leveza, quando o estado mental é confuso. A comedia é farça, a farça torna-se pantomima. Parecem espectaculos para creanças monstros. O riso só brota com as cabriolas, as pancadas grotescas, os uivos, os esgares, dos *clowns* e *ministrels*, mascarados de preto, vestidos de entrudo, tocando, nos seus instrumentos roufenhos, melopéas, que a gente hesita em saber se provocam o riso amargo, se a melancholia monotona. É assim o *humour*.

Uma noite, depois de um jantar opiparo de casa

riquissima, levaram-me em uma fofa carruagem a em theatrinho *a la moda*, passar uma hora, antes de voltarmos a acabar a noite cabeceando á roda de bandejas de prata com legiões de *drinks* e gelos, xaropes, sodas, sherry-cordials, wiskys, em baterias de *crystaes* lapidados, com charutos como só se fumam em Londres. Pois o theatro adequado para estomagos sobrecarregados com o trabalho colossal das continuas digestões, não é a comedia que reclama cabeça leve, e espirito agudo. É a pantomima e a dança, regalando os olhos sem fatigar o cerebro, provocando gargalhadas que são digestivas.

Toda a actriz aqui ha de ser dançarina, pois não ha peça sem dança entremeiando o dialogo. E as danças são acompanhadas sempre por effeitos de luz colorida, com mutações rapidas. O prazer physico prima em tudo ao intellectual. A *mise-en-scene* absorve. Ninguém ouve o que se diz, só se repara no que se vê. E o que se via essa noite no *Court's theatre*, o que se vê todas as noites por todos os theatros, e na grande scena do *Empire*, quer nos bailados magnificos, quer nas pantomimas e farças, é a apothese da mulher loura, em nuvens de gazes lhamadas de prata e ouro, com atmosferas de luz electrica, banhada de azul ou de vermelho. Os sentidos excitam-se, a digestão apressa-se, titillam os nervos fortes de uma gente athletica, vibrando com a excitação, no espectáculo patente do paraizo da carne que, sob outro aspecto, eu via ir-se-me abrindo, quando, ao vir de Southampton, observava os bois pastando pesadamente nas planicies de relva.

Tudo se transforma na natureza: d'este boi nasce o paraizo de huris, patente aos olhares felinamente somnolentos, exposto aos dentes agudos embainhados em queixos possantes... E por toda a parte se cantava, ou se mastigava, a canção do dia:

12/10/25
Leinas

Ta ra ra boom de ay !

Quando fui ao *Lyceum* vêr o *Henrique VIII* de Shakespeare, magistralmente representado pelo Irving e pela Ellen Terry, que na sua incomparavel evocação da rainha Catharina ainda excede o interprete do cardeal Wolsey ; quando me achei perante essa Inglaterra do seculo XVI, desbragadamente naturalista, bella na franqueza com que se expandem todas as paixões animaes, pintadas pelo maior prescrutador da alma humana que jámais existiu ; quando vi a astucia ambiciosa de um, a carnalidade sensual de outro, a vaidade da ostentação, a ferocidade sanguinaria, a candidez perversa, e, pairando sobre toda a orgia, a grandeza nobre e a dignidade augusta da rainha aragoneza, que me parecia um ser humano lançado n'um antro de fêras, muitas cousas me passavam pela idéa ; mas uma d'ellas era de certo o orgulho de ter nascido na nobre Hespanha.

Talvez por isso, tambem, achasse que ninguem representava como a Ellen Terry.

Mas, perante o *Henrique VIII*, percebi para onde, passado o periodo doutrinario do puritanismo, a Inglaterra vae hoje : vae para outra éra de naturalismo franco. *Merry England* volta ao estado moral do seculo XVI, com as complicações e requintes de tres seculos de civilisação. Quando lá chegar, então haverá quem outra vez escreva comedias como as *Merry wives of Windsor* ; porque então o genio inglez se encontrará vasado em moldes moraes adequados, sem as cilhas que o apertam e o contrafazem, tornando-o incoherente e equivoco. Não lhe vae ao corpo o cilicio puritano ; não se dá com o francezismo elegante e espiritual. N'um caso é

contrafeito, no outro é ridiculo. Tenta o germanismo, mas esse cordial é capitoso de mais para elle.

Varias vezes assisti aos concertos Richter, na sala St. James, onde a melhor orchestra do mundo executa Schuman e Brahms. A sala está sempre cheia, nem admira em uma cidade de cinco milhões de habitantes; mas isto é lá o Derby! isto é porventura uma boa farça! Na propria sala de St. James, Schuman tem de alternar com os *ministrels*.

XIV

Quando certa manhã me dirigia, subindo as escadas do terraço de *Trafalgar Square*, para visitar a Galeria Nacional, tinha visitado na vespera a *loan exhibition* de pinturas, então aberta em beneficio de não sei quê, na *Mansion House*. Dentro do paço da *City*, que ostenta o seu frontão allegorico sobre um renque de columnas pretas e corinthias, ao mesmo tempo, tivera occasião de ver a pintura nova da Inglaterra que teve em Rossetti um iniciador, e tem em Millais o seu maior representante.

A *victorean age*, como os inglezes orgulhosamente denominam o tempo actual, emparelhando-o com a idade de Pericles ou de Augusto, se tem a sua architectura, renovada dos Tudors, tem tambem a sua pintura, que é um *pastiche* dos italianos *preraphaelitas*, cujo representante mais conspicuo é o Perugino. A falta de perspectiva, a femininidade dos motivos, o vaporoso das composições, o ar ingenuo e hieratico das figuras, a sobriedade dos tons, o archaismo dos accessorios e ornatos: eis ahi, parece-me, os traços principaes do genero de pintura que tambem se introduziu em

França. Para além do Canal, explica-se a acceitação, pela tendencia que a arte requintada apresenta para descambar no *japonezismo*, isto é, n'uma combinação particular do naturalismo affectado, com a phantasia extravagante. Aqui, porém, o exito do *preraphaelismo* encontra raizes mais profundas. As *madonas* de Rossetti, ou de Millais, são a expressão pictorica do ideal inglez da mulher, como o genio poetico d'esta raça, Shakspeare, as cantou. São Desdemona, são Ophelia, são as virgens vaporosas e louras, como Julietta sentada no balcão *elisabethiano*, gorgeando com Romêo o seu dueto de amor. Não ha corações mais lyricos do que os d'esta gente positiva, qualquer que seja o gráo de affectação convencional e elevada que introduzem nos sentimentos *gentis*.

Gentil é um adjectivo de que d'este lado do Canal se faz um abuso tão grande, como o do *joli* do lado opposto. Os dois adjectivos retratam os dois povos. O *preraphaelismo* é *genteel*. É a pintura espiritualisada archaicamente, diante da qual as *misses* louras veem idealisado o typo que teem de representar no mundo, mixto de ingenuidade, de candura e encanto; detrás do qual, e fóra já da esphera da arte, fica a realidade da vida, quasi sempre cruel, em que a mulher ingleza mostra, quasi sempre tambem, as suas fortes qualidades. Ora esta separação do dominio da arte e do da realidade é o que me pareceu tornar a pintura ingleza de hoje um genero artificial e de *moda*, para uso da gente elegante.

Deixando, pois, os *preraphaelitas* de *Mansion House*, o que eu queria ver na Galeria Nacional não eram as suas bellas collecções das escolas continentaes: eram as salas da pintura ingleza: Reynolds, Gainsborough, Landseer, Hogarth, Turner.

De *preraphaelitas* estava inteirado. Quando o lyrisimo inglez da *victorean age* produz poemas como a *Aurora Leigh*, de Isabel Browning, não careço de pintores que m'o deem a conhecer. E, com effeito, n'esta raça subjectiva, a poesia vibra infinitamente mais do que as artes plasticas. Se não ha comunicação permanente e vivida com a natureza ambiente, se a vida de relação é forçosamente artificial e contrafeita, como pode haver artes plasticas dignas de exprimir o sentir do povo?

Ha pintores em Inglaterra: pintura ingleza, não ha. Lely e Kneller procedem de Van Dyck; Gainsborough e Reynolds, no retrato e na paizagem, teem o sentimento vivo da côr e da carne dos flamengos. Que traço, que feição propria se revela, porém, nas salas da *National Gallery*? Ha com effeito pintores genuinamente inglezes: são Turner e Hogarth.

A sala onde estão reunidos os quadros do primeiro produziu-me uma impressão profunda. São visões, são deslumbramentos, como a *Destruição de Sodoma*, delirios da imaginação desvairada, céos phantasticamente inverosímeis, mares revolvidos em cyclones, auroras, temporaes, vertigens, illuminações subitas, contrastes medonhos: uma enorme symphonia do cáos traçada com o pincel que, para a orgia cosmica, fez o que fez o pincel de Rubens para a orgia da carne. E das telas, que me pareciam delirios de um louco, saía com insistencia uma preocupação mais constante: o mar. Ambos estes traços são inglezes: o desequilibrio da imaginação desenfreada, e a paixão maritima. A prova, porém, de que taes *casos* da phantasia não possuem as condições da arte, é que o mestre não teve discipulos. Gongora da pintura flamenga (porque pintura propriamente ingleza não ha) ficou como indi-

vidualidade, sem duvida interessante em alto gráo, mas tambem sem consequencias.

O outro pintor que mais reclama a attenção de quem quer estudar o espirito inglez, é Hogarth.

Tambem é genuinamente nacional, este que na tela exprime o genio creador do *Book of Snobs* e das *Letters of Peter Plymley*, que são duas obras primas de *humour*. Não ha traço mais inglez do que este. Não ha veio mais rico de expressão technica do que o explorado, com a penna por Swift, por Fielding, por Sterne, por Thackeray e por Dickens, e com o pincel por Hogarth. Mas serão pintura, na expressão superior da palavra, essas composições intencionaes em que a razão se veste com trajos de loucura, ou, ao inverso, a loucura apparece trajando racionalmente? Serão pintura essas telas acidas como vinagre, pintadas com tristeza e colera, em que o homem, arvorando-se em critico, julga, em vez de palpitar accorde com a expansão da natureza que o cerca? Pode a caricatura fazer-se pintura? Pode o pintor ser moralista? Quanto a mim, as respostas são obvias, e demonstram, no segundo dos pintores genuinamente inglezes; a incapacidade da raça para crear uma escola de pintura.

São subjectivos de mais, os inglezes, e isso é uma qualidade de que o proprio *humour* dá um documento eminente, porque essa fórma intencional da ironia attesta a energia do character. O *humour* é a ironia do censor. Mas não ha nada tão avesso ao temperamento de artista, como a preocupação moral. Nem ha povo que tão franca e energicamente reconheça, confesse e castigue os seus proprios defeitos, como o inglez, cuja litteratura está de principio a fim saturada pelo espirito de condenação para o *snobismo*, para a subserviencia intellectual, para o *cant*, e para a adoração do dinheiro,

quer na avidez de ganhar, quer no luxo de gastar.

Reagindo sobre si proprios, os inglezes, *humoristas* e moralistas, prégando ou rindo amargamente, condemnam feições essenciaes do seu temperamento moral, e d'ahi vem tambem a impressão singular que produzem em quem os observa de fóra. Como hão de ser artistas, artistas que por força teem de ser optimistas, ainda nos proprios arranços do nihilismo, homens preocupados sempre com o lado moral das coisas? Era tambem este o caracter dominante do romano, que tambem só foi grande como poeta. Juvenal tem na Inglaterra mais de um herdeiro.

Será necessario observar agora que ha na *National Gallery* quadros superiores? Que os retratos de Reynolds e de Grainsborough são por vezes maravilhas? Que os animaes de Landseer vivem? Que as paginas de Rossetti fundaram uma pleiade de pintores? Creio que não.

E a prova de que a arte de pintar tem em Inglaterra tomado proporções consideraveis, está nas 2007 obras de arte (infelizmente de bem diverso valor) expostas este anno no *Salão da Royal Academy*, que tambem visitei por descargo de consciencia, e onde observei as sabias reconstrucções archeologicas de Alma Tadema, e o *Halcyon Weather* de Millais, pagina vaporosamente preraphaellesca, entre as paginas igualmente vaporosas de Leighton e de Leslie.

XV

Vou já penitenciar-me das heresias que talvez proferisse ácerca da pintura ingleza, proclamando bem alto a minha admiração entusiastica perante

esse grandioso monumento que se chama o *British Museum*.

Não ha de certo no mundo repositório maior, nem mais opulento, dos instrumentos e conquistas do saber historico. Se ao entrar no adito monumental, pesadamente avançado em tres corpos sobre uma columnada dorica agigantada, já ia penetrado pela fama universal do museu britannico, ao sair vinha attonito perante essa collecção de magnificencias que me traziam á idéa as colossaes bibliothecas do Serapeum alexandrino.

Percorrendo as salas infinitas onde vemos e palparamos os monumentos das civilisações extinctas, parecia-me estar vivendo entre os Accadios e os Assyrios, em Ninive, na côrte de Sennacherib, de Assurbanipal, ou de Nimrod, folheando os tijolos da bibliotheca imperial, em que as chronicas do tempo, gravadas a buril, apresentam caracteres nitidamente indecifráveis. Via pelos muros os mosaicos e os frescos de uma composição singular, em que os homens, tão diversos de nós, parecem vir de outro planeta, desentranhados da sombra de um passado ignoto pela mão abençoada de Layard.

Depois, achava-me do lado opposto do mar Vermelho, no Egypto pharaonico. As esphinges, os leões alados, os escaravelhos sagrados, os Apis e as mumias ritualmente envolvidas em ligaduras, nos seus caixões coalhados de jeroglifos e symbolos, transportavam-me a um mundo singularmente estonteador, porque, em vez de aspirar para a vida, ia existindo embalado com a allucinação da morte. E quando os meus olhos deparavam com o armario onde se encontra a *clave* de Roseta, fiquei scismando nos pequenos incidentes de que depende a consistencia do saber humano. Porque, se os francezes não tivessem trazido do Egypto esse texto em

que a inscripção jeroglifica está traduzida ao lado em grego, provavelmente as interpretações da linguagem symbolica do Nilo dos Pharaós seriam ainda hoje tão sujeitas a duvida, como os tijolos da bibliotheca de Accad desenterrados por Layard. Essa pequena lapide que o visitante deixa de lado sem reparo, attonito com a população de monstros que habita as salas, é todavia a *chave* que abriu as portas sagradas do templo da sabedoria, permitindo-nos lêr hoje os monumentos egypcios como se foram escriptos em linguas nossas.

Então emergia d'estas mansões funebres para a sala triumphante, onde os restos mutilados do friso do Parthenon cantam hellenicamente um hymno vibrante á vida activa e gloriosa. Dava-me vontade de bater palmas. Sentia-me resuscitar. E apesar de reconhecer a barbaridade com que lord Elgin tratou estas pedras divinas, eu não podia deixar de abençoar a memoria do lord vandalo, que me permittia gosar uns momentos de puro enthusiasmo esthetico.

Mas eu não quero, nem sei, nem posso contar o que encerra o museu britannico... Não ia lá estudar: ia ver e impregnar-me de impressões que, porém, se me atulhavam na cabeça e m'a faziam andar já á roda, quando me levaram á sala de leitura.

Vale a pena demorarmo-nos um instante. É uma rotunda enorme, encimada por uma cupuia de cathedral, maior que a de S. Paulo. Amplas janellas abertas na volta da abobada illuminam abundantemente a sala, que tem quatrocentos logares commodos para os leitores. No centro, a uma vasta mesa circular, estão os bibliothecarios; em volta, em estantes da altura de um homem, o catalogo: dois mil volumes. Irradiando do centro ficam as mesas

e logares dos estudiosos, e contra os muros vinte mil volumes de *reference books*, instrumentos de trabalho: dictionarios, revistas, atlas, guias, tabellas, etc. A bibliotheca, arrumada em salas sem fim, conta milhão e meio de volumes. Os livros da sala de leitura consultam-se livremente, os da bibliotheca requisitam-se por escripto, em fórmulas já impressas, conforme a classificação do catalogo. Não ha necessidade de fallar, e o silencio é absoluto.

Como ordem e methodo, é perfeito. Quanto á riqueza da livraria, quiz tirar uma prova, vendo se lá encontrava as minhas obras: achei-as todas no catalogo. Quando isto succede com uma lingua quasi desconhecida, o que ha de acontecer com as mais?

As acquisições annuaes excedem trinta mil volumes. E como a bibliotheca não é publica, embora seja facilimo obter permissão para ir lá estudar, as mesas não estão occupadas pelos ociosos que veem matar o tempo a ler toda a sorte de livros avariados. Para isso, fizeram as *circulating libraries*, que á custa de um soberano por anno alimentam o appetite devorador de novellas, traço typico da extravagancia ingleza.

Aqui não: aqui estuda-se. E a riqueza dos subsidios, a abundancia dos elementos de trabalho, prestam ao inglez os meios de satisfazer a febre de *information* que elle tantas vezes confunde com a verdadeira sciencia.

De resto, entre o processo intellectual dos continentaes e dos inglezes ha uma diversidade absoluta. Nós comprehendemos as cousas deductivamente, por via de classificações e abstracção. Elles assimilam-nas á força de attenção e memoria, encastellando exemplos, amontoando factos, congregando e juxtapondo documentos innumeros. O seu methodo é inductivo; e se nomes como os de Lecky, de La-

tham e de Spencer, para não fallar senão em vivos, são a prova de quanto alcança o methodo inglez, esses mesmos nomes, e sobretudo o de Spencer, é tambem a prova dos limites comprehensivos de um tal methodo, ainda nos que mais e melhor sabem usar d'elle.

Não é para aqui uma dissertação ácerca dos methodos do pensamento: por isso me limito a indicar fugazmente este ponto. Para os entendidos, a indicação basta; para os que o não são, seria necessario entrar em pormenores descabidos. Os entendidos comprehenderão tambem, desde logo, como um povo, mentalmente organizado conforme tenho procurado mostrar ser este, não podia, sem duvida, apresentar essas culminações intellectuaes, só accessiveis aos cerebros metaphysicos, ou pelo poder de abstracção racionalista, ou pelo da intuição esthetica. O inglez nem é racionalista, nem artista. Os seus grandes tratadistas são empiricos; os seus grandes escriptores, como Grote ou Gladstone, são sectarios incapazes de objectividade historica, á maneira de um Ranke, ou de um Mommsen. Nas mathematicas, que são a pedra de toque da capacidade racional de um povo, olham exclusivamente ás fórmulas. Euclides, aprendido de cór e recitado, é ainda o mestre das escolas, que apenas produzem calculadores. O ensino é pratico, ou empirico: d'ahi vem a inferioridade dos inglezes como constructores. Qualquer engenheiro de uma escola continental dá quináo a homens, de resto, cheios de experiencia pratica, mas irracionada. Entretanto, a profunda germanisação a que nos ultimos vinte annos a Inglaterra se submette, principalmente nas espheras da intelligencia, produz resultados visiveis. Os melhores livros allemães publicam-se quasi invariavelmente, ao mesmo tempo, traduzidos logo em in-

glez. Ranke, Mommsen e Duncker andam em todas as mãos; Tiele, Grimm, Peschell, Goldziher, e tantos mais, são lidos como auctores patrios. A propria reacção *saxonia*, proclamada por Swinburne, ha de filiar-se n'este movimento de ampliação do horizonte intellectual, movimento de que são já resultados eminentes homens originalmente superiores pelo pensamento claro, alliado ao saber completo: homens que se chamam Summer Maine, ou Freeman.

Todavia estes homens são, por agora, excepção. O feitiço *pratico* do saber inglez torna a especulação pura um facto anormal. A sabedoria-sacerdocio, ou magistratura, não é adequada a esta sociedade, principalmente mercantil e sonantemente utilitaria. A sabedoria preza-se pelo que rende. O sabio, por via de regra, é ao mesmo tempo um negociante que explora os rendimentos das proprias descobertas. Edison, apesar de americano, é profundamente inglez. Ou então o sabio é um *amador*, banqueiro, como Sir John Lubbock que se entrega nas horas vagas á paleontologia. Esses typos superiores da classe intellectual, alheios a qualquer idéa de lucro, typos que agora a memoria me personalisa em Pasteur na França, em Helmholtz na Allemanha: sabios que poderiam a estas horas ter mais dinheiro que todos os Cresus modernos: essa flôr augusta da intellectualidade social, em vão se procuraria na Inglaterra carthagineza. É ainda a consequencia da falta de qualidades metaphysicas e estheticas.

Não podendo attingir os altos cúmes do pensamento e da arte, os inglezes, porém, com a sua incomparavel riqueza, com a sua seriedade veneravel, com a energia decidida que põem em tudo quanto querem, reconhecendo a que abysmos deploraveis o gosto descera na primeira metade do seculo, de-

cidiram-se a renovar as fôrmas estheticas da construcção, da mobilia, do vestuario, dos utensilios. Nasceu d'este movimento o museu do *South Kensington*, incomparavel collecção de tudo quanto a arte industrial em todo o mundo, em todos os tempos, tem produzido notavel, ou caracteristico. Vi lá uma collecção dos artefactos provinciaes portuguezes tão completa, como a não ha de certo em Portugal, em nenhum dos museus industriaes de Lisboa, ou do Porto. Ao *South Kensington*, ás suas escolas de desenho, aos seus museus ambulantes, se deve o renascimento da arte industrial em um povo destituído de arte propriamente dita. Deve-se-lhe o rejuvenescimento das fôrmas e motivos nacionaes, e a exploração estylisada dos typos estrangeiros com que se alimentam todas as industrias artisticas de um modo verdadeiramente admiravel.

XVI

Ora agora que fica estudada, como sei e cómo posso, a especie *inglez*, desde a esphera dos costumes até á da religião, da arte e do pensamento: agora, podendo dizer que os conhecemos, vamos ver os inglezes nos campos de actividade propriamente seus. Tomemos, como os francezes dizem, *le bœuf par les cornes*, e entremos de salto no coração da cidadela: o *Stock exchange*!

Quando me vi lá dentro, amavelmente conduzido pelo presidente e por um secretario da corporação patricia do capitalismo universal, senti uma impressão profunda de acanhamento. Não era como quando entrara em S. Paulo, alli ao pé. Além, a admiração pela força épica de um povo, como que me orgulhava, porque tambem sou homem: *nihil humanum*

a me alienum puto. A grandeza nobre nunca nos deprime no proximo, quer o proximo sejam individuos, quer nações. Mas agora o caso mudava de figura: era a riqueza, não era a grandeza. Era a riqueza monstruosamente colossal, medonhamente monstruosa; o dinheiro em serras maiores do que o Himalaya, absorvido pelos tentaculos gigantes do polvo immenso que, cingindo e sugando o mundo inteiro, tem aqui o seu coração. Estava em Carthago, no palacio dos Barcas, onde vinham todos os thesouros das minas da Hespanha e da Sicilia, da terra dos arvernos e das Cassiteridas. Mas era Carthago amplificada ás proporções relativas do mundo mediterraneo e do mundo inteiro de hoje, cem vezes maior como extensão, mil vezes, um milhão de vezes mais rico!

Fôra já com uma certa inquietação de animo que atravessara a rua Throghmorton e penetrara no recinto vedado, acotovellando-me com a multidão apinhada nas proximidades. Subira os degrãos do adito, por entre o formigueiro de gente, profundamente constricto ao sentir-me pobre, filho de um paiz po-brissimo, e ainda em cima fallido. Era, por isso mesmo, uma grande prova de deferencia, pois no *Stock exchange* só teem entrada os socios. Visitantes, nunca. O presidente, que me guiava, dizia-me com intenção:

— Ha dois annos que aqui não entra um só estrangeiro.

Ia confundido, quando gravemente a porta me deixou passar. Tinha a ancia vaga de correr direito á cella do templo: devia estar lá o Bezerra de Ouro que os judeus tanto mal fizeram em despedaçar, n'um momento de reacção pietista... É uma rotunda enorme encimada por um zimbório. Divergentemente, como raios, rasgam-se capellas profun-

das, e no topo de cada uma, um pulpito com seu sacerdote vestido de vermelho, ao lado da taboa negra onde o giz vae marcando as cotações offerecidas. Columnas de marmore polido, sustentam a cupula, por onde a luz entra abundantemente.

Ha um sussurro vago dos milhares de homens que se cruzam, segredam, tomam notas nas carteiras; mas tudo isto gravemente, sem aquella inferneira asquerosa da bolsa democratica de Paris. Aqui, não. A casa é de uma sociedade constituida com o capital de 240:000 libras, em 20:000 acções de 12 libras cada uma. Para se ser admittido ao gremio paga-se uma joia. Ha dois grãos de socios. Os primeiros, de tres *sureties*, entram com 525 libras; os segundos, de duas, entram com 157 $\frac{1}{2}$ libras. Depois, os caixeiros pagam, 52 $\frac{1}{2}$ libras os *authorised*, 10 $\frac{1}{2}$ libras os *unauthorised*. Fóra d'isto não entra ninguem. O publico fica *ad portas*, como o povo nos antigos concilios hespanhoes. Por isso cá fóra, pelas escadas, nos atrios, na rua, ha outro borburiinho, e segredos e apontamentos nervosamente rapidos, das communicacões feitas ao ouvido sobre o que vae pelo recinto do areopago.

Lá dentro, cada especie tem a sua capella, o seu canto, a sua encruzilhada, onde se formam os diversos nucleos de sacerdotes do Bezerro. Está alli dentro o mundo inteiro, por nações, por especies de negocios. Aqui são fundos, além minas, além a navegação, depois os eaminhos de ferro, depois as fabricas. Aqui é a metropole, além os Estados-Unidos, para outro lado o Brazil, a Australia: o globo completo, sem faltar um pobre canto onde eu compungidamente via que se negociavam os *threes* portuguezes. Caía-me a alma aos pés...

Ser pobre, ser fraco, ser pequeno, é uma deshonra, n'esta patria de Darwin que arvorou a victo-

ria da Inglaterra, na concorrência vital d'este século, em principio da sciencia universal. Pois os pobres, os fracos, os pequenos, os humildes, também vencem muitas vezes, segundo resa esse Evangelho que os inglezes suppõem muito a serio terem em tamanha veneração.

Compreende-se que, estando eu como estava, sob o peso d'estas impressões, o espectáculo magnifico do revolver da machina da riqueza do mundo me produzisse uma impressão estonteadora.

Nem se pense que exagero. Por curiosidade guardei a nota publicada, á noite, pelos jornaes, das operações do *Stock exchange* n'essa manhã. De estradas de ferro inglezas, tinha-se operado sobre 29 especies de titulos diversos; de coloniaes, sobre 18; de fundos estrangeiros, sobre 54; de estradas de ferro norte-americanas, sobre 38; de canaes e docas, sobre 7; de companhias industriaes e commerciaes, sobre 53: fóra a *carne de vacca* dos *consols* britannicos e das acções do banco de Inglaterra. Papel que não tem registro no *Stock exchange*, falta-lhe o fóro de cidadão na republica do Capital e o passa-porte para correr mundo.

Ha dez annos, em 1880, o valor total dos titulos *reconhecidos* pelo *Stock exchange* e que, portanto, podem negociar-se no recinto do templo, subia a 5.786 milhões de libras sterlingas. Agora, isto é, no fim de 1891, sobe a 6.347 milhões. São os fundos nacionaes que entram por 3.700 milhões e os caminhos de ferro por 2.100, as principaes verbas componentes da somma. Os *consols* representam 850 milhões; os emprestimos coloniaes do imperio britannico 350; os fundos estrangeiros 2.500. Os caminhos de ferro inglezes entram com 830 milhões, os coloniaes com 220, os norte-americanos com 680 e os estrangeiros com 380. Os bancos ti-

nham 60 milhões cotados, e as infinitas companhias industriaes e commerciaes cerca de 480 milhões. O capital dos bancos e companhias inglezas é, todavia, muitissimo superior, porque o *Stock exchange* não concede fóros de cidade a toda a gente. Na data a que se referem os numeros acima citados, só bancos por acções, *joint stock*, fóra os bancos particulares, *bankers*, havia 130, cujos titulos valiam em total 206 milhões de libras, com o desembolso de 70. O capital tinha triplicado. A somma dos depositos nos bancos era então de 670 milhões de libras, que, ao cambio par, representam 3.015.000 contos de réis. Perde-se a gente n'este oceano de dinheiro!

As companhias reconhecidas e cotadas no *Stock exchange* não chegam a dois terços do numero total, que era de 13.323 companhias com o capital realisado de 775 milhões sterlingos. E todas estas companhias, bancos e casas commerciaes commandam desde o baluarte da *City* a circulação commercial do mundo inteiro, trilhando o oceano de *steamers*, sarjando os continentes de vias ferreas, afundando nos mares as redes dos cabos telegraphicos, installando aqui plantações, além fabricas e armazens, canaes e dockas; apparecendo em toda a parte onde ha minas a lavrar, terras a explorar, mercadorias a trocar, desde os escambos rudimentares com os povos selvagens, até ás combinações subteis da agiotagem bancaria dos povos extracultos.

O chefe de cada uma d'essas casas, o *manager* de cada uma d'essas companhias, é um verdadeiro principe. Tem os seus capitães e conselheiros, os seus delegados e agentes, espalhados pela superficie da terra. No genio da especulação commercial ha muitos pontos de afinidade com o da aventura politica. Um grande commerciante parece-se com

um conquistador, na habilidade das combinações, na energia e rapidez das decisões, nos relances comprehensivos, com que se abrangem as condições dos mercados, ou dos povos, para o fim de os avassallar. Hora a hora, o telegrapho participa as pulsações varias do mundo inteiro; e no seu gabinete, o autocrata do commercio traça as redes das suas operações. Sabe-se pontualmente a geographia. Conhecem-se, por via de innumerous mapps, almanacks, guias, annuarios, reportorios, os recursos e os fracos de todos os paizes e de todos os negocios. Ha cordilheiras de factos accumulados, de noticias colligidas, de estatisticas arrumadas, com o fim de organizar a subtracção da medulla do mundo, onde quer que exista um pedaço de riqueza a sorver.

A *City*, coração de Londres, tem no *Stock exchange* o seu centro. É alli verdadeiramente a capital do mundo que ganha; e como hoje no mundo essa é a primeira de todas as preocupações, alli é a capital do mundo inteiro. Respira-se geographia, falla-se da Australia, da India, do Brazil e do Japão, do preço das lãs, do valor da rupia, da cotação do café ou do algodão, e das oscillações da prata. Os paizes mais longinquos e os generos mais exóticos, são arrabaldes e dependencias da *City* sobre que domina o principe. Tal casa tem o Egypto, outra o Perú, esta paira sobre o Mexico, aquella sobre o Cashmir. Ha um embryão de direito internacional do commercio. Respeitam-se as fronteiras, já quanto ás especies de trafego mercantil, já quanto ás áreas de exploração.

Passeiando, attonito, em volta do salão circular do *Stock exchange*, parecia-me que estavam ali dentro as fronteiras circulares tambem do globo. E não é verdade que a arte dos homens, supprimindo as distancias e o tempo, nos poz o mundo inteiro á

mão de semear? Tanto fizemos, que já nos parece uma especie de herdade limitada em área, e quasi por completo explorada em todos os seus recantos.

XVII

A Inglaterra é um montão de ouro, mas Londres, por si só, concentra uma grande parte da riqueza ingleza. A alfandega da metropole rende tanto como todas as outras do Reino Unido somadas. E todo o movimento a que esta concentração de riqueza dá lugar, se exerce dentro da *City*. O rendimento collectavel da cedula B para a *income tax*, ou imposto de rendimento, estava calculado o anno passado (1889-90), em 70 milhões de libras, na *City*; e em todo o resto da Inglaterra em 41 milhões. Ha dez annos era, para a *City*, 39 milhões; para o resto da Inglaterra 35 milhões. O rendimento total subiu metade, e quasi inteiramente em beneficio da *City*, onde a riqueza britannica se agglomera de um modo progressivo. Como se não ha de, pois, dar a despovoação dos campos e o entumescimento monstruoso do *wen* inglez?

Só o rendimento de fundos publicos, nacionaes e estrangeiros, e o de acções de bancos e companhias, denunciado pelas tabellas da *income tax*, excede 150 milhões de libras esterlinas. Giffen calcula que, em 1812, quando o Reino Unido tinha 17 milhões de habitantes, a sua riqueza total regulava por 2.700 milhões de libras, ou 160 libras por cabeça. Em 1885, com 37 milhões, calcula 10.000 milhões de libras, ou por cabeça, 270 libras. Hoje, a capitação deve ser, pelo menos, dupla da de

1812. Mas esta riqueza não se distribue por igual, é claro, entre os tres reinos da metropole. Para a média de 270 libras, a pobre Irlanda contribue com 93 apenas; a Escócia, rica em minas, entra com 243; e finalmente a Inglaterra e Galles figuram por 308 libras.

Tomemos tres indices para medir summariamente o progresso da riqueza ingleza nos ultimos decenios d'esta segunda metade do seculo.

O primeiro, que é o menos expressivo, serão os orçamentos: menos expressivo porque, no systema, ou antes na falta de systema da administração ingleza, o orçamento do Estado não tem o character que tem nos paizes do continente. Por exemplo: a organização das reservas, que em todas as nações militares constitue hoje uma das verbas pesadas do orçamento de guerra, é representada aqui pelos batalhões de *voluntarios*, armados, fardados e equipados á propria custa. Essa verdadeira *landsturm* de duas centenas de milhar de homens, não custa um ceitil, pode dizer-se, ao thesouro. Depois, a infinidade de instituições particulares que exercem funcções publicas n'esta terra em que a noção do estado nunca chegou a formular-se nitidamente. Depois, as despesas a cargo das instituições locaes, em um paiz que, apesar de monarchico, é ainda sobretudo federal; e cujas ambições radicaes são uma constituição semelhante á dos Estados Unidos; sem attenderem a que a Inglaterra tem muitos seculos de governo unitario, e que as colonias fizeram das duas ilhas a metropole de um imperio gigantesco disperso por todo o mundo. Ainda com todos estes descontos, porém, o orçamento inglez que em 1850 apparecia com 55 milhões sterlinos de despesa, apparece em 1890 com 88, tendo o serviço da divida baixado de 28 para 25 milhões. As mais

despezas, pois, subiram de 27 para 53 milhões: quer dizer que duplicaram.

Incomparavelmente mais expressiva, porém, é a estatística do commercio, pois vemos, no mesmo periodo, que as importações quadruplicam e as exportações quintuplicam, quasi. Em 1851 as importações eram de 105 milhões de libras; em 1890 são de 420 milhões. Em 1851 as exportações eram de 74 milhões de libras; em 1890 são de 328 milhões. Isto é que é um indice revelador do amontoamento da riqueza em Inglaterra. Ainda em 1870, ha vinte e dois annos, a capitação das importações para consumo era a 6 $\frac{1}{2}$ libras; hoje excede 11 libras: quasi o dobro. E, parallelamente, as exportações subiam de 244 a 328 milhões de libras. E ao mesmo tempo augmentava, na razão que vimos, o rendimento dos capitaes consolidados fóra da Inglaterra. E, simultaneamente, crescia a frota incomparavel de navios que andam a frete por todos os mares do mundo.

O terceiro dos indices que escolheremos é, finalmente, a estatística da produção mineira, registrando os progressos dos ultimos vinte annos. O commercio, a navegação e as minas são as principaes fontes de riqueza d'este povo, tão opulento, que pode subalternisar a agricultura. Ha quasi tantos mineiros como trabalhadores ruraes: ha seiscentos e cincoenta mil homens, e umas seis mil mulheres. Morre por anno um milhar de creaturas, victimas dos accidentes nas minas. O carvão, o ferro, o cobre, o chumbo, o estanho, o zinco, e a prata que se extrahe do chumbo, são os principaes productos das minas inglezas, alguns d'elles em decadencia. Deixa-se de despratar o chumbo, porque o valor todos os dias menor da prata não remunera. Em 1870 produziram-se 784 mil onças; em 1890

sómente 291. O cobre também está aviltado pelo desvairamento da especulação: de 7 mil toneladas em 1870, baixa a um milhar em 1890. O estanho conserva-se em 10 mil toneladas. O chumbo desce de 73 a 33 mil toneladas; o zinco sobe de 4 a 8 mil; finalmente, o ferro passa, de 6 milhões de toneladas em 1870, a 8 milhões em 1890. E o carvão, que é o verdadeiro ouro da Inglaterra, força, luz, calor, movimento concentrado e sol concreto em filões de hulha negra espelhenta: o carvão sobe de 110, a 192 milhões de toneladas¹. Por pouco não duplica.

E quando se esgotarem os jazigos accumulados durante seculos incontaveis, thesouro que se está gastando sem olhar ao futuro? Muitos formulam esta pergunta; mas a resposta, quanto a mim, é que isso, em primeiro logar, vem longe; e em segundo, quando vier, já os homens terão inventado o meio de utilisar condignamente as duas grandes forças do mar e do vento, armazenando-as e distribuindo-as por via da electricidade. E ficarão os vindouros livres da insupportavel fumaceira com que o carvão enodôa hoje todos os logares em que se trabalha. Londres terá um outro aspecto, mais risonho; mas, como os homens põem sempre no passado as edades venturosas, ainda se ha de cantar o tempo feliz em que tudo escorria visco negro, e as cidades pareciam cardas cyclopeas com os den-

¹ O valor da producção mineira é a seguinte:

1888 —	60	milhões de libras
1889 —	78	„ „
1890 —	101	„ „

Na producção de 1890 o carvão entra por 75 milhões, o ferro por 24 e os outros metaes por 2 milhões apenas.

tes agudos de tijolo, dentes bastos a vomitar chamma e fumo, erguidos para o céu.

Talvez isto ainda venha a cantar-se em verso, celebrando a *victorean age*, em que a Inglaterra nadava em ouro; porque se os homens descobrirem outro motor diverso da expansão do vapor de agua feito com lume, como não é natural que a Inglaterra tenha tambem o monopolio do gerador d'essa força, a principal causa da sua fortuna sem precedentes na historia terá desaparecido. Porque o throno do imperio inglez assenta sobre alicerces de carvão e ferro. No momento em que os progressos da mechanica descobriamapparelhos novos para fabricar e para se transportar sobre a agua e sobre a terra: n'esse momento, descobriu a Inglaterra que o seu sub-sólo encerrava o thesouro das materias primas necessarias para a transformação instrumental da vida do mundo.

A quem é que saíu já na loteria da historia uma sorte-grande d'este valor? Se houvesse um povo favorecido pela natureza com o monopolio da producção do trigo, que é pão, esse povo não teria tido uma fortuna, ainda assim, comparavel á da Inglaterra. O carvão é mais que trigo: é o pão universal da actividade humana, o sol armazenado e transportavel. Eis ahi, pois, o segredo intimo do edificio magnifico da riqueza ingleza. Se tal sorte coubesse a outro qualquer povo, esse outro povo seria hoje tão rico como o inglez? Conforme; porque é mister juntar, á origem da riqueza, os dotes convenientes para a saber utilizar.

Uma fecundidade superior é o primeiro d'esses dotes. No principio do seculo as ilhas tinham 16 milhões de habitantes e hoje teem 39 milhões, apesar de terem exportado o melhor de 30 milhões de emigrantes. A Inglaterra-Galles passou, de 9, para

29 milhões! E as centenas de milhar de emigrantes que todos os annos partem das ilhas á conquista economica do mundo operam como um elemento.

O segundo d'esses dotes são as qualidades, animalmente energicas, instinctivamente cupidas, intellectualmente submissas, d'essas legiões de gente nascida para o trabalho. Renovando com o vapor o mechanismo da producção e dos transportes, ficaram, pelo monopolio da materia prima da força, com o monopolio dos mares, onde os *steamers* batem a navegação de vela; e com o monopolio fabril, inundando o mundo com os seus artefactos.

A reacção do proteccionismo contemporaneo traz o esforço violento que o mundo faz para se libertar da contribuição e do protectorado economico da Inglaterra, a quem o carvão deu uma especie nova de suzerania universal. Foi o que, porventura, uma intuição genial deixou antevêr a Napoleão, cego pelos nevoeiros da sua ambição de conquistador. O grande duello que termina em Waterloo, e que custou á Inglaterra 831 milhões de libras sterlingas, deu-lhe uma victoria que, nos cem annos seguintes, se traduz por lucros dez, cem, mil vezes maiores. Dissipado o medo do bloqueio continental, a Inglaterra pôde assegurar o seu imperio mercantil e colonial com o dominio incontestado nos mares do mundo inteiro. As suas esquadras, desfaldando imperialmente o pavilhão britannico em todas as latitudes do globo, garantem-lhe o usufructo da riqueza de todos os continentes.

Mas as coisas começam a mudar.

Aprendeuse; e o systema continental de Napoleão reaparece no proteccionismo systematico das nações que se defendem. Por outro lado, se a Inglaterra é ainda senhora dos mares, o seu imperio

terrestre estendeu-se de modo que se encontra em frente do russo. O duello do elephante e da baleia, na phrase expressiva de Bismarck, dará brado no mundo.

Entretanto, um seculo já, de fortuna incomparavel, fez da Inglaterra um monte de dinheiro. Além, do outro lado do Canal, a unidade é o *franco*; aqui é a libra (que nunca se diz *pound* senão em contas, mas sim *sovereign*). O thermometro da riqueza subiu vinte e cinco vezes. E se geralmente se conta por *sovereigns*, a gente fina não falla senão em *guineús*, que é um pouco mais.

O dinheiro é o orgulho do inglez.

XVIII

— *Make money, my son: honestly if you can... but make money!*

Este conselho aphoristico da mãe escosseza ao filho que embarca para fóra, põe a nú o fundo intimo do genio nacional:

— Ganha dinheiro, meu filho: honradamente, se poderes... mas ganha dinheiro!

E assim que sahem constantemente dos portos insulares os cardumes de gente que vão por todo o mundo ganhar dinheiro: honradamente, se poder ser... mas ganhar dinheiro. A exsudação humana da Inglaterra é um dos instrumentos fundamentaes da sua fortuna.

Isto pensava eu a bordo do vaporsinho que me levava, rio abaixo, até Greenwich e Gravesend.

A manhã era tepida. O ar pesava. O rio parecia um lago de chumbo derretido, com reflexos côr de ardósia. O fumo das chaminés, sem poder subir, pairava no ar mollemente. Os horizontes eram bre-

vissimos e interrogativos: sentiam-se revolver mundos para além das cortinas de sombra em que andávamos; e essas sombras tinham reflexos de fogo, ou de ouro, com a luz do sol, que lá por fóra seguia a sua derrota diurna. O silencio era quasi absoluto. Só se ouvia o bater compassado das pás do vapor na agua que, marulhando, escorregava para a popa. Respirava-se um cheiro aere de alcatrão, ou hulha. A bordo não ia senão gente infima: a passagem custa uns *pence*. Fica mal gastar tão pouco. O contraste d'este silencio e d'esta paz, com o tumulto quasi insensato das ruas, de onde ha pouco descera, operava sobre mim como um duche. Mas acordava para a realidade, quando ao pé de nós passava outro vapor, ou alguma longa barca deslizando lentamente com as vellas pendentes, porque não havia vento. De espaço a espaço, acordava-me o bater de martellos, repercutido pelo ar espesso. Para ambos os lados, a meia milha de distancia, porque iam no meio do rio, *sentia* agitar-se invisivel a grande babilonia de seis milhões de homens, revolvendo-se no seu ataque diario de epilepsia vital. O esquecimento indolente da existencia ia-me parecendo muito mais humano, quando o marinheiro tisonado, de barba hirsuta e cachimbo de gesso ao canto da bocca, passando o virador na amura, regougou:

— Greenwich...

Tinhamos chegado. O vapor atracára ao *pier*.

— Greenwich...

Este nome evoca as grandezas da Inglaterra maritima, do periodo da minha infancia, quando as esquadras tinham muitas dezenas de navios: nãos magnificas, de tres pontes e centos de canhões, como a *Wellington* que visitei em creança no Tejo; fragatas de uma cinta branca apenas, cortada de qua-

drados negros das portinholas dos canhões; brigues e escunas que eram os *avisos* de então... Revia os marinheiros de camisolas azues, os artilheiros de barrete redondo sobre a orelha, os soldados de jaquetas vermelhas: espadaúdos, fortes, herculeos, correndo em burricadas pela Ribeira-nova, enchendo as tabernas, devorando laranjas, trepando ás janelas suspeitas, jogando ao socco, e pondo n'uma polvorosa os bairros maritimos de Lisboa...

Porque será que as recordações, ainda as mais estupidas, nos enchem de saudade melancolica? Vem do tempo ennovoado que faz? Ou é que a saudade exprime o progressivo caminhar da vida para o destino do anniquilamento final?...

A Inglaterra, como todas as ilhas, faz-me o effeito de um navio maior. Não ha na vida a consistencia massiça da existencia continental. Talvez venha d'ahi, ampliado a um grande povo, o character commum dos insulares: indeciso na energia, enygmatico na sentimentalidade nebulosa. A Inglaterra é a não almirante da esquadra infinita de navios que em todos os mares do mundo, vão, veem, á vela, a vapor, transportando duas terças partes dos fretes do commercio universal. Singular destino, extravagante imperio fluctuante, em permanente viagem! Formigueiro immenso de barcos e gente, enleando o mundo inteiro na urdidura cerrada do tracado das suas viagens.

Este anno ¹ a marinha mercante ingleza arqueava quasi dez milhões de toneladas: ² o quadruplo do que era em 1830! Todas as marinhas, de todas as nações do mundo, sommadas, não chegam ³ á somma

¹ 1890 é a data exacta.

² 9.600.000.

³ 8.700.000 toneladas.

da ingleza, que embarca um exercito de duzentos e cincoenta mil homens.¹

E por ser este o genio espontaneamente natural da raça, é tambem n'isto que ella revela o instincto de arte, mais ou menos latente sempre no homem. Não ha navios, não ha principalmente *steamers*, como os inglezes. São leviathans com fórmãs de cysne. A graça, a elegancia das linhas da architectura naval ingleza não soffrem primazia. O francez, tão constitucionalmente artista em terra, no mar é pesado. Os seus vapores são atarracados, não teem leveza. Fui para Inglaterra no *Magdalena*, voltei a casa no *Bresil*, dois transatlanticos novos, que podem servir de typos de comparação: o *Magdalena*, leve e elegante, como uma ave; o *Bresil*, massiço e rombo, como um pachiderme. Em alguma cousa o inglez, sob pena de não ser homem, havia de denunciar essa palpitação abscondita chamada arte. O navio é o monumento, o palacio, e o *home* d'este povo, embarcado mesmo em terra, dentro das costas da sua ilha, amuradas ao longo das quaes vae correndo o *gulf stream* que dá volta aos mares do mundo.

O navio é a obra de arte ingleza. Já os proprios americanos, apesar do sangue, perdem a intuição da architectura naval. Se os navios francezes são atarracados, os americanos são esguios e desengonçados, sem proporção, nem harmonia nas fórmãs. Os navios reproduzem assim os traços que se observam na architectura do corpo humano, de ambos os lados do Atlantico.

Multiplicando-se no mar, como a gente se multiplica, prolificamente, as frotas inglezas são já de

¹ 236.108 em 1890.

mais. É sensível a crise da industria de armação de navios. O frete está aviltado. Esquadras enfileiram-se ancoradas nos portos. Ha tres annos, uma tonelada de nitrato, trazida do Pacifico a Inglaterra, pagava 35 ou 40 shillings: hoje trazem-na por 15, tal e tanta é a concorrência. Briareu, com os cem, os mil, os seus milhões de braços dominando os titães do mar, coroando a Britannia, exaggerou a sua força...

Á volta, o dia aclarára. Desde que, de Gravesend, se chega a Greenwich, começa o rio a parecer uma rua londrina, em que os barcos são carros. De ambos os lados avançam, sobre o lodo negro e luzidio da margem descoberta pela baixa-mar, os *piers*, os caes, com guindastes e gruas que vomitam vapor, rodando seccamente as correntes sobre os porões dos navios e barcos atracados. De cada lado do rio, ou rua, alinham-se casarões de cinco andares, tercenos que parecem prisões de tijolillo rubro mascarrado de preto, com as frentes sarapintadas de todas as côres em annuncios enormes dos fabricantes e depositarios. Depois, tectos e chaminés de officinas, montanhas de materiaes: madeira, areia, pedra, hulha, saccarias, pilhas de barris, que os carros possantes, ou os wagons das linhas de serviço levam, ou trazem, do ventre bojudado dos navios. Nota singular: o primeiro barco atracado ao primeiro caes, depois da ponte de Londres, era a galera portugueza *Marianna*, se não me engano. Passaram-me n'um relance pela idéa os velhos tempos em que Lisboa foi o emporio da navegação do mundo.

Depois via planos-inclinados onde vapores, dormindo, concertavam; diques e carreiras de construção naval, estaleiros sem fim, com officinas e machinas, e barcos preparando-se para saltarem á agua,

e, nadando, irem acompanhar os bandos das esquadras fluctuantes pelos mares do mundo.

De espaço a espaço, rasga-se uma travessa confluyente: é um canal que conduz aos mares interiores chamados docas, onde estão amontoados os navios dorso a dorso, e, em multidão, os mastros e vergas, vistos de longe, parecem troncos e ramos de uma floresta no inverno, quando o frio despe as arvores do seu vestuario de folhagem. Lá dentro o movimento é intenso, o quadro magnifico. A agua desapparece. A terra some-se tambem. Os navios coalham a agua; as casas, os cabrestantes, as vias ferreas, as montanhas de mercadorias de toda a especie, encobrem egualmente a terra. A natureza tornou-se uma hypothese, quasi inverosimil. A violencia da industria humana affeiçãoou tudo á sua vontade: até o proprio ar é artificial, produzido pela mistura acre do fumo com as exhalações capitosas das essencias resinosas. Céu, não ha. Aquillo que o fumo deixa vêr, é uma teia colossal de aranhas monstruosas, desenhada no ar espesso pelas vergas e cordagens dos navios infinitos, que vão, ou veem, dos confins mais divergentes do mundo: do Cabo, de Nova-York, de Buenos-Aires ou de S. Francisco, de Melbourne, de Hong-Kong, ou de Cantão. Falam-se todas as linguas, vêem-se todas as côres de pelle, e todas as physionomias humanas. |

Era já quasi noite, quando á volta, o vaporsinho atracava ao *pier* que fica junto á agulha de Cleopatra. Para o outro lado, as cupulas douradas de Westminster cravavam-se no céu. Desembarquei, julgando-me em Alexandria, ahi, onde o genio do conquistador da India deixou estabelecido o emporio do commercio do mundo, para usufructo dos herdeiros do seu caudilho Ptolomeu.

XIX

Deitei-me essa noite e adormeci embalado pela velha de canudos brancos e olhos no nariz, que dizia ao filho no acto de emigrar:

— *Make money, my son: honestly if you can: but make money!*

Quantas impressões, quantas idéas, me suggeriam estas palavras: Ganha dinheiro, que é o essencial. Não te prendas com considerações de cavalheirismo, ou quaesquer outros preconceitos. Vae com esta: ganha dinheiro!

Lembrava-me o philosopho inglez actual, Spencer, cuja *Introdução á sciencia social* consiste em limpar o terreno do que elle chama os successivos *preconceitos* dos tempos antigos: o amor da patria, a religião, o civismo, etc. Depois de tudo bem limpo e espanejado, fica o dito da velha:

— *Make money!*

Como eu já cabeceava de somno, Spencer apparecia-me de canudos, ou a velha sentada á mesa entre rumas de livros. E a minha somnolencia exprimia uma verdade, porque os philosophos genuinos são aquelles que se limitam a reduzir a fórmulas os sentimentos espontaneos do povo.

A população ingleza pode dividir-se em tres grandes categorias: os que vivem a gastar dinheiro; os que vivem, suando, a ganhar-o; e os que, sem o ganhar, e sem portanto o gastar, morrem de fome. Tudo se resume n'isto. Em geral, para os outros povos, ganhar a vida é uma obrigação constante, mas, n'um sentido, subsidiaria. O *fim* da vida não é vegetar, mais ou menos opiparamente. Aqui, não. Supprimidos todos os preconceitos, como o philo-

sopho e a velha querem, a vida fica para os homens um simples exercicio de ingestão e digestão. Chamam a isto espirito pratico, e orgulham-se de serem assim. Que lhes preste. É verdade que, por isso mesmo, se não são sobrios, também não são aváros. A avareza é o vicio da gente poupada, como os francezes, por exemplo.

É verdade também que esta idéa da vida se torna um dos fundamentos mais solidos da energia individual. Se a existencia é uma lucta, guerra de todos contra todos, como outro philosopho inglez, precursor de Darwin, a definiu, *bellum omnium in omnes*, nas proprias palavras de Hobbes: cada qual tem de preparar-se para a campanha, exercitando-se, e entrar n'ella vigorosamente, acotovellando o proximo, conquistando o seu logar, sem preoccupações cavalleirosas — *honestly . . . if you can* — sem contemplicações sentimentaes, ou metaphysicas — *trash*, preconceitos!

No seu conjuncto, pois, este povo parece um exercito pela disciplina e pela submissão consequentes da propria fórmula que encontrou para a vida: um combate. *Is life worth living?* Vale a pena viver? Esta pergunta, excellente e suggestiva, dada como titulo a um livro mediocre de ha pouco tempo, era respondida affirmativamente. De certo vale a pena! Nem a resposta pode ser diversa, para quem não embarça a vegetação animal com as afflicções torturantes do sentimento e das idéas, nem com as collisões por vezes tragicas, sempre crueis, da dedicação, do sacrificio, do cavalheirismo. É isso o que leva a considerar a vida indigna de ser vivida, para o espirito dos povos capazes de se arrebatarem pelo que o inglez chama preconceitos.

Os maus passos do combate da vida, quando a tomamos como uma lucta, em vez de nol-a faze-

rem aborrecer, fazem-nol-a amar cada vez mais com a esperança dourada na victoria. A prova d'isto é o amor pelos combates que a guerra envolve nos soldados. Retempera-se a força com o *training*. Cresce a ancia de vencer, ou de viver. N'esta pura esphera do instincto animal em que se agita o inglez, a vida é optima. Excellente durante as campanhas para a conquista da riqueza; excellente durante os tempos consumidos a gastar e digerir. Em Inglaterra não ha outros suicidios que não sejam os da fome absoluta, ou os do *spleen*, isto é, do vasio aborrecido que certas naturezas excentricas, depois de esgotadas todas as impressões animaes, encontram na saciedade.

Se, portanto, o individualismo naturalista dos inglezes dá de si a disciplina e a ordem social intrinseca, sob uma confusão, apparente para nós outros, meridionaes geometras: a ausencia dos *preconceitos*, que tambem para nós são, em geral (mas muito em geral!) os principaes motivos determinantes, permite que, dominados por uma idéa simples e fixa, a fleugma accrescente ainda aos inglezes as forças de que já dispunham.

Energicos, disciplinados e fleugmaticos, saem ás centenas de milhar todos os annos das suas ilhas, espalhando-se pelo mundo para o porem a saque. São um elemento natural, contra que debalde se levantarão artificios politicos. Ainda quando os aca-sos da historia tirem á Inglaterra o imperio sobre que reina: ainda então, e sempre, emquanto exportar duzentas mil cabeças por anno, o povo inglez dominará o mundo. A prova d'isto são os Estados-Unidos. Independentes, porventura hostis, accrescentam incomparavelmente mais á grandeza do povo inglez, do que quando eram uma provincia no imperio colonial britannico. Esses Estados-Unidos,

que, ha um seculo, em 1790, na hora da separação, tinham apenas quatro milhões de habitantes, contam hoje (1890) sessenta e dois milhões e meio. As levas de gente allemã fundem-se no *stock* saxonio; e a lingua, expressão suprema da nacionalidade, fica ingleza. Sobre 750 milhões de libras, que a tanto subiu o commercio externo da Inglaterra em 1890, quasi a quarta parte, ou 143 milhões exactamente, são importações e exportações dos Estados-Unidos.

Por isto, se os jazigos de ferro e carvão que a Inglaterra descobriu no seu seio, quando a civilização entrava na idade do vapor, são a base da sua riqueza, o instrumento d'essa riqueza e da sua força é a emigração de gente e o caracter peculiar d'esses homens.

De 1861 a 1889 emigraram do reino-unido: .

Inglezes.....	3.670:000
Escossezes.....	761:000
Irlandezes.....	3.318:000
Somma.....	<u>7.749:000</u>

que se distribuiram d'esta fórma:

Estados-Unidos.....	5.092:000
Canadá.....	815:000
Australasia.....	1.421:000
Diversos.....	421:000
Somma.....	<u>7.749:000</u>

Em vinte e nove annos, dá 267:000 por anno. E os quinze mil que todos os annos se espalham por diversos sitios, são os que vão para a India, para o Cabo, para o Brazil, para a Argentina e para o Pacifico, para a China e para o extremo

Oriente, plantar por toda a parte o pavilhão vermelho da luta pela vida, ceifando as searas do mundo inteiro.

Depois, esta onda de gente, refluindo dos portos de Inglaterra, arrasta comsigo as emigrações fluctuantes, que, inglezando-se logo á partida, se incorporam no exercito dos colonos. Os judeus contam por um grande numero. Em 1890 sahiram dos portos inglezes 315:980 emigrantes, dos quaes 97:864 eram forasteiros. Os 218:116 nacionaes distribuiram-se, tres quartas partes nos Estados Unidos, e o resto, em proporção quasi igual, pelo Canadá, pela Australasia, e por diversos pontos. A somma d'esta emigração dispersa sobe de 15.000 a 22.000, porque hoje a emigração para Africa é já consideravel; baixando a da Australia, desde que a febre do ouro ali esfriou.

Em todos os climas, entre gente de todas as especies, explorando a riqueza do mundo por todas as fórmas, os inglezes vão, e geralmente vencem.

Porque? Qual é o segredo de que dispõem? Porque é que vencem, quando, por exemplo, o allemão, affim na raça, e exportando tanta gente como o inglez, geralmente naufraga? Porque o allemão não concebe a vida como o inglez.

O segredo da fortuna colonial britannica está nos dotes (ou na ausencia de dotes) dos homens. Destituídos de idéas, systemas e *preconceitos*, na phrase de Spencer; levados unica e energicamente pelo instincto de ganhar, moldam-se ás circumstancias, palpam o terreno, estudam cuidadosamente os factos, vão pelo seguro. Ao passo que os continentaes levam de casa uma bagagem regular de idéas e systemas, que as mais das vezes não servem para o caso especial em que se encontram. É por isso que chamaram aos inglezes o povo *pratico* por ex-

cellencia. Subjectivos por genio, encastellam a sua individualidade no recesso abscondito do eu; amoldando-se exteriormente a tudo, ficam sempre como eram. Ao passo que o continental communicativo, ou se perde, querendo afeiçoar o proximo pelos seus pensamentos, ou se abastarda, desfazendo a personalidade propria ao contacto como a alheia.

Espalhando-se pelo mundo, tem quasi tantas organizações coloniaes, quantas colonias. É o que as circumstancias dão, conforme calha. Vão-se accomodando á lei da natureza. E por isso acham que é excellente viver.

XX

Depois de almoçarmos no *Amphitriton*, restaurante francez à la mode, arvorado em club para sophismar os regulamentos policiaes londrinos, a contento da fina flôr dos *swells*, largámos para *Earl's court* vêr o Buffalo-Bill, ou antes *the honourable William*. Não-sei-quê, porque este figurão, além de coronel, é senador do Estado do Kansas. Ainda bem que não tenho a honra de ser cidadão de lá.

Quando entrei no circo, dei de cara, no camarote ao lado, com os meus companheiros de viagem: uma duzia de *gauchos* dos pampas, de jaleco e poncho, contratados pelo Buffalo-Bill para virem exhibir no circo o laço, as bolas, e as scenas do *sport* pastoril argentino. Fraternisámos. Vendo-nos rir, fallando uma linguagem humana, inintelligivel para elles, os meus visinhos inglezes olhavam-nos com «aquelle sorriso de complacencia estúpida, peculiar na cara de um inglez vaidoso e contente de si», como diz o nosso Herculano nas paginas causticas da sua

viagem de Jersey a Granville. Contentes de si, estavam; vaidosos, não sei: mas tinham razão de quê.

Buffalo-Bill, de grandes melenas, cahidas sobre os hombros, bigode e pêra de tenor de opera-comica, espingarda a tiracolo, e chapéo de abas largas na cabeça, galopava no circo, dirigindo a *performance* das pantomimas de *sport*. Este *cabotin* ridiculo ganhou, todavia, celebridade caçando verdadeiros bufalos, e batendo pelles-vermelhas authenticos, nas campinas do Oeste, ao tempo em que ainda havia fêras e índios nos territorios americanos hoje lavrados a vapor para ceáras de trigo.

Passavam-me pela memoria, primeiro, as lembranças da minha infancia, quando um tio velho e solteirão que eu tinha, o tio Thomaz, me levava aos domingos de tarde á praça do Salitre vêr as pantomimas de D. José Serrate. Então, estavam presentes ainda as recordações das guerras da primeira metade do seculo; e lembra-me muito bem o enthusiasmo que produziam em mim os simulacros de batalhas e assaltos, com estrondo de artilharia, charangas de musica e fardamentos vistosos... Parecia-me agora voltarem tempos antigos; e não eram sorrisos de *complacencia estúpida*, mas sim alegrias ingenuas e risadas francas, o que eu via no rosto dos espectadores. Eu, elles, todos, me parecia termo-nos tornado creanças. É que não ha povo tão naturalistamente infantil, como o inglez.

Buffalo-Bill galopava atraz de uma manada de bufalos, com effeito: pobres bichos dignos de dó. Buffalo-Bill atirava ao ar, contra cacos que partia; e cada tiro provocava trovões de applausos gutturaes. Buffalo-Bill, commandando a sua partida de cavalleiros, salvava a cabana perdida do *squatterer*, de um ataque dos pelle-vermelhas que appareciam armados de zagaia, listrados de côres, com pennas

nas cabeças, e tregeitos medonhos nas faces. Em uma tribuna, a meio da praça, gravemente, um orador explicava ao publico os diversos episodios d'assalto. Espontanea confissão da paralyisia dos nervos da intelligencia do publico, e da sua necessidade de saber tudo, a fundo! Cousas d'estas fazem sorrir os continentaes.

Buffalo-Bill galopava, atirava, corria, tornava, enchendo a praça com a sua figura de barbaro transformado em *cabotin*, mixto grotesco de força e ridiculo, heroe-palhaço, cujas pantomimas reproduziam scenas representadas por elle muitas vezes a sério, durante as suas campanhas de caçador de bufalos. Podia por ventura haver espectáculo mais *inglez*? O realismo, porque elle verdadeiramente matára indios e bufalos; o *sport*, porque era cavalleiro e atirador eximio; o *clown*, porque o heroe-comico da pantomima desengonçava os queixos com as gargalhadas: tudo era de molde a satisfazer o publico. Por isso os muitos milhares de boccas do amphitheatro applaudiam com delirio. Deviam ser alguma cousa semelhante, na Beocia, os *fac-similes* das danças phyrricas e dos jogos athleticos.

Para este povo inglez, que tem o instincto geographico, a exhibição dos esquadrões de azteques do Mexico, de colorados do Texas, de cossacos do Don, disputando entre si o premio da corrida, apresentando os exercicios mais singulares e arriscados da equitação, patenteando, aos olhos avidos dos espectadores, o mundo e as suas raças, no que ellas teem para o inglez de mais attractivo, que é o *sport*, eram com effeito um espectáculo absorvente.

Por isso vae já em duzentas recitas, e sempre que apparece nas esquinas o retrato sarapintado de Buffalo-Bill, com o annuncio de uma representação, o publico se amontoa no circo para o aclamar, en-

chendo-o de dinheiro. Depois de caçado o bufalo, Bill caça o *cockney*. Trocou o *far-west* pelo *west-end*, ficando sempre no extremo occidente da civilisação e da barberie.

Singular espectáculo, com effeito, o de uma tribu de indios, expostos nos seus *wigwags*, homens, mulheres, creanças, exhibindo a estranheza da sua vida de barbaros, perante um amphitheatro de gente, deveras, sómente civilisada por fóra, e que por dentro tem intacta a força e a ingenuidade infantil e bronca de verdadeiros barbaros! Como lhes via luzir os olhos, quando as phalanges dos indios formavam em columna, e, jogando a lança e o escudo, soltando os gritos de guerra, avançavam nas danças bellicas, imagem dos combates!

A mim parecia-me que deviam ser quadros semelhantes os dos gregos nas pan-hellenicas; a elles via-lhes nos olhos que nos cerebros lhes acordava a memoria inconsciente das batalhas feridas para a conquista dos continentes, no avassallamento triumphante de todas as terras retardatarias do globo. Tinham então na face, não o sorriso de complacencia, mas sim uma illuminação de triumpho; porque, no espectáculo desenrolado a seus olhos, viam, sem terem consciencia d'isso, o magnifico drama da sua expansão victoriosa no nosso planeta.

Dos 52 milhões de milhas quadradas que mede a superficie terrestre do globo, mais da quinta parte, 15 milhões, são inglezes; e na sua superficie marítima tem a Inglaterra o dominio completo. Nunca houve imperio semelhante. Dos 1.500 milhões de homens que povoam a terra, a terça parte quasi, 450 milhões, falla a lingua, ou obedece ás ordens dos inglezes. As pequenas ilhas do norte da Europa, com as suas cem mil milhas de superficie e os seus trinta e sete milhões de habitantes, são a metropole

d'este imperio immenso, que á imaginação confusa dos espectadores de *Earl's Court* apparecia evocado pelas exhibições de povos selvagens, manobrando á voz de Buffalo-Bill.

É verdadeiramente pasmosa a expansão d'este povo que, semelhante ao romano, na ausencia d'esses *preconceitos*, aliás essenciaes para os concorrentes, tem a origem da sua força quasi *elementar*. Embarcando nos seus navios, repellindo a população exuberante, avassallou o mundo inteiro extra-europeu, fixando-se e procreando onde a natureza lh'o consentia; limitando-se a imperar, enriquecendo, quando o clima lhe não permittia substituir-se aos naturaes.

Na America fundou, pelo primeiro dos modos, um imperio: são os Estados-Unidos, politicamente independentes, mas vassallos pelos costumes, pelas idéas, pelo commercio, pela lingua. São tres milhões e meio de milhas de terra, e 62 milhões de homens.

Na Asia fundou, pelo segundo dos processos, outro imperio: é a India, com os seus 284 milhões de homens, sobre 1.800 mil milhas de territorio avassallado, unificado, extrahido da somnolencia cachetica em que o tinham feito cahir os mongolios e os arabes, para a vitalidade nova de uma civilização pujante. A resurreição da India conservará para sempre a memoria da *victorian age* na historia da civilização.

Depois é a Australia, onde o indigena foi exterminado, onde começa um futuro imperio como o da America, onde ha já mais de quatro milhões de europeus sobre tres milhões de milhas quadradas: é a Australia com o seu cortejo de ilhas, Fiji e Nova Guiné, Tasmania e Nova Zelandia.

Depois é o Canadá, irmão menor dos Estados

Unidos, egual em área, com seis milhões de europeus quasi; depois são os archipelagos e ilhas dos mares americanos, as Bermudas e as Falkland, as Honduras e as Bahamas, as Barbadas e a Jamaica, Trindade e as ilhas de Leeward e Windward, com as costas septentrionaes do Labrador, junto á Terra-Nova, e as costas tropicaes de Guyana. Esta legião de dominios somma 300 milhas, com dois milhões de habitantes.

Falta ainda a Africa, repartida ha pouco: a da Guiné, com Gambia, Serra Leoa, a costa do Ouro, Lagos e Yoruba, mais os territorios do Niger, vasta mancha de 355 mil milhas, habitada por 24 milhões de negros; a do sul que tem como capital o Cabo, e se estende por todo o interior nas terras dos Zulus e dos Basutos, com o Natal sobre a costa; e nas terras dos Bechuans e Mashonas até ao Zambeze, e do Zambeze para norte até ao Nyassa, indo ligar-se á direita com os estabelecimentos da costa Oriental, e na frente com o Egypto, que é tambem inglez. É um milhão de milhas, com quatro milhões de negros. A terceira Africa ingleza está na costa Oriental, em Zanzibar e Pemba, no Somali e no Sudão, com a ilha de Socotorá, á entrada do mar Vermelho: 1.255 mil milhas, 13 milhões de indigenas. E na cauda veem as ilhas dos mares africanos: as Mauricias, Santa Helena, Ascensão, Tristão da Cunha. Restam ao menos, de tudo isto, os nomes portuguezes!

Paciencia, que não chegámos ainda ao fim.

Na estrada da Inglaterra ao Extremo Oriente a derrota dos navios reclama estações de carvão e refresco: fortes de defeza, ao mesmo tempo, que assegurem a passagem. Logo na bocca do Mediterraneo está Gibraltar; depois, além, Malta; depois Chypre, depois o Egypto, depois Aden no mar Ver-

melho; depois Ceylão, no mar das Indias; depois Hong-Kong, na China, e Labuan e as colonias do Estreito, Benaug, Malacca, Singapura com Borneo. Avassallada a Índia, a Inglaterra desce pela Birmania, pelo Pegu, pelo Arrakan, ao mesmo tempo que sobe de Singapura até Menang, para avassallar a vertente occidental da península da Indo-China. São 27 mil milhas quadradas e quatro milhões de habitantes.

E este imperio colossal cresce todos os dias com a força irresistivel de um elemento, alimentado pela corrente constante da emigração, *gulf stream* de sangue que vae por todo o mundo exotico implantar o europeianismo, subjugando, ou exterminando os indigenas.

Por isso os *cockneys* de *Earl's Court* batiam palmas vertiginosamente, quando viam as carabinas da quadrilha de Buffalo-Bill afugentar os pelle-vermelhas da cabana perdida do *squatterer*, deixando em volta d'ella um montão de cadaveres... fingidos.

XXI

Tão vastamente espalhados sobre o mundo, sempre dispersos nas viagens que a distancia dos seus dominios determina, não admira que os inglezes adquirissem o temperamento nomada. Este traço fundamental do seu character activo feriu-me nitidamente na excursão que fiz para assistir ás corridas de Ascot. D'entre os contrastes de que é feita a alma d'estes insulares, não é o menor a idéa que teem de amarem sobretudo o conchego do *home*, e a realidade positiva de só verdadeiramente estarem bem correndo mundo.

São nomadas por essencia. Fóra da Inglaterra, a sua preocupação de todos os instantes é a patria que reproduzem por toda a parte, vivendo isolados em colonias, de onde vão periodicamente, peregrinos como os arabes a Meka, retemperar-se no fogo sagrado. Na sua ilha estão, como a bordo, com o pensamento inquieto, a vêr se descortinam, no mar da sua vida, alguma novidade capaz de esterilisar a semente de *spleen* que germina no fundo do coração de todos elles.

Não se julgue que viajar aqui é um luxo. É uma necessidade e uma regra. Viaja toda a gente: os ricos e os remediados. Dissipador como é o inglez, as pequenas economias das familias modestas vão-se todos os annos em excursões a esse *continent* que os attrahe tanto, quanto teimam em desdenhar d'elle. Vão aos bandos, familias inteiras, quer haja, quer não haja homens; porque a mulher, desde que chega a certa idade e quer se case, quer não, troca o ar vaporoso por um ar viril pouco feminino. Vão, sobraçando o Murray, ou o Baedeker, com o bilhete e o programma da romaria organizado pela casa Cook, percorrer um itinerario certo, vêr Paris, Milão, Veneza, visitar a Suissa ou a Suecia, a preço e tempo fixos, sem os caprichos e devaneios da gente que pensa ou sente, mas com a regra pautada de quem se submete a um tratamento. Estas excursões fazem parte indispensavel da hygiene do temperamento: são derivativos, sem os quaes estoiravam de saude, ou murchavam de *spleen*.

Quando não viajam para fóra, andam n'um permanente rodopio dentro da propria casa. A gente fina londrina não vive em Londres mais de tres mezes, maio, junho e julho: fóra d'isso estão fóra, vadiando de castello para castello, em *parties*, pic-

nics, caçadas, visitas, e mais divertimentos que nos lembram o bom dito de Talleyrand: *Si ce n'étaient les amusements, la vie serait encore supportable.* E necessario ter musculos de aço, e comer como estas creaturas comem, homens e mulheres, para resistir a tanta estafa. Se as pernas fraquejam e a cabeça se ressen-te, vem o alcool excitar o organismo depauperado. O vicio não é exclusivo das classes miseraveis, nem do sexo forte.

Quando a carruagem que me levava entrou na esplanada de Ascot, pareceu-me achar-me em um acampamento. Agglomerava n-se cem mil pessoas na immensa planicie cercada por sombras massiças de arvoredos que se esbatiam no pardo azulado do céu, desdobrando as ondulações molles do terreno: cem mil pessoas e uma infinidade de vehiculos, de todas as fôrmas e feitios, desde o *break* irreprehensivel, tirado por trotadores dinamarquezes, até ao *dogcart* por pintar, em que, ao meu lado, jornadaára um casal de *farmers*: ella, embrulhada n'um chale preto; elle, mordendo o seu cachimbo de cerejeira entre os beiços ladeados pela barba hirsuta, côr de cenoura. A quatro soltas, magnificos cavallos baios, chegava um *mail* com os creados fardados, soltando pelas *longas*, aos quatro ventos da fama, o trote da grandeza do *squire*, sentado na almofada como n'um throno, governando as parelhas como quem rege provincias, quadrado, forte, cara redonda, suissas breves e ruivas, vermelho como um pimento, grave como um bispo, hirto como uma estatua. John Bull encarnára.

E como este *mail* eram innumerados, de toda a gente que se préza: uns proprios, outros alugados, uns optimos, outros bons, nenhum reles, com os estojos de bengalas suspensos aos lados, dentro da caixa os enormes cestos de provisões que em pouco

se abririam n'uma kermesse opipara de *lunchs*, regados por salceiros de *champagne*; e fóra, em cima, ramilhetes de mulheres louras, vestidas de claro, bordando no ar azul o matiz das suas umbrelas vermelhas.

Do outro lado da pista, em frente, alinhavam-se as tribunas, erguendo-se ao centro o *stand* do *master of Her Majesty's buckhounds*, o *Earl* de *Coven-*
try, summo pontífice da festa nacional das *races*. Por baixo das tribunas, n'uma platéa de relva, desce o *grand stand*. Ao fundo, por detraz, ficam os jardins inevitáveis em todo o edificio inglez: jardins coalhados de mesas com os açafates do *champagne* ao lado, com as pratas, as louças, os *cry-*
stals, as fructas, os gelados, os doces, as aves, os guisados, as tortas, os *pies*: uma sarabanda *olympica* de virtualhas que os creados, de calção, gravemente dispunham para serviço dos dentes das senhoras louras e dos cavalheiros luzidios, de ampla sobrecasaca, flôr ao peito, binoculo a tiracolo, monoculo no olho, e na cabeça o chapéo brilhante como um espelho. A um lado uma orchestra tocava valsas. Era o que se diz *charming*.

Para os inglezes, civilisação é isto, o que é *charming*: achar-se bem vivido, bem vestido, bem comido, impando com dinheiro n'uma kermesse, com senhoras. Por isto praticam heroismos. Indo atraz de um desejo vulgar, civilisam o mundo, persuadindo-se que se civilisam a si proprios. A sua idéa de civilisação, formal e exterior como é, consiste apenas em vaidade, luxo e goso: é a idéa espontanea de um barbaro.

Dando costas ás tribunas, atravessei a pista, guardada por um fio de arame e alguns policias, para me metter do lado opposto, entre o povo, atraz do qual se alinhavam, como em ordem de batalha, as

carruagens servindo de tribuna á gente que ahí devorava os seus *lunchs*. As tres grandes divisões caciaes achavam-se acantonadas: a flôr em frente, média aqui sobre os vehiculos, a ralé cá em baixo, acotovellando-se contra a vedação da pista.

Era, como sempre em Inglaterra, uma multidão enjoativa. Graça campesina, é cousa que não ha: os campos são suburbios. Pittoresco da pobreza, também não ha: os pobres vestem a farraparia que os ricos deitam fóra. Assim as multidões, sem caracter, teem um ar tristonho e banal. Pede-se esmola de chapéo alto; guardam-se porcos de *capote* com flôres esfrangalhadas. É mais um traço grotesco d'esta sociedade, em que o contraste é o desequilibrio se mostram em tudo, desde o mais alto até ao mais baixo, desde o mais intimo até ao mais apparente.

A plebe não tem alegria. Grunhe em vez de cantar; rosna em vez de fallar. Ondula espessamente, silenciosamente. Grandes cestos de laranjas substituem os banquetes requintados do outro lado. E em clareiras que se abrem na multidão cerrada, vê-se o escossez classico, de *tartan* ao hombro, borzeguins e pernas nuas, tirando da gaita de folles os sons nasaes e melancholicos dos *lieds* das montanhas. Em outros circos estão prestimanos, explorando a boa fé ingenua e bronca da gente. Além, o espaço é maior: os *minstrels*, mascarrados de preto, vestidos caricatamente, arranham em rabecas, assobiam em flautas, choramingam nos *banjoos*, acompanhando isso, a que chamam musica, de esgares, saltos, grunhidos com pretenções a cantigas, no meio das gargalhadas animaes soltas de boccas escancaradas até ás orelhas. O inglez só se diverte com violencia: a sua machina pesada é insensivel ás impressões delicadas. D'este lado, a brutalidade é plebea!

além, é dourada. Essencialmente, porém, é a mesma cousa.

As corridas são a festa nacional, porque é ali que a sociedade exhibe a sua flôr: cavallos e mulheres. Estas duas especies de creaturas são outro orgulho da Inglaterra.

XXII

E que esplendida exposição de mulheres havia nos *stands*! O sol por momentos quizera ser da festa, e, beijando os cabellos de ouro das inglezas, tirava-lhes scentelhas fulvamente metallicas: pareciam coroadas de libras, n'essa apothecose da riqueza.

Mostraram-me, com reverencia, tres ou quatro *professional beauties* que tinham, infelizmente, a consciencia do seu papel. São mais ditosos os *thorough breds* favoritos: não sabem que invejas provocam.

Para a multidão dos ricos, as duas divindades são estas: o *favourite* e a *professional beauty*. O naturalismo bretão adora-se a si proprio, nos dois productos fabricados pelo *training* e pela selecção hereditaria. E este culto tem tanto de animalmente capitoso que um amigo meu, temperamento de artista como não ha outro, fino e *blasé* ao mesmo tempo, dizia-me algures que em parte alguma sentia, como em Inglaterra, acordar-lhe o instincto sexual.

Ha com effeito, ou seja do clima, ou seja do que fôr, uma excitação orgiaca dos sentidos que explica os romances de Fielding e de Smolett, no seculo XVIII; o carnaval da Restauração no seculo ante-

rior; o desbragamento precedente da epocha de Henrique VIII, e a renascença de hoje que se rasga ás tiras o véo puritano de esforço, ou hypocrisia, lançado, umas vezes pela teima, outras só pelo *cant*, aos hombros herculeos de uma raça exuberante:

Ta ra ra boom de ay!

Tanto o cavallo *favorito*, como a *belleza professional*, teem um padrão fixo que se substitue, repetindo-se sempre. A mulher é sempre loura. Já em Roma, no tempo de Cesar, depois que esse grande janota voltára de conquistar as Gallias e de travar relações com os allemães, todas as mulheres elegantes se faziam louras. A tintura dos cabellos era regra na cidade antiga, que tambem açoitava com as mesmas impressões naturalistas os nervos vibranteis dos gregos, ou dos neo-gregos da Provença, artistas que Roma attrahia com o esplendor da sua riqueza.

Mas as impressões intimas que a conveniencia contém, não podendo exprimir-se pelas fórmulas usadas entre os povos dotados de espirito de sociedade, hão de encontrar derivativo apresentavel em manifestações admittidas que satisfaçam a violencia dos temperamentos. Por isso, agora que uma partida acabou, e se levantam no disco os numeros dos cavallos novos que vão bater-se; agora, n'este intervallo de pausa que succede á anciedade febril da corrida, erguendo-se todos em bicos de pés, com o pescoço estendido, o olhar saltando, o peito offegante; agora, em vez de uns minutos de repouso bom e de conversa amavel, é que eu descubro a razão da anciedade de ha pouco. Depois de uma corrida, começa logo a aposta para a outra. Não ha descanso. Todos esses pescoços, todos esses olha-

es, toda essa ancia, não voavam atraz do cavallo :
an atraz da aposta. Era a ancia do dinheiro que
s levava. E venham estes angulosos moralistas
prégar contra nós, meridionaes, porque temos lote-
rias!

O cavallo e a mulher são, com effeito, divinda-
des; mas o templo, a cella, onde se lhes presta
culto, é além, na *enclosure* dos *book-makers*, d'onde
sahe uma gritaria medonha:

— *One to twenty! Three to one!*

Cada cavallo tem a sua cotação. Cada corrida
provoca o seu alarido. Dentro do cerrado, contra
as vedações de arame, dos quatro lados voltados
para a multidão de *gentlemen* que se apinha em
roda, os *book-makers* parecem feras a quem rouba-
ram os filhos. Mette medo olhal-os. A face injecta-
se-lhes, a voz enrouquece de gritar, os braços agi-
tam-se epilepticos. E, sentados em bancos, os cai-
xeiros vão fleugmaticamente registrando as apostas
dos *gentlemen* que, em monosyllabos orgulhosos e
gestos imperativos, commandam o leilão.

Tudo aposta, tudo joga: o homem gravissimo de
suissas brancas, e a loura *miss* de olhos cõr de per-
vinca. Um cavalheiro, meu conhecido, cuja fortuna
andarà por 50.000 libras, apostou de uma vez 10.000,
o quinto dos seus haveres. São uma gente temera-
ria, capaz de tudo; e é exactamente por isso que
tanto teem feito.

Uma vez, não me lembra onde, vi uma gravura
que me impressionou. Era uma rapariga loura, lendo
um livro ao pae, velho marinheiro sentado em uma
poltrona com um copo de *whisky and soda* ao lado.
No fundo, uma janella por onde se via o mar; na
parede, o retrato de Nelson. Em baixo o titulo: *The
north-west passage*, com esta epigraphe:

It might be done, England should do it.

Era possível? Cumpria á Inglaterra fazel-o.

Este orgulho da força é o nervo intimo do caracter britannico; mas no caso das apostas ha outro orgulho paralelo que é ainda uma variedade do antecedente: o orgulho do dinheiro. Não é, para o inglez, o dinheiro a primeira, a suprema das forças?

A mulher, o cavallo e o dinheiro: eis os tres idolos do naturalismo britannico.

A mulher é a sua vaidade, o cavallo o seu instrumento, o dinheiro a expressão da sua força triumpicante. Apostar e jogar são afirmações positivas d'essa força, que para elle é a summa essencia do mundo. Aposto e joga com a violencia concentrada que põe em todas as cousas. A machina é pesada e rija: necessita de estimulantes fortes que a ponham em acção. São como os molhos picantes e as pimentas na mesa. Depois, a aposta é um perigo, uma aventura, um duello: o marrar cego de um touro contra o desconhecido. O orgulho do dinheiro encontra-se exprimindo o orgulho da força: não é como no gastar simples, em que apenas se satisfaz a vaidade. O jogador que aposta a valer, com a consciencia das consequencias da perda, arrisca-se sem um gesto, sem uma ruga na face, nem uma exclamação nos labios. Observei-os: só me pareceu vêr-lhes um fulgor particular nos olhos. O orgulho concentra e reprime. As paixões absorventes emudecem. Jogado o lanço, os nervos estão contrahidos na anciedade de vencer. A aposta é o *sport*, na esphera dos sentimentos; os exercicios athleticos são o orgulho, na esphera rudimentar da força animal.

Sport é portanto a formula synthetica do caracter d'este povo, de que assisti, em Ascot, a uma das exhibições mais suggestivas. *Sport* quando jo-

gam, *sport* quando correm, remam, ou caçam: *sport* quando amam, *sport* quando gosam, *sport* quando se lançam pelo mundo fóra em busca da fortuna, avassallando povos, dominando mares, exterminando feras, por necessidade irremediavel da luta pela vida, ou para desfastio da sua existencia cheia que o *spleen* da saciedade tortura.

Paradoxo singular! O inglez fazendo da energia animal a propria essencia da vida, não sabe, não conhece, porém, que destino dar ás victorias alcançadas tão heroicamente. Como Ixion, agarrado á roda, continua a agitar-se no vasio para satisfação da energia insaciavel, suppondo ser civilisação o *fac-simile* brunido e requintado das lutas barbaras. N'este paradoxo que fere a observação dos continentaes, está porém o segredo da victoria; porque se raciocinassem a actividade, n'esse instante perderiam a força que os impelle. Salomão jámais formularia aqui a sua definição da vida: *vanitas vanitatum*... O inglez agita-se, vae, marra e vence: por isso mesmo ha n'elle o quer que é da violencia dos touros. Se os touros soubessem, não marravam.

Toda a differença que ha entre um continental e um inglez, é que um é capaz de contemplação, e o outro, se alguma vez se encontra a sós comsigo, surgem-lhe perante o espirito visões, ou extravagancias. O subjectivismo do inglez põe-o sempre a dois dedos da loucura: por isso, instinctivamente, evita a reflexão, procurando derivativos na vida animal com o *sport*, e na vida de sociedade com o *typo sui-generis* creado por quem não sabe conversar. Quando fallam, o que não é a regra, contam anedoctas; e com as mulheres *flirtam* equivocamente, levando ás vezes as liberdades muito mais longe do que os limites *continentaes*. Quando não *flirtam*, lêem novellas *sensacionaes*, para alimentar a excitação

sentimental; e quando não viajam, lêem viagens, phantasiando derrotas, embriagando-se em perspectivas e aventuras, para saciar a inquietação constitucional do espirito.

Eis ahí porque são nomadas. Até quando não viajam, viaja-lhes em permanencia a imaginação, nebulosamente perdida pelos horizontes longínquos, e tão incinzeirados como era o céu d'aquella tarde em que, trotando, voltava de Ascot ao meu albergue á beira do Tamisa.

Sobre o rio fundeavam as casas de verão fluctuantes que se alugam para as familias irem, rebocadas por um vapor, ao longo dos rios, como na China, assentando aqui e além os seus penates move-diços. Na estrada encontrava os carros-casas com uma chaminé no tecto, wagons onde tambem se vive e se cozinha, ambulantemente, de lugar em lugar, á procura de uma terra prometida que nunca se encontra.

Estas viagens obscuras no centro de Inglaterra, representavam-me a viagem épica dos inglezes sobre a terra inteira, á caça do dinheiro, com a idéa de conseguirem gosar a vida, prestando culto á *professional beauty* e ao *thorough bred*. E são todavia os primeiros campeões da civilisação do mundo; o que prova como, tantas vezes, Deus escreve direito por linhas tortas.

XXIII

O meu albergue era em um canto delicioso chamado Maidenhead, acima de Windsor, sobre o Tamisa, ahí onde o rio é já um regato, só navegavel á força de reprezas e comportas.

A tarde ia cahindo, e as oito milhas de estrada que vão de Ascot a Maidenhead são como uma rua de *park*, em que os chalets e palacios se desentranham da espessa folhagem das mattas. Como aqui ha dinheiro para tudo, em Ascot alugam-se casas por 200 e 300 libras, só para servirem durante a semana das corridas. A tarde ia cahindo, suavemente. Na estrada via os mesmos enxames de creanças louras — como esta gente é prolifica! — o mesmo character suburbano que o campo tem sempre, as mesmas fachadas vestidas de hera e trepadeiras, a mesma nitidez, o mesmo asseio, o mesmo bem estar por toda a parte. A metade sul da Inglaterra é um immenso jardim. Luziam as vidraças das janelas como espelhos, sem uma nodoa; e para além dos vidros arrendava-se a curva das cortinas denunciando interiores de salas conchegadas e quentes. Por fóra, verdura e flôres; por dentro, o macio e morno conchego dos ninhos; creanças feitas de leite e rosas, dançando na estrada; um ar tepido, um crepusculo brando: tudo isso me apontava uma face do character inglez que não posso deixar esquecido. É a ternura *lakista* de onde brota o veio abundante de poesia romantica; e a doçura maviosa, a ingenuidade amavel, o carinho meigo que os inglezes, principalmente, como é natural, as inglezas, teem dentro de si, conjunctamente com a energia taurina. Conta-se que Rossini, ouvindo pela primeira vez a Nilsson, que era uma mulher colossal, lhe chamou baleia que engulira uma toutinegra. Lembrou-me o dito de Rossini. Tambem são herculeos, tambem trazem no peito, ou no estomago, uma cotovia.

São sentimentaes. Não ha na Europa moderna lyrismo subjectivo comparavel ao da poesia ingleza. A afinidade electiva não é aqui palavra vã. Os ca-

samentos fazem-se por esse motivo, e não contrahidos entre os paes, como em França, por conveniência das familias. São românticos por natureza. E é por isso mesmo que são, como os temos visto, temerarios, aventureiros, impellidos pela sêde de ganhar, e dominados pela vaidade do dispendio.

De todos os europeus que eu conheço, não ha duvida que são os mais proximos do homem barbaro, apesar de, por um concurso de circumstancias, a primeira das quaes é a riqueza, serem os que primam nas cousas formaes e exteriores da civilisação. Nem admira: teem o sangue moço; não contam, como nós, continentaes latinos, vinte e cinco seculos de vida historica. Perante a nossa velhice, são uns fedelhos: teem mais de mil annos menos que nós, pois foi em 450 que as saxões barbaros se estabeleceram na Gran-Bretanha. Os annos fazem muito ao caso. Não admira, pois, que tenham os defeitos vantajosos da mocidade ardente. Não admira a sua energia cega, nem a sua vaidade quasi infantil; não admira que resumam a vida em duas palavras, *show* e *business*: o negocio, fórma actual da energia, e o luxo, satisfação quasi infantil da vaidade. Não admira a confiança que teem em si proprios, porque nem idéa exacta fazem do que as cousas são. Não admira que, senhores de si e de tudo, gastem como ganham, sem olhar ao futuro. Quando muito, *seguram* a vida dos filhos; de resto, a obrigação dos paes é apenas educal-os, e, desde que teem azas, soltal-os pelo mundo fóra, a ganhar por seu turno a vida, como succedeu aos paes. O instincto conservador, a idéa da successão familiar, ancorada fortemente na propriedade: esta herança antiga dos povos envelhecidos, não a teem, como novos que são no mundo, e além d'isso afortunados por uma sorte incomparavel.

E se, nem dentro da própria família concebem a solidariedade, como a hão de imaginar sequer dentro da nação, entre as suas diversas classes? Cada qual defende-se; para isso tem braços: é a regra. A vida é uma lucta: principio fundamental de uma sociedade que, por isso mesmo, não sahio ainda, essencialmente, do nimbo das idéas barbaras. D'ahi vem a sua força entre civilizados; d'ahi o seu encanto espontaneo; d'ahi, tambem, o effeito grotesco que nos produzem, porque esses barbaros affectam de civilizados em tudo quanto é exterior na civilisação.

Os duzentos ou trezentos milhões de libras que a Inglaterra accumula todos os annos, enriquecem cada vez mais os ricos; e por isso mesmo afundam cada vez mais os pobres na sua miseria, apesar de toda a philantropia individual e official. Se a vida é uma lucta, ha de haver vencidos; e os vencidos são as vastas plebes proletarias que formam a base do edificio d'esta plutocracia.

Porque isto de riqueza é uma idéa relativa. N'uma sociedade pobre, mas onde a fortuna está regularmente repartida, todos são ricos; n'uma sociedade, onde a ostentação e o luxo accendem a cubiça dos que teem menos, a miseria é insupportavel. . .

E n'estas cogitações se foi a jornada. Chegavamos a Maidenhead. Jantámos, conversámos, dormimos; e na manhã seguinte, no rio coalhado de guigas, preparava-se uma regata. Contra as margens encostavam os vaporsinhos carregados de gente, engrinaldados de festões e ramos de flôres. A distancia fundeava uma d'essas casas-barcos de verão, e as janellas abertas de par em par estavam garnecidas de *misses*; no terraço do tecto, convertido em jardim, passeiavam. Como insectos corriam si-

lenciosa, rapidamente, na agua os barquinhos electricos, sem o pennacho enjoativo de fumo. Além, para baixo, fica a ponte do caminho de ferro onde a cada instante sôa um trovão, passa uma nuvem negra despedindo scentelhas: é o comboio. O dia está quente e humido. O céu baixo. Chovisca por vezes. A regata já começou. O meu visinho, no terraço do hotel, diz-me com desvanecimento, observando a musculatura dos rapazes:

— O *sport* substitue para nós o serviço militar obrigatorio das nações continentaes. Com a riqueza que possuímos, se não fossem os exercicios physicos, já tínhamos cahido no dessoramento. Com o nosso temperamento exuberante, se não fosse o *sport*, descambava tudo n'uma orgia. É necessario fatigar o corpo, para o fortalecer. Só o *training* enrija. *Splendid fellows!*

Girava-lhes com effeito nas veias o sangue dos *rovers* scandinavos, dos *vickings* normandos, os piratas que desciam das regiões sombrias dos mares do norte á caça, pelas costas européas. Parecia que as aguas do rio vergavam com o peso da sua energia athletica, e que se abriam confusas, quasi ironicas, na sua limpidez *crystallina*, deixando passar essa tromba de gente fortemente ruda, sem transparencia, nem fluidez na idéa.

O *sport* salva-os com effeito do embrutecimento. Remam, patinam, jogam o *cricket*, o *foot-ball*, montam, correm, caçam a raposa em casa, o tigre na India, o bufalo na America, o elephante no Cabo, a cavallo em avestruzes, á falta dos *thorough bred*s que galgam sebes, saltam rios, no *steeple chase* permanente, que é o programma da sua existencia.

Splendid fellows!

Educam-n'os desde o principio para isso. O fim que teem em vista não é produzir instrumentos in-

tellectuaes: é formar individuos *healthy and active*, sadios e herculeos, bravos e bons inglezes, uteis, serviçaes, verdadeiros, *honest gentlemen*, e christãos sem cogitações metaphysicas, antipathicas á raça. O ensino é todo pratico e applicado, nas escolas; e as universidades, em vez de academias de sciencia theorica, são collegios onde os filhos-familias ricos se preparam para a vida de gozo e ostentação que os espera. A liberdade de testar e os morgados fazem com que, n'esta sociedade aristocratica, onde as familias teem proles numerosas, um filho, o mais velho, herde a opulencia; e aos outros fique a liberdade de irem pelo mundo fóra ganhar riqueza com que possam voltar á patria, fundar novas casas e terminar a vida no seio do luxo em que nasceram. Escolas especiaes ensinam os futuros emigrantes, applicadamente, para os varios destinos, recheiando-os de factos e informações, paciente e cuidadosamente colligidos. É a bagagem com que partem: não é uma educação que levem. É o instrumento, não é a idéa. O saber não constitue um fim, é apenas o meio de ganhar dinheiro. As profissões que, no continente, se chamam *liberaes*, aqui exercem-se commercialmente. Medicos, advogados, engenheiros, são sociedades commerciaes. Mercurio baptisa tudo com o seu caduceu. Mercurio tem azas nos pés, salta, vae, vem, como elles, pelo mundo inteiro, levando por toda a parte a sua temeridade audaz e a sua tenacidade forte. Morrem muitos no combate? Tanto melhor; assim, pela selecção, se apura a raça, e cada vez nascem mais aptos para rapar por toda a parte o que houver aprofitavel.

a) Platão considerava inconciliaveis as duas qualidades de athleta e de pensador. Ora, os inglezes são incontestavelmente uma raça de athletas.

la com vista aos dois
desporto. Portuguez

XXIV

Tudo em Inglaterra, absolutamente tudo, se torna *sport*. Desde que formularam a existencia como um combate e inventaram a lei do *struggle for life*, exprimindo, com essas doutrinas de um naturalismo cru, o instincto mais profundamente constitucional do seu genio, não admira que a idéa da lucta inspire de principio a fim os actos dos inglezes. A falta de senso metaphysico não lhes deixa perceber as cousas á moda continental classica: não sentem o principio de harmonia immanente no mundo, percebendo apenas as fórmas antitheticas da phenomenalidade.

Tudo é *sport*, isto é, exercicio destinado a dar pasto á força de temperamentos exuberantes, em vez de acção coordenada para a realisação de um fim superior ao individuo. Tomemos um exemplo. O francez trabalha, junta e enriquece, para que? para crear uma casa e uma familia, a quem deixe o fructo do seu trabalho. O inglez, pelo contrario, nunca obedece á idéa mais abstracta da familia; trabalha e ganha por necessidade de um temperamento irrequieto, de um genio insusceptivel de contemplação. Trabalha e ganha pelo mesmo motivo que depois o faz gastar perdulariamente, sem cuidado na herança dos filhos. Tratem de si. Instruidos e equipados para a lucta da vida, deita-os pelo mundo fóra, a batalhal-a.

Outro exemplo é a politica. Dos varios *sports* inglezes, é este o mais attrahente. A maneira que teem de encarar a acção politica explica as differenças de

facto estranhas, quando se compara o que succede aqui, ao que se passa do outro lado do Canal. No continente, a acção politica é sempre subordinada a idéas doutrinaes, ou ao ponto-de-honra; aqui é um conflicto e um jogo da mesma natureza essencial dos jogos athleticos. Degladiam-se interesses positivos, e debatem-se energias individuaes. A fórma porque o fazem não offende, nem melindra, como succederia entre os povos continentaes, em que o espirito de sociabilidade domina. Podem na lucta do *box* dois campeões partirem-se respectivamente as caras: nem por isso ha offensa. Tambem na politica são licitas as maximas injurias. É de boa-guerra. O ponto-de-honra não se concebe, quando não ha instincto de sociabilidade. Assim, o duello é cousa desconhecida; e as maximas affrontas, ou se engolem em secco, ou vão escancarar-se cruamente perante os tribunaes publicos.

Por isto, a pratica dos costumes parlamentares inglezes, quando se adoptou por copia servil entre os continentaes, nervosamente susceptiveis, deu de si, ou uma exacerbação de odios e attritos pessoaes, ou, o que foi peor ainda, um descaramento completo. Nós não podemos comprehender que homens se insultem publicamente por *politica*, por *sport*, continuando a estimar-se á saída da camara, ou do comicio, como aqui succede. E por isso o commentario dos debates é o duello; ou então um rebaixamento vil em que, ao descaramento das polemicas, succede o desprestigio da classe dos politicos. Aqui, pelo contrario, ninguem se desprestigia, nem pelos insultos que diz, nem pelos que ouve. E da guerra. Ficam com a cara esfrangalhada, mas a galeria applaude quem tem mais força, ou é mais dextro. A politica é o maximo *sport*.

E não ha, com effeito, *sportman* d'este genero

mais completo e acabado, do que o *great old man*, Gladstone, que, agora mesmo, corre a Inglaterra na campanha eleitoral destinada a derrubar o ministério Salisbury. Para que? Para nada; pois fará exactamente o mesmo; nem é licito hoje seguir em Inglaterra (e quasi em toda a parte) senão uma politica: o possibilismo. Sobre todas as questões classicas paira, como o *fatum* da tragedia antiga, aquillo a que se chama a questão social, isto é, o correspondente, nos tempos modernos, á guerra dos escravos que deu cabo da republica romana.

É certa, porém, a victoria de Gladstone, porque os inglezes fizeram d'elle um *favourite*. Vêem-se retratados no *great old man*: nas suas chimeras philanthropicas, na estreiteza e na falta de espirito comprehensivo do seu talento, na sua actividade quasi milagrosa, no seu nervo, na sua energia phenomenical aos oitenta annos, correndo em permanencia a Inglaterra, assistindo a *meetings*, aclamado hoje, corrido a cacos e batatas, com que lhe racham amanhã a cabeça; nos intervallos recolhendo-se ao seu castello, e empregando os ocios a cortar arvores: especie de titan politico, ou hercules parlamentar, com a sua face aguda, os seus collarinhos anachronicos, e uma physionomia quasi historica, em que a Inglaterra venera o puritanismo declinante, extasiada e attonita perante a corrente inexgotavel de discursos que os labios de Gladstone despejam, quando se agitam nas convulsões d'aquella *diarræichal eloquence*, a que Disraeli, o seu rival, fazia uma troça desapiedada... Este periodo saiu gladstoniano.

Dirigiam-se os meus passos para o palacio de Westminster, construido junto á velha abbadia, la-deando o Tamisa, em cujas aguas plumbeas se espelham as torres e agulhas, as pilastras e laçarias,

d'essa enorme montanha de pedra erguida para habitação do parlamento.

Westminster e os tribunaes de *Temple bar* (para leste, no fim do *Strand*) são as duas edificações mais consideraveis da Londres novissima. Alojando *imperialmente* o parlamento e os tribunaes, o povo inglez manifestou o seu culto pelas duas instituições fundamentaes da vida nacional. E os architectos, delineando estes dois monumentos, conforme a tradição britannica dos tempos das duas rainhas, a rainha Izabel e a rainha Anna, fizeram n'isso mesmo a apothese da terceira grande rainha ingleza, a rainha Victoria.

Essa architectura do palacio de *Temple bar* (parece-me tel-o observado já) coaduna-se com a paizagem e o clima britannicos; mas, n'este caso especial de que agora tratamos, ha mais. Um palacio de estylo inglez não tem a ordenação unitaria e harmonica das construcções classicas: é um aggregado de torres, e tectos, e porticos, e passagens, irregular, asymetrico, e que tanto pode parar onde está, como prolongar-se indefinidamente por juxta-posições successivas. E é exactamente assim o direito inglez, em que cada caso e cada sentença formam um aresto, em que não ha principios geraes, nem codificação systematica: emmaranhada construção de textos, datas, precedentes e circumstancias, nas quaes se perde a paciencia do jurisperito, e mais ainda a do litigante, exactamente como os meus olhos se perdiam na contemplação da immensa mole de *Temple bar*.

Depois, a architectura monumental não se distingue da domestica, tambem exactamente como a legislação ingleza, que nunca adquiriu as linhas estruturales das construcções systematicas, ficando confundida nas origens primitivas do direito patriarchal.

O palacio de *Temple bar* tanto podia ser a morada da justiça, como a habitação magnifica de um senhor feudal, á antiga. São torres acastelladas, tectos esguios coroados de tympanos e bordaduras, guaritas com setteiras nos angulos dos corpos salientes, *bow windows* repetidas, arcarias ogivaes, corredores e pateos obscuros que parecem entradas de fortaleza antiga, com a sua ponte levadiça e os archeiros couraçados de ferro, fazendo alas.

É immenso, em boa verdade; mas a um continental só infunde impressões de grandeza aquillo que tem proporções nitidas e ordenadas. O tamanho é questão secundaria. O Parthenon, e não ha nada superior em magnificencia, era bem pequeno.

Perante Westminster, o caso é outro. A concepção architectural formulou-se de um jacto, e a fachada, avançando sobre as duas torres, contra o rio, debruçada na margem, tem uma grandeza esmagadora de edificio gigantesco, quasi oriental, assyrio, ou babilonico, apesar dos pormenores. Observado a distancia, fundida n'um todo essa enorme montanha de pedra que cobre quatro acres de superficie, coroadas pelas agulhas das torres cravando-se no céu e dardejando no ar o reflexo das suas douraduras, a impressão resultante é fortemente accentuada. Se não levanta o espirito em entusiasmo, como succede perante as sublimes concepções do genio; obriga-o a curvar-se humilde diante de uma ingente manifestação de força.

Ao pé, a repetição insistente, a copia constante das mesmas linhas e motivos de construcção, fadiga. Entre gigantes esguios que vão no alto acabar em agulha, rasgam-se janellas enormes encaixilhadas em pedra, para distribuir no interior abundantemente a luz escassa d'estes céos de chumbo. As mesmas laçarias, as mesmas ogivas, os mesmos co-

lumnellos e maineis, baldaquins, rosas, nervuras vegetalmente desenhadas: todos os motivos que fazem das fachadas dos edificios d'esta especie alguma cousa semelhante a uma folha immensa que, secando, se arrendou, reproduzem-se fatigantemente, tal é a extensão do monumento.

O estylo ogival não comporta a repetição. Uma columnada, uma arcaria, podem reproduzir-se e prolongar-se indefinidamente. Não succede o mesmo com as fachadas chamadas *gothicas*. Por isso, attendendo ás proporções gigantescas de Westminster, a idéa de seguir para o palacio o typo vizinho da abbadia antiga, deu de si uma construcção monstruosamente monotona. Quando, como eu fiz, se faz o circuito do enorme edificio, cuja mole assusta e cujas perspectivas distantes deslumbram, acaba-se fatigado de tão escassa invenção, e afflicto por tamanha monotonia.

XXV

Antes de visitar o parlamento, mostraram-me o grande *hall* que serve para os processos politicos. Essa immensa sala é, no seu genero, magnifica; e digo no seu genero, porque eu prefiro as salas marmoreas, sem *conforto* domestico, logo á primeira vista feitas para as solemnidades, em plena comunicação com a luz e com o ar. O *hall* de Westminster, pelo contrario, tem os caracteres communs das habitações de quem é forçado a viver em divorcio com a natureza ambiente. Disseram-me que o tecto magnifico de castanho esculpido, tecto obscuro que absorve a luz, data do seculo *xi*.

Em toda a volta da sala, as guarnições de madeira entalhada revestem as paredes até certa al-

tura, e d'ahi para cima cobrem-nas guadamecins fulvos, banhados em ouro, ou tapeçarias vermelhas, cahindo em dobras pesadas e graves. Do tecto descem lustres. Pelas janellas de vidraças coloridas cõa-se uma luz desnatural, violentada pelos tons dourados ou vermelhos, verdes ou violetas. Esses tons duros, e os contrastes violentos do claro-escuro, são indispensaveis, quando faltam os nossos aureos banhos de luz quente do sol, para dar a grandeza que não ha no céu; pedindo ás invenções do luxo e da arte aquillo que, nos ares gloriosos do Meio-dia, a natureza distribue a mãos largas, gratuitamente. Leva em si rios de diamantes, de rubis, de saphiras e de esmeraldas, a ondulação da nossa luz.

As salas das duas camaras são eguaes. Eu vi a dos *Commons*, onde havia sessão esse dia. A impressão foi a mesma do grande *hall*: está-se em casa, casa rica, sem faltar nenhum conforto, e onde o luxo tem um ar grave; mas está-se em casa, não se está n'um *templo*. O senado romano, tendo ao fundo o altar da *Victoria*, perante o qual ardia o incenso e os senadores juravam estendendo a dextra, devia ser inteiramente diverso d'este recinto cubico, quasi escuro, em que raros cavalheiros, de chapéo na cabeça, ouvem fallar um collega.

Os deputados são 670, mas repetidas vezes as sessões se suspendem por falta do numero legal, que é 40. As bancadas estão quasi completamente vazias. Essas bancadas, dispostas em amphitheatro, enchem tres faces da sala, que é um rectangulo alongado. Os deputados não teem carteiras: só cadeiras; tomam notas sobre o joelho. A meia altura das paredes, por cima do amphitheatro, avança a galeria aberta dos ouvintes. As sessões não são publicas. Ha os mesmos tectos entalhados de madeira

brunida, os mesmos guadamecins, os mesmos revestimentos de preciosa talha, as mesmas tapeçarias, onde a luz colorida das vidraças se fixa em manchas polychromicas.

Em frente, correspondendo ao altar da Victoria, está o throno do *speaker*, personagem de voz nasal e cabelleira branca, postiga, conforme o rito. Este amor grotesco do inglez pelas farragens de operacomica impressiona, quando se oppõe, por contraste, á sem cerimonia com que os deputados fallam e passeiam de chapéo na cabeça, como na rua. Não sou dos que se pronunciam contra o valor do *culto externo* nas funcções publicas. Infelizmente, a verdade é que o homem necessita de ser impressionado pelos sentidos e manietado pela tradição, para se deixar governar. Mas a cabelleira do *speaker* offendeu-me tanto, quanto o fardamento historico dos guardas da torre de Londres. É caricato. A primeira condição do *culto externo* é crear uma atmospherá de respeito. E se na camara se está como na rua, se não ha tribuna, nem portanto o consequente abuso da fallacia, para que é, e de que serve, a cabelleira do *speaker*?

Quem falla tira o chapéo e levanta-se de pé; mas falla do seu logar. Em frente do throno do *speaker* fica em baixo, atravessado, o bufete dos officiaes da camara; e entre os dois amphitheatros lateraes, na metade superior da sala, a vasta mesa, a cujos lados se sentam os ministros.

N'esta sessão fallou o sr. Balfour, pedindo á camara que apressasse os seus trabalhos para ultimar o voto das leis promettidas no discurso da corôa, pois o parlamento ia ser dissolvido, e convocadas novas camaras. Não era novidade, mas era a primeira vez que se dizia officialmente. Por isso havia na sala umas dezenas de pessoas, e se escutavam

as palavras do ministro, que já abertamente era considerado homem batido no *sport* politico. Ninguém punha em duvida a victoria de Gladstone. Todas as atenções nervosas se voltavam para a lucta eleitoral. O parlamento agonisava, e por isso mesmo cada deputado queria ver votado o projecticulo necessario para influir no respectivo circulo.

O coronel Nolan, que obsequiosamente me proporcionara o accesso á parte da tribuna separada para o corpo diplomatico, fez favor de me munir com a ordem do dia da sessão e o texto dos projectos de lei respectivos. Conservei esses documentos. A precisão minuciosa da redacção das leis e a sua concisão, são modelos. Modelos são os relatorios summarios que as precedem. Não ha os palavreados tão nossos conhecidos, nem as exhibições quasi pueris, ás vezes, de um saber avariado, ou de uma doutrina feita á tesoura. É tudo rapido, preciso, nitido, pratico. Do mesmo modo são as discussões. Poucas palavras, breves. Discursos de tres dias é cousa que não ha, nem de tres horas; ninguém está para os fazer, porque ninguém teria paciencia para os ouvir. Por isso é extraordinaria a quantidade de trabalho que abatem n'uma sessão. Não se perde metade do tempo nos incidentes imprevistos de antes da ordem do dia, porque não ha perguntas aos ministros que não sejam préviamente communicadas á mesa e incluídas no catalogo dos trabalhos diarios. A folha que tenho aqui, para 13 de junho, enumera nada menos de 44 perguntas aos ministros, além de 49 projectos de lei, dos quaes 21 de iniciativa governamental. As commissões funcionam conjunctamente com a camara. Os deputados andam n'um entrar e sair constante. O expediente leva-se a correr. E as sessões duram longas horas, antes e depois de jantar, pois é no proprio palacio

das côrtes que os deputados jantam. Parece que em parte alguma se come melhor em Londres. As senhoras veem fazer companhia aos maridos, e é muito divertido, *jolly*.

A lei que no meu dia provocou alguma discussão foi a das escolas na Irlanda. Tocava-se em uma das feridas constitucionaes da Inglaterra, em uma das questões ardentes da actualidade; e tanto mais vibrante, quanto Gladstone fizera do *home rule* irlandez a *platform* da campanha eleitoral que abсорvia todas as atenções, e de que os debates d'esta camara agonisante não eram mais do que os echos sem maior importancia.

Entre as questões constitucionaes da actualidade em Inglaterra figura em primeiro logar o *home rule*, ou autonomia da Irlanda; e não tanto pelo que vale em si, como pelo que indica no sentido da resolução das questões parallelas. O problema particular da Irlanda resolve-o dia a dia a emigração, despoando os campos, onde os donos das terras substituem á lavoura a engorda de gados. Mas o *home rule*, hoje, conforme Gladstone ousadamente o disse no seu discurso de Edimburgo, não é já sómente dar, ou não dar, satisfação ao autonomismo irlandez; mas sim saber se a Inglaterra continuará a proseguir no caminho da centralisação, á moda continental, conforme lh'o reclama a conservação do seu imperio ultramarino; ou se, dando costas a esse modernismo, regressará á sua tradição localista, consagrando-a em moldes constitucionaes federativos, á imagem dos Estados Unidos, a nova Inglaterra americana.

O *home rule*, que Gladstone prégava em Edimburgo para a Irlanda, era um corpo de instituições identicas ás das colonias autonomas, com finanças, impostos e administração proprios. E fallando na

capital da Escóssia, o *great old man* dizia que, se a Escóssia quizesse também o *home rule*, também o teria.

A chimera de uma metropole federal, regendo um vastissimo imperio ultramarino, mostra a nú o ponto de crise a que a Inglaterra tinha de forçosamente chegar, e em que se encontra. Por um lado, o temperamento da raça, naturalista e individualmente exuberante; por outro a tradição de uma historia em que as nacionalidades enfeixadas no Reino-Unido não chegaram ao ponto de fusão e penetração reciprocas, estão chamando o radicalismo para a fórma federal. Mas este pensamento briga fundamentalmente, em primeiro logar, com a revolução economica que transformou a Inglaterra n'uma fabrica-banco para explorar o mundo inteiro, dependendo d'elle para a subsistencia alimenticia; e em segundo logar, com o facto do dominio politico exercido sobre toda a superficie do globo, n'um imperio retalhado a que unicamente imprime nexos e garante estabilidade, a manutenção de um poder militar-naval incomparavel.

A historia inteira, vindo em soccorro do bom-senso mais elementar, mostra-nos que o *imperialismo* da Inglaterra é a consequencia necessaria do seu papel economico e da vastidão dos seus dominios; dizendo-nos que no dia em que a Inglaterra quizesse voltar ao *puritanismo* federativo, n'esse dia, com applauso do mundo inteiro, o seu poder politico teria desabado.

XXVI

Outro problema é exactamente o da conservação e exploração do imperio ultramarino. Não falta quem, argumentando com o exemplo dos Estados-Unidos, advogue a doutrina da abstenção perante as tendências separatistas das colonias. Como nação, a Inglaterra faria o mesmo que, no povo, os paes fazem aos filhos: educal-os, creal-os, e depois—ala! a tratar da vida. A sorte que os Estados-Unidos tiveram no fim do seculo passado, é o futuro que esperaria as mais colonias que quizessem tornar-se independentes. Creadora e amamentadora de nações, a Inglaterra não deve outra vez commetter o erro de se lhes oppôr á emancipação; pelo contrario, deve favorecer-a. E quanto aos paizes submettidos ao imperio inglez, como a India, a doutrina é a mesma. No dia em que engeitassem a tutela protectora da Inglaterra, deixal-os á sorte das suas preferencias. Opta a India pela Russia? Pois Gladstone não hesitou uma vez em declarar que, a ser assim, o melhor era cruzar os braços, e deixar que os indios fossem russos. Essa consequencia paradoxal do doutrinarmismo hirto do *great old man* não o inutilizou, porém. O inglez não toma ao pé da letra o que se diz: só lhe importa o que se faz.

As affirmações mais estapafurdias dos litigantes politicos considera-as materia de *sport*. Não tira, nem põe. O instincto diz-lhe que, acima de todas as extravagancias dos homens systematicos, está, para esses proprios homens, e para toda a nação, a força ineluctavel das cousas.

A prova provada d'isto que digo é o que está

succedendo, n'esta propria ordem de idéas, com a questão da occupação do Egypto. O radicalismo inteiro protesta contra ella. Gladstone terminantemente affirmou que procederia á evacuação; mas pode com segurança prophetisar-se que não commetterá semelhante erro. A politica *imperial*, proclamada theatralmente por Disraeli, quando foi da coroação da rainha Victoria, imperatriz das Indias, é a unica politica possível.

As nações, sob pena de morte, não podem abdicar. E o suicidio é um phenomeno da esphera da liberdade individual apenas. Ora a idéa de dar aos indios a opção do protector não passa de uma extravagancia do acanhado criterio philanthropico do *old man*, que n'isto só poderemos considerar *grande*, reconhecendo que é *representative* de uma parte muito consideravel, porventura predominante, das opiniões individuaes inglezas. Não se confunda, porém, que é um erro, a somma das opiniões individuaes com o instincto synthetico de um povo. *Viritim*, os inglezes serão abstencionistas; mas o sentimento colectivo é imperialista.

É, e sel-o-ha tanto mais, quanto mais de perto se chegar á situação para que o Oriente caminha. Já na Birmania o imperio inglez raia com os francezes do Tonkin e do Annam. Já no planalto do Pamir e em todo o Afghanistan, inglezes e russos estão frente a frente, chocando-se, no alastrar de uma expansão energica. Ameaça ruina o imperio inglez? Não; mas cahiria por terra, no momento em que lhe faltasse a segurança da estrada do Oriente que tem como estações successivas, Gibraltar, Malta, Chipre, o Egypto, Aden. Essa cadeia de baluartes adquiridos, uns á força, outros por compra, outros por arte, tem hoje, desde que o Egypto e o canal de Suez ficaram britannicos, o élo basillar no valle

do Nilo. A evacuação é uma caturreira, não é outra cousa.

Se eu fosse inglez, applaudiria *manibus pedibus* que a politica de Beaconsfield, tão evidentemente sensata que convenceu o melhor dos *whigs*, scizionando o partido, e ligando-se aos *tories* do ministerio Salisbury o grupo *unionista* de Hartington e Chamberlain. Com o *old man* ficou a cauda extrema do partido, que já hoje se dobra para o morder pela bocca serpentina de Labouchère. Se eu fosse inglez, iria com a corrente de opinião que, em vez de pôr os olhos na futura emancipação das colonias, defende, ao contrario, uma politica de estreitamento de relações com ellas; oppondo ao proteccionismo radical das nações europeas do continente, e ao americanismo da doutrina de Munroe, proclamada nas pautas de Mac Kinley, um *zollverein* ou liga aduaneira dos ganglios dispersos do corpo nacional-colonial inglez.

Só d'esta fórma se concebe o caracter de metropole das ilhas britannicas. Emancipadas as colonias, defendidas as nações estranhas por uma judiciosa politica economica, a Inglaterra, sem mercados para os productos da sua industria, sem fretes para a sua marinha, e tendo de comprar quasi tudo quanto come, ficaria condemnada á ruina. Grave symptoma e comprovação d'isso que affirmo é, já hoje, a sensível queda das exportações e a baixa dos fretes maritimos, com os portos atulhados de vapores a enferrujarem-se.

Para esclarecer melhor este ponto capital da situação ingleza, os leitores desculparão que eu corrobore as considerações feitas com os algarismos respectivos. Não ha melhor eloquencia do que a dos factos.

A somma total do commercio externo da Ingla-

terra, em 1890, foi de 743 milhões de libras sterlingas, dos quaes 420 na importação e 323 na exportação. O *deficit* de 97, digamos 100 milhões, provém da excessiva somma de alimentos e materias primas que os estomagos e as fabricas inglezas não encontram, nem podem encontrar, na área das suas ilhas. D'esse *deficit*, metade, ou 50 milhões, são pagos aos Estados-Unidos por compras de trigo e algodão, principalmente, depois de encontrado o valor das exportações de manufacturas.¹ Mas essas exportações diminuem, não podendo diminuir as importações, senão quando a Inglaterra, em vez de comprar a estrangeiros as subsistencias e as materias primas de que necessita, as obtivesse nas suas proprias colonias. Ora, em 1890, o commercio total das colonias sommo 204 milhões, nos quaes a Australasia entra por 133, a Africa Austral por 15, e a America Septentrional por 56. Mas do total de 204 milhões, as relações com a metropole representam apenas 91, sendo 113 de relações com posse-

¹ A dependencia da Inglaterra é geral a quasi todas as nações. Eis aqui os algarismos de 1890: (milhões de libras).

	Importação	Exportação
Estados-Unidos	97	46
França	45	25
Allemanha	26	30
Hollanda	26	16
Russia	24	9
Suecia-Noruega-Dinamarca ..	19	10
Belgica	17	13
Hespanha e Portugal	8	8
Italia	3	8
Turquia	5	7
America do Sul	13	21
China	6	9
Austria-Grecia-Rumania	8	4

sões inglezes e com mercados estrangeiros. Se na Australasia estas ultimas representam apenas 16 milhões sobre um total de 133; se na Africa Austral representam menos de 2 milhões sobre o total de 15: no Canadá, o caso muda de figura. Sobre o total de 56 milhões, metade é estrangeiro; e o mais grave é que as relações commerciaes externas tendem a subir, enquanto as nacionaes declinam. De 15 milhões que eram em 1875, são 10 apenas em 1890; ao mesmo tempo que o commercio estrangeiro subia de 26 a 46 milhões.

O estabelecimento de direitos differenciaes é o remedio preconizado para nacionalisar o commercio colonial, permittindo assim á metropole abastecer-se de alimentos e materias-primas na área dos seus dominios, e libertar-se da dependencia dos estrangeiros. O *zollverein* imperial prende-se directamente, como é obvio, com a politica externa da Inglaterra; a qual, por seu turno, depende essencialmente da direcção centralista, ou federalista, que tomar a constituição do Reino-Unido. Mas, no systema das questões internas, a politica constitucional relaciona-se, intima e directamente, com o proteccionismo reclamado pela agricultura, e condemnado pela industria e pelo operariado como encarecendo a vida; relaciona-se com o jacobinismo politico da extrema esquerda *whig*, e com o socialismo do proletariado que reclama leis de protecção e emancipação.

Não parece indicado que a Inglaterra entre n'um caminho de proteccionismo rural, analogo ao francez, pois a agricultura ingleza está condemnada pela transformação da metropole em officina e banco de um grande imperio; mas este proprio facto engrandece as proporções, e augmenta a gravidade do jacobinismo e do socialismo.

Nos campos, o proprietario perde todos os dias

a sua influencia, ao mesmo tempo que o alargamento do censo eleitoral multiplica o numero dos votos ruraes. A maioria dos proprietarios é conservadora; mas a maioria dos votantes é radical, ou pelo menos liberal. Antigamente, a Inglaterra chegou a realizar uma reproducção da Roma republicana e senatorial: uma democracia governada por uma aristocracia. A opinião reinava e os grandes governavam. As velhas familias fabricavam o pessoal necessario para as funcções publicas: ministros, deputados, generaes, diplomatas. Hoje, o caso é inteiramente outro. Com a expansão do imperio e com a accumulacção da riqueza, no regimen natural da concorrência e da selecção animal, desapareceu a classe média remediada, quer nos campos, quer nas cidades; e ao mesmo tempo a aristocracia historica cedeu o imperio a uma plutocracia. O vasto e solido strato de pequenos proprietarios ruraes, base social da nação franceza, dá estabilidade á sua democracia, armando-a contra os desvairamentos demagogicos e contra as allucinações anarchistas das plebes urbanas. Em Inglaterra, onde, perante uma minoria de plutocratas, se agita a multidão proletaria, a democracia só encontra um escudo contra os desvairamentos anarchistas no bom senso fleugmatico do genio nacional, e na sua antipathia pelas idéas geraes systematicas.

Mas a propria nitidez d'esta situação social mostra, sem necessidade de mais explicações, como o campo é adequado para a sementeira demagogica e socialista; e como a consequencia de um tal estado é a confusão e o enfraquecimento dos partidos politicos historicos. A historia agora é outra. O espirito conservador inglez, de quando era aphoristica a phrase *Nolumus leges Angliæ mutari*, acabou. Se o *imperialismo* e as inclinações para o so-

Cialismo de Estado, á moda allemã, rejuvenesceram o partido *tory*, é positivo que as suas raizes aristocratas lhe prejudicam a acção. Por outro lado, os *whigs* são já verdadeiramente *cabelleiras* no seu radicalismo individualista e philantropo, pois a era do puritanismo passou para a Inglaterra, revolvida pelos interesses de um enorme imperio, e atormentada pelas contendas asperas das classes industriaes hostis, patrões e operarios. Os partidos velhos acabaram de facto com o cyclo historico d'onde provinham: acabaram de facto, embora se conservem os nomes, pela influencia pessoal de chefes quasi posthumos, como Gladstone que indiscutivelmente sobrevive. A democracia ingleza encontrará, porém, certamente, uma formula e um partido novo que satisfaçam ao mesmo tempo as exigencias externas do imperialismo e as necessidades internas da luta ardente do proletariado industrial, evitando os perigos parallelos da demagogia e do anarchismo, tão mortaes como a resurreição anachronica do puritanismo *whig*, isto é, *cabelleira*.

XXVII

Como se sabe, em Inglaterra, o *meeting* funciona ao lado do parlamento, á maneira dos comicios romanos que tambem eram, ao lado do Senado, uma quasi instituição representativa. É nos *meetings* que a opinião publica se define e se formula; e como tambem no *forum* romano havia permanentemente oradores praticantes da vida politica, ou da advocacia, assim succede em Hyde Park, onde todos os dias ha quantidades de pequenos comicios. O orador sobe a um banco, sobre a relva; os ouvintes

fazem roda. Os assumptos são por via de regra bibe-licos, ou politicos.

Um dia que, passando no *park*, parei a examinar este phenomeno, a primeira exhibição que vi foi a de tres pinheiros esguios e vermelhos, na pelle e nos cabellos, com as suas longas sobrecasacas pretas penduradas nos hombros, cantando psalmos. A roda do povo, uma centena de pessoas, na maioria mulheres e creanças, pareceu-me indifferente e por vezes até disposta á mofa. Para outro lado, havia um velho de barbas brancas com a *Biblia* aberta na mão, lendo textos e fazendo commentarios piedosos e philantropicos, n'uma voz agreste, dando á falla uma entonação ao mesmo tempo arrastada e plangente. Era comico. Produzia pequeno effeito. Não vi que o escutassem mais que duas velhas pobres, e um gaiato que lhe fazia esgares. Mais além, vi, porém, um grande ajuntamento e uma vozeria consideravel, com estrepitos de gargalhadas, e uivos e guinchos de alegria. Que era? Acerquei-me, acotovellando a turba para penetrar até ao orador.

Era um homem moço, operario, trajando, como todos, á burgueza, de chapéo de côco e *frak*, e fallando com uma impetuosidade, uma abundancia e um pittoresco, déveras notaveis. O seu discurso enfiava um rosario de casos commentados por parabolas. Não argumentava com raciocinios e deducções: fallava ao espirito pratico, ao sentimento, e ao *humour* dos ouvintes. O thema era as eleições. Em quem deviam os operarios votar? quaes preferir? os *tories*, ou os *whigs*?

— A gente do sr. Gladstone, dizia o orador, accusa lord... (não me lembra que lord) por pagar quinhentas libras por anno ao seu intendente das estrebarias. Mas que temos nós com isso? O dinheiro é d'elle, gasta-o conforme lhe apraz. Agora

observo eu, *I say now*, que é muito mais grave o caso dos srs. Colman & C.^a (os fabricantes de conservas) que teem carruagens, creados e cavallos, á custa do trabalho de centenas de operarios, que exploram, impondo-lhes dias de onze horas, e dando-lhes férias de dez shillings...

— *Hear, hear*, clamava a assembléa.

— E Colman & C.^a são dos amigos do sr. Gladstone. É dos radicaes que temos a esperar alguma cousa?

— *No, nothing!*

Effectivamente, Gladstone estava dando o *home rule* como *platform* ás eleições, sem se pronunciar sobre as questões sociaes, especialmente sobre o dia de oito horas. E tanto isto lhe ia custando a perda da campanha, que á ultima hora mudou de rumo, e abertamente se pronunciou pelo dia de trabalho legal, na doutrina dos 8 8 8: oito horas para a educação do operario; oito horas para o descanso; oito horas para ganhar, com a fêria, o pão.

Não pode haver prova mais eloquente da influencia decisiva que, nas eleições d'este anno, tiveram as classes operarias; e não tanto pela apresentação das candidaturas que no proximo parlamento constituirão o nucleo do *labour party*, como porque, ampliado conforme está o suffragio, as plebes proletarias são o elemento decisivo no debate das eleições entre partidos, já quasi por completo transformados em clientelas pessoas. Perante a plutocracia que se substituiu á aristocracia rural historica, levanta-se a columna espessa dos proletarios, reclamando melhor talher no banquete da vida. E a prova do fundamento com que reclamam (o que não quer dizer da sensatez de tudo o que reclamam) está nas proporções da caridade official ingleza.

Voltando de Gravesend, no vapor, tive uma longa

conversa com um velho carpinteiro-de-machado que recolhia *up to London*. Parecia um santo homem.

—Custa menos viver a dois do que sósinho; dizia-me o pobre que por isso se casára, como todos.

—Tenho de meu uma mulher, não partilho com ninguém!¹ Mas esta consolação dura pouco. Veem os filhos com uma rapidez desoladora; e pelos doze ou quinze annos mais proximos, não é possível pôr de parte um *penny*. Depois, ha um desafogo: quando os mais velhos já podem sahir e ganhar alguma cousa. Muitos poucos fazem muito. É o periodo afortunado, em cujo declinar se desenhão os prenuncios de miseria futura. A idade cresce, o corpo geme, as forças diminuem. Os patrões olham com desconfiança para os cabellos já russos, para o peito curvado: hesitam em admittir-nos. Vem um que, por favor e compaixão, offerece dois *shillings*, ou meia corôa menos do que o preço corrente do trabalho. Ganha-se menos, paciencia! mas tambem o trabalho é mais suave. Á mesa, porém, cada vez mais nua melancholicamente pensamos, que a velhice, inverno da vida, bate com violencia á porta... Até certa epocha, os filhos foram excellentes para os velhos. Mas andam todos longe, por fóra, ganhando a vida. D'antes, mandavam algumas porções de dinheiro para casa: agora... Já teem queridas, *sweethearts*, já se casaram, já teem filhos, e não podem dispensar um *penny*. É fortuna quando não chega o dia de recolher a filha, batendo á porta com um bastardo ao collo...

E o carpinteiro, depois de traçar d'esta fórma o quadro typico da vida operaria, contando talvez a sua propria historia, deixava cahir a cabeça sobre

¹ *I ha'e a wife ó my ain, I'll partake wi'naebody.*

o peito, quem sabe? lembrando-se, porventura, do dia em que a Ellen fôra deitar-lhe em casa o fructo dos seus amores vagos, e fugira de novo, batendo as azas... Pobre velho!

Em Inglaterra nunca houve cousa semelhante ao terremoto da revolução franceza, copiada mais tarde pelos paizes latinos; nunca se destruíram de todo as velhas corporações de officios, jurandas, ou *guilds*, em nome de uma falsa liberdade concebida por cabeças duras de juristas seccos. Das *guilds* historicas sahiram, no primeiro quartel do seculo, as *trade's unions*; e sobre essas corporações de officios, se crearam as *uniões* novissimas, ampliadas aos trabalhadores braçaes.

Das leis de 1825 data a era moderna das *trade's unions*. 1833-1834, com as suas *grèves* geraes, está para as modernas associações corporativas, como 1889 e a famosa parede das dockas de Londres para o novo-unionismo, em que se agremiam, não sómente os officiaes de officio, como os simples trabalhadores, *skilled* e *unskilled labour*. Thomas Burt é a principal figura do movimento anterior; John Burns, o *leader* do *unionismo* actual.

É ao mesmo tempo viril e ingenua, sympathica e generosa, a figura de Thomas Burt. Operario mineiro, educou-se a si proprio, como Stephenson, nos intervallos do trabalho. A influencia preponderante e a auctoridade que ganhára entre as populações mineiras, instituindo e organisando o syndicato das associações operarias; estabelecendo o pagamento de quotas fixas; tendo já em 1871 aggremiado e ar-regimentado dezeseite mil socios, constituido para a sociedade uma renda annual de dez mil libras, com um fundo de reserva de vinte e cinco mil; prégando a abstinencia do alcool, o grande inimigo do trabalhador inglez; chamando os operarios ao caminho

dos bons costumes e dando-lhes consciencia da sua força pela comprehensão do seu dever: toda esta longa obra de regeneração, em que as qualidades solidas do genio inglez se manifestam superiormente, fizeram com que, em 1873, Burt, que tinha então trinta e sete annos, fosse eleito deputado pelos mineiros. O subsidio (indispensavel a um proletario) era pago pelo cofre do syndicato. E desde 1873 até agora, Burt tem conservado o seu lugar no parlamento, apesar das repetidas rixas travadas com os seus eleitores. Um vento novo de guerra social agitava o proletariado, mas Burt, fiel ás antigas idéas, oppunha-lhe sempre a sua «convicção de que é pela educação, pela associação, pela cooperação e por movimentos pacíficos de caracter analogo que de futuro serão resolvidos os problemas afflictivos do presente».

O pensamento conservador formulava-se no proprio seio do proletariado. O instincto inglez da prudencia conseguiu conter por um tempo a inundação borbulhante.

XXVIII

O grande argumento do libello contra as *trade's unions* era que, instituidas segundo os moldes capitalistas, com um fim de previdencia, se tinham tornado conservadoras. Os soccorros, as reformas, as pensões, os enterros: toda a especie de subsidios prestados e garantidos, dando segurança ao viver actual do operario, desviavam-no da campanha necessaria para a sua emancipação como classe. Os proprios beneficios alcançados, levando á resignação, eram perniciosos. Depois, as *trade's unions*, succedendo ás *guilds* historicas, eram corporações de officio, e deixavam de fóra, ao desamparo, a legião

vasta e miseravel dos trabalhadores braçaes, *unskilled labourers*.

A grande *strike* das docas de Londres em 1889 inicia um periodo novo. O trabalho das docas é o ultimo refugio de todos os naufragos da sociedade. Quem nunca viu uma vez a multidão de miseraveis que todas as manhãs se accumula ás portas, esperando a esmola de um jornal de trabalho, não faz inteira idéa do que é no mundo a desgraça, nem a extravagancia resultante do choque dos elementos sociaes no auge da civilisação. Um Dante da nossa idade poria as scenas d'esse genero no derradeiro circulo do seu inferno. Paira no ar uma atmosphera de vicio, respira-se o cheiro acre da immundicie miseravel, vêem-se os detritos e farrapos nojentos da vida civilisada. A multidão dos párias vem de toda a parte: são moços de lavoura a quem a terra ingrata repelle os braços, são moços da cidade vencidos na luta da concorrência descaroavel, são lojistas fallidos, são artífices sem trabalho, são soldados, são caixeiros: todas as classes confundidas pela fome niveladora, no meio da multidão espessa dos vagabundos alcoolisados dos bairros do *East End*, quasi selvagens repellentes, com o olhar baço, a pelle em escaras, os andrajos esfarrapados, á espera de ganhar uns *pence*, carregando fardos, para depois os gastarem, embrutecendo-se, no *gin palace* da *Commercial road*.

Burns se chama o apostolo do *unionismo* novo, saído da *grêve* colossal de 1889, e que no anno seguinte conseguiu que o congresso de Liverpool, apesar de presidido por Burke, votasse o dia legal de oito horas. A idéa nova das reivindicações proletarias saiu então da esphera historica das corporações de officio, e dos limites particulares e conservadores do espirito inglez, para o campo aberto

da solidariedade de todo o trabalho, officinal ou braçal, *skilled* ou *unskilled*, e para a grandeza de uma luta geral e revolucionaria do proletariado contra o capitalismo, á maneira do continente.

A idéa dominante até então fôra o *self help* classico, o particularismo: cada qual tratar de si, sem se importar como vão e como são as cousas em volta. Em Liverpool, o pensamento vencedor foi, pelo contrario, um socialismo de Estado, semelhante por muitos lados ao francez e ao allemão. O congresso votou a conveniencia de se crearem bolsas de trábaho, cousa antipathica ás antigas corporações de officios; a utilidade da instituição de officinas municipaes ou communaes; e finalmente a necessidade de uma lei, *act of parliament*, fixando em oito horas o dia legal de trabalho. Estavam representadas no congresso de Liverpool 311 *trade's unions*, isto é, o quarto, ou talvez o quinto, do numero total d'essas associações, antigas e novas. Mas a questão do dia de oito horas (que, de resto, Gladstone se comprometteu a propôr ao parlamento) levanta séria resistencia entre os proprios operarios, para quem importaria, em muitos casos, uma reduccão de salario. Assim, o congresso de novembro de 1891, reunido em Newcastle, votou uma moção contraria ás resoluções do anno anterior em Liverpool.

Como quer que seja, o *unionismo* novo deu uma feição tambem nova ao movimento do proletariado britannico, estimulando a propria existencia das instituições antigas, e imprimindo a unidade de um partido em acção ao que antes eram apenas as instituições defensivas de classes particulares de operarios. Um dos caracteres mais geraes e mais symptomaticos da evolução das *trade's unions*, nos ultimos annos, é, com effeito, a fusão e amalgamação successiva por identidade de profissões. Assim, o

numero total de institutos não tem crescido, mas teem augmentado muito as suas proporções. Em 1861 havia 2:000 sociedades com um milhão de associados; hoje o numero de sociedades não será maior, mas o de associados triplicou, ou quadruplicou. Os machinistas, por exemplo, eram 33:000 associados em 1869, e 67:800 em 1890. Os carpinteiros e marceneiros galgaram, de 9:305, a 31:784; os alfaiates, de 3:994, a 15:276; e assim á proporção. Estas notas que aqui vou colligindo são do livro de G. Howell, deputado e antigo pedreiro, que tem por titulo *Tradeunionism New & Old*.

As sociedades fusionadas transformam-se em *lodges*, ou succursaes da séde: assim, os carpinteiros e marceneiros teem 501 *lodges*; os alfaiates 355; os machinistas 497, das quaes 418 no Reino-Unido, 42 nos Estados-Unidos, 32 nas colonias inglezas, e o resto no estrangeiro.

D'estes factos inferem-se duas considerações, qual d'ellas mais grave. A primeira é que o *unionismo* moderno solidarisou todo o pessoal de cada officio, passando por cima das distincções de local: facto gravissimo para a estrategia das campanhas, ou *strikes*, da guerra social. A segunda é que, apesar do alistamento dos trabalhadores braçaes nos exercitos combatentes do proletariado inglez, a organização mantém ainda os quadros tradicionaes, baseando-se sobre as classes de profissões. Esta circumstancia é decisiva para o futuro das campanhas, pois não ha as associações universaes revolucionarias do continente, onde predomina o espirito abstracto, e onde se insinuam facilmente os pescadores politicos de aguas turvas.

A contribuição varia de sociedade para sociedade; mas o minimo de quota e accessorios é de um *shilling* por semana. Se computarmos em tres milhões

os associados, encontramos receitas annuaes de oito milhões de libras. Não é nada de espantar. Treze sociedades apenas, a dos machinistas, caldeireiros, serralheiros de machinas, fundidores, moldadores, ferreiros, carpinteiros, pedreiros, assentadores de tijollo, alfaiates, compositores, impressores, e caruageiros, que em 1869 tinham a receita annual de £ 192:787, tiveram em 1889 a somma de £ 531:486: os redditos triplicaram.

E por outro lado, as despesas diminuíram relativamente. Em 1869 foram de £ 225:468; em 1879 de £ 614:417; em 1889 de £ 388:054. A maneira que as proporções das sociedades crescem, a capitação dos encargos normaes baixa; ao passo que, á medida que a força das associações augmenta, diminue a frequencia das batalhas, ou *strikes*, origem de encargos anormaes, como os que fazem avultar a despesa em 1879.

Nos mesmos tres annos de 1869, 1879 e 1889, respectivamente, o saldo em caixa, ou thesouro de guerra, das treze sociedades estudadas, era de

£ 126:422

£ 309:373

£ 623:064

E se os saldos se encontram na mesma relação que suppuz para os redditos, o thesouro de guerra actual do proletariado britannico deve attingir a somma já respeitavel de dez milhões esterlinos, ou 45:000 contos de réis, ao cambio par—que é para nós uma saudade do passado!

Esta circumstancia, posta ao lado do character da organização por officios, está claramente indicando que, seja qual fôr o futuro da guerra social na França, ou na Allemanha, esse futuro na Inglaterra

será diverso, como é diverso o genio do povo inglez. Nem me parece que o jacobinismo afrancezado da cauda extrema do radicalismo possa medrar; nem que o anarchismo á franceza possa tambem fructificar. Tambem não creio no advento d'elle em França, onde a democracia está defendida por uma legião de pequenos proprietarios ruraes, ponto de apoio social da republica presente contra a demagogia urbana, e explicação politica do proteccionismo rural francez. Mais depressa é para temer uma catastrophe d'essa natureza na Allemanha, já pelo genio ao mesmo tempo idealista e mystico do povo onde se ergueram os anabaptistas; já porque ahi o socialismo préga a revolução radical por via da revolução politica, acclamando o advento de um estado socialista; e os governos, sem poderem deixar de transigir até certo ponto n'este sentido, não teem outro apoio para defender a ordem publica, senão o regimen do militarismo.

Em Inglaterra, nem ha militarismo, nem classe média. O exercito são apenas cem mil homens na metropole. As Indias, o Egypto, as colonias, contam o dobro de soldados, inglezes e indigenas; mas estas forças não importam para o caso de que agora tratamos. No Reino-Unido são cem mil soldados contratados: serviço democratico militar não ha, como se sabe. E são além d'isso uns cento e oitenta mil voluntarios, milicianos, ou guardas nacionaes, que talvez podessem servir em caso de invasão, mas sem valor para o de revoluções intestinas. Militarismo não existe, portanto; classe média tambem não, nem nos campos, nem nas cidades.

Simplificada, a situação apresenta-se nitidamente: perante uma plutocracia, um exercito de proletarios, armados já com direitos politicos. A victoria constitucional do *labour party* não me parece, por-

tanto, difficil de prophetisar. Mais difficil é dizer o que farão d'ella. Irão, á franceza, ou á allemã, pôr a sociedade ao avesso, architectando uma qualquer *civitas solis*? Não teem, felizmente para elles, imaginação que dê tanto. E sobram-lhes as qualidades solidas da prudencia.

Quanto a mim, succederá que, n'este typo da sociedade capitalista, onde, por isso mesmo, as consequencias se observam melhor e mais cabalmente, a questão se resolverá por si propria. O capital, chegando ao apogeu da sua expansão, encontrar-se-ha sem valor. Já hoje o desconto anda abaixo de 1 0/0. E o trabalho, organizado cooperativamente, e os operarios, educados no tirocinio da historia, alcançarão o que está na natureza das cousas, isto é, o governo de uma sociedade industrial, e o producto integro da producção.

Quanto a mim, dos tres grandes povos industriaes da Europa, o inglez, o francez e o allemão, será o inglez o primeiro que ha de encontrar a formula pratica da constituição da sociedade futura do trabalho. E isto por uma razão simples: é porque é o povo em que as faculdades racionais ou inventivas menos valem, sendo aquelle que mais obedece aos instinctos naturaes de conservação da especie.

XXIX

«É tal a perversidade do homem, que os seus desejos são insaciaveis. Primeiro contenta-se com dois obolos; desde que os obteve, quer augmentos successivos e illimitados. Por sua natureza, a co-

biça é infinita, e todavia a existencia da maior parte dos homens passa-se na procura dos meios de a satisfazer».

São de Aristoteles, no livro segundo de sua *Politica*, estas palavras que nos deixou de um tempo, em que a ruina das democracias hellenicis, vencidas pelo imperio macedonio, permittia ao educador de Alexandre estudar retrospectivamente as instituições da sua raça. Desde que os cidadãos conquistam a liberdade civil e politica, principia o empenho para alcançar a egualdade das riquezas. Esta observação do stagyrita volta a realisar-se no nosso tempo.

Se o industrialismo das classes dominantes, se a furia de ganhar, invadindo todas as classes, e creando o que já está denominado como *capitalismo*, e consiste na generalisação das velhas formulas de especulação e das artes exclusivas do commercio de mercadorias: se a aventura e o jogo bolsista regem agora o mundo economico, confirmando as primeiras palavras de Aristoteles, as classes trabalhadoras que no tempo d'elle eram escravas, depois de libertadas, entram em scena, formando, com as suas *grèves*, *strikes*, *huelgas* ou *paredes*, o côro da grande tragedia do Dinheiro, n'este ultimo quartel do seculo XIX.

A guerra social, de que por emquanto apenas vimos escaramuças e uma unica batalha, a Communa de Paris, em 1871, será o fundo sombrio da vida do seculo em que vamos entrar breve.

E essa ambição de egualdade que Aristoteles considera como consequencia indispensavel da liberdade politica, havia de, por força, apparecer primeiro n'aquella nação onde tal doutrina era tradicional; onde o direito do suffragio e a representação primeiro se estabeleceram modernamente, para

de lá serem transportadas ao continente europeu. Conflictos entre operarios e patrões houvera sempre, em toda a parte; de insurreições, jacqueries, tumultos de proletarios e escravos, está cheia a historia antiga e moderna; mas este processo de reivindicação consciente por meios legais e constitucionaes, declarando guerra ao capital com a suspensão do trabalho, combatendo com o sacrificio voluntario do pão de cada dia, associando-se, creando cofres de resistencia e soccorro para a hora da crise: tudo isto appareceu pela primeira vez no nosso seculo e em Inglaterra.

Outro motivo ainda, fazia com que assim fosse, porque os jazigos de carvão e ferro da Grã-Bretanha davam a primazia industrial a esse povo, em cujo gremio tinham nascido Stephenson e Harkwright. Tinham os thesouros da materia prima industrial, e tinham a genio da invenção mechanica. Estavam destinados a exercer, primeiro que ninguem, o imperio da grande industria fabril.

Por taes motivos, pois, as *strikes* são uma invenção collectiva do operariado fabril inglez no nosso seculo; surgem com o desenvolvimento da industria britannica, engrandecida com a descoberta da machina de vapor; e nada admira, antes é obvio, que rebentem perante a concorrência que o braço humano encontra na acção brutalmente esmagadora das machinas fabris: braços de aço a que o vapor é sangue, braços infatigaveis, braços que, como os de Briareu, se multiplicam, dispensando os homens, reduzidos á sorte immediata de emigrarem, ou morrerem á fome.

A greve dos fiandeiros e tecelões de algodão do Lancashire, em 1810, foi o primeiro ensaio; a que logo, em 1812, succede a *strike* de Nottingham, em que os operarios destroem as *carruagens* de fição

e os teares mechanicos. 1815 é a data funebre da *grève* dos tecelões de Manchester e de todo o centro da Inglaterra, em que houve *meetings* de cem mil homens, e um conflicto com a policia, morrendo meio milhar de pessoas. Era a primeira batalha sangrenta.

Outras classes de operarios seguiram o exemplo. Em 1820, foram os tecelões de lã. Em 1822, os carpinteiros. Em 1825, entram em scena os carregadores de embarque e carpinteiros navaes (*shipwrights*) do Tamisa, cuja campanha se repete em 1839, no Clyde. Em 1834, são os estampadores de Kelwindock arruinando os fabricantes, precipitando na fome duas mil familias. Depois, começa a batalha nas minas de carvão em 1831, em 1844 nas hulheiras de Durham, em 1849 nas de Marley Hill. Os machinistas de Manchester levantam-se em 1837 e em 1851; e os operarios do algodão, depois da sangrenta catastrophe de 1815, voltam a declarar *grèves* em 1829, 1830 e 1836 em Preston, e em 1829 em Manchester.

A guerra já tinha no meiado do seculo outro character. Começando pela opposição ás machinas fabricis, o operario já via que a sorte das cousas o condemnava á condição de servo d'esses operarios de aço, que multiplicavam e embarateciam enormemente a producção. Barateando-a, abriam os mercados de todo o mundo. O consumo parecia illimitado. Trabalho não faltaria, pois.

E esta propria revolução, experimentada pela industria, tornava mais facil o desabrochar da cubica operaria. O fabricante, em vez de se emancipar, collocára-se ainda mais na dependencia do trabalhador. A interrupção de uma officina manual não é ruïnosa. Cessa o trabalho, pára o dispendio. Mas n'uma officina mechanica, onde é enorme o capital

immobilisado, o juro esmaga quando se não trabalha. A machina come sempre. É dinheiro que reclama salario.

Por outro lado, a complexidade e a vastidão das operações commerciaes de uma industria de exportação, ampliada a todo o mundo, eram nova causa de prejuizos enormes com as suspensões de trabalho.

O operario percebeu, pois, que passára á condição de engrenagem indispensavel de um vasto machinismo; adivinhou que, com a simples abstenção, podia ameaçar de morte a construcção inteira; viu que o fabricante estava á sua mercê e que chegára o momento de poder exigir melhores condições de vida.

Para o conseguir, porém, era mister associar-se, pois enquanto os patrões podessem ir ao mercado de homens buscar substitutos para os refractarios, as reivindicações isoladas seriam estereis e de consequencias funestas para os seus auctores apenas.

Com o instincto pratico peculiar da raça saxonica, o operariado inglez achou logo a instituição adequada aos seus intuitos nas *trade's unions*, associações corporativas que davam solidariedade a todos os officiaes de um mesmo officio, afastando assim os perigos da concorrência na hora da lucta; ao mesmo tempo que creavam os cofres para subsidiar a guerra, impedindo tambem as empresas aventureiras. Desde logo as *grèves* se tornaram organicas no regimen do trabalho industrial inglez, perdendo o character historico de luctas temerariamente provocadas pela paixão, ou pelo desespero.

Por este tempo, no meiado do seculo, a Inglaterra, inaugurando a primeira exposição universal em 1851, em Sydenham, affirmava o character, universal tambem, que a sua industria adquirira, e

a idade nova que se abria para a producção fabril.

E não é necessaria uma perspicacia extrema para vêr como, internacionalisada assim a industria, aberta a concorrência em todo o mundo, as mesmas idéas que tinham levado á invenção das *trade's unions*, haviam de tambem amplificar-se, internacionalisar-se, abrangendo na solidariedade do trabalho todos os operarios europeus.

Essa semente, porém, só mais tarde germinaria.

Não se imagine todavia que, até 1851, o continente desconhecesse as *grèves*: pelo contrario. A estatística accusa, no periodo que decorre de 1830 a 1860, na Belgica, 1611 operarios processados por delicto de coalisção; sendo 1090 condemnados a multa ou prisão, e 521 absolvidos. Em França, o anno de 1831 vio a terrivel *grève* dos *canutos*, de Lião, que deram o motto para a insurreiçã medonha de junho de 1848, em Paris: *Vivre en travaillant ou mourir en combattant*. O anno de 1833 é cheio de pequenas *grèves*; em 1845 ha a dos carpinteiros de Paris, e dois annos antes houvera a dos mineiros de Rive de Gier.

Mas o caracter subalterno da industria fabril continental, a menor educação das suas classes operarias, e a mistura de idéas politicas da tradição utopista do socialismo de Fourier e Saint-Simon: tudo isto eram causas para que até então o movimento fosse capitaneado pelos inglezes, restricto como se achava aos limites da Grã-Bretanha.

A idéa de internacionalisar as *trade's unions*, dando ao movimento operario um caracter cosmopolita, teve um principio de execução no banquete de St. Martin's Hall em 1864, poucos mezes depois de votada em França a lei das coalisções que tornava as *grèves* legalmente possiveis.

Esse direito novo de resistencia collectiva dos operários, iniciado pela Inglaterra, transferia-se para o continente e era, explicita ou tacitamente, admittido em todos os estados, dando liberdade ás coalisões de operarios para deliberarem e suspenderem o trabalho em commum, forçando os patrões a conceder-lhes condições mais vantajosas.

Se, em these, o salario, como diz Max Wirth, se regula como o preço das demais mercadorias, é facto que o mercado do trabalho não acompanha as oscillações do dos productos. Durante os periodos de transição, frequentissimos, os patrões, porém, apressam-se a baixar os salarios, sendo naturalmente remissos em os elevar. E sobretudo em paizes onde variem muito as condições dos meios de circulação, onde reine a moeda de papel, onde os preços oscillem gravemente, as desvantagens para o operariado serão consideraveis.

O fundamento constitucional das *grèves*, no regimen industrial do nosso seculo, acha-se formulado n'estas palavras do sabio prescrutador allemão das leis do trabalho no seculo XIX. Mas a verdade é que, se no primitivo pensamento creador das *trade's unions* não entrava mais do que a ambição de trazer o salario á norma, agora, isto é, na segunda metade do seculo, a internacionalisação da concorrência industrial, o exito das *grèves* repetidas, as reformas da legislação dos paizes, a crise da republica de 1848, a politica socialista do segundo imperio francez, e a acção do idealismo pratico dos allemães, conspiravam para dar um programma mais vasto, geographica e socialmente, ao movimento de resistencia operaria.

No espaço que decorre entre a exposição de Londres em 1851 e o banquete de St. Martin's Hall em 1864, já em Inglaterra, já no continente, as

grèves tinham-se generalizado, tinham-se repetido, tinham-se accentuado de um modo victorioso.

Na Belgica, ha n'esses treze annos 446 processos de *grévistas*. Em Inglaterra, além das *strikes* dos operarios constructores de Londres em 1859 e 1861, as campanhas declaram-se, sobretudo, nas minas e na metallurgia: em 1853, são as carvoarias de Leeds e do Durham; em 1858, é o Yorkshire com dez mil operarios em *grève*; em 1862, são os altos fornos de Chatam e de Leeds; em 1863 e 1864, é a *strike* geral das minas de carvão do Reino Unido.

Como se vê, a Inglaterra ainda então presidia a um movimento que, porém, adquirindo agora caracteres novos, ia internacionalisar-se.

A organização da Internacional, a publicação do evangelho operario, o *Das Kapital*, de Karl Marx, e a adhesão dos operarios e radicaes francezes á nova seita, são os factos capitaes do periodo novo em que entrava o movimento. Ao mesmo tempo que se fundava uma *trade's union* universal, abrangendo todas as nações e todos os officios, apparecia o livro destinado a fornecer a theoria economica e historica d'essa revolução, que desde a applicação das machinas industriaes surgira, empirica e espontaneamente, em Inglaterra.

Karl Marx ergueu-se como o Papa do proletariado. Escriptor possante, dotado de um saber vastissimo e de uma força de analyse abstracta extraordinaria, o seu livro annunciava ao operariado uma era nova. A doutrina, ainda hoje de pé, summarisa-se no seguinte: Feitas as contas ao valor venal das mercadorias, vê-se que o trabalhador recebe como salario uma pequena parte do producto liquido. Porque? porque o capitalista retem em seu poder as machinas e instrumentos de trabalho, sem os quaes a producção é impossivel; e detentor d'este

quasi monopolio, usurpa a parte do valor integral que legitimamente pertenceria ao operario, unico productor.

O capital, portanto, não passa de um furunculo, vicio mantido pelos erros e cegueira da historia, e absurdo perante a critica economica. D'ahi, portanto, a sancção da guerra social. As *grèves*, universalisadas e tornadas possiveis pelo estabelecimento da solidariedade cosmopolita dos operarios, irão reduzindo, cerceando, até annullarem, o como que tributo lançado pelo capital á producção, e attribuindo ao trabalho o producto integro.

Os edificios, as machinas e instrumentos, em vez de serem propriedade individual, hão de passar ao dominio das communas operarias, para n'ellas e com elles os trabalhadores poderem exercer os seus officios.

A esta doutrina chamaram collectivismo, remocando por tal fórma o communismo classico. Transferida para o continente, a guerra operaria adquiriria logo o character de generalisação e idealismo, estranho á Inglaterra. Contribuia o allemão dando-lhe o valor de uma revindicação historica, ampliando-lhe a acção ao mundo inteiro; e Marx vinha com o seu espirito mathematico, abstracto, secco e aeriamiento positivo, succeder ás predicas poeticas do messianismo redemptor de Lassalle, que para muitos parecerá um Christo da egreja nova. Marx era o seu santo Agostinho, fundador da doutrina.

Ainda então a Allemanha não contava no mundo, como poucos annos depois veio a contar. Ainda não havia imperio; ainda não havia uma grande nação, disposta e decidida a concorrer com a Inglaterra e com a França no mercado industrial. Ainda a França estava á frente da Europa, sustentando o Imperio, já com difficuldade, porém, o sceptro da politica internacional.

Paris era ainda a capital da Europa politica; e a França, graças á administração imperial, tornára-se um concorrente sério da Inglaterra fabril. Em França, em Paris, portanto, havia de radicar-se a nova doutrina, se, com effeito, queria conquistar o mundo.

As velhas utopias de Fourier e Saint-Simon, que na primeira metade do seculo allucinavam os cerebros francezes, tinham naufragado despedaçadas, não só pela fusilaria das tropas nos crueis dias de junho de 1848, como tambem pela critica inenunciavel do demolidor Proudhon.

Mas, embora despedaçadas, d'essas illusões antigas restava mais de um sectario, educado no genio da conspiração; e da critica proudhoniana, por tantos lados identica ao verbo novo de Marx, havia tambem, em camadas mais novas, discipulos e entusiastas.

Sobretudo havia em França o que é proprio do genio gaulez em todos os tempos: o espirito quasi infantil de opposição, agora exacerbado pelas victorias do liberalismo republicano contra o imperio, e o instincto de cabala politica e revolucionaria.

A consequencia de tudo isto foi que a Internacional, nascida das *trade's unions* inglezas, generalisadas, systematisadas, como doutrina e como acção, pelo genio allemão, se tornou em Paris uma sociedade revolucionaria. Encontrada como estava a nova formula redemptora, era necessario derrubar o Imperio, crear uma França nova, uma outra Europa: o mundo inteiro creal-o de novo, sobre as ruinas fumegantes do velho mundo roido de cancrios. Exaltada, a imaginação franceza tomou o freio nos dentes.

Ao lado da Internacional que era uma sociedade mais ou menos legal, e publica em todo o caso, creou-se uma sociedade secreta, onde os iniciados

aprendiam todo o alcance de uma doutrina, todas as traças de um edificio, de que os estatutos da Internacional não eram mais do que andaimes. N'esta sociedade, a «Alliança», reuniam-se a flôr do jacobinismo francez, os detritos das velhas revoluções, e os proceres do anarchismo incipiente.

Os missionarios espalhavam-se por toda a Europa, prégando secretamente a boa nova. Não havia capital sem federações da Internacional, ladeadas pelas secções secretas da Alliança dos iniciados.

Até Lisboa as teve. Depois do banquete de Saint Martin's Hall, já historico, houvera os congressos de Genebra em 1864 e 1866, e o de Lausanne em 1867, o de Bruxellas em 1867, proclamando-se por toda a parte, abertamente, a doutrina do collectivismo, isto é, a necessidade da expropriação dos detentores das fabricas, das machinas e ferramentas, que ficariam na propriedade das communes; bem como a expropriação das minas, pedreiras, caminhos de ferro, florestas e terras de lavoura, na posse dos estados.

Veio a guerra franco-allema e o resultado do character novo que a guerra social tomára foi a batalha tragica da commune de Paris de 1871, em que tudo se desfez em sangue e incendios.

A historia posterior é diversa.

E já agora que nos embrenhámos n'este caminho, proseguiremos n'elle até ao fim, antes de voltarmos a Inglaterra.

XXX

Depois da catastrophe de Paris, que foi para o collectivismo de Marx como os dias de junho de 1848 para o Saint-Simonismo, entraram em scena elementos inteiramente novos. A democracia socialista, em vez de sair victoriosa da batalha, soffreu o mais rude golpe. Em França, instalava-se a republica; mas ao lado, na Allemanha, erguia-se um imperio formidavel, arbitro dos destinos da Europa. Paris, decapitalisado politicamente, a França industrialmente subalternizada pelo tratado de Frankfort, eram as consequencias da grande guerra. E o imperio erguido na Allemanha, unificada pela Prussia, constituia-se como uma poderosa machina industrial, tendo á frente, além do imperador herdeiro da tradição cesarista dos principes da Prussia, o chanceller que fôra discipulo de Lassalle e se propunha atacar, pela protecção do estado e com a auctoridade, o problema do proletariado.

O internacionalismo, conforme se propozera antes de 1871, isto é, a republica operaria, tendo por capital Paris, e por espirito a democracia revolucionaria á franceza, passava, portanto, á historia. Desmembrada a Internacional, perseguidas as sociedades secretas, não quer dizer, porém, que se varressem do animo do proletariado as esperanças collectivistas. Caducaram as sociedades: a doutrina ficou. A acção das leis repressivas, o beneficio das leis protectoras, a propaganda do socialismo de estado, as prédicas do socialismo evangelico: nada d'isso bastou para que, na novissima Allemanha in-

dustrial, deixassem de apparecer os episodios da guerra operaria, nem a importancia crescente da democracia socialista.

A *grève* de Margarethe, na Westphalia, inicia para a Allemanha uma historia já longa para a França, para a Inglaterra, para a Belgica. Em 1882, são as hulheiras de Dux e de Brux, na Bohe-mia, que se sublevam, havendo conflictos graves com a força militar. Em 1885, levantam-se os pedreiros em Berlim; estalam *grèves* em Brunn. Na Westphalia, região mineira e metallurgica, pode dizer-se que as *grèves* se contam pelos annos; e que a ordem é, como a paz classica de Varsovia, devida ás espingardas do exercito.

Em Inglaterra, a serie das *strikes* não pára. Com o bom senso de inglezes, as *trade's unions* não se deixaram absorver pelo sonho utopico da Internacional. Continuaram a funcionar regular e normalmente, amparando os operarios onde quer que havia um conflicto.

Em 1865, são as minas de carvão e ferro, continuando a historia que deixámos interrompida no anno do banquete de St. Martin's Hall; são as minas de carvão que tornam a entrar em batalha, em 1867, no Yorkshire; em 1868, em 1871, em 1875, revolucionando todo o paiz de Galles, em 1877 e depois ainda. Os operarios das docas levantam-se no Clyde, em 1867; em Londres em 1872; e em outros pontos varias vezes, até á *grève* medonha de ha dois annos, apaziguada pela intervenção do cardeal Manning. Os vidraceiros fazem *grève* em 1868, e os operarios de construcção de Londres em 1872 e em 1877. E os fiandeiros e tecelões do algodão, classe por onde começára em 1810 o movimento de revindicação operaria, levantam-se em Belfast em numero de quarenta mil, no anno de 1874, para,

quatro annos depois, declararem a *strike* monstro, grève terrível generalisada a todo o Lancashire.

O *Economist*, registrando o numero das grèves inglezas, accusa 191 em 1877; 267 em 1878; e 327 em 1879, principalmente nas minas, e nas industrias metallurgicas, de construcção e textis. O movimento crescia. E se já hoje não surgem tanto as grèves enormes, com um caracter quasi tragico, é porque d'esses proprios conflictos veio a um tempo a força e educação do operariado, e a intervenção protectora do estado, que em parte alguma é mais real, mais pratica, e mais efficaz do que em Inglaterra.

Em parte alguma, tambem, o governo é menos do que nos Estados Unidos; e á maneira que a republica americana, pelo progresso industrial e pela densidade da população, se approximava das condições europeas, necessariamente se repetiriam, além do oceano, os phenomenos de áquem.

E repetiam-se, repetem-se, mas com esse caracter de originalidade extravagante, filho, a um tempo, da falta de homogeneidade do povo, da liberdade de manifestação das excentricidades, da ausencia de tradição, e do grau da loucura que por detraz do espirito pratico reside em todo o cerebro saxonio.

Em 1869, um certo Stevens, alfaiate de officio, lembrou-se de fundar a *cavallaria do trabalho* (*kinghts of labour*) sociedade em que entravam por tres quartas partes operarios e por um quarto burguezes, excluindo medicos, advogados, jogadores de bolsa e taverneiros de aguardente. O fim consistia na defeza dos interesses do trabalho pela solidariedade, como nas *trade's unions* em geral, e especialmente na egualisação do salario das mulheres e dos homens. O meio estava nas *strikes* como pratica, e

como principio geral no exercicio do direito de suffragio para a conquista do poder. Em breves mezes a sociedade contava um milhão de socios, sem distincção de sexos, nem de nacionalidades.

Em 1876-1877 apparece nos Estados-Unidos a grande *grève* do pessoal dos caminhos de ferro, que se estende para ambos os lados, desde Nova-York até S. Francisco; em 1883 são os telegraphistas; em 1886 são os tramways de Nova-York, depois os caminhos de ferro. Os *cavalleiros do trabalho* abalavam assim a sociedade, atacando-a na sua musculatura; ao mesmo tempo que provocavam *grèves* nas hulheiras e metallurgias. Em 1880, são as minas da Pensylvania; em 1882, as do Maryland; em 1884, os altos fornos do Massachussets; em 1885, as hulheiras de Pittsburgo e as forjas do Ohio e da Pensylvania.

Na Belgica, 1867 vê a *grève* medonha de Marchienne-le-Pont; 1869 a da fabrica de Cockerill, em Seraing, quando os operarios apedrejaram a tropa, de noite, e, depois das descargas da fuzilaria, a cavallaria caía sobre a multidão de sabre em punho, e a infantaria á bayoneta calada varria as ruas, deixando-as coalhadas de mortos. Era no tempo das esperanças de redempção milagrosa pela Internacional: eram os prodromos da *communa* de Paris, e o écho da *grève* de Roubaix, que ficou historica. Depois, em 1876, vem a *grève* de Charleroi como refracção do terremoto de 1875 no paiz de Galles. Em 1884, apparecem os vidraceiros de Charleroi.

Passemos a fronteira, vamos a França, onde as *grèves* de Roubaix em 1867, de Ricamaric em 1869, do Creuzot, finalmente, em 1870, nas vespervas da guerra, precipitam o movimento, inquinadas de elementos politicos, accesas por agitadores revolucionarios. Em Roubaix tinham os fabricantes introdu-

zido teares aperfeiçoados que economisavam a mão de obra. Um operario podia servir dois teares, em vez de um só. D'ahi, reclamações de augmento de salario para a partilha da economia. Perante a recusa, abandonaram em tumulto as officinas. Eram mais de vinte e cinco mil. As auctoridades pediram reforços de tropa a Lille; antes, porém, que as tropas chegassem, houve horas de tumulto desenfreado. Invadiram as officinas, despedaçaram os teares novos, saquearam e incendiaram as casas de dois fabricantes, deram vasão aos odios comprimidos de muitos annos, como nas guerras de escravos, ou nas *jacqueries* da Idade média.

Depois da tragedia de 1871, por cinco annos não ha *grèves* em França; mas logo, em 1876, surgem os carpinteiros; de Paris, em 1880 e 1882, os marceneiros. Em 1878, ha as *grèves* monstruosas de Decazeville e de Anzin, repetidas em 1884 e 1886; acompanhadas, em 1881, pela de Commentry. Estes são os fastos nas minas e na metallurgia; nas industrias textis, em 1879, declaram *grève* os *canuts* de Lyão, e em 1882, os tecelões de Roanne e de Bessèges.

A *Statistique générale de la France* accusa por estes numeros a extensão, a duração e a importancia numerica das *grèves* francezas nos ultimos annos:

Annos	Numero de <i>grèves</i>	Dias de duração	Numero de grevistas
1882	182	3:696	42:156
1883	144	1:442	32:908
1884	90	1:445	23:702
1885	108	1:056	16:671
1886	161	1:787	19:556
1887	108	732	10:117

O numero de dias de trabalho perdido em 1887,

calcula-se em 87:803; e em 1886, em 445:974. A *grève* de Decazeville (1886), ensanguentada pelo assassinato do engenheiro Watrin, entra por si só, no total, com 240:000 dias. As duas *grèves* mais importantes, em 1866, depois da de Decazeville, foram a dos tecelões de Amplepuis (perda de 45:600 dias) e de San Quintino (18:122 dias). As maiores de 1887, foram as dos fiandeiros de Roubaix, dos tecelões de Armentières, e dos moleiros de Revia e de Laison, nas Ardennas.

Em França, como em Inglaterra, como em toda a parte, diminue a frequencia, a importância e o ardor das *grèves*. Porque?

—É isso o que estudaremos em seguida.

XXXI

Temos contado as batalhas, temos enumerado as perdas. Quem fosse a calcular a somma de jornaes perdidos pelos operarios nas successivas campanhas da guerra social, chegaria a sommas fabulosas; tendo de concluir que esse processo de combate é fundamentalmente ruinoso, e achando no apasiguamento dos ultimos annos um argumento: seria a consequencia da desillusão do proletariado.

Ora é isto o que a estatistica refuta de um modo terminante.

Na sua historia dos preços, o celebre estatistico inglez Mulhal apresenta a seguinte tabella dos salarios de varios officios em Inglaterra, nas datas adeante indicadas e que abrangem o periodo de guerra operaria anteriormente estudado:

aos estadistas a primeira urgencia; porque, no consumo interno, é mais facil alterar os preços dos productos e mitigar a ambição dos operarios, sem aniquilar industrias que, sujeitas á concorrência dos preços externos, não supportariam a lucta.

Assim, do movimento iniciado no nosso seculo e que sem duvida alguma se accentuará no seculo **xx**, ha de resultar, quanto a nós, a nacionalisação geral das industrias, consumindo cada qual a produção propria e trocando com outros os excedentes. Exemplos como os da Inglaterra, fabrica immensa que fornece de manufacturas o mundo, recebendo do mundo inteiro as materias primas e os alimentos, são evidentemente factos contra a natureza social e economica, embora proviessem, com effeito, de condições da natureza geologica.

Por outro lado, nacionalisando-se as industrias, crescendo parallelamente a educação das classes trabalhadoras e a centralisação industrial e commercial no regimen capitalista em que estamos vivendo, é facil tambem prever que um dia virá em que, mediante o credito e a cooperação, os trabalhadores dispensarão a intervenção do capital credor de juros, isto é, individualisado.

N'uma palavra, para que o producto integral do trabalho pertença ás classes trabalhadores, é necessario que ellas, pelo grau da sua educação moral e intellectual, possam prescindir da direcção economicamente protectora do capital. Antes d'isso todas as revoluções são insensatas; depois, todas as resistencias serão vãs.

D'onde se conclue que o operario inglez podia, em 1880, com o producto da sua fêria, comprar mais 44 por cento de objectos necessarios á vida, do que um seculo antes. Mas como, por outro lado, as rendas de casas triplicaram no mesmo periodo, os 44 ficam reduzidos a 20 por cento.

Tal é o resultado pratico da campanha das *trade's unions* inglezas, sendo positivo que, apesar da melhoria obtida pelas classes operarias, apesar das perdas das *strikes* que são como as despesas de guerra, a industria ingleza, não obstante a concorrência crescente das nações continentaes e a generalisação do proteccionismo, não tem deixado de progredir. Esta é a prova provada de que as *strikes* operarias conseguiram normalisar as relações do capital e do trabalho em Inglaterra, sem prejudicar a economia da producção.

Os salários de toda a especie, afirma Mulhal, subiram cerca de 40 0/0, desde 1850 e até 1880, em média, sobre o mundo civilisado. Uns attribuem a elevação, accrescenta, á consequencia das descobertas de ouro na California e na Australia; outros á propagação da instrucção publica; outros á expansão industrial e á maior procura de braços. Parece, todavia, mais provavel ao auctor que seja a consequencia dos caminhos de ferro, facilitando a emigração e permittindo o deslocamento facil dos operarios em demanda de melhor salario.

Não ha duvida que a emigração entra como elemento indispensavel no problema; mas é obvio que, se as pretensões dos operarios a melhoria de salario podem obter-se emigrando, antes de recorrer á emigração, os patrões concordaram, sob pena de ruina, em satisfazer-lhes os pedidos. Quanto a nós, é evidente que a elevação do salario liquido, na Europa e nos Estados Unidos, provém principalissimamente

do movimento de resistencia operaria, denunciado n'este seculo de um modo regular; o que não quer por fórma alguma dizer, nem que o operario possa arbitrariamente alterar as condições fataes do mercado do trabalho, nem que a emigração e outras causas apontadas deixassem de concorrer para os resultados expostos.

A elevação dos salarios em Inglaterra e França, entre 1840 e 1880, exprime-se por estes numeros:

INGLATERRA

	<i>Pence por dia</i>		
	1840	1860	1884
Ferreiros	42	56	64
Pedreiros	46	60	70
Carpinteiros	40	50	60
Latoeiros	44	60	70
Fiandeiros	36	40	48

FRANÇA

	<i>Pence por dia</i>	
	1840	1880
Ferreiros	25	35
Pedreiros	22	35
Carpinteiros	22	35
Latoeiros	22	33
Fiandeiros	24	36

A elevação média, a partir de 1840-50, é, respectivamente ás cinco classes, de 45, 55, 55, 55 e 42 por cento: elevação tanto mais grave, quanto os preços das subsistencias no mesmo periodo (excepto carne, manteiga e vinho) baixaram. Assim

se explica o enorme desenvolvimento das caixas economicas por toda a Europa, pois em toda ella é geral o phenomeno estudado em Inglaterra e França.

Conforme os *Census Reports* dos Estados Unidos, a média das economias operarias, a partir de 1850, vem subindo n'esta escala :

	<i>Líbras</i> por anno	<i>Pence</i> por dia
1850.....	51	40
1860.....	61	48
1870.....	69	53
1880.....	73	57

O accrescimo é tambem de 44 %, como na Europa ; os *knight's of labour* alcançam resultados identicos ao das *trade's unions*.

Todavia o trabalho é mais remunerador nos Estados Unidos, porque ahi o salario liquido é maior, como se vê d'esta tabella :

	<i>Shillings</i> por semana		
	Salario	Alimento	Sobra
Inglaterra.....	31	14	17
França.....	21	12	9
Allemanha.....	16	10	6
Belgica.....	20	12	8
Italia.....	15	9	6
Hespanha.....	16	10	6
Europa, média....	20	11	9
Estados Unidos...	48	16	32
Australia.....	40	12	28

Mulhal affirma que a condição dos operarios só se pode considerar satisfactoria quando um dia de

salario representa mais de dois de alimento; e isto é o que succede em Inglaterra, onde a sobra representa 55 e o alimento 45, do total de 100; e na Australia e Estados Unidos, onde a sobra sobe, respectivamente, a 10 e a 67.

De facto, conclue o auctor a que nos referimos, longe dos patrões defraudarem os operarios, é manifesto que, mórmente em Inglaterra e pode dizer-se que na Europa em geral, a parte do capitalista está reduzida ao minimo, além do qual deixaria de ser lucrativo empregar capitaes na industria.

Em França, na Allemanha, e em outros paizes, em que os capitaes teem juros superiores aos de Inglaterra, claramente a quota parte do capitalista ha de ser maior, e por isso a do operario menor, na constancia de preço de venda do producto. E se essa constancia se altera por virtude de direitos protectores, elevando-se o preço artificialmente, logo o encarecimento da vida reduz o salario liquido, embora seja elevada a taxa dos jornaes industriaes.

Em conclusão, portanto, de todos os numeros que ficam adduzidos, havemos de concordar na efficacia e no acerto dos meios empregados pelas classes operarias, para reivindicarem a sua quota-parte do preço dos productos fabris. As *strikes* d'este seculo tiveram como resultado positivo augmentar os salarios em cerca de metade do que eram; reduzindo, pode dizer-se, o lucro da industria fabril á norma do preço do dinheiro, ou juro.

Se o augmento do salario não é egual á sobra, isso não provém de encarecimento dos alimentos, mas sim do excessivo preço das casas de habitação nas cidades. A construcção de bairros operarios, e ainda mais, a descentralisação das fabricas para os campos, seriam o correctivo natural e necessario.

Explicada e comprovada, portanto, a efficacia das

paredes operarias, estes proprios numeros nos mostram por que razão as *grèves* não teem já hoje o character terrivel, nem a magnitude e frequencia de ha trinta annos. É que emendaram muitos vicios, e approximaram da norma as relações do capital e do trabalho, educando na propria luta os interessados, tanto patrões, como operarios, para não abusarem, uns da tyrannia que o dinheiro dá, outros da força que dá o numero.

Á sombra das leis que permittiram as coalisões operarias, expandiram-se, mais ou menos desordenadamente, as sociedades de resistencia e as paredes promovidas ou patrocinadas por ellas.

Exaltou-se a imaginação, acendeu-se o idealismo; fez-se, de uma questão pratica, um programma de redempção social; generalisou-se o plano de guerra até á suppressão immediata do capital na industria pela expropriação collectivista; e alargou-se o campo de acção até á chimera de um cosmopolitismo operario, ligadas as classes de todos os paizes pelos vinculos da Internacional. Essa chimera desfez-se n'uma tempestade de fogo e sangue, de incendio e morte.

Á paz dos primeiros annos posteriores a 1871, paz resultante da desordem e do cansaço, succedeu o estado anterior ao periodo de embriaguez idealista. Dentro de cada nação, as classes operarias associadas defender os seus interesses, na medida do possivel. Mas, da guerra de 1870, resultou a entrada, no mercado industrial do mundo, da Alemanha com a força de um grande imperio; e a hegemonia politica exercida por ella na Europa, durante vinte annos, pelo menos, pensou o imperador podel-a exercer na economia industrial do mundo, para de tal modo satisfazer as exigencias mysticas do seu espirito, as tradições da sua dynastia, e, ao

aos estadistas a primeira urgencia; porque, no consumo interno, é mais facil alterar os preços dos productos e mitigar a ambição dos operarios, sem aniquilar industrias que, sujeitas á concorrência dos preços externos, não supportariam a lucta.

Assim, do movimento iniciado no nosso seculo e que sem duvida alguma se accentuará no seculo xx, ha de resultar, quanto a nós, a nacionalisação geral das industrias, consumindo cada qual a produção propria e trocando com outros os excedentes. Exemplos como os da Inglaterra, fabrica immensa que fornece de manufacturas o mundo, recebendo do mundo inteiro as materias primas e os alimentos, são evidentemente factos contra a natureza social e economica, embora proviessem, com effeito, de condições da natureza geologica.

Por outro lado, nacionalisando-se as industrias, crescendo parallelamente a educação das classes trabalhadoras e a centralisação industrial e commercial no regimen capitalista em que estamos vivendo, é facil tambem prever que um dia virá em que, mediante o credito e a cooperação, os trabalhadores dispensarão a intervenção do capital credor de juros, isto é, individualisado.

N'uma palavra, para que o producto integral do trabalho pertença ás classes trabalhadores, é necessario que ellas, pelo grau da sua educação moral e intellectual, possam prescindir da direcção economicamente protectora do capital. Antes d'isso todas as revoluções são insensatas; depois, todas as resistencias serão vãs.

perativas, casas, etc.), a cuja sombra o capital **ca-**pciosamente realisava lucros: procurar, em **summa**, levantar o nivel intellectual e moral, e quanto **pos-**sivel o rendimento do trabalho, pela lucta, quando a lucta é necessaria: eis a missão fecunda e victo-riosa do movimento, a cujo estudo nos démos ao de-pararmos com as *trade's unions* inglezas.

Mas, acima de tudo, como expressão summaria, está o augmento de salario, porque as mais das reivindicações se traduzem n'elle: e o augmento de salario limita-se pelas condições do mercado dos productos. Assim que o capital de uma industria não produza liquido o juro corrente do dinheiro, a industria morre, o trabalho desaparece, e os operarios teem de emigrar. Não conseguem suprimir o capital: obrigam-no a ir procurar outro rumo, supprimindo o trabalho. A *grève* é uma espada de dois gumes: mal jogada, mata quem a empunha.

A capacidade crescente das classes operarias, resultado da vida democratica e da propria guerra social; o terem alcançado uma parte relativamente mais consideravel do valor venal dos productos, na repartição do salario; o não desistirem do ideal de uma sociedade collectivista, estando assim armadas para aproveitarem do menor ensejo: tudo isto faz com que as nações que em grande parte vivem do rendimento de industrias de exportação, sofram de um mal-estar social e economico, sómente corrigido pelo derivativo da emigração. É o que de ha muito succede em Inglaterra, e hoje principalmente afflige a Allemanha.

E a esta circumstancia se ha de, sobretudo, attribuir a revolução que teem soffrido as idéas quanto ao commercio externo, dando-se por toda a parte a preferencia ás doutrinas proteccionistas. Defender o mercado interno do consumo, parece com razão

cialmente, pela força; porque, nas sociedades em que a origem do poder está no suffragio dirigido pela opinião livremente expressa, nenhuma tentativa de tyrannia contra a razão pode vingar, nenhuma oligarchia illegitima consolidar-se.

As *grèves*, portanto, justificadas pelo direito, em sociedades para quem a concorrência é a formula da existencia progressiva, e auctorisadas pela lei, propagam-se, generalisam-se, produzindo os resultados que observámos. O proletariado tirou, porém, do exito inferencias inadmissiveis, quando imaginou que, repetindo as *grèves*, não para defender interesses feridos ou reivindicações legitimas, mas sim para provocar a lucta de classes, precipitaria o momento da exaltação do *quarto estado* com o estabelecimento de instituições collectivistas.

Verdade é que nenhuma das grandes revoluções historicas vingou, sem a preparação indispensavel de luctas sangrentas. Mas não é menos verdade que o proletariado não podia, por muitos e variados motivos, abolir o capitalismo em que vive a Europa: pela propria incapacidade politica das classes operarias; pela impossibilidade de fundir n'um systema solidario os paizes coloniaes productores de um sem numero de alimentos e materias primas industriaes; pela intervenção indispensavelmente consequente, da especulação mercantil no funcionamento da sociedade economica; pela energia do espirito nacional nos paizes civilisados, contrapondo-se ao cosmopolitismo do trabalho; pela distancia de momento evolutivo em que os trabalhadores ruraes se encontram dos fabris, etc.

Portanto, pugnar pela diminuição das horas de trabalho, pelo augmento de salario, contra as machinas concorrentes, contra as penalidades deprimentes, contra as falsas instituições protectoras (coo-

perativas, casas, etc.), a cuja sombra o capital capciosamente realisava lucros: procurar, em summa, levantar o nivel intellectual e moral, e quanto possivel o rendimento do trabalho, pela lucta, quando a lucta é necessaria: eis a missão fecunda e victoriosa do movimento, a cujo estudo nos démos ao depararmos com as *trade's unions* inglezas.

Mas, acima de tudo, como expressão summaria, está o augmento de salario, porque as mais das reivindicações se traduzem n'elle: e o augmento de salario limita-se pelas condições do mercado dos productos. Assim que o capital de uma industria não produza liquido o juro corrente do dinheiro, a industria morre, o trabalho desaparece, e os operarios teem de emigrar. Não conseguem suprimir o capital: obrigam-no a ir procurar outro rumo, supprimindo o trabalho. A *grève* é uma espada de dois gumes: mal jogada, mata quem a empunha.

A capacidade crescente das classes operarias, resultado da vida democratica e da propria guerra social; o terem alcançado uma parte relativamente mais consideravel do valor venal dos productos, na repartição do salario; o não desistirem do ideal de uma sociedade collectivista, estando assim armadas para aproveitarem do menor ensejo: tudo isto faz com que as nações que em grande parte vivem do rendimento de industrias de exportação, sofram de um mal-estar social e economico, sómente corrigido pelo derivativo da emigração. É o que de ha muito succede em Inglaterra, e hoje principalmente afflige a Allemanha.

E a esta circumstancia se ha de, sobretudo, attribuir a revolução que teem soffrido as idéas quanto ao commercio externo, dando-se por toda a parte a preferencia ás doutrinas proteccionistas. Defender o mercado interno do consumo, parece com razão

aos estadistas a primeira urgencia; porque, no consumo interno, é mais facil alterar os preços dos productos e mitigar a ambição dos operarios, sem aniquilar industrias que, sujeitas á concorrência dos preços externos, não supportariam a lucta.

Assim, do movimento iniciado no nosso seculo e que sem duvida alguma se accentuará no seculo xx, ha de resultar, quanto a nós, a nacionalisação geral das industrias, consumindo cada qual a produção propria e trocando com outros os excedentes. Exemplos como os da Inglaterra, fabrica immensa que fornece de manufacturas o mundo, recebendo do mundo inteiro as materias primas e os alimentos, são evidentemente factos contra a natureza social e economica, embora proviessem, com effeito, de condições da natureza geologica.

Por outro lado, nacionalisando-se as industrias, crescendo parallelamente a educação das classes trabalhadoras e a centralisação industrial e commercial no regimen capitalista em que estamos vivendo, é facil tambem prever que um dia virá em que, mediante o credito e a cooperação, os trabalhadores dispensarão a intervenção do capital credor de juros, isto é, individualisado.

N'uma palavra, para que o producto integral do trabalho pertença ás classes trabalhadores, é necessario que ellas, pelo grau da sua educação moral e intellectual, possam prescindir da direcção economicamente protectora do capital. Antes d'isso todas as revoluções são insensatas; depois, todas as resistencias serão vãs.

XXXII

O grande inimigo da victoria decisiva do proletariado em Inglaterra está no vicio inherente á qualidade basillar da raça: a energia animal. Esse vicio é a embriaguez.

É o vicio de todas as classes, não é exclusivo do proletariado. Acirra-se, é claro, com a miseria; mas floresce no seio da opulencia. Arrebata a gente bruta e boçal; mas seduz tambem a gente fina e requintada. Todos padecem d'elle, porque todos teem a mesma qualidade da exuberancia do temperamento.

—As senhoras, dizia-me o Dr. D..., em vez de alcool, tomam chloral e agua de Colonia. Só assim resistem ás estafas da vida de sociedade na *season*; e uma vez tomado o gosto... Ultimamente, introduziu-se a inalação do nitrito de amylo e do chlorophormio. Tambem usam o ether; mas, não sei por que razão, é nas classes baixas que se tem vulgarizado mais. No norte da Irlanda, chega a bater o proprio *whisky*... Toda a gente se embebeda: é o nosso vicio nacional.

—O clima, tambem, entra n'isso por muito.

—*Certainly*, indubitavelmente. Ha tal que ganha por semana vinte *shillings*, e dez, deixa-os na taberna. São trinta mil pessoas presas cada anno em Londres por embriaguez¹; dois terços teem a bebedeira aggressiva. São presos em desordens². Ha

1860.....	18:199	prisões, ou 6 % da população
1880.....	29:868	" " 6,3 " "
1890.....	31:310	" " 5,4 " "

² Presos por embriaguez simples, 5:478 homens e 3:369 mulheres; com desordem, 13:471 homens e 8:722 mulheres.

uma quantidade enorme de caras rachadas e de olhos vasados. E as mulheres são quasi tantas como os homens.

—Mas as sociedades de temperança, e a propaganda dos *teetotalers*?

—Historias, meu caro! Nada d'isso corrige o vicio que é constitucional. Bebem chá, porque lh'o dão de graça; e quando não teem absolutamente um *penny*, para gastar no *gin-palace*. Quer uma prova? É o valor das bebidas alcoolicas ingeridas annualmente por cada inglez, em todo o Reino-Unido. Somos fortes em estatisticas.

—De certo.

—Pois essa capitação de vinho, aguardente e cerveja—o vinho e cidra entram por um decimo, a aguardente por quatro, e a cerveja por metade—tem subido sempre. Em 1820 era de £ 2.8.6; em 1840 e 1860 de £ 2.18.6; em 1880 de £ 3.10.11. Quer prova mais eloquente? Não a ha.

Iamos conversando, na digestão lenta do jantar, vagarosamente, porque era cedo ainda para a hora aprazada com o *detective* que essa noite nos levaria aos antros miseraveis do *East End*. Encontrámo-nos pelas dez horas e seguimos.

A menos de uma milha além da praça, onde, em face do cruzamento das ruas, está o edificio do Banco de Inglaterra, que parece uma fortaleza, bifurca-se a grande arteria de leste da cidade. Do banco á bifurcação, chama-se rua de Cornhill e rua de Leadenhall. Na bifurcação, um dos ramos prolonga-se directamente para leste, com os nomes de *Whitechapel road* e *Mile End road*; ao passo que o outro ramo inclina sobre o Tamisa, com o nome de *Commercial road*. Cada uma das avenidas divergentes terá tres milhas de extensão, até ao ponto onde a segunda termina. N'esse ponto, abre-se em

duas *roads* divergentes, uma que vae ás docas das Indias orientaes, outra que vae ás docas das Indias occidentaes.

Já n'esta altura a margem do Tamisa está arrendada em docas e entrepostos commerciaes; já para traz nos ficam as *docas de Londres*.

Mas, para concluir a descripção topographica: no ponto em que a *Commercial road* termina, sobe directamente para o norte a *Burdett road*, que vae cair perpendicularmente sobre a de *Mile End*. E assim as tres grandes *roads*, ou avenidas do *East End*, encerram um perimetro triangular com o vertice voltado para a *City*, com a base de *Burdett road*, pouco menos de uma milha, com os lados de quasi tres milhas, delimitados, um pela avenida *Commercial*, outro pelas de *Mile End* e *Whitechapel*. Esse perimetro triangular era o campo escolhido para as nossas operações da noite. É um dos antros medonhamente miseraveis de Londres: labyrintho immundo de viellas e pateos, recessos onde nunca entra luz, ruinas abjectamente esfrangalhadas, covis de gente quasi selvagem.

O *detective* que nos acompanhava era um gigante espadaúdo. Infundia-nos uma confiança de que bem carecíamos, no meio do bairro celebre pelas façanhas de Jack-o-estripador. A uma observação que lhe fiz, o *detective* respondeu-me grave:

—De certo. Seria temeridade vir sósinho a estes sitios, mesmo de dia. De noite, nem os d'aqui se atrevem: quanto mais estrangeiros! Isto já não é Londres. Londres acaba com a *City*. É o *East End*. A maior parte d'esta gente não sabe que existe *Hyde Park*. Aqui nascem, aqui morrem.

Caminhavamos, seguindo o *detective*. Nas amplas avenidas modernas que delimitam o bairro, arborizadas como os *boulevards* de Paris, rodavam os

tramways, e as vidraças das lojas, profusamente iluminadas, projectavam clarões sobre a gente que circulava. Era uma noite serena e tepida de junho. Porta sim, porta não, havia uma taberna, e o gaz illuminava cruamente os renques de garrafas, scintillando sobre os bronzes polidos dos balcões. Contra as grandes vidraças transparentes, collavam-se faces, com o olhar ávido no extasis da fome, ou do vicio.

Eu já disse, creio, n'estas cartas, que a população do *inner London* era, em 1890, de 4.309:000 habitantes; e que trinta por cento, cerca da terça parte, são miseraveis, assim classificados:

Criminosos, ou quasi.....	37:545
Pobrissimos (<i>very poor</i>).....	316:838
Pobres, com salarios irregulares, ou insufficientes.....	938:050

Sobre este lastro da miseria, vem a população operaria com 2.167:126; e sobre tres milhões e meio de desgraçados e trabalhadores, ha 849:441 pessoas que teem de seu. Uma constituição social que dá como resultado semelhante distribuição da riqueza, é o fundamento de quanto escrevi anteriormente. E este cancro da miseria de Londres, o apostema, *wen*, britannico, alastra-se medonhamente, como doença geral da economia ingleza.

Os registos da assistencia publica, na Inglaterra e Galles, accusam a existencia de um milhão quasi de pobres soccorridos!¹ Todavia, justiça é dizer,

1860.....	844:000, ou 42,9 % da população total.
1870.....	1.032:000, ou 45,5 idem.
1880.....	808:000, ou 31,8 idem.
1890.....	759:000, ou 25,8 idem.

que desde 1870 as cousas teem melhorado consideravelmente, baixando a percentagem dos pobres de mais de 4 a menos de 3. Mas o caso, talvez mais grave ainda do que a miseria dos miseraveis, é a idéa que os ricos fazem da pobreza. Soccorrem-na sem caridade humana; combatem-na, como se combatesse uma epidemia. Para elles, o pobre é um leproso. Quando um *gentleman* trava relações com o seu semelhante, suppõe sempre que trata com pessoa dispondo de meios para gastar dinheiro illimitadamente. Julgar alguém pobre, é uma offensa. Com a idéa que formaram da vida, o pobre é com effeito um vencido: *væ victis! beati possidentes!*

O *detective* virou, guiando-nos para uma rua escura como breu. Dos lados passavam sombras esguias de homens sinistros, fallando sós. Iamos em fila no meio da rua. O *detective* levava na mão o apito policial. Chegámos a um largo onde as casas, miseraveis casebres esburacados, retrahindo-se, formavam um recanto lugubre. No chão havia montes de lixo podre. Para um lado, jazia naufragada uma carroça com o eixo partido. Solidão absoluta.

— Foi aqui, disse-nos o *detective*, parando e apondo o canto: foi aqui que *Jack-the-ripper* vasou as tripas á sua primeira victima.

Seguimos adeante; e depois de uma volta, o policia, nosso guia, bateu á porta de um casebre immundo. De dentro respondeu, grunhindo, uma voz roufenha. Abriu-se a porta e descemos, porque o covil ficava meio enterrado. Era um recinto que teria, quando muito, duas vezes o tamanho do catre de ferro arrumado a um lado. Uma candeia de petroleo, sem velador, illuminava cruamente o quarto, se tal nome se pode dar ao sitio onde estavamos. No leito, sobre uma enxerga, dessorando liquidos immundos, coberto com uns farrapos sem nome, es-

tava deitado um homem calvo, cosendo uma bebedeira de aguardente. O seu halito, misturando-se com o cheiro do petroleo e com o fermento da podridão, formava um ar irrespiravel. Uma mulher, de pé, ao lado, disse para o *detective*:

—Ha quinze dias que não tem trabalho nas docas.

Que eu não sei se o nome de mulher convém ainda a essa creatura, velha antes de tempo, com o ventre obeso, os cabellos raros e empastados sobre a cabeça, traçando nos hombros nus um chale verde de sebo, com uma saia immunda, arrastando nos pés chinellas asquerosas. Tinha um olhar de idiota.

—Tambem bebe; disse-nos o policia, gravemente.

O ar do quarto podia cortar-se á faca. Havia mais uma cadeira partida, uns frangalhos de roupa suspensos de uma corda, e a um canto, na sombra espessa, alguma cousa que me parecia mexer. Approximei-me, baixei-me: era uma creança inteiramente nua. Quiz fazer-lhe festa; mordeu-me como um bicho, com um ar selvagem acceso nos olhos. A mãe grunhiu, o pae respirava offegantemente; e o *detective*, ao sahirnos, disse-nos:

—Foi sobre aquella cama que *Jack-the-ripper* vasou as tripas a outra mulher. Não viram ao lado, na parede, umas pastas negras? É o sangue que borbotou: ainda lá está.

XXXIII

Não era nosso intuito visitar, um por um, os logares dos assassinatos do feroz extripador. Seguímos. A cada passo topavamos com mulheres incom-

pletamente vestidas que, desgrenhadas, andavam pelas ruas á caça.

— É o que ha de peor na prostituição, dizia o *detective*, contando casos que a penna se recusa a referir.

Estavamos no ultimo abysmo da degeneração da especie humana. Nos dois pólos, de oéste e de leste, tem Londres o zenith e o nadir da vida: falta-lhe para equador o instincto racional, esthetico e caridoso, que em outros povos humanisa a sociedade, apagando os contrastes monstruosos. A embriaguez e a prostituição apresentam-se n'este pólo abjectas; no pólo opposto, são douradas.

Não ha homem mais carnal do que o inglez; por isso talvez em parte alguma se explore a concupiscencia como aqui. Se não fosse a severidade da lei, ás vezes quasi grotesca, tudo isto descambava n'uma kermesse formidavel. Uma das explorações mais communs é a dos *ataques ao pudor* nos caminhos de ferro, principalmente. Ninguem entre em um compartimento onde veja mulher só, pois corre o risco de ir parar ao tribunal, e pagar uma multa á queixosa. Inventam as cousas mais desavergonhadas, sem córarem. Um amigo meu, prevenido, fugia de um compartimento, no *underground*, onde vio seraphicamente encostada uma virgem de olhos garços. Dirigiu-se para o compartimento dos fumadores, e ella que o bispára, seguiu-o. Elle observou-lhe que era um *smoking*; ella, sorrindo meiga, respondeu:

— *I don't object*: não tem duvida.

— *Objecto* eu, disse o meu amigo; e safou-se.

Mas voltemos a Whitechapel.

O *detective* levava-nos atravez dos labyrinthos tenebrosos. Formigueiros de creanças appareciam de cada canto, botões de rosa já murchos, semi-nús,

immundos, com ares de espanto selvagem, ao observar-nos, á luz intensa do *gin palace*, onde entravamos. Lá dentro via-se peor. A luz do gaz embaciava com o ar pesado e suffocante, impregnado de exhalações alcoolicas, de fumo de tabaco e gente suja, cheirando mal.

A um canto, curvada sobre o estomago, uma velha, de cabellos grisalhos soltos em méchas, fumava o seu cachimbo de gesso. Lembrou-me um esquimó. De pernas abertas, mãos nos bolsos, tinha ares simiescos um homemsinho magro de pera quasi branca, nariz agudo e olhar estupidamente petulante.

D'ali fomos a um dos *slums*, onde se dorme por tres ou quatro *pence*.

— Ganham immenso dinheiro, dizia o policia. Excellente negocio!

Alberga-se ahí de noite a população vagabunda que povôa as docas. Dormem no chão, com a cabeça apoiada sobre uma corda esticada de um a outro lado da caserna. Ha um fartum nauseabundo, de traparia podre em fermentação. Em baixo, na entrada, bebe-se. Encontra-se gente de toda a especie, de toda a origem. Não ha rico, nem pobre, grego, nem barbaro, perante a lei do trabalho. As docas são um capharnaum, onde o mundo inteiro se congrega. A farraparia dos trajos ricos, sobre-casacas, talvez de Poole ou de Hill, chapéus que foram espelhos, botas já sem tacões: tudo isso se observa, ao lado da cabaia do chinez, da tunica do marroquino, emmoldurando figuras patibulares, faces terrosas com filetes, ou pastas de vermelhidão alcoolica. Pelo meio das perspectivas lugubres das casernas sombrias, destacam-se sinistramente, na treva espessa, as claridades vacillantes dos bicos de gaz.

Atravessámos depois um bairro de judeus. Era noite de Sabbath. Havia casas relativamente boas, e pelas janellas viam-se, atravez das vidraças, as mesas postas para a refeição da noite. Topavamos com lettreiros de lojas e indicações de moradores, escriptos em hebraico. Para aqui veem as levas de judeus expulsos da Russia; d'aqui sahem como emigrantes, a espalhar-se pelo mundo. Parece, conforme nos dizia o *detective*, que a população não olha com bons olhos estes intrusos.

Já era alta noite; já as lojas estavam fechadas nas *roads* espaçosas que encerram o labyrintho da miseria; e nos passeios obscuros, com as arvores projectando as suas sombras espessas, as mulheres, a vaguear mais ou menos bebadas, pareciam espectros da abjecção dormitante na vasta alfurja de Whitechapel.

Estavamos na encruzilhada do fim da *Commercial road*, onde começam a descer as duas avenidas divergentes para as docas das Indias. Do Tamisa vinha uma aragem humida. Sentia-se que lá em baixo, na floresta de mastros e vergas, estava dormindo o monstro que em breves horas, ao acordar, resfolegando vapor dos cylindros das machinas, agitando-se na vertigem dos guindastes e cabrestantes, servido por um exercito de carregadores escravos, atroaria outra vez o ar com a sua epilepsia gigantesca.

Mettemos por uma viella ingreme: estavamos no bairro chinez. Londres ganhava para mim as proporções de um mundo. Os lettreiros, os annuncios, as indicações, viam-se gravadas em caracteres sinicos; e ao ar da noite, já começado a destingir com a alvorada, balouçavam-se dragões phantasticos das bandeiras dos armazens fechados. Na rua não havia viva alma, mas, de um lado e de outro, duas casas

minúsculas tinham luz. O *detective* bateu a uma: não lhe abriram, e as vozes que se ouviam, calaram-se.

— Não querem abrir. É uma casa de jogo. Vamos aqui: é uma taverna de opio.

Bateu-se á outra e subimos, depois do policia ter mostrado o seu *passe*. Subimos por uma escada escura, ingreme e estreita, no topo da qual nos esperava Mrs. Johnson, ingleza, casada com o Sr. Johnson, um chinês de rabicho, que mantinha e explorava a casa de opio de *Ratcliff highway*. Sua esposa era uma fervorosa adepta da *temperance society*, o que não a impedia de ganhar a vida com a taverna de opio. *Make money, my son, honestly if you can...* Ganhar a vida, é o primeiro dever.

Quando se nos abriu a porta e entrámos na casa de opio, não enxergavamos cousa alguma. Era uma atmosphera de fumo agridoce. Minutos depois, a vista afez-se, e distinguimos de cada lado do quarto um estrado com almofadões sebosos, sobre os quaes sete ou oito pessoas, estendidas, apresentavam os graus successivos da embriaguez, desde os embevecimentos dos primeiros instantes, até á quasi-morte em que acabam com uma pallidez cadaverica, inertes, exangues os beiços. Os que ainda podiam, inhalavam docemente o fumo, expellindo-o em rollos espessos pelos beiços distendidos. Mrs. Johnson, activamente, renovava os cachimbos, enchendo-os com as bolas de opio, da consistencia de grude. Cada bola não dura mais de dois minutos. A janella estava fechada. O calor era suffocante, o fumo asphyxiava, o fedor dava nauseas, a porcaria era repellente. Lembra-me que desci a escada n'um pulo, e, ao achar-me na rua, parecia-me estar salvo.

De que? d'este inferno medonho em que todos

os vícios me tinham passado perante os olhos n'uma exhibição desoladora, levado pelo braço da auctoridade impassivel. Tudo isto é horrivel, mas a verdade é que já o foi mais. A criminalidade baixou consideravelmente.¹ A taxa dos pobres representa um orçamento tão grande como o de Portugal. Convém a este respeito ler a obra de Fowle, *The poor law*. São oito milhões de libras sterlingas; é uma contribuição de 10 shillings 9 pence, para o habitante de Londres, e de 5 shillings 9 pence, para o inglez em geral. Com este dinheiro se soccorrem cerca de cem mil pessoas por dia² em Londres, e

¹ Eis alguns numeros que o demonstram, relativos á Inglaterra, cuja população, de 1868 para 1890, subiu de 22 para 29 milhões.

	1868	1890
Crimes.....	58.441	38.650
Prisões.....	29.278	17.672
Condennações.....	14.340	9.242

	População das prisões em 31 de março	Criminosos e suspeitos
1868.....	—	54.249
1879.....	19.818	—
1882.....	—	38.420
1885.....	16.618	—
1890.....	—	31.225
1891.....	13.076	—

² Soccorros em Londres no ultimo dia da segunda semana de novembro de 1891:

Domicilios.....	58.035
Errantes:	
Adultos.....	2.0816
Menores de 16 annos.....	11.976
	90.827
Em 1890.....	92.048

cerca de oitocentas mil em toda a Inglaterra e Galles.¹

Pela gamella dos pobres comem, porém, muitos remediados. A assistencia tem um exercito de 4.030 medicos, de 624 empregados, de 651 mestres nas *work-houses*, de 1.387 serventes de toda a especie: somma, 6.692 individuos que custam £ 1.400.000. Junte-se, para despezas geraes e administrativas, £ 1.100.000, e temos que, dos oito milhões, só cinco e meio são distribuidos em soccorros. O serviço custa mais de 30 por cento,² o que é horroroso, mormente quando se trata de caridade. Mas caridade é uma palavra, cujo sentido mystico e metaphysico, não é accessivel a paladares que reclamam pratos fortes apimentados e bebidas capitosas e excitantes: gente sempre de mangas arregaçadas, para o *boxing* da existencia, quer seja para a debater, quer seja para a gozar. Os pobres são os vencidos no *steeple chase* da vida. Soccorrem-se, utilitaria-

¹ Totaes de 1889 :

Domicilios	192.000	} 795.000
Errantes	603.000	
Validos	99.000	
Alienados	76.000	
Vadios	7.000	

² Eis aqui as contas dos dois annos :

	1880	1885
Sustento domestico.....	£ 1.757.749	£ 1.921.587
Soccorros fóra.....	£ 2.710.778	£ 2.469.846
Asylo de alienados.....	£ 994.204	£ 1.188.012
<i>Work houses</i>	£ 319.426	£ 501.930
Pessoal.....	£ 1.053.218	£ 1.356.943
Outras despezas.....	£ 1.181.511	£ 1.053.280
Totaes.....	<u>£ 8.016.886</u>	<u>£ 8.491.600</u>

mente, por medo, e como defeza. Carinho não ha. A sentimentalidade philantropica, paixão muito commum, compraz-se em objectos mais pittorescos, ou mais romanticos. Wilberforce poz em moda os negros; e Mrs. Beecher Stowe, com a sua *Uncle Tom's cabin*, sensibilizou duas ou tres gerações de *misses*, chorando sobre a sorte dos escravos: ellas que tinham alli ao pé a legião medonha dos miseraveis londrinos. Tambem é contrafeita, tambem é excêntrica, tambem é *constipada*, a maneira porque amam o proximo. Em regra, preferem-lhe os brutos. Innumeras sociedades protegem os animaes, quando a gente rebenta com fome, esteira com alcool, ou enregela com frio.

Era ruminando estas cousas que, já de madrugada, eu caminhava pelo *embankment* na direcção do meu quarto no *Savoy*, quando um episodio, aliás commum, me demorou ainda. Sobre um banco do jardim cabeceava esqualida uma mulher que devia ter sido bella. Ao collo, uma creança de peito dormia. Ao lado, estava estendido um desgraçado, e no chão, acocorados, dois pequenos. Era uma familia feliz que tinha conseguido poder passar a noite n'um banco do jardim; outros ficam sob os pilares das pontes. E ha, todas as noites, oito ou dez mil pessoas em Londres, sem cama para dormir, nem tecto que os abrigue. E perdem-se todos os dias, sumidos na voragem, outros tantos desgraçados, sem que haja mais noticia d'elles...

Parei a considerar este quadro compungente. E era verão, a madrugada tepida. Que será quando tudo gela, vergastado pelo frio?

Já a aurora inundava o céu, e as torres e corucheus de Westminster desenhavam-se orientalmente no ar. Eram sombras, ou eram visões da minha imaginação excitada? Parecia-me levantar-se no hori-

zonte a estatua de Nabuco, de que a *Bíblia* falla: tinha os pés feitos de um barro amassado com lagrimas...

XXXIV

Com effeito, esta poderosa sociedade capitalista tem os pés de barro; esta montanha colossal de riqueza assenta sobre contrafortes de miseria inconsistente e esboroadiça.

Organisada e instrumentada para explorar a riqueza do mundo inteiro, agora que as nações aprenderam na sua escola, e por toda a parte se organisa o *bloqueio* planeado por Napoleão no começo do seculo, principia a sentir um mal-estar grave: as exportações fabris cahem rapidamente,¹ cahe o frete marítimo, accumulam-se inactivos os vapores nos portos, e as fallencias repetem-se insistentemente. Esta crise, porém, não é a mais grave: basta enfrear um pouco a velocidade da hypertrophia vertiginosa da industria e do commercio, para restabelecer o equilibrio compensador, porque, ainda quando falte de todo o estrangeiro para consumir os generos inglezes, a politica do *zollverein imperial* segurará sempre o mercado colonial britannico.

Mais grave é o facto da excessiva abundancia do capital sonante, sugado de todo o mundo. O denominador supremo das utilidades, que é o dinheiro, sómente é util emquanto se acha em relação com a circulação dos productos consumiveis. Absorvendoo e enthesourando-o, chegaram afinal a definil-o.

¹ Os primeiros oito mezes de 1892 mostram uma diminuição de 15 milhões, sobre 160 em 1891.

Troca-se sem quebra, mas aluguer, ou juro, já quasi se não dá por elle. A taxa do desconto baixa a $\frac{7}{8}$, menos de $1\frac{0}{10}$; e os *consolidados* estão quasi ao par do nominal de $2\frac{3}{4}\frac{0}{10}$. O regimen capitalista tirou de si a propria definição, reduzindo-se ao absurdo, isto é, annullando o juro do capital. Tanto multiplicaram as obras que economisam dispendio; tanto fizeram avultar os rendimentos liquidos; e tão incongruentemente os repartiram que, afinal, achou-se uma classe podre de rica, e tamanha se tornou a *offerta* de capital, que quasi se não pode tirar renda d'essa riqueza, pois ninguém come, nem bebe, nem respira ouro; e o monopolio de um objecto, que não tem senão uma utilidade relativa, evaporou e desfez, quasi por completo, a renda d'esse objecto monopolisado.

Por outro lado, foram tantas e tão subteis as invenções da especulação e do credito; multiplicaram por tal fórma a instrumentalidade do capital, que mais rapidamente se chega ainda ao momento da annullação da sua renda. Os bancos inventaram circulações fiduciarias, triplicando a potencia do dinheiro, para triplicarem o rendimento em juros; os capitalistas inventaram as sociedades por acções, para federarem os pequenos capitaes infructiferos; inventaram logo os *bonds*, *debentures*, ou *obrigações* de juro fixo, para arrebanharem os cautelosos, gente de pequenas posses que necessita contar com a renda certa do seu dinheiro; depois fizeram-se os titulos de valor minimo, de libra, para penetrar até ao fundo das camadas sociaes e aspirar todo o dinheiro que lá houvesse; finalmente, como na immensa multidão dos titulos, floresta espessa em que o bandidismo pullula, o capitalista se perdia, inventaram-se os *trusts*, instituições que teem por fim associar capitaes para comprar titulos, e distribuir *pro rata* os

diversos juros e dividendos. O capitalista nem o trabalho tem de escolher a collocação: outro se encarrega d'isso.

Esta supressão absoluta do trabalho é desnatural. A constituição pura do capitalismo havia de levar á annulação da renda do capital, que já se accentua hoje, e se ratificará no seculo em que vamos entrar. Annullada a renda, o capital não é mais do que sobra do trabalho, monetisada, circulante, mas não reproductiva: capaz de gerar filhos, segundo a expressão hollandeza. Este facto capital foi a impressão synthetica mais nitida que produziu em mim o espectaculo da riqueza sem par em povo algum do mundo, actual, nem transacto. E, parallelamente a este facto, está a força e a educação crescente das classes trabalhadoras; e depois ainda, um phenomeno de gravidade summa, que é a collectivisação de uma quantidade enorme de capitaes, em instituições de mão-morta das quaes as *trade's unions*, com saldos de dez milhões de libras e receitas de cinco ou seis, são um dos exemplos mais conspicuos.

Stanley Jevons, esse forte espirito mallogrado, cuja perspicacia penetrante descortinou alguns dos problemas mais complexos da economia da riqueza, formulou a lei por virtude da qual os capitaes moveis de uma sociedade crescem progressivamente em razão das suas immobilisações.

Cada *melhoramento*, como usualmente se diz, cada arroteia de terras virgens, cada installação mineira, cada linha de vapores, cada caminho de ferro, cada porto artificial: todas as obras da civilisação economica, determinam augmento de rendimentos, pela economia de trabalho que trazem, ou pela abundancia de productos que occasionam.

No regimen capitalista em que o mundo vive

desde a epocha das descobertas, no seculo XVI, e as sobras, ou economias, traduzem-se em capital isto é, em valor destinado a instrumento de novas immobilisações, de novos lucros, de novas causas de enriquecimento. A valorisação, portanto, do capital dá-se conforme o lucro médio das immobilisações, e d'esse lucro resulta a taxa do juro.

O juro não está em razão directa da maior ou menor riqueza de uma sociedade, ou por outra, da maior, ou menor, abundancia de capitaes: está em razão do rendimento médio das immobilisações. Assim, as nações novas da America, onde a riqueza natural a explorar é muita, dão aos capitaes juros muito superiores aos das praças da velha Europa já lavrada, sugada, e servida de um modo, pode dizer-se, completo.

A intervenção, porém, de um elemento ou *genero* intermediario, no systema das trocas, determina para logo a especulação sobre elle; e, na mobilisação sempre crescente dos haveres, o jogo, que é a especulação mercantil applicada ao capital, invade todos os espiritos. O delirio da riqueza assalta as classes todas. O furor invade por completo as cabeças. O jogo allucina o homem, por lhe acenar com a tentação de libertar-se do preceito natural do trabalho; sem se lembrar de que o trabalho, sendo a condição, foi tambem o premio da vida humana. A ociosidade é antipathica ao nosso temperamento. O jogo tem em si proprio a condemnação pelo absurdo; pois não ha homem mais escravizado, mais completamente victima da sua allucinação, do que esse que vemos em permanencia devorado pela ansia de ganhar, pelo medo de perder, pela furia das combinações, pelas crises da audacia, pelo torpor do desanimo.

Antigamente o jogo era um vicio, quer dizer,

pratica excepcional e condemnada de gente reprobada. Antigamente, a especulação era o fôro exclusivo dos commerciantes, classe á parte, regida por leis suas proprias, e olhada pelo commum com receio, temor e desdem. Agora, o jogo e a especulação universalisaram-se á sociedade: de excepção, tornaram-se regra. O vicio fez-se uso. O preceito da velha es-cosseza: *Make money, my son, make money! honestly if you can—but make money!* tornou-se evangelico. O que d'antes eram artes manhosas de trocatintas, são agora modos de proceder correntes de gente recamada de veneras e titulos, e de sociedades pomposas e graves.

A propria lingua transforma-se. No *bagout* bol-sista, na linguagem dos negocios, expressa tambem em francez comopolita, pois Paris, que é a Antiochia de prazer dos novos tempos, é tambem um *tripot* internacional: na lingua *des affaires*, a palavra *serieux*, applicada a um homem, não quer dizer já que elle seja digno de respeito, mas sim que elle possui o que se chama *de la surface*, isto é, que pode, ou que parece poder, com a responsabilidade incorrida. As trapças, os *pescanços*, as batotas: nada d'isso diminue o *serieux*, para o qual basta terem-se *les reins solides*.

A vida torna-se, portanto, um exercicio a que é estranha toda e qualquer idéa de dever, de ordem, de justiça, de moral. Os caçadores de negocios vão pela selva obscura da sociedade, farejando, sondando, preparando o salto, com a garra desembainhada, o ouvido attento, a respiração suspensa, contidos apenas por um receio: o de naufragarem nas syrtes do codigo.

Quando á imaginação creadora dos gregos appareceu mythificada a natureza, os gregos metteram n'um mesmo mytho, o de Hermes, a que os lati-

nos chamavam Mercurio, duas classes: a dos traficantes e a dos ladrões. É que nos tempos primitivos, ainda hoje actual nos povos selvagens, o commercio consiste em astucia, exclusivamente. A civilisação moralisou-o, a ponto de o tornar o instrumento fecundo e fertil da distribuição das mercadorias no mundo; da mesma fórma que levantou a feiticeria primitiva ás eminencias da medicina. Caso para pensar: as praticas honradas e simples do commercio são vencidas por aquillo a que se chama *les affaires*, regressando espontaneamente ao naturalismo primitivo...

Porque?

Pela razão que deu Stanley Jevons: porque a riqueza é muita, e os capitaes moveis superabundantes, e como consequencia da instrumentação completa a que a Europa chegou. Porque o dinheiro acotovelase desesperado, em procura de rendimento; porque o juro baixa todos os dias, e o capital perde progressivamente de valor. E no meio da symphonia de uma riqueza incomparavel, os possuidores do instrumento d'essa riqueza vêem fugir-lhes o terreno, dissipar-se o objecto da ambição, desenharem-se as linhas de um mundo novo. O delirio do jogo e da especulação traduz inconscientemente o medo do futuro, e exprime com clareza o receio do presente.

O capital treme, e acolhe-se á protecção dos imperios poderosos: vae á Russia, vae á Inglaterra, comprar fundos. O rendimento, n'essas especies, é diminutissimo: 2 $\frac{1}{2}$, 3 $\frac{0}{10}$. Sommas que ha cincoenta annos davam a opulencia, dão hoje uma estreita mediania. A tentação está creada; aberta a porta á imaginação. De um lado existe o peculio e a avidez de um juro alto, do outro o genio inventivo do valleiros da industria. Que mais é necessario?

Não é difficil marcar os momentos successivos da especulação, parallelos ao progresso e á democratisação da riqueza.

Em tempos antigos, uma companhia ou sociedade industrial consistia, de um modo elementar, na reunião de individuos que se quotisavam para uma determinada empreza, correndo os riscos, e repartindo os lucros. Depois, occorreu a idéa de mobilisar a quota, e appareceu a acção transmissivel, ao mesmo tempo que a lei fixava o limite da responsabilidade á quantia descripta nas acções.

As companhias anonymas, *joint stock limited*, invenção ingleza já do nosso seculo, são o ponto de partida de um movimento, rapidamente precipitado, até ao ponto de produzir a ebullicão gigantesca d'estas ultimas dezenas de annos: essa tempestade de papel que se agita em nuvens pelos ares, vária nas côres, crivada de algarismos, subindo, como tromba marinha que sorve as ondas espumantes dos ingenuos, de bolsa aberta, a offerecerem o fructo das suas privações aos mésinheiros cujo officio consiste em *empoisonner le marché*. Como nos parece hoje simplorio, honesto e bom, perante os *commis voyageurs* da finança, o Gaudissart de Balzac, explorando, na provincia, a *Huile cephalique* do amante Popinot!

Desde que appareceram as sociedades anonymas e as acções, avultou a materia prima do commercio de títulos, antigamente limitado ás sommas relativamente minimas das dividas nacionaes. Ninguém ignora as proporções gigantescas tomadas n'este seculo pelas dividas das nações; mas não é só esta especie de mercadoria que veio dar ás Bolsas um logar culminante no mecanismo economico do mundo. Não é unica, nem é até a principal, sob o aspecto que vemos agora.

No mercado dos titulos negociavam-se, com effeito, em concorrência, de um lado, fundos publicos de renda certa, e do outro acções de bancos e companhias de dividendo incerto. O publico extranho aos negocios, o pequeno capitalista desejando crear para si um rendimento fixo, independente dos azares do commercio, dava naturalmente a preferencia á especie dos fundos publicos, de que as guerras do principio do seculo tinham feito avultar consideravelmente a somma.

Estas duas causas impediam a consolidação de quantiosos capitaes na revolução industrial que se avisinhava, com a construcção da rede dos caminhos de ferro do mundo. Por outro lado, a lucidez de vistas dos *business men* reconhecia que, se pudesse assegurar-se ao capital subscriptor um juro certo, juro relativamente baixo, sendo a sua taxa determinada pela dos fundos publicos, havia lucros enormes a colher das emprezas que assim se fundassem com capitaes tomados por emprestimo. Os accionistas de taes emprezas repartiriam entre si o excesso de rendimento afferente a um capital enorme emittido; ao mesmo tempo que governariam cesaristamente, com um desembolso minimo, por vezes nullo, sommas colossaes de dinheiro invertido nas emprezas ideadas por elles. Para levar isto a effeito, que era necessario? Identificar os titulos de nova especie com os fundos publicos; attribuir ás companhias um character soberano. Foi o que se iniciou em França, no meiado do seculo, para a construcção da rêde dos caminhos de ferro, e para a instituição do credito predial. N'este caso, por uma combinação habil, a *hypotheca* era garantia do juro das obrigações; no primeiro garantia-o o Estado.

As *obrigações*, inventadas em França, com as

acções, de invenção ingleza, juntaram-se, portanto, á materia preexistente dos negocios de Bolsa, isto é, aos fundos publicos. A Inglaterra ideára o anonymo: a França inventou a divida particular circulante, transformando as companhias em verdadeiros estados, e a sociedade economica n'um feudalismo de especie nova.

É de França tambem que vem a invenção subsequente das *partes-de-fundador*. Com as *obrigações* garantidas conseguiram-se chamar á industria e ás obras publicas as economias dispersas do publico. Mobilisadas em papel, circulavam, com as *acções*, ao lado dos fundos publicos. Conseguira-se mais concentrar os grossos lucros, que theoreticamente pertenciam, ou ao estado, ou a quem dera o dinheiro, nas mãos dos accionistas iniciadores. Assim a *acção* do Norte de França, de um desembolso hypothetico de 400 francos, vale hoje 1.900 ou 2.000, porque rende ao anno 70 francos. Os accionistas quintuplicaram os haveres.

Lucros tão consideraveis, abriam os olhos á cubiça. Emprezas tão magestáticas, não se constroem sem untar muitas mãos. Se a iniciativa propulsora do capital-acções era muito, a iniciativa do agente homem-do-mundo, ou cavalheiro-de-industria, não valia tambem menos. Pagar-lhes os serviços a dinheiro sonante, podia ser arriscado; interessal-os nos lucros futuros, não. D'ahi as *partes-de-fundador*, ou acções beneficiarias, titulos sem desembolso que antecipadamente descontavam o futuro, e cujo valor consistia em *esperanças*, como se diz nos dotes das noivas que teem parentes ricos. A empreza do canal de Suez assignala este momento novo, a que está ligado o nome de Lesseps, verdadeira encarnação, quasi épica, do Gaudissart de Balzac.

A Bolsa, por tal fórma, podia dirigir-se a todos

os paladares, excitar todas as cubiças, lançar a sua rede sobre toda a especie de peculio guardado por quem quer que fosse o dono. Ao homem pacato e prudente offerecia os fundos das nações de primeira ordem; para levantar, com pequeno risco, os rendimentos da carteira, estavam os fundos *menores*: turco, egypcio (antes da occupação ingleza) peruano, argentino, etc. Offerecia-lhe as obrigações prediaes e ferro-viarias, garantidas, tão solidas como fundos publicos. Com a tentação de um juro mais alto, offerecia tambem as obrigações não garantidas de empresas que, porém, tinham nas receitas assegurado o *serviço*. É verdade que estavam á mercê de um *coup de main*, como os que tornaram Jay Gould, o bandido celebre, cem vezes millionario; mas esse desafogo da aventura bolsista não era ainda frequente.

Ao rico, ao aventureiro, as *acções*, mais ou menos arriscadas, dos bancos, das companhias, em que o dividendo é incerto, mas por isso mesmo pode exceder a taxa normal do dinheiro. A's imaginações férvidas, as *partes-de-fundador*, prenhes de promessas futuras e de esperanças douradas!

E tudo isto que era, pode-se dizer, nada no principio do seculo, subia já pelo meiado d'elle como uma cordilheira enorme de papel representativo de toda a riqueza predial, industrial, commercial, bancaria: revolvida, cotada, remexida cada dia, nos vae-vens da cubiça cheia de avidez.

Toda a riqueza mobilisada, toda a riqueza democratisada se agita em turbilhão, passando, como n'um quadro dissolvente de lanterna magica, deante dos olhos dos que não teem, accendendo as cubiças, regando de esperanza os máus instinctos, pondo a nú a vileza humana, com a apothese do exito e com o culto do deus dinheiro.

Em comícios de dezenas de milhares de accionistas, fundadores e obrigacionistas, Lesseps, Imperador do Panamá, falla ao seu povo, governa-o com boletins semelhantes aos de Napoleão; tem a sua imprensa assoldada para cantar, a tanto por linha, as perspectivas magnificas da empresa, os rendimentos futuros das emissões, que vão em grande parte sumir-se nos bolsos dos corretores, jornalistas e oradores, nos camarins das *cocottes*, e nas mesas do *Café Anglais*. Democratisado, o capital entra no regimen universal do *réclame* e da trapaça.

A serie das invenções não está, porém, ainda esgotada. N'estes ultimos annos, a imaginação ingleza que, tendo iniciado o movimento com as *acções*, se deixara assoberbar pelos continentaes, voltou a occupar o seu logar eminente quando inventou a *acção de libra*, para as empresas africanas de diamantes e ouro. Mede-se bem o alcance psychologico d'esta idéa? Que vale uma libra, vinte e cinco francos, quatro mil e quinhentos réis, nos dias de hoje? Menos do que uma garrafa de vinho. São tentos de jogar; são ficções de capital. A civilisação democratisou a riqueza; a especulação pulverisa-a. Constitue-se um capital de milhões com migalhas inapreciaveis. Quem é o dono? Ninguém!

O capital chega d'este modo á sua expressão abstracta, e correspondente ao que é n'este fim de século: um signo sobre que se joga; uma hypothese sobre que se architectam esperanças; um trapesio em que a especulação manobra, enriquecendo, ou empobrecendo, os jogadores, activando a circulação do sangue metallico da sociedade.

Antes que da Africa viesse um grão de ouro, antes que sequer as minas se descobrissem: antes de nada, as *acções de libra da South Africa* valiam quatro libras. Amanhã valerão o valor dos ten-

tos de jogar; mas, entre hoje e amanhã, o dinheiro passou suavemente, indifferentemente, dos bolsos de uns para os bolsos de outros, custando isso apenas a somma perdida nas expedições e os cadáveres dos que ficaram. Também se perderam uns milhões e muitas vidas no Panamá, e então houve clamores. Porque? Porque um titulo de quinhentos francos já se considera uma capitalisação, e quando se lhe reduz o valor a zero, doe; ao passo que uma acção de libra não se conta, nem se lhe sente a perda.

Reduzir o capital a uma verdadeira abstracção, pulverisando-o, eis ahi a ultima e genial invenção. Com ella se está colonizando o Transvaal, á sombra de especulações que teem cotado acções de libra á razão de duzentas, sem haver nem sombra de dividendo. Não se prevê bem que invenções novas podem já acudir á imaginação dos homens, no sentido de attingir experimentalmente a definição exacta dada, desde o tempo de Platão, ás riquezas. Realisou-se a doutrina: o dinheiro é uma abstracção, e o signo apenas sobre que se exerce a dança das paixões excitadas pela cubiça.

XXXV

Não admira, portanto, que esta vertigem produza crises. Bagehot, o celebre autor do livro de *Lombard Street*, depois de descrever o mecanismo capitalista inglez, em tempos, é verdade, já antigos, reconhecendo a instabilidade, confessa, porém, que «esse modo é o melhor para explorar economicamente o mundo, cumprindo a Inglaterra a sua missão de centralisar os lucros commerciaes e industriaes».

Não é novidade que, no regimen da especulação, a riqueza se concentra pela força das cousas em uma oligarchia de ricos, embora essa concentração não tenha consequencias eguaes ás da antiga concentração aristocratica da terra. Agora tudo é vitalicio, e a roda da fortuna não está travada: gira incessantemente. E se a concentração da riqueza n'um grupo de individuos é o facto dentro de uma qualquer nação: internacionalmente, a Inglaterra, apesar da concorrência da França e também já da Allemanha, governa ainda plutocraticamente o mundo.

O caracter que o capitalismo tomou progressivamente, attingindo as suas ultimas consequencias, manifesta-se em varias ordens de cavallarias que inevitavelmente dão de si crises mais ou menos geraes. As aventuras sahem coroadas de exito, quando as victimas são os batalhões dos especuladores anonymos, especie de soldados do exercito da finança, *chair à affaires* dos Napoleões bolsistas, como Jay Gould, ou plebe rustica dos novos senhores de barço e cutelo. São fataes, quando, a meio caminho andado, se desmorona o castello de cartas da *combinação*, esmagando sob as ruinas os audazes aventureiros.

Não vale a pena fallar do *train-train* ordinario da Bolsa, com o seu jogo diario, as suas operações de *reportes*, maré que permanentemente enche e vaza, e se tornou já, pode dizer-se, normal. N'estas notas fugitivas, apenas ha logar para as tempestades typicas, determinadas pelas fórmulas superiores que toma o jogo bolsista.

Os fundos das nações são ainda hoje a principal materia prima. Emittir um emprestimo é operação aventureira, ainda quando se trata de nações ricas e bem governadas. Disse-se abertamente que o ul-

timo emprestimo russo, embora para o publico subscripto muitas vezes, ficára em carteira. Os subscriptores não o quizeram pelo preço marcado, e a subscripção foi simulada; o que acontece as mais das vezes, agora, por falta de confiança na solidez dos estados, logo, por exagero no preço de venda. A operação normal, natural e simples, dos governos pedirem ao publico a somma de que necessitam, abrindo os thesouros os seus *guichets* aos subscriptores, tornou-se impraticavel, desde que existe um verdadeiro feudalismo imperando no mercado dos capitaes. Um emprestimo contracta-se primeiro com um grupo que lhe *garante* a emissão, embolsando as luvas correspondentes. Depois, o grupo offerece-o ao publico; e se o publico lhe pega, o lucro realisa-se; senão, as carteiras dos bancos ficam inchadas de papel á espera dos compradores. As vezes succede que os banqueiros não podem com a carga, e rebentam, como succedeu ainda ha pouco com a casa Baring, esmagada sob o peso dos fundos argentinios; ou succede faltarem descaradamente, como Ephrussi fez com o emprestimo portuguez de 1890.

Estas fallencias de banqueiros, determinadas por exageros aventureiros, são talvez os mais graves motivos das crises de circulação. Mas taes crises veem tambem pelo motivo inverso, quando a audacia dos banqueiros é excitada e excedida pela cubiça das legiões de subscriptores, avidos de ganharem um premio, ou embriagados pela esperanza de futuro, capciosamente propagada pela imprensa assalariada. No pequenino mundo portuguez, succedeu ha dezeseite annos, em 1876, e em reduzida escala, uma crise d'esta ordem. O dinheiro andava a rodo, o governo emittia directamente quarenta mil obrigações para a construcção dos caminhos de ferro do Minho

e Douro. Houve facadas nos *guichets* da subscrição, que foi do decuplo do que o governo pedia. Pela mesma occasião o Banco Commercial de Guimarães fez uma emissão de acções, cujo rateio teve de ser um quarto de acção para os subscriptores de 1 a 25 acções; meia para os de 25 a 50; uma para os de 51 a 100; e assim por diante, até aos de mais de 1.200, que recebiam $\frac{3}{4}\%$ das subscrições. Por aqui se vê como Portugal, que sempre foi grande em aventuras, não desmentia as suas tradições, já em 1876, antes de agora se lançar, outra vez, ao *mar tenebroso*, de ondas de papel...

Deixando os fundos publicos, pois que já entramos nos bancos, vejamos que formas toma a aventura e o jogo n'esta especie.

As crises antigas da Inglaterra, provocadas pelo exagero da emissão de notas, passaram já á historia, desde que as notas se subalternisaram no mar immenso de cheques, promissorias e mais titulos de credito, liquidados periodicamente nas *clearing-houses* annexas á Bolsa. A exploração dos depositos á ordem pela elevação da taxa do juro, é um meio de que não usa o banco *serieux*. É o expediente dos cavalheiros particulares de industria, que todos os dias levantam o vôo, emigrando com os peculios dos *gogos* que cahiram, deixando-se envenenar. Um banco sério, grave, e que se preza, não cahe n'essa ordem de operações: tem outras ao seu dispôr. Outras, que revertem em beneficio dos directores. São de duas ordens: a ficção da subscrição, e a ficção da cotação. A primeira é tanto mais facil, quanto o *engoument* do publico permite multiplicar-se a fundação de bancos. A segunda faz-se na Bolsa, por um processo que chega a ser pueril, tão facil é elemtentar se apresenta.

Com effeito, no estado de allucinação dinheiral

do espirito publico; enriquecer parece facillimo, desde que se tenha o espirito moldado para conceber certa ordem de combinações, em que defraudar a massa anonyma dos jogadores não se affigura roubo. Identico estado psychologico se via nos antigos contrabandistas que, roubando o estado, não seriam capazes de tirar cinco réis a quem quer que fosse. A abstracção é responsavel por muitos erros.

Levanta-se um banco. Eu, sem ter um real, subscrevo mil acções. Essas mil acções vou empenhal-as, ou no banco visinho, ou até no proprio banco, obtendo assim o dinheiro necessario para as entradas. Se o banco vinga e lucra, embolso o premio; se o castello se desmorona, vem a crise e a fallencia, cousa indifferente para quem nada tinha. Cantando vim, cantando vou. Entretanto, emquanto o S. Martinho durou, fui vivendo vida regalada, á custa do ingenuo que subscreveu com dinheiro, ou que foi fazer o seu deposito.

Para chamar o subscriptor ingenuo, como na caça alemtejana dos pombos, o modo é soprar o folle da *réclame*, na Bolsa e na sua imprensa, para que o subscriptor real acuda ao appello, vasando o seu sacco a comprar, com o premio mais elevado que ser possa, as acções subscriptas a credito por mim. Faz-se isso com o dinheiro do proprio banco, da mesma fórma que os Estados mantem a cotação artificial dos seus titulos com o dinheiro do The-souro. Faz-se até sem desembolsar, antes encaixando o lucro dos reportes, quando a viração da alta se mantém na meteorologia da Bolsa. Assim foi com a Companhia Real dos nossos caminhos de ferro.

A acção incha, a acção sobe; attingem-se cotações inverosimeis, imbecis, absurdas, como se viu ha annos, no delirio da *Union Générale*.

É então que a especulação attinge também o seu momento ideal. O capital faz-se abstracção. O título é meramente um signo sobre que se aposta. Não ha relação alguma entre o valor real e a cotação. E, se antes vimos como a imaginação ingleza attingira a abstracção, no *nadir* da escala, com a acção de libra, isto é, sem valor apreciavel de desembolso: agora vemos como, no *zenith* bolsista, attingir-se também a abstracção, quando se compra por tres mil francos a acção de um banco formado nas nuvens.

A verdade é que se não compra. Joga-se. Espera-se que a cheia da alta cresça, e que os tres mil francos sejam amanhã cinco mil; que se embolse a differença; que o balão da esperança assim vá inchando, entumecendo sempre as algibeiras dos jogadores. Como no pacato e fossil jogo portuguez do *burro*, toda a questão é passar o valete, e não ficar burro. Ora a regra, é que os especuladores não ficam burros: burros ficam os toquiados, de orelha cahida, a zurrar miseria: os pobres anonymos que, no *bagout* bolsista, se chamam *gogos*. Mas, quando as cousas tomam proporções épicas e a allucinação invade a propria gente *séria*, fatalmente vem o *crash*, arrastando na mesma ruina os patetas e os expertos, como succedeu no caso da *Union générale*, recente entre tantos outros, precedentes e posteriores.

Falta, porém, registrar ainda outra especie que nos ultimos tempos tem tomado proporções enormes. É o syndicato, a que os inglezes chamam também *trust*. Não fallemos já dos syndicatos para emissões, indicados e exigidos pela constituição feudal do capitalismo moderno: fallo de outros syndicatos, determinados pela ancia de ganhar dinheiro. Monopolisar um certo genero foi em todos os tem-

pos uma das regras do commercio; mas em tempo algum o dinheiro teve o imperio que hoje tem, nem tambem a solidariedade commercial do mundo foi como hoje é. Monopolisar um certo genero, contrahendo-lhe a compra com todos os productores, e dictar depois o preço ao consumo, é uma operação tão simples, tão facil, tanto da natureza das cousas, que sem duvida alguma esta especie de operações está destinada a um futuro opiparo.

Se no algodão, no trigo, no café, se joga bolsistamente, do mesmo modo que sobre os fundos publicos, ou sobre os titulos commerciaes e industriaes, esta especie, porém, é diversa dos syndicatos de monopolio de um certo genero, como a borracha, por exemplo; como os monopolios mallogrados do sal e hulha; como, finalmente, o monopolio dos metaes que teve por epilogo a catastrophe tragica do *Comptoir d'escompte*, a que se ficou chamando o Panamá dos ricos.

Nos syndicatos d'esta especie corre-se risco igual ao da subscripção firme de uma certa emissão, com a differença, porém, que, n'este caso, as artes e os meios usados na Bolsa e na imprensa para dar uma cotação artificial, ou convencional, aos papeis, permitem quasi sempre a sua collocação; ao passo que, nos monopolios de generos, se esbarra com o limite fatal e positivo do consumo, e que a elevação do preço determina desde logo um augmento de producção.

Foi o que succedeu com o cobre. Tendo contrahido a compra de todo o que ao tempo se produzia, a *Société des Metaux* não contou que a elevação do preço de venda ia determinar a reexploração de muitas minas paralyzadas pela baixa anterior d'esse preço. Forçada a comprar, a comprar sempre e tudo, estourou esmagada por montanhas

cupricas, arrastando consigo o *Comptoir*, e levando ao suicidio o general d'esta batalha celebre *fin de siècle*.

As especies culminantes em que o jogo se manifesta são estas: as emissões de fundos, as companhias industriaes, as acções de bancos, os syndicatos de monopolio. O que não quer dizer que não haja infinitas outras especies menores, que concorrem para caracterisar o aspecto da vertigem universal do jogo, particular do nosso fim de seculo. Leia-se a este respeito o profundo livro de Bagehot, *Lombard Street*, e vêr-se-ha a mecanica do capitalismo inglez, que é o typo universal. Ahi se expõe a anatomia do jogo bolsista.

É elle a consequencia necessaria e inevitavel, é a intima consequencia do capitalismo em que vivemos. É tambem a causa da frequencia e da extensão das crises que periodicamente veem assolar os mercados, semeando ruinas, provocando suicidios, revolvendo por completo e anarchisando a distribuição normal da riqueza proveniente do trabalho.

Quer dizer que as crises sejam caso novo, e filho especial d'estas condições? Não, por fórma alguma; e até estas crises da especulação, porque não destroem em absoluto riqueza, senão em parte minima, importam relativamente pouco para o corpo economico; embora importem muito para a estabilidade e para a moralidade dos povos, pois desordenam a distribuição, accendem o desespero filho da cubica, ateiam o anarchismo, e destroem todos os vinculos sociaes.

Mas, de facto, pode dizer-se que não destroem um atomo de riqueza absoluta, embora, desordenando a sua distribuição de um modo immoral, pervertam a verdadeira noção da riqueza, que é inteiramente relativa sob o aspecto concreto e positivo.

Uma sociedade de gente modesta, nos hábitos, nos recursos, e nos desejos, pode dizer-se rica, embora chrematisticamente valha pouco. Uma sociedade onde a somma da riqueza seja enorme, mas onde, a par de Cresos, haja multidões de mendigos famintos, será sempre, senão uma sociedade pobre de dinheiro, pobre decerto de estabilidade e ordem, que também são valor. As crises da especulação, filhas da distribuição inorganica da riqueza, não fazem mais do que agravar cada vez mais um estado de desordem chronica. Destruir a riqueza, não a destroem. Rebentam os balões inchados das ficções argentarias, e transferem dos bolsos dos desgraçados, para os dos afortunados, o resultado das liquidações.

Crises que também não destroem capital são as que proveem da deficiencia da moeda, embora esta causa, tão grave em outras epochas, esteja nos nossos dias subalternizada pelos infinitos artificios da circulação fiduciaria. Desde todos os tempos, e ainda hoje, o *drain* de moeda para o Oriente é constante. Já Plinio dizia que os romanos exportavam todos os annos para a India seis milhões de sestercios. Humboldt calculou que a absorpção de moeda pelo Oriente, no periodo de 1550 a 1600, foi de dois milhões e meio de piastras ao anno; no de 1716 a 1790 de dez milhões; e no de 1791 a 1809 de vinte cinco milhões, principalmente resultantes do consumo do chá. Posteriormente, a introdução do opio alterou o estado das cousas; mas as estatisticas modernas accusam de 1862 a 1868 uma exportação de moeda de valor approximado de duzentos mil contos, ou seja cerca de trinta mil contos por anno.

Este ouro e prata vão, não voltam; e desde que a produção mineira dos metaes preciosos, principalmente do ouro, fica abaixo do consumo, por este

e outros motivos, é claro que os mercados se resentem d'isso. Assim succedeu em 1861-63 em Inglaterra com o *cotton drain*, determinado pela guerra civil dos Estados Unidos; assim succedera em 1825 quando *bonds* do thesouro, venciveis no dia seguinte, se descontavam a 2 0/0, isto é, a razão 730 0/0 ao anno; assim succedeu em 1848, em França, quando se pagavam cento e vinte francos de premio por mil, durante os oito dias que a Moeda levava a cunhar o ouro. Mas estas crises, repito, cada vez menos possiveis, juntam-se ás da especulação, no character commum de não destruirer riqueza, alterando-lhe, sim, a distribuição normal.

Crises destructoras são apenas as que teem por origem um cataclysmo, ou um erro. São as que provem das pestes, das guerras, da escassez de colheitas, quando ha causas physicas de destruição de capital; ou as que se fundam em obras sem utilidade, obras em que todo, ou parte, do capital é perdido. Exemplo flagrante d'esta especie é a aventura e a derrocada colossal do Panamá. Ora, os casos d'esta ordem, que fecham a serie, entram tambem na classe das crises de especulação, porque ella é a responsavel pelas aventuras temerarias. E, portanto, pondo de parte as especies determinadas por causas physicas ou organicas, resumindo-nos ás crises da especulação, é necessario concordar com Stuart Mill que, em abono da theoria de Jevons, acima exposta, considera essas catastrophes como essencialmente inherentes ao proprio capitalismo. A accumulção de capitaes moveis em demanda de rendimento, crescendo progressivamente com a civilisação de uma sociedade, determina uma baixa do juro: d'ahi as emprezas, as aventuras, e os *crashes* consequentes, provocados pelo instincto de cubiça, e que operam, como as trovoadas, limpando os ares

e purificando o céu — até que, pouco a pouco, se acumulem os elementos de nova borrasca.

XXXVI

Evidentemente, não está na natureza do animal homem, um modo de vida inconsistente e atormentado, como este que o jogo chronico e universal estabeleceu, desde que a riqueza, democratisando-se, se generalizou, e, avultando por fórma quasi inconcebível, determinou o estado de cubiça e ociosidade constitucional, em que todos vivem, e a que todos aspiram, embriagados pelo furor do goso. É também por isso que os inglezes, addicts constitucionalmente a este regimen, que é a propria alma da sua civilisação, produzem em nós uma impressão tão estranha e paradoxal.

Evidentemente os homens valem mais. Temos dentro de nós um instincto de ordem e justiça que protesta; e d'esse instincto, ainda sob as suas fórmas mais imperfeitas, ou mais brutaes, é que são expressão as doutrinas anarchistas, flôres perversas nascidas no pantano do capitalismo desenfreado, regadas com jorros de anciedade cupida.

Mas, se valemos mais, e se esta dança judenga dos milhões, em que as sociedades vão levadas, é contra a natureza: necessario é também que haja causa bastante forte para determinar uma tão grave perversão das cousas. Essa causa é a propria evolução das sociedades modernas. Para a expôr e determinar, é necessario voltarmos rapidamente os olhos para os tempos passados.

Supponha-se abstractamente uma nação, semelhante á China, por exemplo, que não tem, pode

dizer-se, commercio externo: uma nação, vivendo dos bens naturaes e do trabalho proprios, consumindo quanto produz, desenvolvendo-se isoladamente como corpo economico sobre si, sem relações, dependencias, nem imperio sobre outros povos. Supponha-se, por outro lado, uma nação, como a Inglaterra por exemplo, em que o solo não dá para o alimento dos habitantes, em que tudo se acha transformado em cidades e fabricas, em que o commercio externo, e as dependencias e o imperio economico exercido sobre outros povos são a propria base da riqueza collectiva.

É evidente que, na primeira hypothese, o pensamento superior e constitucional será a ordem economica, a normalidade da distribuição de uma riqueza collocada inteiramente sob a alçada das leis, porque d'essa normalidade proveem a paz e a fortuna do povo. Mas, por isso mesmo que, na segunda, a riqueza nasce da exploração dos paizes estranhos, e por isso que de tal modo escapa á acção das leis: é tambem evidente que o pensamento superior e constitucional será, em vez da ordem na distribuição, a efficacia nos meios de conquista da riqueza. Uma é a sociedade segundo a norma economica; outra a sociedade segundo a norma commercial, ou chrematistica. Uma trabalha e distribue, outra conquista e arrecada o saque.

Ora isto que assim formulamos de um modo abstracto, é a pura verdade historica da Europa moderna. Até ao seculo XVI, antes das descobertas, a vida do mundo europeu era isolada; a sociedade, aggregada em varias nações, existia organizada nas suas jurandas de officios; a terra era explorada segundo leis intimamente relacionadas com as constituições dos paizes; e o commercio, subalternizado como funcção, limitava-se ao serviço de permitta

dos productos indigenas, ou á troca das sobras, poucas e de pequeno valor, entre as varias nações europeas. Por sobre este modo de ser economico pairava um estado da consciencia moral que, profundamente crente nos premios e castigos da outra vida, se insurgia contra a usura, contra o jogo, contra o cambio, contra tudo o que posteriormente, dissipado o medo religioso, veio a formar o temperamento sentimental do homem moderno.

As descobertas ultramarinas, da Asia, da Africa, da America, deram á Europa uma nova feição economica. Desde logo se achou transformada, da primeira, na segunda hypothese, porque passou a imperar sobre o Mundo, da mesma fôrma que em éras remotas Roma imperára apenas sobre o Mediterraneo. Tornou-se metropole e fabrica do globo. Passou a viver de o explorar. Enriqueceu prodigiosamente, mas por isso mesmo teve de se desviar das normas naturaes da distribuição social. Por outro lado, as riquezas ultramarinas destruiam os velhos habitos de frugalidade no comer, no trajar, no habitar. Coalharam-se as cidades de palacios; os palacios de mobílias e alfaías preciosas; sobre as mesas appareceram os novos productos exóticos: o as-sucar, o chá, o café, o chocolate, as fructas e as flôres singulares, com as porcelanas, as joias, e as filigranas do Oriente. Desordenou-se a distribuição, por isso mesmo que se enriquecia. Não era possível estabelecer leis, nem regimentos, para as viagens aventurosas e para as especulações gigantescas em generos ultramarinos, vindos de paizes ingovernados: generos que, porém, a alteração dos costumes tornava materia prima da vida europea. Aberto este caminho, a vertigem cresce. Começando pelo commercio, continua pelo credito bancario, acaba pelo jogo, quando as cousas chegam ao ponto da saturação.

A isso assistimos no nosso seculo, especialmente na segunda metade d'elle, com o quasi incrivel desenvolvimento que, acima de tudo, as applicações do vapor á industria exerceram sobre o equilibrio economico do mundo. Na serie dos momentos da historia economica dos tempos modernos, esta segunda metade do seculo XIX ficará tão celebre, e tão grave em consequencias, como a primeira do seculo XVI.

Não é fóra de logar aqui a indicação de algumas datas gravissimas para os fastos do industrialismo contemporaneo. O seculo acorda com o primeiro barco de vapor navegando entre Nova-York e Albany (1807) para se illuminar a gaz, em Londres, logo em seguida (1812). O *Times* começa a imprimir-se a vapor (1814) e pouco depois o *steamer Savannah* faz a primeira viagem transatlantica (1819). Em 1825 inaugura-se o primeiro caminho de ferro, de Stockton a Darlington; em 1837 inventa-se o telegrapho electrico de Cook e Wheatstone, e no anno seguinte a photographia de Daguerre.

Os elementos da transformação instrumental do mundo estão creados: é a obra da primeira metade do seculo; na segunda tiram-se as consequencias, e colhem-se os resultados. A pressão a que o trabalho se exerce cresce progressivamente; a circulação febril augmenta a cada instante. Ha crises, ha catastrophes? Tambem rebentam caldeiras, e só nos homens fortes morrem de apoplexias.

Em 1843 abre-se o commercio da China; em 1848 surge o ouro da California; em 1852 o da Australia; em 1859 o petroleo da Pensylvania. Em 1855 Bessemer descobre o seu aço; em 1866 ligou-se pelo telegrapho a Europa á America; em 1891 Londres a Paris pelo telephone. Em 1869 abre-se o isthmo de Suez, em 1870 fura-se o monte Ce-

nis, em 1885 o Saint-Gothard. Que falta fazer n'esta Europa transformada pelas riquezas do mundo inteiro?

A população europea (incluindo n'esta designação as colonias e os estados néo-europeus da America) duplicou de 1800 para 1880: era de cento e oitenta milhões, passou a trezentos e sessenta. Hoje, dez annos depois, hão de ser quatrocentos milhões. Essa gente tinha, em 1850, ao seu serviço, pouco mais de seis milhões de cavallos-vapor: hoje tem trinta e seis, em minas, barcos, fabricas, caminhos de ferro. Se computarmos em trezentas unidades a energia de um homem, em tres mil a de uma besta, e em quatro mil a de um cavallo-vapor, temos vinte e sete milhões para o primeiro, cento e vinte e oito para a segunda, cento e quarenta e dois para o terceiro: temos um total de quasi trezentos milhões de unidades, metade energia de sangue, metade de vapor; e vemos que cinco homens rendem hoje em trabalho tanto, como oito em 1840. Calcula-se agora o alcance da lei de Stanley Jevons, do augmento progressivo dos capitães moveis em razão directa das immobilisações?

Em 1850, os caminhos de ferro mediam vinte e cinco mil milhas; hoje andam muito perto de trezentas mil. Os navios arqueavam sete milhões de toneladas, seis e meio de vela, meio de vapor; hoje arqueam vinte e dois milhões, quatorze milhões e meio de vela, sete e meio de vapor. O commercio externo das nações, que era de oitocentos mil milhões sterlingos, sobe a tres mil milhões. O commercio maritimo internacional sobe, de vinte e cinco milhões de toneladas, a cento e cincoenta, ou cento e sessenta milhões.

As dividas publicas dos estados absorvem a quarta parte do total das receitas das nações. Calcula-se

que em empréstimos perdidos para salariar a guerra se foram perto de dois mil milhões sterlingos: quatrocentos na Criméa, quinhentos na guerra civil dos Estados Unidos, quatrocentos na franco-allema, duzentos na russo-turca, quinhentos em armamentos e couraçados para conservar a paz — e dar que fazer ás fabricas. Mais se calcula, que outros dois mil milhões foram gastos pelos governos em despesas reproductivas: oitocentos em caminhos de ferro e telegraphos, cem com a libertação dos servos da Russia, quinhentos em estradas e pontes, duzentos em melhoramentos urbanos, o resto em obras diversas.

Estas despesas dos governos sommam dezoito milhões de contos de réis; os cavallos-vapor da industria, a quatro contos, são cento e vinte milhões; as toneladas de arqueação dos navios, a cem mil réis, milhão e meio. Não é difficil portanto imaginar que as capitalisações instrumentaes e productoras de rendimentos, ou por outra, de capitaes moveis reclamando juro, subiram na ultima metade do seculo á somma quasi incomprehensivel de cento e cincoenta, ou duzentos milhões de contos de réis.

Comprehende-se, portanto, como é tambem n'esta metade de seculo que a febre do jogo, a embriaguez da cubiça, o delirio da riqueza, assaltam o animo de gente que, sem Deus que adore, nem tradição que venere, quando tudo se tornou vitalicio e individual, quando tudo se tornou exterior e scenico, põe o enthusiasmo e a esperança inteira no gozo brutal da mulher que tambem se quota, da mesa que se paga, do palacio vistoso que passa de mão em mão: na vertigem allucinada pelas commoções febris das horas terriveis, em que a voz do pregoeiro na Bolsa, annunciando as oscillações dos

títulos, sôa como as trombetas do juízo final, convocando as gerações infinitas no valle de Josaphat.

Sempre se especulou, sempre se jogou, sempre se ganhou e perdeu. Nada d'isso é novo. O que é novo é a transformação de um vicio, em norma de vida das sociedades. Shylock e Harpagon eram monstruosidades pathologicas, expostas na scena para educação moral do publico, ou como significação do poder idealista do dramaturgo. Sempre se especulou; mas os commerciantes d'essa propria era das descobertas, inicio da evolução de que hoje vemos o termo delirante, obedeciam a outros motivos. O dinheiro não era para elles um idolo, nem um fim, como para o avarento classico. Entre Medicis e Gobseck ha um abysmo. O commercio ennobrecia. Os banqueiros eram principes, a valer. Amadores e artistas, crentes na ordem de uma sociedade que lhes dava a palma da fortuna, mostravam-se dignos d'ella, mostrando em si a natureza que faz do homem gente.

Se a Italia, principalmente, deu á luz a geração dos ricos da Renascença, tão semelhantes aos Cressos de Roma, cá pela Hespanha tivemos nós, á imagem dos reis, os aventureiros que, enriquecidos, por fas ou por nefas, nas aventuras ultramarinas, adquiriam o temperamento *fidalgo*, e com toda a fidalguia usavam da sua riqueza para satisfazer as ostentações de seu orgulho infantil; mas tambem, ao mesmo tempo, e sobretudo, para coalharem estes reinos de conventos e egrejas, com que julgavam remir-se dos peccados velhos, provocando assim as ironias da gente pratica de agora: céga gente que não vê ser mais irrisorio ainda o seu imbecil desfrute material da vida! Antes os conventos e as egrejas, do que os alcazares de *cocottes* e as mesas de *restaurants*. As illusões de outro tempo davam

á vida incomparavelmente mais delicia, do que estes divertimentos em que nos vamos arrastando hoje, por uma estrada de tédio inexcedível, apesar das excitações permanentes do café, do tabaco, da morfina, e dos aphrodisiacos.

Aproximando-nos da idade em que tiramos as ultimas consequencias á exploração chrematistica do mundo, aproximamo-nos do instante em que apercebemos o vazio absoluto da riqueza. Ao proprio homem boçal, incapaz de outros desejos, vem, com a plenitude do dinheiro, a saciedade e o tédio. E vel-os arrastar a vida decadente...

E se já, praticamente, deixámos notado como a arte do capitalismo attingira por dois modos o ideal da abstracção, reduzindo o capital a um signo apenas sobre que se exerce o jogo; se já conhecemos a acção de libra, cujo valor inicial é inapreciavel, e a acção de banco sobre que se apostam quantias sem relação de especie alguma com o valor real que pode ter: se tudo isto já indicámos, quanto ao instrumento, digamos agora, quanto ao estado de espirito do homem de negocios.

Para elle tambem o lucro é uma allucinação, o dinheiro uma quantidade abstracta. O avarento de outras edades já não existe. Gobseck faz-nos rir, tanto o mundo andou desde o tempo de Balzac! O bolsista joga milhões, dispõe de milhões, saca, desconta, transfere, reporta milhões, sem ás vezes ter um conto de réis sonantes no fundo da gaveta. *Les affaires, c'est l'argent des autres*, diz-se n'uma comedia celebre. As quantias são abstracções, supposições, sonhos, encanto e embriaguez da vida dissipada. É muito melhor nada ter; os velhos banqueiros ricos não levam partido *nos negocios*, diz por outras palavras Bagehot, e comprehende-se. O homem rico tem de tirar juro para o seu dinheiro:

quem trabalha com o alheio contenta-se com a commissão. Além d'isso, o rico arrisca a propria fortuna e ás vezes perde-a, como succedeu aos Barings, entre outros.

Assim, o *capital*, essa abstracção, nada tem de commum com o *ouro*; nem a febre dos negocios com o amor do dinheiro. O aventureiro dos nossos dias é até, por via de regra, dissipador. A ostentação faz parte do seu programma, e constitue traço de physionomia typico. Sendo o reclamo a alma das operações, as amantes, as carruagens, os palacios, as recepções, toda a parte theatral da vida, são indispensaveis para consolidar o *credito* que a fortuna, a voga, o capricho, levantam em ondas, nem sempre feitas só de espuma.

Mas, de todos estes traços esboçados rapidamente, para retratar o verdadeiro *príncipe* da nossa sociedade desvairada, resulta um ser incoherente e digno de dó. Se lhe perguntarem de que, por que e para que vive, começará por ficar espantado, pois jámais cogitou n'isso. Vive ao Deus dará, á mercê do acaso, sem pensamento, nem designio. Vive como vê viver o proximo, obedecendo unicamente ao instincto de exceder o proximo, e dominal-o. Vive na esphera obscura do Inconsciente; embora, com a sobranceria natural em quem se sente forte, desdenhe e ria dos que se absteem de pensar como elle.

Se, pois, é digno de dó, como todos os que não raciocinam a propria existencia, dignissima de lastima é a sociedade que acclama príncipe um tal homem, porque evidentemente se precepita com elle nas sombras da vida apenas instinctiva.

Obediente ao seu temperamento, esse príncipe torna-se tanto mais escravo das suas paixões, quanto maior é a energia dos meios ao seu alcance. Por

isso é tão frequente que se pode dizer regra, acabar arruinado pela vaidade, ou pelas mulheres; um victima das *cocottes*, outro dos mestres-de-obras. Este dissipa em palacios, em galerias, em *bric-à-brac*, macaqueando o luxo verdadeiro e aristocratico; aquelle depenna-se pelas alcovas e camarins, farejando concupiscencia; outro dá cabo de tudo em carruagens, caças e coudelarias, para hombraear com a gente fina; e todos, com os vicios naturaes de *parvenus*, rematam a vida, gasta a architectar febrilmente uma *fortuna*, no trabalho insano de a consumir sobre os altares da vaidade ridicula, ou do sensualismo boçal.

E que remedio?

O mal dos tempos é um mal intimo, de consciencia: é a ausencia de ideal. Essa doença, que se chama *dinheirisação* tem como fóco a Inglaterra, mas é n'esse fóco, e por isso mesmo, onde a reacção mystica se apresenta com maior energia. Vem á superficie o antigo fermento que levedou o protestantismo; propaga-se o buddhismo trazido da India pelos funcionarios; lavra a superstição spiritista em todas as classes com um fervor de insania quasi piedosa.

E ao passo que, parallelamente, cresce a onda do proletariado, dar-se-ha, parece-me, o que os mathematicos denominam redução ao absurdo. A reforma pacifica, exequivel quando as sociedades se governam por principados aristocraticos, é impraticavel hoje que vão levadas pelos furacões tempestuosos das democracias.

Exagerar-se-hão cada vez mais os empréstimos nacionaes com o exagero das despesas necessarias para salariar operarios, quer nas obras publicas, quer nas fabricas de armamentos e navios, quer nos exercitos transformados em asylos de gente

impedida de emigrar; exagerar-se-hão cada vez mais tambem para dar negocios á agiotagem, e encher por todas as fôrmas o balão de fumo da riqueza publica, á maneira que os capitaes pedirem, cada dia mais alto, pelo amor de Deus, um juro.

Multiplicar-se-hão as obras gigantescas: far-se-hão pyramides como as do Egypto, inspiradas porém por um pensamento utilitario. Quem sabe? Talvez um tunnel transatlantico. Quem sabe? Talvez uma ponte no Mediterraneo. Ninguem pode marcar limites á invenção do homem; e se por ventura a electricidade nos der o segredo de uma força barata para substituir o vapor, é incontestavel que a humanidade verá ainda outra epocha de revoluções magnificas, semelhante, ou superior, á primeira metade do seculo XVI e á segunda do seculo XIX. Talvez a navegação aerea substitua os ruidosos caminhos de ferro e os enjoativos *steamers*. Dando-nos azas, a civilisação precipitar-nos-ha porém de todo, como na fabula de Icaro.

Porque, se este fim de seculo não é o fim das aventuras e descobertas, e a humanidade tem a digerir ainda elementos novos, é mister reconhecer que lh'o não poderá consentir o estomago com que a natureza a dotou. Resistiu ao primeiro banquete, na Renascença; mas ninguem contesta que soffre de indigestão n'esta segunda kermesse do nosso seculo. O homem moral está deprimido, senão aniquilado. Ganhar e gosar, ganhar para gosar, é o seu evangelho, tão mesquinho quanto incoherente; porque o ganhar afflige muito mais do que o trabalho, e o goso, afinal, torna-se um aborrecimento insupportavel.

Vivemos de relações, e logo que qualquer cousa attinge a sua plena definição: logo se esvae em fumo, perdendo o character de realidade, tornan-

do-se em abstracção. Assim é o goso, assim é o dinheiro, assim é o amor. A vida é um desejo permanente, e só se equilibra quando pomos esse desejo n'um objecto phisicamente inatingivel. Se o collocamos n'uma mulher, ou n'um milhão, assim que os possuímos, achamo-nos abraçados a uma sombra, victimas de um engano, martyres de uma illusão.

O mal e a enfermidade do seculo são estes: embebedou-se com a indigestão de riqueza que lhe deram, e cahiu em todos os fracos dos *parvenus*.

E o que succede com os homens, succede com as cousas, que só existem segundo o nosso espirito as animas. O mesmo que succede com o goso, succede com o capital, segundo vemos, e é explicado pela lei de Stanley Jevons. Tanto immobilisamos, tanto melhoramos, tanto economisamos, e os rendimentos são tantos, que, á falta de applicação, o capital movel começa a não ter valor; e muito menos teria, se não fossem as combinações phantas-ticas, diariamente inventadas por um capitalismo *aux abois*.

A prova provada está em que a Inglaterra converteu parte da sua divida a $2\frac{1}{2}\%$ e não foi mais longe, não porque o não podesse, mas sim porque lh'o impediu a plutocracia. É necessario que a corda do imposto se estique o mais que puder, para salarar o capital. E por toda a parte a situação classica está invertida: já não anda o inventor de negocios atraz do capitalista; anda o capitalista atraz de quem quer que lhe descubra um meio de ganhar juros.

Eu, portanto, como optimista, creio em conclusão que, pelas conversões das dividas nacionaes reduzindo o juro ao minimo; pela cooperação industrial operaria, supprimindo organicamente a necessidade

de intervenção do capital na industria; pela acalmação da febre do jogo, supprimida a materia prima d'elle e saciados os instinctos animaes: por tudo isto, e por tudo o mais que se infere d'aqui e está na evolução natural das cousas, as sociedades europeas, em primeiro logar, e depois as ultramarinas, voltarão com o tempo a entrar paulatinamente na vida normal da paz, da virtude e do trabalho.

N'esse dia estará acabada a laboriosa e depressivamente digestão de riqueza, que pará os povos da Europa começou quando descobriram o mundo; que continuou aggravada quando descobriram o vapor; e que terminará, se entretanto não tivermos a desgraça de descobrir algum novo engenho que atire comnosco para as regiões obscuras dos infernos.

XXXVII

Das instituições de mão morta a que anteriormente me referi, e que são um dos correctivos ao capitalismo actual, a mais extravagante que ultimamente nasceu, n'esta gleba de excentricidades, é a *Salvation army*. Fui um dia ao magnifico palacio de *Victoria Street* procurar o general Booth, mas não pude vê-lo, pois andava em viagem pela India. Recebeu-me seu filho, o *commandante* Bramwell Booth. É homem de uns quarenta annos, alto, forte, grandes barbas castanhas, amavel, instruido, e surdo como uma porta. Usa de cornetas acusticas, e, com alguma boa vontade de parte a parte, entendemo-nos perfeitamente, pois é homem de espirito aberto e genio pratico, este *salvador* da humanidade.

No muito louvavel proposito de regenerar os ho-

mens, a historia registra grandes nomes; e cada um d'esses, afinal, é sempre um *representative man* da raça que o produziu. S. Francisco de Assis, aliando o amor virgiliano á iluminação dantesca, propoz a receita do sacrificio e da paixão mystica. Santo Ignacio é a personalisação do espirito hespanhol, subtil e realista na violencia dos desejos, pratico na escolha dos meios. Luthero é uma mistura de sonho e grosseria, flôr de lupulo e cerveja espessa, equivoco nebuloso e intuição profunda, como a Allemanha mystica. Pois o general Booth e a *Salvation army*, até nas suas extravagancias caricaturaes, são a mais genuína *representação* ingleza que eu encontrei.

Já os jesuitas tinham descoberto o processo de converter os indios com musica. O *general applica* a regra aos seus concidadãos. Já vou contar o que aprendi nas minhas *interviews* com o *commander* Bramwell Booth; mas, antes, quero mostrar a importancia da *Salvation army* e do *social scheme* que ella ultimamente tomou de empreitada.

O *social scheme* teve como evangelho o livro do general Booth, *In darkest England and the way out*: a Inglaterra negra e a maneira de sahir d'ella. É obra interessante sob diversos aspectos. Abre o livro com um mappa, ou retabulo, chromolithographado, em que a sociedade apparece representada, como nos quadros mysticos da Edade-média. Em baixo, figura-se o mar encapellado com tres milhões de homens que se afogam em ondas de miseria e vicio, por entre as quaes remam barcos salva-vidas da *Salvation*; das margens, soldados da *army* atiram boias; no centro, levanta-se um pharol illuminado com disticos salvadores. Por cima do mar, vêem-se campos e lavouras; e por cima ainda, n'uma gloria, desenham-se, além dos mares, conti-

nentes largos, illuminados. Encerra tudo um arco architectonico, tendo escripto, de um lado, *Salvation Army*; do outro, *Social campaign*; no tympano *Work for all*; e nas fiadas de cantaria dos pilares sobre que assenta a volta do arco, muitos numeros, com todas as estatisticas da miseria e da perdição. É pueril, sem ser ingenuo. É, sobretudo, extravagante; mas é o genero adequado ao espirito nativo.

O plano social, *social scheme*, não tem, porém, nada de commum com as utopias historicas. É a cousa mais corrente do mundo. A extravagancia está sómente nos processos empregados. O principio consiste (eu traduzo) «em formar, com estes desgraçados, communidades de gente *self helping* e *self sustaining*, que se ajude e se mantenha a si propria, sendo cada uma d'ellas uma especie de sociedade cooperativa, ou familia patriarchal, governada e disciplinada pelos principios que já provaram tão efficazes na *Salvation army*». É simples e é inglez. Esta gente tem o valor inestimavel de arrostar de frente com todos os obstaculos, por ignorancia das cousas, de um lado, mas tambem principalmente por uma cega confiança na sua força.

Instituiu, pois, o *general* tres colonias de salvação. A *city colony* e a *over-sea colony*, representadas allegoricamente no quadro que descrevi. A *over-sea colony*, isto é, o refugio pela emigração, não existe ainda senão no papel; a *farm colony*, consiste em mil e duzentos acres de terra em Haddleghon-Thames, onde estão recolhidos duzentos colonos, miseraveis de Londres. A *city colony*, finalmente, constitue a parte mais importante, hoje, do *social scheme*. São quatorze albergues, *shelters*, onde pernottam quasi quatro mil pessoas; são oito casas de pasto, ou sopas economicas, que distribuem dois

milhões e meio de rações por anno; são quatro officinas onde trabalham dois mil homens; é um escriptorio onde cada anno se angaria trabalho para cinco mil operarios; é outro, por via de cujas diligencias se acharam o anno passado seiscentas pessoas extraviadas; são quatorze asylos onde se recolheram mil e quatrocentas mulheres perdidas; é um albergue onde entraram duzentos condemnados sahidos das cadeias. É tudo o que a philantropia pode fazer. O processo e o modo são grotescos, provocam o riso; mas, por isso mesmo, teem exito entre inglezes. E como se faz tudo isto?

Tenho perante mim as contas da *Salvation Army* em 1891, arrumadas commercialmente, com uma minuciosidade extrema. Vale a pena um instante de attenção. O balanço mostra, no activo, £ 435.971 de propriedades e £ 123.021 de valores moveis; no passivo £ 370.769 de dividas hypothecarias e outras, e £ 188.221 de saldo. Como se vê, a *Salvation* applica a si propria o expediente capitalista da hypotheca e do credito. Vamos ás contas do anno: O *trade department*, ou secção commercial da sopa economica, operou com duzentas mil libras de compras, e outro tanto quasi, de producto de rações vendidas a preço de custo. Houve até a perda de £ 17.101. O fundo das *colonias* obteve £ 106.000 de donativos; gastou 64:000; conserva 25:000 para a colonia *over-sea*, e 17.000 em saldo. As collectas, donativos e subscrições subiram a £ 27.150; o rendimento dos bens proprios a £ 33.315; os lucros a £ 18.903; e com estas £ 79.368 se sustentou a familia Booth e o seu exercito, com os varios institutos que mantem, satisfazendo-se as despesas de recrutamento e instrucção militar.

Não conheço exemplo mais extraordinario da conjunção hybrida do individualismo com o collecti-

vismo, nem da philantropia com o espirito mercantil. Mas tambem não ha, creio eu, exemplo semelhante de um homem, porque o general é tudo, se transformar em empresario de religião e philantropia, conseguindo n'um anno realisar uma somma de operações que attinge cerca de oitocentas mil libras.

Quiz vêr um dos *shelters* da *Salvation Army*, e para isso voltei a Whitechapel, de noite. O *official* recebeu-nos, e ouvindo-nos fallar portuguez, respondeu-nos n'essa lingua. Era um sr. Taylor, que fôra caixeiro da casa Shore, no Porto. Este incidente pol-o ainda de melhor humor, se é possível, para nos mostrar tudo. Casarão vasto, arejado, limpo e bem illuminado. Nos largueiros das asnas que sustentam o tecto, vêem-se escriptas sentenças biblicas. No chão, em quatro linhas parallelas, enfileiradas, as camas, isto é, os caixotes. Cada cama é uma caixa sem tampa, tendo no fundo uma enxerga. Os ebrios, que formam a grande maioria dos albergados, não podem rolar para fóra do leito. Cobertores são de couro, ou de lona embreada. Porque? Disse-me o sr. Taylor que por causa dos parasitas. Mau cheiro, não havia. Estes albergues, feitos á imitação dos que já vimos em outra visita, são incomparavelmente melhores. Custa dois *pence* a noite, com uma chicara de chá, lavagem, e cantilena biblica. Ao descermos subia um homem, empurrando um bebado esfarrapado. Silenciosamente, tirou dois *pence* do bolso, e desceu, indo o bebado para o seu caixote. Muita gente dá esmola d'este modo: de outra fórmula, o dinheiro vae direito parar ao *gin palace*.

N'uma das minhas varias excursões a *Hyde park*, para ouvir os oradores populares que ali pregam, dei com um que disse chamar-se George Osmond

Pavitt, e na vespera dormira em Whitechapel. Queixava-se de ter pago por uma toalha dois *pence* e meio, e meio *penny* por um pedaço de sabão carbólico. Dizia que n'essa manhã trezentos homens tinham para se limpar uma só toalha, e que era melhor dormir ao ar livre, do que nos caixões; que o *shelter* dava de lucro 17 por cento; que o chá sabia a caldo com melão; que logo ás 6 da manhã, tocando o sino, tudo ia para a rua; que os bichos de uns passavam para os outros; etc. Era um mal agradecido? Talvez. Dão os *shelters* 17 por cento de lucro? O *detective* que me acompanhava, quando os visitei, disse-me serem um grande negocio.

Mas que é afinal a *Salvation army*?

O general Booth nasceu em 1829; tem sessenta e tres annos, umas longas barbas brancas, e uns olhos brilhantemente agudos. Aos quatorze annos alistou-se na *Wesleyan chapel*, desenvolvendo-se-lhe tres annos depois a bossa propagandista. Aos dezenove annos missionava Booth em Londres, e no Lincolnshire. Aos vinte e quatro passava a ministro na igreja methodista, *Methodist new connexion*, proseguindo a sua carreira de missionario. Casara, e mrs. Booth prégava tambem por seu lado; até que, em junho de 1865, armavam a sua tenda em Whitechapel, no coração da cidade da miseria londrina, fundando a *East London christian mission*. Era uma seita nova, que, ampliada com os adeptos alcançados por mrs. Booth nas suas peregrinações pela Inglaterra, se transformou em 1870 na *Christian mission*, a missão christã: christianismo puro, sem rotulos, dizem elles.

Oito annos depois, em 1878, o futuro general teve uma inspiração: a missão christã era um exercito salvador dos operarios convertidos. *The christian mission is a Salvation army of converted wor-*

king people. O nome estava achado: *Salvation army*, e com elle a idéa do novo instituto. O sr. Booth transformou-se em general; mrs. Booth em generala; os apóstolos foram *commanders* ou capitães. E os batalhões das «raparigas da Alleluia», *Hallel-buyah lasses*, com pifanos e tambores, passaram á conquista da Inglaterra pagã. Tudo respirava guerra; a bandeira vermelha do exercito inscrevia este motto «sangue e fogo» *blood and fire*, mas não a valer: era o sangue de Nosso Senhor Jesus Christo e a chamma do Espirito Santo. Observa o general, na historia das suas campanhas, que «o uso das bandeiras tem feito mais bem do que se poderia acreditar, estreitando os vinculos dos soldados entre si, e animando-os e excitando-lhes o espirito de entrepreza e resolução». É pueril tudo isto; mas é genuinamente inglez.

Dividiram a Inglaterra em *commands*, adoptaram um uniforme, copiaram os regulamentos militares, irradiaram para fóra, propondo-se a salvar o mundo. O estado-maior do exercito compõe-se com a familia Booth: os dois paes são generalíssimos. Depois veem os filhos: Bramwell Booth, o surdo que eu conheci, é chefe do estado-maior; Herbert Booth é o commandante geral do Reino-Unido; Ballington Booth, o commandante dos Estados-Unidos. Depois veem as filhas: Eva e Luiza, solteiras; Emma Tucker, que tem a seu cargo a India; Catharina Cliborn, que tem a França. Depois as noras: mrs. Bramwel Booth, mrs. Herbert Booth, mrs. Ballington Booth; finalmente, os genros que adoptaram o nome do patriarcha do *clan* da Salvação: Arthur B. Cliborn-Booth e L. B. Tucker-Booth. Este ar de patriarchalismo mostra como ainda o povo é *antigo*. Os Booths acharam no propagandismo *salvador* uma industria que exploram familiarmente.

E o éxito com que o fazem, dizem-no os algarismos, verdadeiramente assombrosos. Em primeiro lugar, teem organizado um serviço de publicidade colossal. *The war cry*, e *The young soldier*, órgãos semanaes, tiraram em 1891 mais de oitocentos mil numeros. As folhas e *magazines* mensaes, *All the world*, *The Deliverer*, *The social news*, *Full salvation*, etc., tiraram duzentos mil. Jornaes, *tracts*, livros, e mais publicações, attingem milhões de numeros, que se vendem, e onde tudo escreve, satisfazendo a fome immensa de leitura que distingue o povo inglez. A guerra préga-se em trinta e quatro linguas diversas, e anda escripta em dezesete.

Não se exaggera porém o internacionalismo da seita. Sobre 3.154 batalhões, 2.623 são da Inglaterra, Estados-Unidos e colonias britannicas; e n'este total a Inglaterra entra por 1.395 batalhões. Para o mundo inteiro não-inglez, ficam apenas 531 batalhões: é pouco. O officialato conta 10.893 figuras ao todo: 8.981 no mundo inglez, 4.697 na Inglaterra. O estado-maior conta 1.110 figuras. N'isto incluem-se homens e mulheres: o exercito não exclue sexos. Entre os officiaes, as mulheres serão dois quintos; e são mais fervorosas, trabalham melhor, fazem *the best work*, segundo me dizia Bramwell Booth.

Mas em que consiste a obra? Em prégar abstinencia, em afastar as mulheres da prostituição, os homens do vicio, dando-lhes trabalho e amparo. O anno passado, dizia-me o sr. Booth, tirámos, das ruas de Londres milhar e meio de mulheres perdidas. São doze mil ou mais, ao todo, as regeneradas. A obra consiste em missões ambulantes que vão pelas aldeias em *wagon-casas*, a que chamam «fortes de cavallaria» *Cavallary forts*; consiste em procissões nas ruas, prégando a lei nova.

— Não ha menos de cento e sessenta mil sortidas d'essas cada anno.

— Mas a doutrina que prégam é diversa, ou hostil, ás outras religiões? Afinal é uma seita nova a *Salvation*?

Mr. Bramwell sorriu-se e disse:

— Hostilidade, não temos a ninguém. Quem quer que crê em N. S. Jesus Christo está connosco.

Eu insisti.

— De facto, não se pode deixar de confessar que a *Salvation* é uma seita nova.

Vendem por anno mais de vinte mil d'esses chapéus de *telha* que fazem parte do uniforme feminino do exercito. É uma das causas do exito está na mocidade energica do officialato: a maioria tem menos de vinte e cinco annos.

Ao cabo de dezesete annos de propaganda, o *clan* dos Booths celebrava a apothese da *Salvation army* n'uma sessão do *Alexandra palace*, onde oito mil soldados reunidos ouviam, suprema consagração! a leitura de uma carta de parabens da rainha Victoria. E depois, o *social scheme* para a redempção da «Inglaterra Negra» era patrocinado pelo principe de Galles, iniciador da subscrição que produziu cem mil libras n'um anno. Quer-se prova maior de quanto esta obra, levada a cabo extravagantemente, corresponde ao genio e ao *feitio* britannico?

O piparamente installada nos seus palacios, ou *quarteis-generaes*, da rua da rainha Victoria e da ponte de Blackfriars, com um banco seu, caixas economicas, jornaes e uma infinidade de instituições de beneficencia, a ambição da *Salvation army*, é, segundo Bramwel Booth me disse, substituir a caridade official e as *work-houses* mantidas com a taxa dos pobres, por instituições cooperativas inspiradas

no *self help*, restaurando o sentimento da responsabilidade no espirito abatido dos miseraveis. Por outro lado, a *Salvation* dá aos desgraçados um alimento mystico, fallando de religião a classes que não teem entrada nas egrejas protestantes, onde só se admitte gente *respectable*.

É, assim, um *revival* democratico do individualismo mystico inglez; e com todo o acerto, um critico notava as affinidades que existem entre a instituição da *Salvation army*, e o pensamento de Carlisle, expresso sobre tudo no seu livro supremo do *Past and Present*. Este renascimento do mysticismo religioso e do ardor philanthropico (evitemos sempre a palavra caridade, que não vem ao caso) coincide com a expansão da democracia socialista, com os primeiros solavancos da nau do capitalismo, e é por tudo isto eminentemente symptomatico.

Muitos ha que accusam a familia Booth de fazer um excellente negocio com a *Salvation*, explorando sabiamente a industria da redempção humana. É um erro a accusação, embora o facto seja exacto. Booth teve a habilidade de bater moeda com os miseraveis, do mesmo modo que o *O' Connell penny* (cada irlandez dava um *penny*, cousa nenhuma, para aguentar o tribuno) produzia milhares de libras. Só assim se fazem as cousas em Inglaterra. S. Francisco de Assis, se aqui viesse, era apupado, pelo proprio facto de ser santo. Booth é acclamado por isso mesmo que é grotesco. Sabe ganhar a sua vida: supremo requisito. Conseguiu fazer cousa que se veja: é um vencedor. É um vencedor no *sport* da redempção. A propria idéa de formar o *facsimile* de um exercito, e fazer da *salvação* uma campanha, estão revelando o prisma de combate pelo qual o inglez vê todas as cousas. E isto não é um facto simplesmente rhetorico. É mais intimo e mais

realistamente intencional. Para mover a machina pesada do inglez phlegmatico, era necessario ferir-lhe o paladar como uma pimenta caustica de especie diversa. Foi isso o que a intuição de Booth adivinhou. Propoz-se explorar o escandalo, ferir as attensões, provocar as desordens, chamar contra si os protestos e as objurgatorias da gente phlegmatica, por saber quanto o inglez gosta da lucta, como o *sport* é o seu regalo, e que tinha seguro o exito se o conseguisse irritar. Claramente o confessa: «O exercito consideraria os seus *services* ao ar livre como um fiasco miseravel, se não causassem obstrucções e não fossem um incommodo para os habitantes».

É o avêssio do *humour*, e a exploração systematica do dar-na-vista, do *show*, predicado inglez.

Por isso os pelotões, quando saem em formatura, procuram systematicamente obstruir o transito e perseguir os ouvidos e as attensões de quem passa. Insensivelmente, as janellas povoam-se, o povo grunhe, protesta, insulta; mas fica.

Elles fallam em discursos breves; cinco minutos, poucas palavras, mas fortes. *Every thing short, sharp, striking, vigorous*, recommenda o general. Depois cantam hymnos:

Crossed the rivor of Jordan
Happy, happy, happy, happy,
Crossed the river of Jordan,
Happy in the Lord!

É pueril, e é barbaro; mas é o que convem aos quasi selvagens, escoria perdida de uma civilisação desquiciada. Booth é por instincto, intuitivamente, um grande psychologo.

Canta-se, ajoelha-se, bate-se nos peitos,

Christ is my salvation!
I was indeed sunk low in sin,
When the Lord saved me.

São sentenças breves, perceptíveis. Os apóstolos veem fardados: grandes SS vermelhos, nas gollas; bonets de galão vermelho, os homens; chapéus *de telha* com fitas vermelhas as raparigas, *halleluya lasses*. Trazem bandeiras com o motto *blood and fire*, e tambores, cornetas, pandeiros. Dançam *gigs*. Parece um carnaval; mas por isso mesmo é que o inglez se sente attrahido. E como o contrariam e irritam; como, contra os seus protestos escandalizados, essa gente mostra coragem: o inglez pára, começa por applaudir rindo, e acaba por cair de joelhos, convertido.

XXXVIII

Quanto a mim o phenomeno mais geral e caracteristico da Inglaterra de hoje é o *revival* democratico, accentuando-se socialista e mysticamente.

A *Salvation army* provocou-me considerações suggestivas; mas outro ponto que me impressionou talvez ainda mais, foi a generalisação das superstições spiritistas. Ainda n'isto o inglez é como o romano: tem a imaginação theologica; por toda a parte vê deuses. E o mundo tambem agora lhe parece povoado de sombras, que se evocam por varios meios. Quasi se pode dizer que não ha familia, em que, mais ou menos, se não consultem os espiritos, pelas mesas, pelos chapéus: objectos circulares, a que o contacto das mãos imprime movimentos variamente interpretaveis. Pareceu-me que esta generalisação

do estado supersticioso se deve ligar ao abatimento das crenças religiosas, n'um povo em que as faculdades metaphysicas não são de certo dominantes. Naturalismo e superstição são correlativos, na ausencia de piedade metaphysica. Não ha leitura mais illustrativa a esse respeito, do que Plutarcho: escreveu n'um tempo, por muitos lados semelhante ao nosso.

Quem conhece muito, ou até pouco, das superstições antigas (os livrinhos de Maury *La Magie et l'astrologie* e *Le sommeil et les rêves* são instructivos) não se surprehende com os casos da superstição moderna, a que a explicação forçada do charlatanismo evidentemente não satisfaz. Não trato agora de dissertar sobre a superstição, nem de expôr o spiritismo contemporaneo: quero apenas notar as impressões recebidas no contacto d'este povo, fundamentalmente, supersticioso, por ser antipathico á philosophia. O spiritismo que se pratica, mais ou ou menos supersticiosa, ou religiosamente, no seio das familias, tambem tem as suas egrejas e as suas sociedades, combinando tambem de um modo abstruso o methodo das sciencias europeas, as tradições do occultismo oriental, e as allucinações do nervosismo feminino. A *Society for Psychical Research*, que tem já publicados oito volumes de *proceedings*, e de que é presidente o professor Henry Sidgwich, collige e commenta todos os casos de segunda-vista e aparições; podendo dizer-se que é a Academia do spiritismo. Por outro lado, a Lodge Blavatsky¹, do nome da iniciadora do occul-

¹ M.^{me} Blavatsky deixou uma collecção importante de obras theosophicas, todas escriptas em inglez, *Isis unveiled* 11 vol.; *The secret doctrine*, 3 vol.; *The key to theosophy*; *The voice of the silence* (traducção do sanskritto); *Gems from*

tismo oriental em Londres, a quem succede hoje a extraordinaria figura de Mrs. Besant, funciona na *Avenue Road*, 19, junto a *Regent's Park*, ás quintas feiras. Tenho aqui o programma das *Lectures* de maio e junho.

Malo 19. As forças íntimas da natureza.

I Química moderna e Electridade, á luz da philosophia esoterica.

* 26. II Investigações modernas da Phisica e Superphisica, referidas ao Occulismo.

Junho 2. III Ether nervoso e suas relações com o Mesmerismo.

* 9. IV Formas crystalinas e forças elementares.

* 16. V As propriedades occultas das pedras preciosas.

* 23. VI O som, como constructor e dissipador de formas.

* 30. VII A bruxaria medieval e moderna.

the East; um glossario e dictionario theosophico; o seu jornal *Lucifer*; e uma infinidade de artigos avulso.

A vida de M.^{me} Blavatsky foi singularmente aventureosa. Nasceu em 1832, e aos dezesete annos casou com o vice-governador de Erivan, na Transcaucasia. Poucos mezes depois de casada, desaparecia, e não houve noticias d'ella durante oito annos. Contava depois que n'esta hegira fôra arrastada para o Thibet e percorrera o Himalaya e todo o norte da India, estudando as linguas e a litteratura sanskrita e a sciencia do Occultismo, professada pelos sabios, ou *mahatmas*.

Voltou a casa em 1857 transformada em *medium spirita*. Dois annos depois, separou-se legalmente do marido. Residiu na Russia até 1873. Já passava dos quarenta annos quando se fixou em Nova York, começando ahi a sua campanha contra o materialismo do seculo e contra o spiritismo elementar de que até então fôra, conforme dizia, o instrumento inconsciente. Ella era agora um *mahatma*, um sabio do Occultismo, e associando-se aos seus primeiros discipulos, os irmãos Eddy e o coronel Olcott, fundou a sociedade theosophica, e começou a sua propaganda escripta. É singularmente *novo* o fructo d'esta alliança do realismo inglez com a phantasia slava, exercendo-se sobre o illuminismo oriental.

Os escriptos de M.^{me} Blavatsky, dictados reveladamente pelo espirito do *mahatma* Moria, seu inspirador, provocaram grande celeuma no mundo sabio anglo-americano, e lançaram os fundamentos da nova seita de que Mrs. Besant herdou o papado em Londres.

Às quintas, de noite, ha *lectures* ou conferencias; aos sabbados, exercicios theosophicos; e nas primeiras terças feiras de cada mez, *converzazione*. Isto basta para dar idéa do character do ensino professado na *Lodge* de *Avenue road*. A theosophia occultista da Asia central, estudada já hoje em numerosos volumes, abraça-se á novissima phisica do professor Crooks, o inventor da materia radiante, e d'esse curioso instrumento denominado o radio-metro.

Queria eu, dar um esboço da phisionomia da pythouissa ingleza, Mrs. Besant; mas não poude *interviewal-a*. Entretanto, a sua biographia é conhecida e popular. É uma das muitas *missionarias* que a Inglaterra produz, mas com um talento e um dom de seducção verdadeiramente superiores. Ferida pelos espinhos da vida, nos seus primeiros passos, transitou por todos os páramos do sub-solo que fermenta, aguentando a Inglaterra protestante, capitalista e *respectable*. Palpando a miseria, o socialismo attraiu-a; vendo o vicio de perto, devotou-se á regeneração feminina. Rebentou a grande grève das docas de 1889, e o *unionismo* dominou-a. Por esse caminho transitou para o nihilismo, até que M.^{me} Blavatsky a iniciou na theosophia do Occultismo. Esta biographia é reveladora para o estudo das commoções actuaes da imaginação mystica dos inglezes.

Transcrevo para aqui a *interview* com um *reporter*, mr. Steed, o celebre auctor dos escandalos de *Pall Mall*.

«Perguntei a Mrs. Besant se não teriamos sido victimas de uma illusão. (Era um caso de *apparicoes*).—Decerto não, disse ella carinhosamente. Não ha nada de impossivel n'isso. Mas é necessario ter cuidado com experiencias taes. É tão perigoso an-

dar assim a walsar pelas esferas planetarias, como para uma rapariga vadiar cerca de um *slum* obscuro, quando ha gentio em volta. Os *elementaes*, anciosos por viver, aproximando-se avidamente das paixões dos homens, não são dos mais agradaveis companheiros. Nem se podem considerar relações desejaveis as dos *astraes* dos mortos, cuja vida terminou subita, ou violentamente, e cujas paixões são ardentes. Cuidado. As creanças não devem brincar com dynamite.

«—Mas que é um corpo astral?

«—Ha diversos *astraes*, cada qual com as suas feições caracteristicas. O infimo dos *astraes* não tem consciencia, vontade, nem intelligencia. Existe como uma mera sombra, ou phantasma, unicamente emquanto existe o seu envolucro material-corporeo.

«—E as mumias do museu?

«—Sem duvida, as mumias. . . Um vidente descobre-lhes os *astraes* respectivos de guarda, callados, ao pé d'ellas. Á maneira que o corpo se dissolve, assim o astral se dissipa.

«—Mas isso implica a idéa de espiritos agonizantes. . .

«—Certamente. Uma velha amiga minha, senhora cujo nome é bem conhecido, andou mezes perseguida por um astral. É uma rapariga de espirito forte: não se incommodou com isso. Mas affligia-se, quando o austral começou a decair. Á maneira que o cadaver se ia decompondo na cova, evaporava-se o astral, até que inteiramente desapareceu.»

Nos *astraes*, como nos individuos, as categorias são infinitas, desde a obtusidade completa, até á liberdade e intelligencia augusta. O astral, o espirito, o phantasma, o pensamento-corpo, *thoughtbody*, dos mortos e dos vivos, são tudo denominações varias de uma idéa que assenta sobre a da animisa-

ção do Universo. Essa idéa foi com effeito a primitiva na humanidade. Por isso, n'esta febre de superstição alliada ao methodo scientifico, desenteram-se todos os casos historicos de allucinação, ou segunda vista, armazenados; ao mesmo tempo que se estabelece um vasto inquerito sobre os phenomenos psychicos mais extravagantes. E com effeito é extraordinaria a quantidade e a qualidade dos casos que se relatam. Estava eu em Londres, quando o *Daily graphic* trouxe, authenticado, o caso de uma senhora a que o marido morto apparecera, e que o fizera photographar. O jornal publicava as reproducções dos retratos d'ella e d'elle: ella viva e sentada, elle de phantasma. Foi o grande acontecimento; e o *Daily Graphic* devia ter tirado centenas de milhar de exemplares, porque se via por toda a parte, nas mãos de toda a gente.

Certamente, ha milhões de casos extraordinarios de allucinações, de segunda vista, etc., e seria absurdo pôr-me aqui a relatar alguns. Todos teem centenas, no peculio das suas recordações. Todos observam em si proprios a pluralidade de consciencias que se lhe formam no espirito, querendo-se e não se querendo simultaneamente a mesma coisa, recordando-nos de factos de que não temos consciencia, de objectos que a memoria nos não representa. São já vulgares os phenomenos da segunda-vista, do hypnotismo, da suggestão, do desdobramento da personalidade; e ninguém, senão por teima, ou por estupidez, desconhece que nos envolve uma nuvem de mysterio. Dissessem a alguém, ha cem annos, que se havia de fallar instantaneamente de um extremo a outro do mundo! Dissessem-lhe que a propria voz se havia de ouvir a centenas de leguas de distancia! Se até o haver luz sem torcida parecia um milagre, ainda no meu tempo, aos cam-

ponios. Mystérios, ou por outra, phenomenos ainda inexplicados, ou inexplicaveis, ha por toda a parte.

Como Goethe dizia a Erkmann, caminhamos por entre uma nuvem cerrada de mysterios. É certo que, em determinados casos, alcançamos com o nosso espirito o conhecimento do futuro, ou do distante, como que tacteando a realidade affastada, sem consciencia propria do acto. São positivas as palavras de Hamlet:

There are more things in heaven in earth, Horatio,
Than are dreamd of in your vain philosophy...

Só a philosophia pharisaica, ou a affectação de superioridade, ou ainda o terror *panico*, o terror antigo pelo deus da natureza palpitante: só isso pode cerrar-nos os olhos á evidencia das interrogações que foram de todas as edades; mas que, só agora, depois de termos esquadrinhado todo o mundo exterior, chegamos a formular com propriedade.

—Pois ha nada mais extraordinario, dizia-me o dr. F., do que estas descobertas ultimas? O ar que respiramos, o proprio bafo que emittimos, e tudo quanto nos cerca, palpita vivo em enxames e turbilhões de seres animados. Vemol-os com o microscopio.

—Decerto, mas esses corpusculos não se differenciam essencialmente. São organismos materiaes, não são espiritos.

—E que significa a palavra espirito? Eu não concebo substancia senão materialisada, quaesquer que sejam as suas dimensões e proporções. São seres de uma materia *sui-generis*, para a qual não servem os caracteres da eschola?

—É o que pretende Crooks e a doutrina da ma-

teria irradiante: um estado material novo, ou novamente entrevisto.

—Não me repugna admittil-o. Para mim, o supremo character da sciencia contemporanea é ensinar-nos que ignoramos quasi tudo. É immenso! O campo da nossa visão e da nossa observação é uma gota de agua no oceano. Por exemplo: o espectro solar. Vemos uma escala de cores, não é assim? Pois pela chimica *sabemos* que antes e depois, para cima e para baixo, ha infinitas cores mais.

—O dr. Magnus pretende que os gregos homericos não podiam distinguir entre o verde e o azul.

—Não sei; mas sei que a photographia dá, nas observações microscopicas, traços que a vista não descortina, mas que os saes de prata revelam. *Veem-se*, só depois de photographados; photographou-se o que se não via. Não me admira pois que se photographem espiritos invisiveis... Invisiveis, sim. Rochas, o oculista de Paris, affirma ter obtido no seu laboratorio, por meio da photographia, os antigos phenomenos do *quebranto* e do *mau-olhado*.

—A sciencia pretende pois rehabilitar a bruxaria?

—Que tem de espantar? Não estão todos os medicos, todos os dias, a demonstrar a efficacia dos simples eervas dos curandeiros? Não ha nada tão perspicaz como o instincto... Mas, tornando ao *quebranto* e á photographia: o operador affirma que procede carregando a placa photographica de *sensibilidade* do individuo, cuja imagem vae reproduzir. A imagem obtida fica *sensivel*. Picando-a com uma agulha n'um ponto, n'esse mesmo ponto o retratado sente a dor e vê a ferida. Parece-te historia? Talvez não seja. O dr. Luys, do hospital da *Charité*, e o dr. Arse, de Bruxellas, repetiram a experiencia, obtendo resultados. Dos dedos de uma

peessoa, sob a influencia do somno magneticò, escoa-se um fluido *visivel* que, atravessando a agua de um copo, pode alli deixar um sedimento de sensibilidade: na placa *sensivel* dá-se o mesmo phenomeno de *sympathia*. Não te admires pois, repito, que se photographem cousas invisiveis: são invisiveis para os teus olhos, mas nem por isso deixam de existir.

—Invisiveis, sim; mas irreaes?

—Que chamas tu irreal? Tão real é o que está fóra de ti e tu percebes objectivamente, como aquillo que está em ti proprio e que subjectivamente irradia de ti. Eu concebo, por hypothese, que o pensamento determine ondulações materiaes apprehensiveis, e que essas ondulações irradiantes tomem a forma do objecto pensado. Parece-me incontestavel a acção material a distancia, por via de transmissores que desconhecemos. A *telepathia* não é uma burla. E se o não é, tudo o mais são modalidades e inferencias. Como se explica, senão pela suggestão, o dominio fascinante do sapo sobre a doninha?

É um facto vulgar, todavia tão mal explicado como outros que só pelo apparatus scenico ferem a imaginação dos mortaes. O atordoamento, a que se chama hypnotismo, é a paralysação quasi completa da subjectividade de um cerebro; e por isso mesmo determina uma receptividade excepcional para as emanções procedentes do pensamento que o domina. Assim se explica como o paciente vê o que se achava no pensamento do agente, e de que não tinha antes a mais leve suspeita.

—Tudo isso pois leva a concluir que o vosso antigo materialismo classico era uma representação grosseiramente infantil da realidade...

—Talvez, talvez.

— Que a materia tem propriedades ainda por definir.

— É o que pretende Crooks, dando á phisica uma provincia nova: a da irradiação.

— Que, portanto, a realidade é o dynamismo; e a materia, só geometricamente concebida até agora, tem de definir-se como um acto permanente, e o Universo como um panspiritismo. Leibniz vence pois?

— Eu não sei philosophia. Mas creio que, assim como o seculo xix desvendou os problemas da biologia, assim o seculo xx juntará capitulos inteiramente novos á phisica. O nosso seculo, por outro lado, definiu psychologicamente os phenomenos collectivos da mythologia e do symbolismo com uma perspicacia comprehensiva que é a corôa do genio allemão. O seculo xx, crê isto, definirá scientifiicamente os problemas historicos da thaumaturgia, coroando a Inglaterra.

— Não digo que não. . . nem que sim. Mas o que eu não posso admittir, porque n'esse instante endoidecia, é que existam astraes, como diz a Besant; que existam espiritos sem vontade, sem consciencia, nem intelligencia, pois é só isso o que constitue o espirito. O spiritismo parece-me a aberração do individualismo, n'esta raça de atletas, com os predicados que Platão dava aos atletas. Obliterada a fé puritana, o naturalismo precipita-os na superstição theosophica, porque não podem sair da esphera do realismo. Na hora em que este seculo acaba, vejo erectas perante o colosso inglez, duas sphinges que sorriem humouristamente: uma é o socialismo, outra o spiritismo. Incontestavelmente, são os dois problemas que caracterisam o *revival* contemporaneo do mysticismo e da democracia britannica. Adeus.

.....
Quando deixei o dr. F. para ir deitar-me, pois no dia immediato devia sair de manhã para Dover, alonguei a vista sobre o Tamisa. Apagada, via diante de mim a torre alexandrina da ilha de Pharos: era a agulha de Cleopatra, do *eubankment*, erguendo-se na escuridão da noite; e as faces das duas sphinges não paravam de sorrir de *humour*, luzindo-lhes os olhos felinamente.

FIM

www.libtool.com.cn

INDICE

	PAG.
— ADVERTENCIA.....	v
I — Southampton. A paisagem.....	1
II — Exodo dos campos. Chegada a Londres.....	6
III — Aspecto de Babylonia	15
IV — A architectura londrina.....	21
V — A gente.....	27
VI — Os typos.....	33
VII — Cavallos e mulheres.....	38
VIII — Richmond. Hampton Court.....	44
IX — Sydenham, uma <i>kermesse</i> ; Hurlingham, um <i>club</i>	50
X — O interior de um <i>gentleman</i>	56
XI — S. Paulo, Westminster: o civismo inglez.....	62
XII — Os cultos.....	68
XIII — O <i>Vicar of Bray</i> e o <i>Henrique VIII</i> ...	73
XIV — Os pintores.....	79
XV — O <i>British museum</i> : a intelligencia ingleza.....	83
XVI — O <i>Stock exchange</i>	89
XVII — A riqueza britannica.....	95
XVIII — Greenwich; a marinha.....	101
XIX — A emigração.....	107
XX — Buffalo Bill: <i>british empire</i>	112
XXI — O nomadismo: viagem a Ascot.....	118
XXII — As comidas.....	123
XXIII — As regatas: o <i>sport</i>	128
XXIV — A politica: Westminster e a <i>Law court</i>	134
XXV — O parlamento. <i>Home rule</i>	139
XXVI — As questões fundamentaes.....	145
XXVII — O proletariado. <i>Trade's unions</i>	151
XXVIII — O unionismo novo.....	156
XXIX — Historia moderna das <i>grèves</i>	162

	PAG.
XXX — Continuação.....	173
XXXI — Economia do operariado. O socialismo actual.....	178
XXXII — Visita a Whitechapel.....	190
XXXIII — A pobreza.....	195
XXXIV — Crise do capitalismo. As invenções da agiotagem.....	203
XXXV — As operações bolsistas e as crises.....	214
XXXVI — Passado e futuro do capitalismo.....	224
XXXVII — A <i>Salvation army</i>	236
XXXVIII — Spiritismo.....	247

ERRATA

PAG.	LIN.	ERROS	EMENDAS
29	28	Londseer	Landseer
66	2	Hasting	Hastings
83	17	Grainsborough	Gainsborough
415	6	<i>wigmaus</i>	<i>wigwams</i>
118	1	Benaug	Benang
175	24	grau da	grão de
177	16	carpinteiros; de Paris,	carpinteiros de Paris;
178	5	1866	1886
184	28	defender	defenderam
219	8	vemos como	vemos
228	30	oito centos mil	oitocentos

www.libtool.com.cn

www.libtool.com.cn





www.libtool.com.cn

DA 625 .O4

A Inglaterra de hoje

Stanford University Libraries



3 6105 041 374 450

DA

625

04

Stanford University Libraries
Stanford, California

Return this book on or before date due.

--	--	--

www.libtool.com.cn